Best Quality

O SICILIANO



Mario Puzo

rioGráfica

Best Quality

O SICILIANO



Mario Puzo

rioGráfica

Contracapa

O SICILIANO

Ao terminar seu exílio de dois anos na Sicília, Michael Corleone, filho do Chefão de Nova Iorque, recebe delicada incumbência: só voltar aos Estados Unidos levando, secretamente, o bandido Salvatore Giuliano. Michael descobrirá então que o inimigo maior de Giuliano, o mafioso Don Croce Malo, é amigo de seu pai, o Chefão.

MARIO PUZO, o consagrado autor de O poderoso chefão, consegue neste novo livro — misturando história, mito e imaginação — recriar, agora na quente e tensa Sicília, o clima de vingança e morte que paira sempre sobre a Máfia.

Um grande sucesso do autor de O poderoso chefão.

O SICILIANO

Best Quality

O SICILIANO

Mario Puzo

rioGráfica

Título original:

THE SICILIAN

© Copyright 1984 *by* Mario Puzo

© Copyright desta edição, Editora Rio Gráfica Ltda. Rio de Janeiro, 1986.

Publicado sob licença da

Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A., Rio de Janeiro

Tradução: A.B. Pinheiro de Lemos.

Foto da capa: Eduardo Santaliestra.

Composição: ERG e AM Produções Gráficas Ltda. Impressão: Editora Parma, São Paulo.

Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20263, Rio de Janeiro.

Editora Rio Gráfica Ltda.

Rua Itapiru, 1209, CEP 20251, Rio de Janeiro. Rua Frei Caneca, 1140, CEP 01307, São Paulo.

Este ebook:

Digitalização, ocerização, formatação e revisão inicial: **The Flash**.

Revisão final: **JaciLu**

Sobre o autor

MARIO PUZO

"Provavelmente só um escritor americano com profundas raízes sicilianas poderia escrever um livro como este", disse o jornalista e escritor Gay Talese, ao terminar a leitura de O siciliano. Na verdade, entre os modernos escritores americanos, não haverá um mais "siciliano" do que Mario Puzo, nascido em Nova Iorque, numa área conhecida como "cozinha do inferno" (*hell's kitchen*), onde vive grande parte da colônia italiana.

Garoto ainda, mas já tocado por irresistível inclinação para escrever, Puzo, sensível e observador, ia anotando e refletindo sobre todos os matizes das intensas paixões que habitualmente agitam a alma peninsular. Homem feito, ele lutou na Segunda Guerra Mundial, estudou na Universidade de Colúmbia e, decidido a triunfar, lançou-se na carreira literária — sempre com a Itália no mais fundo de seu coração e mente.

Em suas entrevistas, lembra que desde o início teve, com seus livros, boa acolhida de público e de crítica; mas o sucesso que o converteria num escritor famoso e milionário só veio nos anos 70, com a publicação de O poderoso chefão (*The godfather*) — mais tarde transformado por Hollywood num filme de enorme êxito, dirigido por Francis Ford Coppola. O livro, que revelava em tom sombrio e solene, por meio de uma narrativa ágil e dramática, a vida de uma família da máfia americana — os Corleone — vendeu quinze milhões de exemplares só nos Estados Unidos e muitos outros milhões em vários países.

Curiosamente, evitando a trilha fácil de outros escritores, Puzo nunca quis fazer uma sequência de O poderoso chefão, embora retome de certa forma em O siciliano — na figura do taciturno e retraído Michael — a saga dos Corleone. Só que aqui Michael é personagem menor, pois o autor concentra suas atenções no bandido Salvatore Giuliano, que nos anos 40 dominou a região ocidental da Sicília, onde agia como uma espécie de Robin Hood moderno. Puzo, fiel às suas origens mais remotas, desvenda, por trás das façanhas cinematográficas de Giuliano, a quente e orgulhosa

Sicília, suas paisagens, sua comida, seus costumes mais secretos e estranhos. E, sobretudo, o espírito indomável de sua gente.

Para Carol

LIVRO I - MICHAEL CORLEONE - 1950

CAPÍTULO 1

Michael Corleone estava parado num cais de madeira comprido, em Palermo, observando o enorme navio zarpar para os Estados Unidos. Deveria ter partido naquele navio, mas recebera novas instruções de seu pai.

Ele acenou em despedida para os homens no pequeno barco pesqueiro que o haviam trazido ao cais, os homens incumbidos de sua proteção durante os últimos dois anos. O barco balançava na esteira branca do navio, um corajoso patinho atrás de sua mãe. Os homens a bordo acenaram em resposta; ele não mais os veria.

O cais estava repleto de homens apressados, de gorro e calças largas, descarregando outros navios, levando as mercadorias para os caminhões à espera. Eram homens pequenos e fortes, que mais pareciam árabes do que italianos, usando gorros bicudos, que encobriam seus rostos. Entre eles estariam os novos guarda-costas, cuidando para que nada lhe acontecesse, antes do encontro com Don Croce Malo, *Capo di Capi* dos "Amigos dos Amigos", como eram chamados na Sicília. Os jornais e o mundo exterior chamavam-nos de Máfia, mas na Sicília a palavra Máfia nunca passava pelos lábios do homem comum. Assim como nunca chamariam Don Croce Malo de *Capo di Capi*, mas apenas de "A Boa Alma".

Em seus anos de exílio na Itália, Michael ouvira muitas histórias sobre Don Croce, algumas tão fantásticas que ele quase não pudera acreditar na existência de um homem assim. Mas as instruções enviadas por seu pai eram explícitas: ele deveria almoçar com Don Croce naquele mesmo dia. E os dois deveriam acertar a fuga da Sicília do maior bandido do país, Salvatore Giuliano. Michael Corleone não podia deixar a Sicília sem Giuliano.

Além da extremidade do píer, a não mais que cinquenta metros de distância, um enorme carro escuro estava estacionado na rua estreita. Três homens se achavam parados na frente, retângulos escuros recortados na claridade intensa que caía do sol como uma parede de ouro. Michael encaminhou-se na direção deles. Parou por um momento, a fim de acender um cigarro e contemplar a cidade.

Palermo repousava no fundo de um globo criado por um vulcão extinto, comprimida por montanhas por três lados e escapando para o azul deslumbrante do Mar Mediterrâneo pelo quarto. A cidade tremeluzia aos raios dourados do sol a pino siciliano. Veias de luz vermelha riscavam a terra, como se refletindo o sangue derramado no solo da Sicília por incontáveis séculos. Os raios dourados banhavam imponentes colunas de mármore de templos gregos, rendilhadas torres muçulmanas, as intrincadas fachadas ameaçadoras de catedrais espanholas; as ameias de um antigo castelo normando franziam a encosta de uma colina distante. Tudo deixado por exércitos diversos e cruéis, que haviam dominado a Sicília antes mesmo de Cristo nascer. Mais além, montanhas em formato de cones envolviam a ligeiramente afeminada cidade de Palermo num abraço de estrangulador, como se caíssem de joelhos graciosamente, uma corda apertando bem firme o pescoço da cidade. E, lá no alto, incontáveis gaviões vermelhos disparavam pelo céu azul brilhante.

Michael aproximou-se dos três homens à sua espera no final do píer. Feições e corpos se formaram nos retângulos escuros. A cada passo, ele podia divisá-los mais claramente. Os homens pareciam se soltar, se afastarem uns dos outros, como a envolvê-lo em sua recepção.

Todos aqueles três homens conheciam a história de Michael. Que ele era o filho mais moço do grande Don Corleone, da América, o Padrinho, cujo poder se estendia até mesmo à Sicília. Que ele assassinara um importante agente policial da cidade de Nova York, enquanto executava um inimigo do Império Corleone. Que ele estivera escondido e exilado ali na Sicília por causa desse assassinato e que agora, finalmente, tudo fora “arrumado” para que pudesse voltar à sua terra e retomasse o seu lugar como príncipe-herdeiro da Família Corleone.

E eles estudaram Michael, a maneira como se movia, rapidamente e sem qualquer esforço aparente, sua cautela vigilante, o rosto afundado num lado que lhe dava a aparência de alguém que suportara o sofrimento e o perigo. Era obviamente “um homem de respeito”.

No momento em que Michael saiu do píer o primeiro a cumprimentá-lo foi um padre, o corpo gordo metido numa batina, a cabeça coroada por um chapéu que parecia um morcego. O colarinho clerical

branco estava manchado pela poeira vermelha siciliana, o rosto por cima exibindo um ar de quem conhecia muito bem este mundo.

Era o Padre Benjamino Malo, irmão do grande Don Croce. Sua atitude era tímida e devota, mas a grande devoção era ao parente renomado e jamais hesitava em ter o diabo tão perto do seu coração. Os maliciosos até insinuavam que ele revelava a Don Croce todos os segredos do confessionário.

O Padre Benjamino sorriu nervosamente ao apertar a mão de Michael. Pareceu surpreso e aliviado pelo sorriso torto e amistoso de Michael, que não condizia com um assassino tão famoso.

O segundo homem não se mostrou tão cordial, embora fosse bastante polido. Era o Inspetor Frederico Velardi, chefe da Polícia de Segurança de toda a Sicília. Era o único dos três que não tinha no rosto um sorriso de boas-vindas. Magro e muito bem vestido para um homem que recebia um salário do governo, seus frios olhos azuis dispararam duas balas genéticas dos antigos conquistadores normandos. O Inspetor Velardi não podia sentir qualquer amor por um americano que matava policiais. Afinal, o homem sempre poderia tentar a mesma coisa na Sicília. Seu aperto de mão foi como o choque de espadas.

O terceiro homem era o mais alto e corpulento; parecia enorme ao lado dos outros dois. Apertou com força a mão de Michael e depois puxou-o para a frente, num abraço afetuoso, dizendo:

— Primo Michael, seja bem-vindo a Palermo. — Ele deu um passo para trás e contemplou Michael com uma expressão carinhosa, mas também cautelosa. — Sou Stefan Andolini. Seu pai e eu crescemos juntos em Corleone. Eu o vi na América. Lembra-se de mim?

Por mais estranho que pudesse parecer, Michael se lembrava, pois Stefan Andolini era o mais raro entre todos os tipos de sicilianos: um ruivo. O que era a sua cruz, pois os sicilianos estavam convencidos de que Judas também fora ruivo. Seu rosto era igualmente inesquecível. A boca era imensa e irregular, os lábios grossos como carne sangrenta retalhada, as narinas cabeludas, os olhos cavernosos, em órbitas profundas. Embora estivesse sorrindo, era um rosto que levava a sonhar com crime.

No caso do sacerdote, Michael compreendeu a ligação imediatamente. Mas o Inspetor Velardi foi uma surpresa. Andolini, assumindo a responsabilidade de um parente, explicou cuidadosamente a Michael a situação oficial do inspetor. Michael tornou-se cauteloso. O que aquele homem fazia ali? Velardi era conhecido como um dos mais implacáveis perseguidores de Salvatore Giuliano. E era óbvio que o inspetor e Stefan Andolini se detestavam; ambos se comportavam com a cortesia requintada de homens se aprontando para um duelo mortal.

O motorista abrira a porta do carro para eles. O Padre Benjamino e Stefan Andolini introduziram Michael no banco traseiro, com tapinhas deferentes. O Padre Benjamino insistiu, com uma humildade cristã, que Michael sentasse junto à janela, enquanto ele ficava no meio, a fim de que o visitante pudesse contemplar as belezas de Palermo. Andolini sentou no outro lado do banco traseiro. O inspetor já se instalara ao lado do motorista. Michael notou que o Inspetor Velardi mantinha a mão na maçaneta da porta, a fim de poder abri-la com rapidez. Ocorreu-lhe que talvez o Padre Benjamino se dispusesse tão facilmente a se sentar no meio apenas para ser um alvo mais difícil.

Como um grande dragão preto, o carro seguiu lentamente pelas ruas de Palermo. Havia graciosas casas de aparência mourisca, enormes prédios públicos de colunas gregas, catedrais espanholas. Havia casas pintadas de azul, branco e amarelo, as sacadas engalanadas com flores, formando outro caminho por cima de suas cabeças. Seria uma linda vista, se não fosse pelos pelotões de *carabinieri*, a polícia nacional italiana, que patrulhava cada esquina, os rifles em prontidão. E havia outros mais nas sacadas por cima.

O carro ofuscava os outros veículos ao redor, especialmente as carroças camponesas, puxadas por mulas, que traziam dos campos frutas e hortaliças frescas. Essas carroças eram pintadas em cores intensas e alegres, em todos os centímetros, até os raios das rodas e os cabos que prendiam as mulas. Nos lados de muitas carroças havia murais mostrando cavalheiros de elmos e reis coroados, em cenas dramáticas das lendas de Carlos Magno e Rolando, heróis antigos do folclore siciliano. Mas, em algumas carroças, Michael viu rabiscada, por baixo do desenho de um jovem bonito, em calça de molesquim e camisa branca sem mangas, armas no cinto, armas penduradas no ombro, uma legenda em duas linhas, que

sempre terminava na mesma palavra, em letras grandes vermelhas, o nome GIULIANO

Durante o seu exílio na Sicília, Michael ouvira falar muito a respeito de Salvatore Giuliano. Seu nome sempre estivera nos jornais. As pessoas por toda parte falavam sobre ele. Apollonia, a esposa de Michael, confessara que todas as noites dizia orações pela segurança de Giuliano. O mesmo faziam quase todos os jovens e crianças da Sicília. Adoravam-no, Giuliano era um deles, o homem que todos sonhavam se tornar um dia. Jovem, ainda na casa dos vinte anos, ele era aclamado como um grande general porque vencera os exércitos de *carabinieri* enviados para liquidá-lo. Era um homem bonito e generoso, dava a maior parte dos seus lucros criminosos aos pobres. Era virtuoso e seus bandidos não tinham jamais permissão de molestar mulheres ou padres. Quando executava um delator ou um traidor, sempre dava à vítima tempo suficiente para dizer suas preces e limpar sua alma, a fim de estar nos melhores termos possíveis com os soberanos do outro mundo. Tudo isso Michael sabia sem ter sido informado.

Eles deixaram a avenida larga e um cartaz imenso, de letras pretas, no muro de uma casa, atraiu a atenção de-Michael. Ele mal teve tempo de ler a palavra GIULIANO na linha de cima. O Padre Benjamino, inclinado na direção da janela, comentou:

— É uma das proclamações de Giuliano. Apesar de tudo, ele ainda controla Palermo à noite.

— E o que diz? — indagou Michael.

— Ele permite que o povo de Palermo torne a viajar nos bondes.

— Ele permite? — repetiu Michael, com um sorriso. — Um fora-da-lei permite?

No outro lado do carro, Stefan Andolini soltou uma risada.

— Os *carabinieri* andam nos bondes e por isso Giuliano os explode. Mas, primeiro, ele avisou ao público para não usá-los. E agora está prometendo que não vai mais explodi-los.

— Michael disse, secamente:

— E por que Giuliano explode bondes cheios de policiais?

O Inspetor Velardi virou a cabeça, os olhos azuis fixando-se em Michael com uma expressão furiosa.

— Porque Roma, em sua estupidez, prendeu seu pai e sua mãe, por se ligarem a um conhecido criminoso, o próprio filho. Uma lei fascista que nunca foi revogada pela república.

O Padre Benjamino interveio na conversa, com um orgulho evidente:

— Meu irmão, Don Croce, providenciou para que eles fossem libertados. Meu irmão ficou muito zangado com Roma.

Santo Deus, pensou Michael. Don Croce ficou zangado com Roma? E quem era aquele Don Croce, além de *pezzonovante* na Máfia?

O carro parou diante de um prédio cor-de-rosa, estendendo-se por todo um quarteirão. Minaretes azuis coroavam cada canto separado. Na frente da entrada havia um toldo extraordinário, em listras verdes largas, onde estava escrito HOTEL UMBERTO, guardado por dois porteiros, em uniformes deslumbrantes, de botões dourados. Mas Michael não se deixou distrair por esse esplendor.

Seus olhos experientes fotografaram a rua na frente do hotel. Avistou pelo menos dez guarda-costas, andando em duplas, encostados nas grades de ferro. Aqueles homens nem tentavam disfarçar sua função. Os paletós desabotoados revelavam armas presas a seus corpos. Dois deles, fumando charutos finos, bloquearam o caminho de Michael por um momento, quando ele saltou do carro, examinando-o atentamente... medindo-o para uma sepultura. Ignoraram o Inspetor Velardi e os outros.

Enquanto o grupo entrava no hotel, os guardas fecharam a entrada, por trás deles. No saguão, mais quatro guardas surgiram e escoltaram os visitantes por um corredor comprido. Estes homens em particular exibiam expressões orgulhosas de servidores palacianos de um imperador.

O final do corredor estava obstruído por uma porta dupla de carvalho maciço. Um homem sentado numa cadeira alta, parecendo um trono, levantou-se e abriu a porta, com uma chave de bronze. Fez uma mesura, lançando um sorriso de conspirador ao Padre Benjamino.

A porta dava acesso a uma suíte magnífica. Portas envidraçadas abertas revelavam um jardim vasto e exuberante além, de onde vinha a fragrância de limoeiros. Ao entrar, Michael divisou dois homens postados na sala. E se perguntou por que Don Croce era tão fortemente guardado. Afinal, ele era amigo de Giuliano. E também era o confidente do Ministro da Justiça, em Roma, estando assim a salvo dos *carabinieri* que enchiam a cidade de Palermo. Então quem e o quê temia o grande Don? Quem era o seu inimigo?

Os móveis na sala de estar da suíte haviam sido projetados originalmente para um palácio italiano — cadeiras de braços gargantuescas, sofás tão compridos e profundos como pequenos navios, mesas de mármore maciço que pareciam ter sido roubadas de museus. Constituíam uma moldura condizente para o homem que veio do jardim para recebê-los.

Seus braços se achavam estendidos para abraçar Michael Corleone. De pé, Don Croce era quase tão largo quanto alto. Cabelos grisalhos abundantes, encrespados como os de um negro, coroavam uma cabeça enorme. Os olhos eram escuros como os de um lagarto, duas passas encravadas nas faces carnudas. As faces eram como duas grandes placas de mogno, o lado esquerdo plano e liso, o outro vincado por um excesso de carne. A boca era surpreendentemente delicada e por cima havia um bigode fino. Um enorme nariz pontudo parecia pregar todo o rosto junto.

Mas, por baixo dessa cabeça de imperador, ele era todo camponês. Uma calça grande e desajustada envolvia a barriga protuberante, segura por um suspensório branco. A camisa era branca e lavada recentemente, mas não passada a ferro. Não usava paletó nem gravata, os pés estavam descalços sobre o chão de mármore.

Não parecia um homem que "molhava o bico" em quase todos os negócios de Palermo, até mesmo nas mais humildes barracas na praça do mercado. Era difícil acreditar que ele fosse responsável por mil mortes. Que dominasse todo o oeste da Sicília mais do que o próprio governo de Roma. E que era mais rico do que os duques e barões que possuíam as grandes propriedades sicilianas. O abraço que ele deu em Michael foi rápido e não muito apertado, enquanto dizia:

— Conheci seu pai quando ambos éramos garotos. É uma alegria para mim descobrir que ele tem um filho tão extraordinário.

Depois, ele indagou sobre o conforto da viagem de seu hóspede e sobre as suas necessidades atuais. Michael sorriu e disse que gostaria de um pedaço de pão e uma gota de vinho. Don Croce conduziu-o imediatamente ao jardim; como todos os sicilianos, ele fazia suas refeições ao ar livre sempre que possível.

Uma mesa estava posta sob um limoeiro. Faiscava com os cristais e a toalha branca. Cadeiras de bambu foram puxadas por criados. Don Croce supervisionou a acomodação dos visitantes com uma cortesia animada, mais jovem do que sua idade. Ele estava agora na casa dos sessenta anos. Sentou Michael à sua direita e o irmão, o Padre Benjamino, à esquerda. Pôs o Inspetor Velardi e Stefan Andolini no outro lado da mesa, fitando-os com alguma frieza.

Todos os sicilianos comem bem, quando há comida disponível. Uma das poucas piadas que se dizia a respeito de Don Croce era de que ele preferia comer bem a matar um inimigo. Agora, ele sentou-se com uma expressão de prazer afável, o garfo e a faca nas mãos, enquanto os criados serviam a comida. Michael correu os olhos pelo jardim. Era cercado por um muro de pedra alto e havia pelo menos dez guardas espalhados ao redor, sentados a suas pequenas mesas, embora não mais do que dois em cada mesa e bem distantes, proporcionando toda privacidade a Don Croce e seus companheiros. O jardim estava dominado pela fragrância dos limoeiros e de azeite.

Don Croce serviu Michael pessoalmente, pondo em seu prato galinha assada e batatas, supervisionando o despejo de queijo ralado sobre o prato pequeno de espaguete ao lado, enchendo o seu copo com um enevoado vinho branco local. Fez isso com um interesse intenso, uma preocupação genuína, como se fosse da maior importância que seu novo amigo comesse e bebesse bem. Michael estava faminto, não comera coisa alguma desde o amanhecer. O Don se manteve ocupado a reabastecer seu prato constantemente. Também se manteve atento aos pratos dos outros; quando necessário, fazia um gesto para que um criado enchesse um copo ou cobrisse um prato com comida.

Finalmente acabaram de comer. Tomando a sua xícara de café expresso, o Don estava pronto para tratar de negócios. E disse a Michael:

— Então você vai ajudar nosso amigo Giuliano a fugir para a América

— São as minhas instruções — disse Michael. — Devo providenciar para que ele chegue à América sem qualquer infortúnio.

Don Croce acenou com a cabeça; o rosto maciço de mogno exibia a expressão amistosa e sonolenta do obeso. A voz vibrante de tenor era surpreendente, naquele rosto e naquele corpo.

— Foi tudo acertado entre seu pai e eu. Fiquei de entregar Salvatore Giuliano a você. Mas nada é fácil nesta vida, sempre acontece o inesperado. Tornou-se muito difícil agora cumprir a minha parte do acordo. — Ele levantou a mão, a fim de impedir que Michael o interrompesse. — Mas não é culpa minha. Não mudei de ideia. Só que Giuliano não confia mais em ninguém. Nem mesmo em mim. Por anos, quase desde o primeiro dia em que ele se tornou um proscrito, ajudei-o a sobreviver. Fomos associados. Com a minha ajuda, ele tornou-se o maior homem da Sicília, embora mesmo agora seja um mero garoto de 27 anos. Mas seu tempo acabou. Cinco mil soldados e policiais italianos estão vasculhando as montanhas. Mesmo assim, ele se recusa a se entregar nas minhas mãos.

— Então não há nada que eu possa fazer por ele — comentou Michael. — Minhas ordens são para esperar apenas sete dias. E depois devo partir para a América.

Mesmo enquanto falava, ele se perguntava por que era tão importante para seu pai que Giuliano escapasse. Michael queria desesperadamente chegar em casa o mais depressa possível, depois de tantos anos de exílio. Estava preocupado com a saúde do pai. Quando fugira da América, o pai estava num leito de hospital, gravemente ferido a bala. Depois de sua fuga, o irmão mais velho, Sonny, fora assassinado. A Família Corleone se empenhara numa batalha desesperada de sobrevivência contra as Cinco Famílias de Nova York. Uma batalha que se estendera da América para o coração da Sicília, a fim de matar a jovem esposa de Michael. Era verdade que mensageiros de seu pai haviam

trazido notícias de que o velho Don se recuperara de seus ferimentos, promovera um acordo de paz com as Cinco Famílias e providenciara para que todas as acusações contra Michael fossem arquivadas. Mas Michael sabia que o pai esperava que ele voltasse para se tornar seu braço direito. Que todos na família estariam ansiosos em revê-lo — a irmã, Connie, o irmão Freddie, o irmão adotivo Tom Hargen e sua pobre mãe, que certamente ainda lamentava a morte de Sonny. Michael pensou em Kay por um instante... ela ainda estaria pensando nele, mesmo depois de dois anos de desaparecimento? Mas o problema crucial era outro: por que o pai estava protelando seu retorno? Só podia ser por alguma coisa de extrema importância, relacionada com Giuliano.

Subitamente, ele percebeu que os frios olhos azuis do Inspetor Velardi o estudavam. O rosto fino e aristocrático estava desdenhoso, como se Michael tivesse demonstrado covardia.

— Seja paciente — disse Don Croce. — Nosso amigo Andolini servirá como contato entre eu e Giuliano e sua família. Todos argumentaremos juntos. Quando você sair daqui, visitará a mãe e o pai de Giuliano, em Montelepre. Fica no seu caminho para Trapani.

Ele fez uma pausa, sorrindo... um sorriso que não chegou a desfazer a aparência maciça das bochechas.

— Fui informado de seus planos. Todos eles.

Don Croce falou com uma ênfase especial, mas Michael pensou que era impossível que ele conhecesse todos os planos. O Padrinho nunca contava tudo de qualquer coisa a pessoa alguma. Don Croce logo continuou, suavemente:

— Todos nós que amamos Giuliano concordamos com duas coisas. Ele não pode ficar na Sicília e deve emigrar para a América. O Inspetor Velardi está de acordo.

— Isso é estranho, até para a Sicília — comentou Michael, com um sorriso. — O inspetor é chefe da Polícia de Segurança, que jurou capturar Giuliano.

Don Croce riu, uma risada curta e mecânica.

— Quem pode compreender a Sicília? Mas este caso é simples. Roma prefere Giuliano feliz na América, ao invés de gritando acusações da gaiola das testemunhas num tribunal de Palermo. É tudo uma questão de política.

Michael sentia-se aturdido. Experimentava um desconforto intenso. As coisas não estavam correndo de acordo com o plano.

— Por que o interesse do Inspetor Velardi na fuga? Giuliano morto não representa mais qualquer perigo.

O Inspetor Velardi é que respondeu, num tom desdenhoso:

— Seria essa a minha opção. Mas Don Croce ama Giuliano como a um filho.

Stefan Andolini olhou fixamente para o inspetor, com uma expressão rancorosa. O Padre Benjamino abaixou a cabeça, tomando um gole do vinho. Mas Don Croce disse ao inspetor, firmemente:

— Somos todos amigos aqui. Devemos falar a verdade a Michael. Giuliano tem um trunfo. Possui um diário a que chama de seu Testamento. E nele apresenta provas de que o governo em Roma, determinadas autoridades, ajudou-o em seus anos de banditismo. Os homens que assim agiram tinham propósitos pessoais. Propósitos políticos. Se esse documento se tornasse público, o governo democrata-cristão cairia e teríamos os socialistas e comunistas governando a Itália. O Inspetor Velardi concorda comigo que se deve fazer qualquer coisa para evitar que isso aconteça. É por isso que está disposto a ajudar Giuliano a escapar, levando o Testamento, sob a condição de que não será divulgado.

— Já viu esse Testamento? — perguntou Michael.

Ele especulou se seu pai estava a par de tudo aquilo. Suas instruções não mencionavam qualquer documento.

— Conheço o seu conteúdo — respondeu Don Croce.

O Inspetor Velardi interveio bruscamente:

— Se a decisão me coubesse, eu diria para matarmos Giuliano e que se danasse seu Testamento.

Stefan Andolini lançou um olhar furioso para o inspetor, com uma expressão de ódio tão intenso que Michael compreendeu, pela primeira vez, que ali estava um homem quase tão perigoso quanto o próprio Don Croce. E Andolini declarou:

— Giuliano nunca se renderá e você não é bastante homem para levá-lo à sepultura. Seria muito mais sensato se pensasse apenas em cuidar de si mesmo.

Don Croce levantou a mão lentamente e houve silêncio à mesa. Depois, ele falou devagar, para Michael, ignorando os outros:

— É possível que eu não possa cumprir a promessa a seu pai de lhe entregar Giuliano. Não sei por que Don Corleone se preocupa tanto com este problema. Ele deve ter seus motivos e esses motivos são bons. Mas o que posso fazer? Você visitará esta tarde os pais de Giuliano, tentará convencê-los de que o filho deve confiar em mim. E lembrará àquelas boas pessoas que fui eu quem as tirou da prisão. — Ele fez uma pausa. — Talvez então possamos ajudar seu filho.

Em seus anos de exilado e escondido, Michael desenvolvera um instinto animal para o perigo. Não gostava do Inspetor Velardi, temia o ameaçador Stefan Andolini, o Padre Benjamino lhe provocava arrepios. Mas, acima de tudo, Don Croce fazia com que uma campainha de alarme ressoasse estridentemente em seu cérebro.

Todos os homens à mesa baixavam a voz quando se dirigiam a Don Croce, até mesmo seu próprio irmão, o Padre Benjamino. Inclinavam-se em sua direção, as cabeças abaixadas, esperando por suas palavras, paravam até de mastigar a comida. Os criados circulavam ao seu redor como se ele fosse um sol, os guarda-costas espalhados pelo jardim fitavam-no constantemente, prontos para entrar em ação à sua ordem, retalhando qualquer um e todos. Michael disse, cuidadosamente:

— Don Croce, estou aqui para atender a todos os seus desejos.

O Don balançou a cabeça enorme em bênção, cruzou as mãos sobre a barriga e disse, em sua voz poderosa de tenor:

— Devemos ser absolutamente francos. E gostaria que me dissesse uma coisa: quais são os seus planos para a fuga de Giuliano? Pode me

falar como um filho para seu pai.

Michael olhou rapidamente para o Inspetor Velardi. Nunca falaria francamente na presença do chefe da Polícia de Segurança da Sicília. Don Croce compreendeu no mesmo instante e informou:

— O Inspetor Velardi é plenamente orientado por meu conselho. Pode confiar nele, tanto quanto em mim.

Michael levantou seu copo de vinho para tomar um gole. Por cima da borda, pôde ver que os guardas observavam-no, espectadores numa peça. Viu o Inspetor Velardi fazer uma careta, não gostando sequer da diplomacia da declaração do Don. A mensagem era clara: Don Croce o dominava e a seu serviço. Viu a contração no rosto assassino e de lábios imensos de Stefan Andolini. Somente o Padre Benjamino se recusou a enfrentar seu olhar e baixou a cabeça. Michael tomou o resto do vinho branco enevoado e imediatamente um criado tornou a encher seu copo. Subitamente, o jardim parecia um lugar perigoso.

Ele compreendeu nos ossos que as palavras de Don Croce não podiam ser verdadeiras. Por que qualquer um à mesa confiaria no chefe da Polícia de Segurança da Sicília? Giuliano confiaria? A história da Sicília estava repleta de traição, pensou Michael, amargamente; ele lembrava a sua esposa morta. Então por que Don Croce se mostrava tão confiante? E por que a segurança maciça em torno dele? Don Croce era o homem no topo da Máfia. Possuía as ligações mais influentes em Roma e servia como uma espécie de representante extraoficial de todos ali na Sicília. O que Don Croce temia? Só podia ser Giuliano. Mas o Don observava-o. Michael tentou falar com o máximo de sinceridade:

— Meus planos são simples. Esperarei em Trapani, até que Salvatore Giuliano me seja entregue. Por você e seus homens. Um navio rápido nos levará à África. É claro que teremos todos os documentos de identidade necessários. Da África, voaremos para a América, onde será providenciada a nossa entrada sem as formalidades habituais. Espero que seja tão fácil como me deram a entender. — Ele fez uma breve pausa. — A menos que tenha outra sugestão.

O Don suspirou e tomou um gole de vinho. Depois, fixou os olhos de lagarto em Michael. E se pôs a falar, devagar, incisivamente:

— A Sicília é uma terra trágica. Não há confiança. Não há ordem. Apenas violência e traição em abundância. Você parece cauteloso, meu jovem amigo. Tem todo direito de estar. E o mesmo acontece com o nosso Giuliano. Deixe-me dizer-lhe uma coisa: Turi Giuliano não poderia sobreviver sem a minha proteção. Ele e eu temos sido dois dedos da mesma mão. E agora ele me considera seu inimigo. Não pode imaginar o pesar que isso me causa. Meu único sonho é que um dia Turi Giuliano possa voltar à sua família e seja aclamado como o grande campeão da Sicília. Ele é um autêntico cristão e um bravo homem. E com um coração tão terno que conquistou o amor de todos os sicilianos.

Don Croce tomou outro gole do vinho, antes de continuar:

— Mas a maré virou contra ele. Está sozinho nas montanhas, com apenas um punhado de homens para enfrentar o exército que a Itália envia contra ele. E Giuliano foi traído a cada passo. Por isso, não confia mais em ninguém. Nem mesmo em si próprio.

O Don olhou para Michael, muito friamente.

— Se eu fosse completamente sincero, se não amasse Giuliano tanto, talvez eu lhe desse um conselho que não devo. Talvez lhe dissesse, com toda justiça, para voltar à América sem ele. Estamos chegando ao fim de uma tragédia que absolutamente não lhe diz respeito.

O Don fez outra pausa, tornou a suspirar.

— Mas, evidentemente, você é a nossa única esperança. Devo lhe pedir que fique e ajude a nossa causa. Eu o ajudarei por todos os meios possíveis. Nunca abandonarei Giuliano. — Don Croce levantou seu copo de vinho. — Que ele possa viver mil anos.

Todos beberam, enquanto Michael pensava rapidamente. O Don queria que ele ficasse ou que abandonasse Giuliano? Stefan Andolini interveio:

— Lembre-se de que prometemos aos pais de Giuliano que Michael os visitará em Montelepre.

— Não esqueci — disse Don Croce, gentilmente. — Devemos dar alguma esperança aos pais-dele.

O Padre Benjamino disse, com uma humilde insistência:

— E talvez eles saibam alguma coisa sobre o Testamento.

Don Croce suspirou.

— É verdade, o Testamento de Giuliano. Ele acha que salvará sua vida ou pelo menos vingará sua morte. — Olhando para Michael, o Don acrescentou: — Não se esqueça disso. Roma teme o Testamento, mas eu não. E diga aos pais dele que as coisas escritas no papel afetam a história. Mas não a vida. A vida é uma história diferente.

* * *

A estrada de Palermo para Montelepre não exigiu mais que uma hora de viagem. Mas, nessa hora, Michael e Andolini deixaram a civilização de uma cidade para a cultura primitiva dos campos sicilianos. Stefan Andolini guiava o pequeno Fiat. Ao sol da tarde, as faces e o queixo raspados pareciam arder com incontáveis raízes de cabelos vermelhos. Ele guiava devagar e com todo cuidado, como os homens que aprenderam a dirigir automóveis já velhos. O Fiat ofegava, como se estivesse sem fôlego, enquanto subia pelas montanhas.

Foram detidos em bloqueios na estrada em cinco pontos diferentes pela Polícia Nacional, pelotões de pelo menos doze homens, apoiados por um carro blindado, cheio de metralhadoras. Andolini apresentou seus documentos e não tiveram qualquer dificuldade para passar.

Era estranho para Michael que o país pudesse se tornar tão selvagem e primitivo a uma distância tão pequena da grande cidade de Palermo. Passaram por pequenas aldeias de casas de pedra, equilibradas precariamente nas encostas íngremes. Essas encostas se achavam cuidadosamente escavadas em platôs, campos estreitos em que se cultivavam fileiras de plantas viçosas. Havia pequenas colinas cravejadas com incontáveis pedregulhos brancos, parcialmente enterrados entre o musgo e as hastes de bambu; a distância, pareciam vastos cemitérios com lápides não esculpidas.

A intervalos, ao longo da estrada, havia santuários, caixas de bambu trancadas com um cadeado, contendo imagens da Virgem Maria ou de algum santo de devoção especial. Em um desses santuários, Michael

avistou uma mulher ajoelhada, orando, enquanto o marido permanecia sentado na carroça puxada por uma mula, bebendo de uma garrafa de vinho. A cabeça da mula pendia, como a de um mártir. Stefan Andolini estendeu a mão para tocar no ombro de Michael e disse:

— Faz muito bem a meu coração vê-lo, meu caro primo. Sabia que os Giulianos são nossos aparentados?

Michael tinha certeza de que era uma mentira; havia alguma coisa naquele sorriso vermelho de raposa.

— Não, não sabia. Só sei que os pais trabalharam para meu pai na América.

— Como eu também trabalhei. Ajudamos a construir a casa de seu pai em Long Island. O velho Giuliano era um excelente pedreiro. Seu pai bem que lhe ofereceu um lugar no negócio de azeite, mas ele preferiu continuar em seu ofício. Trabalhou como um negro por 18 anos e poupou como um judeu. E depois voltou à Sicília para viver como um inglês. Mas a guerra e Mussolini tornaram as suas liras sem valor e agora ele possui apenas a casa e uma pequena propriedade para cultivar. Amaldiçoa o dia em que deixou a América. Pensaram que o filho pequeno seria criado como um príncipe e agora ele é um bandido.

O Fiat levantara uma nuvem de poeira. Ao longo da estrada, as moitas, pereiras e bambus tinham uma aparência fantasmagórica. As peras se agrupavam, dando a impressão de mãos humanas. Nos vales, eles podiam divisar as oliveiras e videiras. Subitamente, Andolini comentou:

— Turi foi concebido na América. — Ele percebeu a expressão inquisitiva de Michael e acrescentou: — Isso mesmo. Ele foi concebido na América, mas nasceu na Sicília. Uns poucos meses de espera e Turi seria um cidadão americano. — Andolini fez uma pausa. — Turi sempre fala sobre isso. Acha realmente que pode ajudá-lo a escapar?

— Não sei. Depois do almoço com o inspetor e Don Croce, não sei mais o que significa qualquer coisa. Eles querem me ajudar? Meu pai disse que Don Croce ajudaria. Mas nunca mencionou o inspetor.

Andolini empurrou para trás os cabelos que começavam a ficar ralos. Inconscientemente, seu pé comprimiu o acelerador; o Fiat disparou

para a frente.

— Giuliano e Don Croce são inimigos agora. Mas fizemos planos sem Don Croce. Turi e seus pais contam com você. Sabem que seu pai nunca foi falso com um amigo.

— E de que lado você está?

Andolini suspirou.

— Luto por Giuliano. Temos sido companheiros durante os últimos cinco anos. Antes disso, ele poupou minha vida. Mas eu vivo na Sicília e por isso não posso desafiar Don Croce abertamente. Ando numa corda bamba entre os dois. Mas nunca trairei Giuliano.

Michael pensou: Que diabo aquele homem estava querendo dizer? Por que não conseguia obter uma resposta objetiva de ninguém? Porque assim era a Sicília, concluiu ele. Os sicilianos tinham um horror à verdade. Tiranos e inquisidores haviam-nos torturado para arrancar a verdade, por mais de mil anos. O governo em Roma, com suas formalidades legais, exigia a verdade. O padre no confessionário ordenava a verdade, sob pena do inferno eterno. Mas a verdade era uma fonte de poder, uma alavanca de controle. Por que alguém haveria de entregá-la?

Ele teria de descobrir por si mesmo, pensou Michael, ou talvez abandonar a missão e voltar às pressas para casa. Encontrava-se em terreno perigoso ali. Havia obviamente alguma espécie de *vendetta* entre Giuliano e Don Croce: e ser apanhado no vórtice de uma *vendetta* siciliana era suicídio. Pois o siciliano acredita que a vingança é a única justiça verdadeira e que é sempre implacável. Naquela ilha católica, com imagens de um Jesus chorando em cada lar, o perdão cristão era um refúgio desprezível do covarde.

— Por que Giuliano e Don Croce se tornaram inimigos? — perguntou Michael.

— Por causa da tragédia na *Portella delle Ginestre*. Aconteceu há três anos. Depois disso, nunca mais foi a mesma coisa. Giuliano culpou Don Croce.

Subitamente, o carro pareceu cair quase verticalmente. A estrada descia das montanhas para um vale. Eles passaram pelas ruínas de um

castelo normando, construído para aterrorizar a região, 900 anos antes, agora fervilhando de lagartos inofensivos e umas poucas cabras desgarradas. Lá no fundo, Michael divisou a cidadezinha de Montelepre.

Ficava entre as montanhas que a comprimiam de perto, como um balde no fundo de um poço. Formava um círculo perfeito, não havia casas além. O sol do fim de tarde banhava as pedras de suas paredes com um vermelho escuro. O Fiat descia por uma rua estreita e sinuosa quando Andolini freou bruscamente, diante de uma barreira guarnecida por um pelotão de *carabinieri*. Um dos guardas fez um gesto com o rifle para que os dois saíssem do carro.

Michael observou Andolini mostrar seus documentos à polícia. Viu o passe especial, de bordas vermelhas, que sabia que só podia ser emitido pelo Ministério da Justiça, em Roma. Michael também tinha um passe assim e recebera ordens para só mostrá-lo como um último recurso. Como era possível que um homem do tipo de Andolini pudesse ter um documento tão poderoso?

E depois eles estavam de volta ao carro, seguindo pelas ruas estreitas de Montelepre, tão estreitas que seriam obrigados a parar se surgisse um carro na direção oposta. Todas as casas exibiam sacadas elegantes e estavam pintadas em cores diferentes. Muitas eram azuis, outras brancas, havia até algumas rosas. Bem poucas eram amarelas. Àquela hora do dia, as mulheres estavam dentro de casa, preparando o jantar para seus maridos. Mas não havia crianças nas ruas. Em vez disso, cada esquina era patrulhada por uma dupla de *carabinieri*. Montelepre parecia uma cidade ocupada, sob lei marcial. Somente uns poucos velhos olhavam do alto de suas sacadas, os rostos impassíveis.

O Fiat parou na frente de uma sucessão de casas geminadas. Uma delas era pintada de um azul intenso e tinha um portão em que a grade formava a letra “G”. O portão foi aberto por um homenzinho magro e rijo, em torno dos sessenta anos, usando um terno americano, escuro e listrado, camisa branca e gravata preta. Era o pai de Giuliano. Ele deu um abraço rápido e afetuoso em Andolini. Afagou Michael no ombro, quase agradecido, enquanto os introduzia na casa.

O pai de Giuliano tinha o rosto de um homem sofrendo pela morte esperada de um ente amado com uma doença fatal. Era óbvio que

controlava suas emoções rigorosamente, mas a mão subiu ao rosto, como a forçar as feições a manterem sua forma. O corpo era rígido, movendo-se muito tenso, embora oscilando ligeiramente.

Entraram numa sala de estar grande, luxuosa para uma casa siciliana naquela cidade pequena. Uma enorme ampliação de uma fotografia dominava a sala, muito indefinida para ser reconhecida, emoldurada em madeira oval, cor de creme. Michael compreendeu imediatamente que aquele devia ser Salvatore Giuliano. Por baixo, numa mesinha preta e redonda, havia uma luz votiva. Em outra mesa havia uma fotografia emoldurada definida mais claramente. Pai, mãe e filho se destacavam contra uma cortina vermelha, o filho com o braço passado possessivamente pelos ombros da mãe. Salvatore Giuliano olhava diretamente para a câmara, como a desafiá-la. O rosto era extraordinariamente bonito, como o de uma estátua grega, as feições um tanto fortes, como se esculpidas em mármore, os lábios cheios e sensuais, os olhos ovais, bem apertados, com as pálpebras meio fechadas. Era o rosto de um homem sem hesitações, determinado a se impor ao mundo. Mas ninguém preparara Michael para a ternura jovial daquele rosto bonito.

Havia outras fotografias dele, com as irmãs e seus maridos, mas estavam quase escondidas em mesas escuras nos cantos.

O pai de Giuliano levou-os para a cozinha. A mãe virou-se do fogão para cumprimentá-los. Maria Lombardo Giuliano parecia muito mais velha do que a sua fotografia na sala. Parecia até outra mulher. O sorriso polido era como um rito na exaustão de seu rosto, a pele gretada e áspera. Os cabelos compridos caíam sobre os ombros, manchados de mechas brancas. O que surpreendia eram seus olhos. Quase pretos, exibiam um ódio impessoal contra aquele mundo que a estava oprimindo e a seu filho. Ela ignorou o marido e Stefan Andolini, falando diretamente a Michael:

— Veio ajudar meu filho ou não?

Os outros dois homens ficaram embaraçados com a rudeza da pergunta, mas Michael sorriu solenemente.

— Vim, sim. Estou do seu lado.

Um pouco da tensão se desvaneceu da mulher. Ela baixou a cabeça para as mãos, como se esperasse um golpe. Andolini disse a ela, suavemente:

— O Padre Benjamino pediu para vir, mas eu disse a ele que você não gostaria.

Maria Lombardo levantou a cabeça e Michael ficou admirado ao constatar como seu rosto deixava transparecer cada emoção que sentia. O desdém, o ódio, o medo, a ironia de suas palavras, tudo combinava com o sorriso empedernido, as caretas que ela não era capaz de reprimir.

— O Padre Benjamino tem um bom coração, não resta a menor dúvida. E com esse seu bom coração é como a peste, traz a morte para uma aldeia inteira. É como a planta sisal... basta roçar para sangrar. E ainda por cima leva os segredos do confessionário ao irmão, vende as almas sob a sua guarda ao demônio.

O pai de Giuliano disse, com uma tranquila moderação, como se estivesse tentando acalmar um louco:

— Don Croce é nosso amigo. Foi ele quem nos tirou da prisão.

A mãe de Giuliano explodiu, furiosa:

— Ah, Don Croce, "A Boa Alma", como ele é sempre bondoso!

Mas deixe-me dizer uma coisa: Don Croce é uma serpente. Ele aponta uma arma para frente e liquida um amigo pelo lado. Ele e nosso filho iam dominar a Sicília juntos. Agora, Turi está escondido sozinho nas montanhas, enquanto "A Boa Alma" está livre como o ar em Palermo, com suas prostitutas. Don Croce só precisa assoviar e Roma lambe seus pés. E, no entanto, ele cometeu mais crimes do que o nosso Turi. É um homem mau, enquanto nosso filho é bom. Ah, se eu fosse um homem como você, mataria Don Croce. Mandaria "A Boa Alma" para o repouso eterno. — Ela fez um gesto de repulsa, antes de arrematar: — Vocês, homens, não compreendem nada.

O pai de Giuliano protestou, impaciente:

— Compreendo que o nosso hóspede deve estar na estrada há algumas horas e precisa comer alguma coisa, antes de podermos conversar.

A mãe de Giuliano mudou subitamente, tornando-se solícita.

— Pobre coitado, viajou o dia inteiro para nos visitar, teve de ouvir as mentiras de Don Croce e os meus disparates. Para onde vai daqui?

— Devo estar em Trapani pela manhã — informou Michael. — Ficarei com amigos de meu pai, até que seu filho vá me procurar.

Houve silêncio na cozinha. Ele sentiu que todos conheciam a sua história. Viam o ferimento com que ele convivia há dois anos, o lado afundado do rosto. A mãe de Giuliano aproximou-se e deu-lhe um abraço rápido.

— Tome um copo de vinho. E depois dê um passeio pela cidade. A comida estará à espera na mesa dentro de uma hora. A esta altura, os amigos de Turi já terão chegado e poderemos conversar de maneira sensata.

Andolini e o pai de Giuliano puseram Michael entre eles e foram andando pelas ruas estreitas de Montelepre, calçadas com pedras, brilhando escuras, agora que o sol caíra do céu. No ar azul e nevoento, antes do crepúsculo, somente os vultos da Polícia Nacional, e os *carabinieri*, circulavam ao redor. Em cada cruzamento, vielas sinuosas como cobras saíam que nem veneno da Vila Bella. A cidade parecia deserta. Até mesmo as sacadas das casas se achavam vazias, exceto pelos vasos com flores, em mesas pequenas.

— Esta cidade era bastante animada antigamente — comentou o pai de Giuliano. — Sempre foi muito pobre, cheia de miséria, mas sempre muito viva. Como toda a Sicília. Agora, mais de 700 de nossos cidadãos estão na prisão, presos por conspiração com meu filho. São inocentes, quase todos, mas o governo os prende assim mesmo, para assustar os outros, fazer com que forneçam informações sobre o meu Turi. Há mais de dois mil homens da Polícia Nacional por esta cidade e outros milhares caçam Turi nas montanhas. Assim, as pessoas não mais jantam ao ar livre, seus filhos não podem mais brincar na rua. Os guardas são tão covardes que disparam suas armas se um coelho atravessa correndo a rua. Há um toque de recolher depois do anoitecer. Se uma mulher da cidade quer visitar uma amiga e é surpreendida na rua depois do toque de recolher, os

guardas a tratam com indignidades e insultos. Os homens são levados para, a tortura, nas masmorras de Palermo.

Ele fez uma pausa, suspirando.

— Essas coisas nunca poderiam acontecer na América. Amaldiçoo o dia em que sai de lá.

Stefan Andolini obrigou-os a parar, enquanto acendia um pequeno charuto. Soprando a fumaça, ele disse, com um sorriso:

— Para dizer a verdade, todos os sicilianos preferem cheirar a merda de suas aldeias aos melhores perfumes de Paris. O que eu estou fazendo aqui? Poderia ter fugido para o Brasil, como fizeram alguns outros. Mas nós, sicilianos, amamos o lugar em que nascemos. Só que a Sicília não nos ama.

O pai de Giuliano deu de ombros.

— Eu fui um idiota por voltar. Se esperasse mais uns poucos meses, meu Turi seria por lei um americano. Mas o ar daquele país deve ter-se infiltrado no ventre de sua mãe. — Ele sacudiu a cabeça, aturdido. — Por que meu filho sempre se preocupa com os problemas dos outros, mesmo daqueles que não são seus parentes de sangue? Por que tinha de lutar por um homem que nem mesmo conhecia, que fora afastado do trabalho por se recusar a aceitar um pagamento miserável? Por que isso lhe dizia respeito? Turi sempre teve essas ideias grandiosas, sempre falou de justiça. Um autêntico siciliano fala de pão.

Enquanto desciam pela Via Bella, Michael pôde constatar que a cidade era idealmente construída para a emboscada e a guerrilha. As ruas eram tão estreitas que somente um veículo motorizado podia passar de cada vez. Muitas mal davam para a passagem das pequenas carroças puxadas por mulas que os sicilianos ainda usavam para o transporte de mercadorias. Uns poucos homens poderiam conter qualquer força invasora e depois escapar para as montanhas de calcário branco que envolviam a cidade. Eles foram para a praça central. Andolini apontou para a pequena igreja que a dominava e comentou:

— Foi naquela igreja que Turi se escondeu quando a Polícia Nacional tentou capturá-lo pela primeira vez. Desde então, ele tem sido

um fantasma.

Os três homens ficaram observando a porta da igreja, como se Salvatore Giuliano pudesse aparecer diante deles. O sol mergulhou por trás das montanhas e eles voltaram à casa, pouco antes do toque de recolher. Dois estranhos os esperavam lá dentro, estranhos apenas para Michael, pois abraçaram o pai de Giuliano e apertaram a mão de Stefan Andolini.

Um deles era um jovem esguio, a pele muito pálida, olhos enormes, escuros e febris. Tinha um bigode fino e uma beleza quase feminina, mas a aparência não era de jeito nenhum efeminada. Exibia um ar de crueldade orgulhosa que ocorre num homem com a vontade de mandar a qualquer custo.

Michael ficou atônito quando o jovem lhe foi apresentado como Gaspare Pisciotta. Afinal, Pisciotta era o segundo homem de Turi Giuliano, seu primo e amigo mais querido. Depois de Giuliano, era o homem mais procurado da Sicília, com um prêmio de cinco milhões de liras por sua cabeça. Pelas histórias que Michael ouvira, o nome Gaspare Pisciotta evocava um homem mais perigoso e de aparência mais maligna. E, no entanto, ali estava ele, tão magro e com o rubor febril da tísica no rosto. Ali em Montelepre, cercado por dois mil guardas despachados por Roma.

O outro homem foi igualmente surpreendente, embora por um motivo diverso. À primeira vista, Michael retraiu-se. O homem era tão pequeno que podia ser tomado por um anão. Mas ostentava um porte tão distinto que Michael sentiu imediatamente que seu retraimento poderia ser encarado como uma ofensa mortal. Ele vestia um terno cinza de listras finas, muito elegante, com uma gravata prateada descendo pela camisa de um branco cremoso. Os cabelos eram abundantes e quase brancos; não podia ter mais de 50 anos. Era elegante. Ou tão elegante quanto um homem tão baixo podia ser. Tinha um rosto bonito, de traços marcados, com uma boca meio curva, generosa e sensível.

Ele percebeu o constrangimento de Michael e cumprimentou-o com um sorriso irônico, mas gentil. Foi apresentado como o Professor Hector Adonis.

Maria Lombardo Giuliano pusera o jantar na mesa da cozinha. Comeram junto a uma janela, perto da sacada, contemplando o céu manchado de vermelho, a escuridão da noite se insinuando pelas montanhas ao redor. Michael comeu devagar, consciente de que todos o observavam, avaliando-o. A comida era muito simples, mas saborosa, espaguete com molho preto de lula e guisado de coelho, bem quente, com molho de tomate e pimentão vermelho. Gaspare Pisciotta finalmente falou, no dialeto siciliano local:

— Então você é o filho de Vito Corleone, que é ainda maior do que o nosso Don Croce, pelo que me disseram. E é você quem salvará o nosso Turi.

Sua voz tinha um tom frio e zombeteiro, um tom que convidava o interlocutor a assumir a ofensa, se assim se atrevesse. O sorriso parecia questionar o motivo por trás de cada ação, como a dizer: "É verdade que você está fazendo uma grande coisa, mas com que propósito secreto?" Contudo, não era absolutamente desrespeitoso; ele conhecia a história de Michael, sabia que eram companheiros no assassinato. Michael disse:

— Sigo as ordens de meu pai. Devo esperar em Trapani até que Giuliano me procure. E depois o levarei para a América.

Pisciotta disse, mais sério:

— E depois que Turi estiver em suas mãos, você garante a segurança dele? Pode protegê-lo contra Roma, contra seus milhares de soldados e policiais? Contra o próprio Don Croce?

Michael estava consciente de que a mãe de Giuliano o observava atentamente, o rosto contraído de ansiedade. Ele respondeu com todo cuidado:

— Na medida em que um homem pode garantir qualquer coisa contra o destino. Estou confiante.

Ele viu o rosto da mãe relaxar. Mas Pisciotta disse, bruscamente:

— Mas eu não estou. Depositou sua confiança em Don Croce esta tarde. Contou a ele o plano de fuga.

— E por que eu não deveria fazê-lo?

Michael pensou rapidamente: como diabo Pisciotta podia conhecer os detalhes do almoço com Don Croce tão depressa?

— As instruções de meu pai diziam que Don Croce providenciaria para que Giuliano me fosse entregue. Mas, de qualquer forma, só revelei a ele um dos planos de fuga.

— E os outros? — Pisciotta percebeu que Michael hesitava. — Pode falar francamente. Se as pessoas nesta sala não merecem confiança, então não resta qualquer esperança para Turi.

O homenzinho, Hector Adonis, falou, pela primeira vez. Possuía uma voz extraordinariamente sonora, a voz de um orador nato, um persuasor natural de homens.

— Meu caro Michael, você deve compreender que Don Croce é o inimigo de Turi Giuliano. A informação de seu pai está atrasada. Obviamente, não podemos entregar Turi a você sem tomar precauções.

Ele falava o elegante italiano de Roma, não o dialeto siciliano. O pai de Giuliano interveio:

— Confio na promessa de Don Corleone de ajudar meu filho. Quanto a isso, não pode haver a menor dúvida.

Hector Adonis disse:

— Eu insisto que devemos conhecer seus planos.

— Posso repetir o que falei a Don Croce — declarou Michael. — Mas por que eu deveria permitir que outra pessoa tomasse conhecimento dos planos? Se eu perguntasse onde Turi Giuliano se esconde neste momento, vocês me diriam?

Michael compreendeu que o sorriso de Pisciotta era de aprovação genuína à sua resposta. Mas Hector Adonis não se conformou:

— Não é a mesma coisa. Você não tem motivo para saber onde Turi se esconde. Mas nós precisamos conhecer seus planos para ajudar.

Michael disse suavemente:

— Eu nada sei a seu respeito.

Um sorriso exuberante se estampou no rosto bonito de Hector Adonis. Depois, o homenzinho levantou-se e fez uma mesura, dizendo com a mais absoluta sinceridade:

— Perdoe-me. Fui o mestre-escola de Turi quando ele era menino e seus pais me honraram ao me escolherem para seu padrinho. Sou agora professor de História e Literatura na Universidade de Palermo. Contudo, minhas melhores credenciais podem ser afiançadas por todos a esta mesa. Sou agora e sempre fui um membro do bando de Giuliano.

Stefan Andolini acrescentou:

— Também sou um membro do bando. Conhece meu nome e sabe que sou seu primo. Mas também sou conhecido como Fra Diavolo.

Aquele também era um nome legendário na Sicília e Michael já o ouvira muitas vezes. Ele fez jus a esse rosto de assassino, pensou Michael. E ele era igualmente um fugitivo, com a cabeça a prêmio. Naquela tarde, porém, ele sentara para almoçar ao lado do Inspetor Velardi.

Estavam todos esperando por sua resposta. Michael não tinha a menor intenção de revelar-lhes seus planos finais, mas sabia que precisava dizer alguma coisa. A mãe de Giuliano observava-o atentamente. Ele falou diretamente para ela:

— É muito simples. Primeiro, devo avisar que não posso esperar por mais de sete dias. Passei muito tempo longe de casa e meu pai precisa da minha ajuda em seus próprios problemas. Tenho certeza de que compreende como estou ansioso em voltar para a minha família. Mas é desejo de meu pai que eu ajude seu filho. As últimas instruções que um mensageiro me trouxe foram a de que visitasse Don Croce e depois seguisse para Trapani. Lá, devo ficar na propriedade do Don local. Haverá à minha espera homens da América em quem posso confiar absolutamente. Homens qualificados.

Michael fez uma pausa. A palavra “qualificados” possuía um significado especial na Sicília, geralmente se aplicando aos mais categorizados executores da Máfia. Ele logo continuou:

— Turi estará seguro a partir do momento em que se juntar a mim. A *villa* é uma fortaleza. E poucas horas depois embarcaremos num navio

veloz para uma cidade na África. Ali, um avião espera para nos levar imediatamente para a América, onde Giuliano ficará sob a proteção de meu pai e não precisará mais temer por ele.

Hector Adonis perguntou:

— Quando estará pronto para aceitar Turi Giuliano?

— Estarei em Trapani no início da manhã — respondeu Michael. — Deem-me 24 horas depois disso.

Subitamente, a mãe de Giuliano prorrompeu em lágrimas.

— Meu pobre Turi não confia mais em ninguém. Ele não irá a Trapani.

— Então, não posso ajudá-lo — declarou Michael, friamente. A mãe de Giuliano pareceu se contrair toda em desespero. Foi Pisciotta, inesperadamente, quem a confortou. Beijou-a e abraçou-a, dizendo:

— Maria Lombardo, não se preocupe. Turi ainda me escuta. Direi a ele que todos acreditamos nesse homem da América. Isso não é verdade? — Ele olhou para os outros homens, inquisitivamente, e todos assentiram. — Levarei Turi a Trapani pessoalmente.

Todos pareciam contentes. Michael compreendeu que fora a sua resposta fria que os convencera a confiarem nele. Todos os sicilianos desconfiavam de uma generosidade muito exuberante e humana. De sua parte, ele estava impaciente com tanta cautela e o desarranjo dos planos de seu pai. Don Croce era agora um inimigo, Giuliano podia não vir ao seu encontro rapidamente, talvez até não aparecesse. Mas, afinal, o que Turi Giuliano representava para ele? E por falar nisso, o que Giuliano representava para seu pai?

Levaram-no para a pequena sala de estar, onde a mãe serviu café e licor de anis, pedindo desculpas por não haver sobremesa. Todos disseram que o licor de anis esquentaria Michael na longa viagem até Trapani. Hector Adonis tirou uma cigarreira de ouro do paletó impecável e ofereceu a todos. Pôs um cigarro na boca delicada e recostou-se na cadeira, de tal forma que os pés não mais tocavam no chão. Por um momento, ele parecia uma marionete pendendo de um cordão. Maria Lombardo apontou para o enorme retrato na parede.

— Ele não é bonito? E é tão bom quanto é bonito. Meu coração se partiu quando ele se tornou um proscrito. Lembra daquele dia terrível, *Signor* Adonis? E todas as mentiras que disseram a respeito de Portella delle Ginestre? Meu filho nunca teria feito uma coisa assim.

Os outros homens estavam visivelmente contrafeitos. Michael se perguntou, pela segunda vez naquele dia, o que teria acontecido em Portella delle Ginestre. Mas não quis perguntar. Hector Adonis comentou:

— Quando fui professor de Turi, ele era um grande leitor. Conhecia de cor e salteado as histórias de Carlos Magno e Rolando. Agora, ele próprio é também um mito. Meu coração também se partiu quando ele virou um proscrito.

— Ele terá sorte se permanecer vivo — murmurou a mãe de Giuliano, amargurada. — Oh, por que quisemos que nosso filho nascesse aqui? Isso mesmo, quisemos que ele fosse um verdadeiro siciliano. — Ela soltou uma risada, meio histérica, antes de acrescentar: — E é o que acontece. Ele vive com medo por sua vida, há um prêmio por sua cabeça. — Ela fez uma pausa e depois arrematou, com uma intensa convicção: — E meu filho é um santo.

Michael notou que Pisciotta sorriu de maneira peculiar, como as pessoas que escutam pais afetuosos que enaltecem muito sentimentalmente as virtudes de seus filhos. Até mesmo o pai de Giuliano fez um gesto de impaciência. Stefan Andolini sorriu de modo malicioso e Pisciotta disse de modo afetuoso, mas frio:

— Minha cara Maria Lombardo, não faça seu filho parecer tão desamparado. Ele deu mais do que recebeu e seus inimigos ainda o temem.

A mãe de Giuliano declarou, mais calmamente:

— Sei que ele matou muitas vezes, mas jamais cometeu uma injustiça. E sempre deu tempo para que eles purificassem suas almas e fizessem suas últimas preces a Deus.

Subitamente, ela pegou Michael pela mão, levou-o para a cozinha e depois para a sacada.

— Nenhum dos outros conhece meu filho de verdade — ela disse a Michael. — Não sabem como ele é bondoso e gentil. Talvez ele tenha de

ser de um jeito com os outros homens, mas sempre foi o seu verdadeiro eu comigo. Obedecia a tudo o que eu dizia, nunca me falou uma única palavra mais áspera. Era um filho amoroso e obediente. Em seus primeiros dias como um proscrito, ele olhava para baixo lá das montanhas, mas não podia ver. Eu olhava para cima e também não podia ver. Mas sentíamos a presença um do outro. O amor um do outro. E eu o sinto agora, esta noite. Penso nele sozinho naquelas montanhas, com milhares de soldados a caçá-lo. E meu coração se parte. Talvez você seja o único que possa salvá-lo. Prometa que esperará.

Ela apertou com toda a força as mãos de Michael, as lágrimas escorrendo por suas faces. Michael olhou pela noite escura. Na cidadezinha de Montelepre, aninhada no ventre das grandes montanhas, apenas a praça central exibia um foco de luz. O céu estava pontilhado de estrelas. Das ruas lá embaixo vinha o retinido ocasional de pequenas armas e as vozes roucas de *carabinieri* em patrulha. A cidade parecia povoada por fantasmas. Movimentavam-se no suave ar noturno de verão, impregnado pela fragrância dos limoeiros, no zumbido insistente de incontáveis insetos, nos gritos súbitos de uma patrulha policial.

— Esperarei por tanto tempo quanto puder — respondeu Michael, gentilmente. — Mas meu pai precisa de mim em casa. Deve fazer com que seu filho vá ao meu encontro.

Ela assentiu e depois levou-o de volta para junto dos outros. Pisciotta andava de um lado para outro da sala. Parecia nervoso.

— Decidimos que devemos todos esperar aqui até o amanhecer e a suspensão do toque de recolher — anunciou ele. — Há muitos soldados de dedo mole no gatilho pela escuridão e sempre pode ocorrer um acidente. Tem alguma objeção, Michael?

— Não — respondeu Michael. — Desde que não seja muito incômodo para os nossos anfitriões.

Eles descartaram a questão como irrelevante. Haviam passado muitas noites acordados, quando Turi Giuliano vinha à cidade furtivamente para visitá-los. Além disso, havia muito sobre o que falar, inúmeros detalhes a acertar. Todos se acomodaram para a longa noite pela

frente. Hector Adonis tirou o paletó e a gravata, mas ainda assim continuou elegante. A mãe de Giuliano fez um café fresco.

Michael pediu que lhe contassem tudo o que pudessem a respeito de Turi Giuliano. Achava que precisava compreender. Os pais tornaram a lhe garantir como Turi sempre fora um filho maravilhoso. Stefan Andolini falou sobre o dia em que Turi Giuliano poupara a sua vida. Pisciotta contou histórias engraçadas sobre a audácia de Turi, seu senso de diversão e ausência de crueldade. Ele podia ser implacável com os traidores e inimigos, mas nunca lhes insultava a virilidade com torturas e humilhações. E depois ele relatou a tragédia em Portella delle Ginestre.

— Ele chorou naquele dia — disse Pisciotta. — Na frente de todos os homens de seu bando.

Maria Lombardo comentou:

— Ele não podia ter matado aquelas pessoas em Ginestre.

Hector Adonis tranquilizou-a:

— Todos sabemos disso. Ele nasceu gentil. — Virando-se-para Michael, o professor acrescentou: — Ele adorava livros. Imaginei que se tornaria um poeta ou um estudioso. Possuía um temperamento explosivo, mas nunca foi cruel. Porque a sua ira era inocente. Odiava a injustiça. Odiava a brutalidade dos *carabinieri* com os pobres e sua subserviência com os ricos. Mesmo quando ainda era menino, já se sentia indignado quando ouvia falar de um camponês que não podia conservar o milho que plantava, beber o vinho que produzia, comer os porcos que abatia. E, no entanto, era um menino gentil.

Pisciotta soltou uma risada.

— Turi agora não é mais tão gentil. E você, Hector, não banque o suave mestre-escola. A cavalo, sempre foi um homem tão grande quanto qualquer de nós.

Hector Adonis fitou-o com uma expressão de censura.

— Aspanu, este não é o momento para graças.

Pisciotta lhe disse, muito excitado:

— Homenzinho, pensa que algum dia eu poderei sentir medo de você?

Michael registrou que o apelido de Pisciotta era Aspanu e que havia uma aversão profunda entre os dois homens. Era patente na constante alusão de Pisciotta ao tamanho do outro homem, o tom firme com que Adonis sempre se dirigia a Pisciotta. Na verdade, havia uma desconfiança pairando no ar, entre todos eles. Os outros pareciam manter Stefan Andolini a distância, a mãe de Giuliano dava a impressão de que não confiava totalmente em ninguém. Apesar disso, porém, ficou evidente, enquanto a noite se arrastava, que todos amavam Turi. Michael disse, cautelosamente:

— Há um Testamento escrito por Turi Giuliano. Onde está neste momento?

Houve um silêncio prolongado, em que todos o observaram atentamente. E, subitamente, a desconfiança geral passou a incluí-lo também. Foi Hector Adonis quem rompeu o silêncio:

— Ele começou a escrevê-lo a conselho meu e ajudei-o. Cada página está assinada por Turi. Tudo está lá, as alianças secretas com Don Croce, com o governo de Roma e a verdade final sobre Portella delle Ginestre. Se fosse divulgado, o governo inevitavelmente cairia. É o último trunfo que Giuliano tem para jogar, se o pior acontecer.

— Espero então que esteja guardado num lugar bem seguro — comentou Michael.

— Pode ter certeza de que está mesmo — declarou Pisciotta. — Don Croce bem que gostaria de pôr as mãos no Testamento.

A mãe de Giuliano disse:

— No momento oportuno, providenciaremos para que o Testamento seja entregue a você. Talvez possa mandá-lo para a América com a moça.

Michael correu os olhos por todos, surpreso.

— Que moça?

Todos desviaram os olhos, como se embaraçados ou apreensivos. Sabiam que se tratava de uma surpresa desagradável e tinham medo de sua reação. Foi a mãe de Giuliano quem informou:

— A noiva de meu filho. Ela está grávida. — Virando-se para os outros, a mãe acrescentou: — Não adianta que ela não desaparecerá subitamente no ar. Ele vai querer levá-la ou não? É melhor aguardar sua resposta agora.

Por mais que ela tentasse manter o controle, era evidente que ela também estava preocupada com a reação de Michael. E explicou:

— A moça irá encontrá-lo em Trapani. Turi quer que você a mande na frente para a América. Depois que ela mandar o aviso de que está segura, Turi também irá ao seu encontro.

— Não tenho instruções a esse respeito — respondeu Michael, cautelosamente. — Precisarei consultar meu pessoal em Trapani sobre o problema do tempo. Sei que você e seu marido deverão partir assim que seu filho estiver são e salvo na América. A moça não pode ir junto com vocês?

— A moça é o seu teste — declarou Pisciotta, bruscamente. — Ela enviará um aviso em código e Giuliano saberá então que está lidando não apenas com um homem honesto, mas também inteligente. Somente assim ele poderá acreditar que você é capaz de tirá-lo em segurança da Sicília.

O pai de Giuliano interveio, furioso:

— Aspanu, eu já disse a você e a meu filho. Don Corleone deu sua palavra de que nos ajudaria.

— Essas são as ordens de Turi — insistiu Pisciotta, suavemente.

Michael pensou rápido e depois disse:

— Acho que é muito hábil. Podemos testar o caminho de fuga e descobrir se está comprometido.

Só que ele não tinha a menor intenção de usar o mesmo caminho de fuga para Giuliano. Virando-se para a mãe de Giuliano, ele acrescentou:

— Posso mandar você e seu marido junto com a moça.

Mas os dois sacudiram a cabeça. Hector Adonis disse-lhes, gentilmente:

— Não é uma má ideia.

A mãe de Giuliano protestou:

— Não deixaremos a Sicília enquanto nosso filho continuar aqui. O pai de Giuliano cruzou os braços e assentiu em concordância. E Michael compreendeu o que ambos pensavam. Se Turi Giuliano morresse na Sicília, eles não tinham a menor intenção de estar na América. Precisavam ficar para chorá-lo, sepultá-lo, levar flores ao cemitério. A tragédia final lhes pertencia. A moça podia partir, pois estava ligada apenas pelo amor, não pelo sangue.

Em algum momento, durante a noite, Maria Lombardo Giuliano mostrou a Michael um livro de recortes com histórias de jornais, cartazes mostrando os preços diferentes atribuídos à cabeça de Giuliano pelo governo de Roma. Ela mostrou uma reportagem publicada na América pela revista Life, em 1948. A reportagem dizia que Giuliano era o maior bandido dos tempos modernos, um Robin Hood italiano, que roubava dos ricos para dar aos pobres. Também publicava uma das famosas cartas que Giuliano enviara aos jornais. Dizia:

“Venho lutando há cinco anos para tornar a Sicília livre. Dei aos pobres o que tomei dos ricos. Deixem o povo da Sicília dizer se sou um fora-da-lei ou um guerreiro da liberdade. Se o povo falar contra mim, eu me entregarei para julgamento. Mas enquanto o povo permanecer do meu lado, continuarei a travar uma guerra total e a extirpar a podridão e a imundície que oprimem o povo da Sicília."

É mesmo típico de um bandido, pensou Michael, enquanto Maria Lombardo o fitava radiante de orgulho. Ele sentia uma identificação com ela, que parecia muito com sua própria mãe. O rosto era vincado pelos pesares passados, mas os olhos ardiam com um amor natural por um combate ainda maior contra o seu destino.

A manhã finalmente chegou. Michael levantou e despediu-se. Ficou surpreso quando a mãe de Giuliano abraçou-o afetuosamente.

— Você me lembra de meu filho — murmurou ela. — Confio em você.

Ela foi até a cornija e pegou uma imagem de madeira da Virgem Maria. Era preta. E tinha feições negróides.

— Leve isto como um presente. É a única coisa de valor que tenho para lhe dar.

Michael tentou recusar, mas ela insistiu. Hector Adonis comentou:

— Só restam umas poucas imagens na Sicília. Uma coisa curiosa, mas não podemos esquecer que estamos muito perto da África.

— Não importa como pareça, sempre se pode rezar para ela — disse a mãe de Giuliano.

— É verdade — disse Pisciotta. — Ela pode fazer tanto bem quanto a outra.

Havia um desprezo evidente em sua voz. Michael observou Pisciotta despedir-se da mãe de Giuliano. Dava para perceber a afeição genuína entre os dois. Pisciotta beijou-a nas faces, abraçou-a tranquilizadoramente. Mas ela repousou a cabeça no ombro dele por um breve instante, murmurando:

— Aspanu, Aspanu, eu o amo tanto quanto a meu Filho. Não deixe que eles matem Turi.

Ela estava chorando. Pisciotta perdeu toda a sua frieza. O corpo pareceu desmoronar, o rosto moreno e ossudo se abrandou. E ele sussurrou:

— Você vai envelhecer na América. — Virando-se para Michael, Pisciotta acrescentou: — Levarei Turi para você no prazo de uma semana.

Ele saiu apressadamente pela porta, sem dizer mais nada. Também tinha o seu passe especial de tarja vermelha e podia novamente desaparecer nas montanhas. Hector Adonis ficaria com os Giuliano, embora tivesse uma casa na cidade.

Michael e Stefan Andolini entraram no Fiat, atravessaram a praça central e pegaram a estrada que levava a Castelvetrano e à cidade litorânea

de Trapani. Com Andolini guiando tão devagar e as numerosas barreiras na estrada, já era meio-dia quando finalmente entraram em Trapani.

LIVRO II TURI GIULIANO - 1943

CAPÍTULO 2

Em setembro de 1943, Hector Adonis era um professor de História e Literatura na Universidade de Palermo. Sua estatura extremamente baixa fazia com que os colegas o tratassem com menos respeito do que seus talentos mereciam. Mas isso estava predeterminado na cultura siciliana, que comumente — e brutalmente — baseava os apelidos nas deficiências físicas. A única pessoa que conhecia o seu verdadeiro valor era o reitor da universidade.

Naquele setembro de 1943, a vida de Hector Adonis estava prestes a mudar. Para o sul da Itália, a guerra já terminara. O exército americano conquistara a Sicília e se fora para o continente. O fascismo estava morto, a Itália renascia; pela primeira vez, em 14 séculos, a ilha da Sicília não tinha um dono de verdade. Mas Hector Adonis, conhecendo as ironias da História, não acalentava grandes esperanças. A Máfia já começara a usurpar o domínio da lei na Sicília. Seu poder canceroso seria tão mortífero quanto o de qualquer Estado organizado. Da janela de seu gabinete, ele contemplava a área da universidade, os poucos prédios que podiam ser chamados de um campus.

Não havia necessidade de dormitórios, pois não havia vida universitária, conforme se conhecia na Inglaterra e América. Ali, a maioria dos estudantes estudava em casa e consultava os professores em intervalos previamente determinados. Os professores davam aulas que os alunos podiam ignorar impunemente. Precisavam apenas passar nos exames. Era um sistema que Hector Adonis considerava vergonhoso em geral e estúpido em particular, na medida em que afetava profundamente os sicilianos, que na sua opinião necessitavam de uma disciplina pedagógica ainda mais severa que os estudantes de outros países.

Observando de sua janela parecida com a de uma catedral, Adonis podia ver o fluxo sazonal de chefes da Máfia, de todas as províncias da Sicília, em suas visitas de pedidos aos professores da universidade. Sob o domínio fascista, aqueles chefes da Máfia haviam-se mostrado mais circunspectos, mais humildes. Agora, porém, sob o manto complacente da democracia restaurada pelos americanos, eles se levantaram como vermes,

abrindo caminho pela terra desmanchada com a chuva e retomando seus antigos costumes. Não eram mais humildes.

Os chefes da Máfia, os Amigos dos Amigos, comandando pequenos clãs locais, nas muitas aldeias da Sicília, vinham em trajes de feriado para defender a causa de estudantes que eram parentes ou filhos de ricos proprietários rurais, talvez filhos de seus amigos, que estavam fracassando em seus cursos na universidade e só obteriam os diplomas se houvesse alguma ação firme. E os diplomas eram da maior importância. De que outra forma as famílias poderiam se livrar de filhos que não tinham ambição, talento nem inteligência? Os pais teriam de sustentar esses filhos pelo resto de suas vidas. Mas, com os diplomas, pedaços de pergaminho emitidos pela universidade, os jovens malandros poderiam se tornar professores, médicos, parlamentares ou, se o pior acontecesse, funcionários administrativos subalternos do Estado.

Hector Adonis deu de ombros; a história o consolava. Seus amados britânicos, nos dias maiores do Império, haviam confiado seus exércitos a igualmente incompetentes filhos dos ricos, cujos pais lhes compravam patentes no exército e o comando de grandes navios. Mesmo assim, o Império prosperava. É verdade que esses comandantes haviam levado seus homens a massacres desnecessários; contudo, cabia ressaltar que os comandantes haviam morrido com seus homens, a bravura sendo um imperativo de sua classe. E que a morte pelo menos resolvia o problema dos homens incompetentes e incapazes que se tornavam um fardo para o Estado. Os italianos não eram tão galantes ou tão friamente pragmáticos. Amavam seus filhos, salvavam-nos de desastres pessoais e deixavam que o Estado cuidasse de si mesmo.

De sua janela, Hector Adonis podia avistar pelo menos três chefes locais da Máfia vagueando à procura de suas vítimas. Usavam gorros de pano e botas de couro, os casacos grossos de veludo pendurados nos braços, pois o tempo ainda era quente. Carregavam cestas de frutas e garrafas de vinho de fabricação doméstica para dar de presente. Não eram subornos, mas antídotos corteses para o terror que afloraria nos corações dos professores à vista deles. Pois quase todos os professores eram naturais da Sicília e compreendiam que os pedidos não podiam ser recusados.

Um dos chefes da Máfia, num traje tão rústico que poderia entrar no palco de *Cavalleria Rusticana*, estava entrando no prédio e subindo a escada. Hector Adonis preparou-se com um prazer sardônico, para a comédia familiar que estava prestes a ser encenada.

Adonis conhecia o homem. Seu nome era Buccilla, possuía uma fazenda e ovelhas numa cidadezinha chamada Partinico, não muito longe de Montelepre. Trocaram um aperto de mão e Buccilla entregou-lhe a cesta que trazia.

— Temos tanta fruta caindo no chão e apodrecendo que pensei em trazer um pouco para o professor — disse Buccilla.

Era um homem baixo, mas largo, o corpo poderoso de uma vida inteira de trabalho árduo. Adonis sabia que ele tinha uma reputação de honestidade, que era um homem modesto, embora pudesse transformar o seu poder em riquezas. Era uma reversão aos antigos chefes da Máfia, que lutavam não por riquezas, mas sim por respeito e honra.

Adonis sorriu ao aceitar as frutas. Que camponês da Sicília deixava qualquer coisa se desperdiçar? Havia uma centena de crianças para cada azeitona que caía no chão e essas crianças eram como gafanhotos.

Buccilla suspirou. Ele era afável, mas Adonis sabia que essa afabilidade podia se converter em ameaça na fração de um segundo. Por isso, ele exibiu um sorriso simpático, enquanto Buccilla dizia:

— A vida é mesmo cheia de incômodos. Tenho trabalho a fazer na minha terra, mas como podia recusar quando meu vizinho pediu um pequeno favor? Meu pai conheceu o seu pai, meu avô o seu avô. E é minha natureza, talvez meu infortúnio, fazer qualquer coisa que um amigo me pede. Afinal, não somos todos cristãos juntos?

Hector Adonis disse, suavemente:

— Nós, sicilianos, somos todos assim. Somos generosos demais. É por isso que os nortistas de Roma se aproveitam de nós tão vergonhosamente.

Buccilla fitou-o com astúcia. Não haveria problemas ali. E ele não ouvira em algum lugar que aquele professor era um dos amigos?

Certamente não parecia assustado. E se o professor era mesmo um Amigo dos Amigos, por que ele, Buccilla, não tinha conhecimento desse fato? Mas havia muitos níveis diferentes entre os Amigos. De qualquer forma, ali estava um homem que compreendia o mundo em que vivia.

— Vim lhe pedir um favor — disse Buccilla. — De um siciliano para outro. O filho do meu vizinho falhou na universidade este ano. Na sua cadeira. Ou pelo menos é o que o meu vizinho alega. Mas quando ouvi seu nome, eu disse a ele: "O quê? O *Signor* Adonis? Mas esse homem tem o melhor coração do mundo! Ele nunca poderia fazer uma indelicadeza dessas se conhecesse todos os fatos. Nunca!" Ele me suplicou então, com lágrimas nos olhos, que viesse lhe contar toda a história. E pedir, com a mais profunda humildade, que mudasse a sua nota, a fim de que o rapaz possa entrar no mundo e ganhar o seu sustento.

Hector Adonis não se deixou enganar por aquela suave polidez. Novamente, era como os ingleses que ele tanto admirava, aqueles homens que podiam ser tão sutilmente rudes que a pessoa se deleitava com seus insultos por dias, antes de compreender que fora mortalmente ferida. No caso dos ingleses, era uma figura de retórica; mas com o *Signor* Buccilla, seu pedido, se negado, seria seguido pela explosão de uma lupara, em alguma noite escura. Hector Adonis provou polidamente as azeitonas e morangos na cesta.

— Não podemos mesmo deixar um jovem à míngua neste mundo terrível — disse ele. — Qual é o nome do estudante?

E quando Buccilla lhe disse, ele pegou um livro na gaveta do fundo de sua mesa. Folheou-o, embora conhecesse o nome muito bem. O estudante reprovado era um palerma, um idiota, um imbecil, mais bruto do que as ovelhas na fazenda de Buccilla. Era um conquistador, preguiçoso, um fanfarrão inepto, um ignorante irremediável, que não conhecia a diferença entre a Ilíada e Verga. Apesar de tudo isso, Hector Adonis sorriu suavemente para Buccilla e disse, num tom de extrema surpresa:

— Ah, sim, ele teve um pequeno problema com uma das provas. Mas pode-se dar um jeito. Mande-o me procurar e o prepararei nesta própria sala, para depois fazer um exame extra. Ele não será reprovado novamente.

Eles trocaram um aperto de mão e o chefe da Máfia se retirou. Outro amigo conquistado, pensou Hector. Que importância tinha se todos aqueles jovens imprestáveis ganhavam diplomas universitários que não mereciam? Na Itália de 1943 podiam usá-los para limpar seus rabos mimados e declinar em posições de mediocridade.

A campainha do telefone interrompeu seus pensamentos e trouxe uma irritação diferente. Houve um toque curto, depois uma pausa, três toques ainda mais curtos. A mulher na mesa telefônica estava conversando com alguém, pressionando a alavanca do ramal nas pausas do que dizia. Isso deixou-o tão exasperado que ele gritou "Pronto!" ao telefone mais rudemente do que seria conveniente.

E, infelizmente, era o reitor da universidade quem estava ligando. Mas o reitor, um notório defensor da cortesia profissional, obviamente tinha coisas mais importantes na cabeça do que a rudeza com que alguém atendia ao telefone. Sua voz estava trêmula de medo, quase lacrimosa em sua súplica:

— Meu caro Professor Adonis, poderia fazer a gentileza de vir a meu gabinete? A universidade está com um grave problema que somente você talvez possa resolver. É da maior importância. E pode estar certo, meu caro professor, de que terá toda a minha gratidão.

Essa subserviência deixou Hector Adonis nervoso. O que o idiota esperava dele? Que pulasse por cima da catedral de Palermo? O reitor estaria melhor qualificado, pensou Adonis, amargamente, já que tinha pelo menos l,80m de altura. Que ele pulasse, ao invés de pedir a um subordinado que tinha as pernas mais curtas da Sicília. Essa imagem restaurou o bom humor de Adonis. E ele indagou, suavemente:

— Não poderia me dar uma indicação do problema? Assim, eu poderia me preparar pelo caminho.

A voz do reitor baixou para um sussurro:

— O estimável Don Croce honrou-nos com uma visita. Seu sobrinho é estudante de Medicina e o professor sugeriu que ele abandonasse graciosamente o curso. Don Croce veio nos pedir, da maneira mais cortês possível, para reconsiderarmos. Mas o professor da Faculdade de Medicina insiste em que o rapaz deixe o curso.

— Quem é o idiota? — perguntou Hector Adonis.

— O jovem Dr. Nattore. Um respeitável professor, mas que ainda não tem muita experiência das coisas do mundo.

— Estarei em seu gabinete dentro de cinco minutos.

Enquanto seguia apressadamente para o prédio principal da universidade, Hector Adonis ponderou sobre o melhor curso de ação. O problema não era o reitor, que sempre chamava Adonis em casos assim. O problema estava com o Dr. Nattore. Adonis o conhecia bem. Um médico brilhante, um professor cuja morte seria uma perda irreparável para a Sicília, a sua renúncia uma perda para a universidade. E também o mais pomposo dos chatos, um homem de princípios inflexíveis e honra genuína. Mas até mesmo ele já devia ter ouvido falar do grande Don Croce, até mesmo ele devia ter um mínimo de bom senso em seu cérebro de gênio. Devia haver mais alguma coisa.

Um carro preto e comprido estava estacionado diante do prédio principal. Dois homens se encostavam nele; embora usassem ternos, isso não os fazia parecer respeitáveis. Deviam ser os guarda-costas do Don, deixados ali fora em respeito aos acadêmicos. Don Croce se achava em visita. Adonis percebeu seus olhares de espanto e depois de diversão por sua pequena estatura, o terno impecável e a pasta debaixo do braço. Lançou-lhes um olhar frio, que deixou os dois aturdidos. Como um homem tão pequeno podia ser um Amigo dos Amigos?

O gabinete do reitor parecia mais uma biblioteca do que um centro administrativo; ele era mais um estudioso do que um administrador. Livros forravam todas as paredes, os móveis eram pesados, mas confortáveis. Don Croce sentava-se numa enorme cadeira, tomando o seu café expresso. O rosto lembrou a Hector Adonis a proa de um navio na Ilíada, curtida por anos de batalha e mares hostis. O Don fingiu que nunca se haviam encontrado e Adonis permitiu que o reitor os apresentasse. É claro que o reitor sabia que se tratava de uma farsa, mas o jovem Dr. Nattore se deixou enganar.

O reitor era o homem mais alto na universidade; Hector Adonis o mais baixo. Imediatamente, por cortesia, o reitor sentou-se e arriou na cadeira, antes de falar:

— Temos uma pequena divergência.

Ao ouvir isso, o Dr. Nattore soltou um grunhido de exasperação. Mas Don Croce inclinou a cabeça ligeiramente, em assentimento. O reitor continuou:

— Don Croce tem um sobrinho que deseja ser médico. O Professor Nattore diz que ele não obteve as notas necessárias para isso. Uma tragédia. Don Croce teve a gentileza de vir defender a causa de seu sobrinho. E como Don Croce tem feito tanto por nossa universidade, achei que deveríamos tentar tudo o que for possível para atendê-lo.

Don Croce disse amavelmente, sem qualquer insinuação de sarcasmo:

— Eu próprio sou um ignorante, mas não se pode dizer que não fui bem-sucedido no mundo dos negócios.

Certamente, pensou Hector Adonis, um homem que podia subornar ministros, ordenar assassinatos, aterrorizar comerciantes e industriais, não precisava saber ler e escrever. Don Croce continuou:

— Descobri meu caminho pela experiência. Por que meu sobrinho não pode fazer a mesma coisa? Minha pobre irmã ficará desolada se o filho não tiver a palavra "Doutor" na frente do nome. Ela é uma verdadeira crente em Cristo, quer ajudar o mundo.

O Dr. Nattore, com a insensibilidade tão comum aos que estão certos, declarou:

— Não posso mudar minha posição.

Don Croce suspirou e disse, insinuante:

— Que mal meu sobrinho pode causar? Arrumarei para ele um emprego no exército ou num hospital católico para os idosos. Ele ficará de mãos dadas com os pacientes e escutará seus problemas. É um rapaz extremamente simpático, vai encantar os velhos. O que estou pedindo? Uma pequena alteração nos papéis, que não fará a menor diferença.

Ele correu os olhos pela sala, contemplando desdenhoso os livros que forravam as paredes. Hector Adonis, bastante perturbado com a suavidade de Don Croce, um sinal de perigo num homem assim, pensou

furioso que era fácil para o Don assumir aquela posição. Seus homens levavam-no imediatamente para a Suíça à menor indisposição do fígado. Mas Adonis sabia que lhe competia resolver o impasse. E disse:

— Meu caro Dr. Nattore, certamente podemos fazer alguma coisa. Não seria possível algumas aulas particulares, um treinamento extra num hospital de caridade?

Apesar de nascido em Palermo, o Dr. Nattore não parecia siciliano. Era muito claro e calvo e deixava transparecer a sua raiva, algo que nenhum siciliano autêntico faria numa situação tão delicada. Indubitavelmente era o gene defeituoso herdado de algum antigo conquistador normando.

— Não compreende o problema, meu caro Professor Adonis. O jovem idiota quer ser cirurgião.

Jesus, José, nossa Virgem Maria e Todos os Santos!, pensou Hector Adonis. Isso é encrenca de verdade. Aproveitando o silêncio aturdido de seu colega, o Dr. Nattore acrescentou:

— Seu sobrinho nada sabe de anatomia. Retalhou um cadáver em pedaços como se estivesse aprontando uma ovelha para o espeto. Falta à maioria das aulas, não faz as provas, entra na sala de operações como se estivesse indo a um baile. Admito que ele é simpático, não se poderia encontrar um rapaz mais agradável. Mas, no final das contas, estamos falando sobre um homem que algum dia terá de abrir um corpo humano com um bisturi afiado.

Hector Adonis sabia exatamente o que Don Croce estava pensando. Quem se importava se o rapaz se tornasse um péssimo cirurgião? Era uma questão de prestígio de família, a perda de respeito se o rapaz fosse reprovado. E não importava quão péssimo cirurgião ele fosse, jamais mataria tantas pessoas quanto os empregados mais ativos de Don Croce. Além disso, o jovem Dr. Nattore não se dobrara à sua vontade, não aceitara a insinuação de que Don Croce não dava a menor importância aos problemas de um cirurgião incompetente, queria apenas que o sobrinho se tornasse médico. Portanto, era agora o momento de Hector Adonis resolver a questão.

— Meu caro Don Croce, tenho certeza de que o Dr. Nattore atenderá a seus desejos, se continuarmos a persuadi-lo. Mas por que essa ideia romântica de seu sobrinho de se tornar um cirurgião? Afinal, ele é muito gentil e os cirurgiões são sádicos natos. E quem na Sicília se submete voluntariamente ao bisturi? — Ele fez uma breve pausa, antes de continuar: — Não podemos esquecer também que ele terá de fazer um estágio em Roma, se for aprovado aqui. E os romanos usarão qualquer pretexto para destruir um siciliano. Prestará um desserviço a seu sobrinho se insistir. Eu gostaria de propor um acordo.

O Dr. Nattore murmurou que não era possível qualquer acordo. Pela primeira vez, os olhos de lagarto de Don Croce faiscaram em fogo. O Dr. Nattore silenciou e Hector Adonis apressou-se em acrescentar:

— Seu sobrinho receberá as notas necessárias para se tornar um médico, mas não um cirurgião. Diremos que ele tem um coração muito gentil para ser um cirurgião.

Don Croce abriu os braços, os lábios se entreabrindo num sorriso frio.

— Você me venceu com seu bom senso — disse ele a Adonis.

— Está bom assim. Meu sobrinho será um médico, mas não um cirurgião. E minha irmã ficará muito contente.

Ele se apressou em partir, pois agora seu objetivo fora alcançado; não esperara por mais. O reitor acompanhou-o até o carro. Mas todos na sala notaram o último olhar que Don Croce lançou para o Dr. Nattore, antes de se retirar. Foi um olhar de exame mais atento, como se estivesse memorizando as feições, a fim de não esquecer que aquele homem tentara contrariar sua vontade. Depois que eles deixaram a sala, Hector Adonis virou-se para o Dr. Nattore e disse:

— Deve pedir demissão da universidade e se transferir para Roma, meu caro colega.

— Você ficou louco? — disse o Dr. Nattore, furioso.

— Não tão louco quanto você. Insisto para que jante comigo esta noite e lhe explicarei por que a nossa Sicília não é o Jardim do Éden.

— Mas por que eu deveria ir embora?

— Disse a palavra "não" a Don Croce Malo. A Sicília não é agora bastante grande para vocês dois.

— Mas ele conseguiu o que queria! — protestou o Dr. Nattore, desesperado. — O sobrinho será um médico. Você e o reitor aprovaram.

— Mas você não — comentou Hector Adonis. — Nós aprovamos para salvar sua vida. Apesar disso, você é agora um homem marcado.

Naquela noite, Hector Adonis foi o anfitrião de seis professores, inclusive o Dr. Nattore, num dos melhores restaurantes de Palermo. Todos haviam recebido uma visita de um "homem de honra" naquele dia e todos concordaram em mudar as notas de um aluno reprovado. O Dr. Nattore escutou as suas histórias, horrorizado, e finalmente disse:

— Mas isso não pode ser feito numa faculdade de Medicina, com alguém que vai ser médico.

Os outros acabaram perdendo a paciência com ele. Um professor de Filosofia indagou por que o exercício da Medicina era mais importante para a raça humana do que os intrincados processos de pensamentos da mente humana e a santidade imortal de uma alma. Quando acabaram, o Dr. Nattore concordou em deixar a Universidade de Palermo e emigrar para o Brasil; os colegas garantiram-lhe que um bom cirurgião poderia ali ganhar uma fortuna em vesículas biliares.

Naquela noite, Hector Adonis dormiu o sono dos justos. Mas na manhã seguinte recebeu um telefonema urgente de Montelepre. Seu afilhado, Turi Giuliano, cuja inteligência ele alimentara, cuja gentileza ele prezara, cujo futuro ele planejara, assassinara um guarda.

CAPÍTULO 3

Montelepre era uma cidadezinha de sete mil habitantes, afundada tão profundamente no vale das Montanhas Cammarata quanto o era na miséria.

A 2 de setembro de 1943, os habitantes se preparavam para a sua Festa, que começaria no dia seguinte e se prolongaria pelos três dias subsequentes.

A Festa era o maior acontecimento do ano em cada pequena cidade, maior do que a Páscoa, o Natal ou o Ano-Novo, maior do que os dias em que se celebrava o fim da grande guerra ou o nascimento de um grande herói nacional. A Festa era dedicada ao santo padroeiro de cada cidade. Fora um dos poucos costumes que o governo fascista de Mussolini não se atrevera a alterar ou tentar proibir.

Para organizar a Festa formava-se todos os anos um Comitê de Três, composto pelos mais respeitados habitantes da cidade. Eles três homens designavam representantes para coletar dinheiro e oferendas de mercadorias. Cada família contribuía de acordo com os seus recursos. Os representantes também circulavam pelas ruas solicitando dinheiro.

Quando o grande dia se aproximava, o Comitê de Três começava a gastar o fundo especial acumulado durante o ano. Contratavam uma banda e também um palhaço. Fixavam generosos prêmios em dinheiro para corridas de cavalos a serem realizadas durante os três dias. Contratavam especialistas para enfeitar a igreja e as ruas, de tal forma que a terrível pobreza da cidadezinha de Montelepre se desvanecia e o lugar parecia subitamente com alguma cidadela medieval no meio de campos dourados. Um teatro de marionetes era contratado. Vendedores de comidas armavam suas barracas.

As famílias de Montelepre aproveitavam a Festa para apresentar suas filhas em idade de casar; roupas novas eram compradas, acompanhantes instruídas. Um bando de prostitutas de Palermo erguia uma enorme barraca nos arredores da cidade, suas licenças e certificados médicos adornando a lona listrada, em vermelho, branco e verde. Um famoso frade santo, que anos antes desenvolvera estigmas, era contratado

para fazer o sermão formal. E finalmente, no terceiro dia, o andor do santo era carregado pelas ruas, seguido por todos os habitantes, com suas mulas, cavalos, porcos e burros. Por cima do andor seguia a efígie do santo, cercada por dinheiro, flores, doces das cores mais variadas e garrafas de vinho embainhadas em tiras de bambu.

Aqueles poucos dias eram de glória. Não importava que pelo resto do ano eles passassem fome e que, na mesma praça da aldeia em que homenageavam o santo, vendessem o suor de seus corpos aos barões da terra por 100 liras ao dia.

No primeiro dia da Festa de Montelepre, Turi Giuliano foi designado para participar da abertura ritual, o acasalamento da Mula Milagrosa de Montelepre com o maior e mais forte burro da cidade. É raro que uma mula possa conceber. São consideradas animais estéreis, produtos da união entre uma égua e um burro. Mas havia uma mula assim em Montelepre; gerara um burro dois anos antes e seu dono concordara que era dever de sua família partilhá-la com a Festa da cidade, oferecendo os serviços da mula; se o milagre tornasse a ocorrer, a cria também participaria da Festa no ano seguinte. Havia naquela cerimônia em particular uma zombaria sardônica.

Mas o acasalamento ritualista era apenas em parte uma zombaria. O camponês siciliano possuía uma intensa afinidade com sua mula e seu burro. São animais trabalhadores e, como o próprio camponês, de naturezas obstinadas e azedas. Como o camponês, podiam trabalhar por muitas e muitas horas sem desfalecer, ao contrário do cavalo de nobreza superior, que precisava ser mimado. Além disso, tinham um andar seguro e podiam circular pelas trilhas nas encostas sem cair e quebrar uma perna, ao contrário dos impetuosos garanhões ou das éguas ariscas. Não era só isso: o camponês, o burro e a mula podiam subsistir e vicejar com alimentos que matariam outros homens e animais. Mas a maior afinidade era a seguinte: camponês, burro e mula tinham de ser tratados com afeição e respeito, caso contrário se tornavam vingativos e obstinados.

Os festivais religiosos católicos derivavam dos antigos rituais pagãos em que se suplicavam milagres aos deuses. Naquele dia fatídico, em setembro de 1943, durante a Festa da cidadezinha de Montelepre, ocorreria um milagre que mudaria o destino de seus sete mil habitantes.

Turi Giuliano, aos 20 anos de idade, era considerado o mais bravo, o mais honrado e o mais forte, o jovem que inspirava mais respeito. Era um homem de honra. Ou seja, um homem que tratava os seus semelhantes com uma justiça escrupulosa e a quem não se podia insultar impunemente.

Ele se distinguira na última colheita ao se recusar a ser contratado como trabalhador pelos salários insultuosos fixados pelo capataz das propriedades locais. E fizera um discurso aos outros homens, exortando-os a não trabalharem, a deixarem a colheita apodrecer. Os *carabinieri* prenderam-no por acusações apresentadas pelo Barão. Os outros homens voltaram ao trabalho. Giuliano não demonstrara qualquer ressentimento contra esses homens ou mesmo contra os *carabinieri*. Ao sair da prisão, graças à intervenção de Hector Adonis, não desenvolvera qualquer rancor. Defendera os seus princípios e isso era suficiente para ele.

Em outra ocasião, ele interrompera uma briga a faca entre Aspanu Pisciotta e outro jovem pelo simples expediente de interpor seu corpo desarmado entre os dois e argumentar jovialmente, dissipando a raiva que sentiam.

O mais extraordinário era que essas ações, em outra pessoa, seriam encaradas como sinal de covardia, disfarçadas em sentimentos humanitários. Mas havia alguma coisa em Giuliano que impedia essa interpretação.

Naquele segundo dia de setembro, Salvatore Giuliano, chamado de Turi pelos amigos e a família, estava remoendo o que fora para ele um golpe devastador contra o seu orgulho masculino.

Era apenas uma coisa pequena. A cidade de Montelepre não tinha cinema e não possuía um salão comunitário; mas havia um pequeno café, com uma mesa de sinuca. Na noite anterior, Turi Giuliano, seu primo Gaspare “Aspanu” Pisciotta e uns outros rapazes lá estavam a jogar sinuca. Alguns dos homens mais velhos da cidade observavam-nos, enquanto tomavam vinho. Um dos homens, chamado Guido Quintana, estava ligeiramente embriagado. Era um homem de reputação. Fora preso por Mussolini, como suspeito de pertencer à Máfia. A conquista americana da ilha resultara em sua libertação como uma vítima do fascismo. Corria o rumor de que ele seria nomeado para prefeito de Montelepre.

Como qualquer outro siciliano, Turi Giuliano conhecia o legendário poder da Máfia. Naqueles últimos meses de liberdade, sua cabeça de serpente começara a se espalhar pela terra, como se fertilizada pelo novo governo democrático. Já se sussurrava na cidade que os comerciantes estavam pagando "seguro" a determinados "homens de respeito". E é claro que Giuliano conhecia a história, os incontáveis assassinatos de camponeses que tentavam receber seus salários de nobres e latifundiários poderosos, como a Máfia controlara firmemente a ilha, antes de Mussolini dizimá-la, com seu próprio desrespeito aos procedimentos legais, como uma serpente ainda mais letal, mordendo um réptil menos poderoso com suas presas venenosas. Assim, Turi Giuliano podia pressentir o terror que se estendia pela frente.

Quintana agora olhava para Giuliano e seus companheiros com uma expressão ligeiramente desdenhosa. Talvez fosse a animação dos rapazes que o irritava. Afinal, ele era um homem sério, prestes a se lançar num momento essencial de sua vida. Exilado pelo governo de Mussolini para uma ilha deserta, estava agora de volta à sua cidade natal. Seu objetivo, nos primeiros meses, era impor respeito aos habitantes.

Ou talvez fosse a beleza de Giuliano que o irritava, pois Guido Quintana era um homem extremamente feio. Sua aparência era intimidadora não por qualquer feição específica, mas por um hábito vitalício de apresentar uma fachada formidável ao mundo exterior. Ou talvez fosse o antagonismo natural de um vilão nato contra um herói nato.

Seja como for, ele levantou-se abruptamente, bem a tempo de dar um esbarrão em Giuliano, que se encaminhava para o outro lado da mesa de sinuca. Turi, naturalmente cortês com um homem muito mais velho, pediu desculpas, de maneira gentil e sincera. Guido Quintana fitou-o de alto a baixo, com evidente desdém. E disse:

— Por que não está em casa dormindo e descansando para ganhar seu pão amanhã? Meus amigos estão esperando há uma hora para jogar sinuca.

Ele se inclinou e tirou o taco da mão de Giuliano, sorrindo ligeiramente e afastando-o da mesa. Todos observavam. O insulto não era mortal. Se o homem fosse mais jovem ou o insulto mais violento, Giuliano o obrigaria a brigar, mantendo assim a sua reputação de virilidade. Aspanu

Pisciotta sempre andava armado com uma faca e agora se postou de modo a interceptar os amigos de Quintana, se eles por acaso resolvessem interferir. Pisciotta não tinha o menor respeito pelas pessoas mais velhas e esperava que seu amigo e primo levasse a querela até o fim.

Mas, no momento, Giuliano sentiu uma estranha apreensão. O homem parecia ameaçador e pronto para as mais sérias consequências de qualquer briga. Os companheiros por trás, também homens mais velhos, sorriam divertidos, como se não tivessem qualquer dúvida sobre o resultado. Um deles usava um traje de caça e portava um rifle. Giuliano estava desarmado. E por um momento vergonhoso, ele sentiu medo. Não medo de ser ferido, de ser agredido, de descobrir que aquele homem era o mais forte dos dois. Foi o medo de ser envergonhado. Aqueles homens sabiam o que estavam fazendo, que tinham a situação sob controle. O que já não acontecia com ele. Eles podiam fuzilá-lo nas ruas escuras de Montelepre, quando voltasse para casa. E o dia seguinte ele seria um idiota morto. Foi o senso tático inato do guerrilheiro nato que o fez recuar.

Por isso, Turi Giuliano pegou o amigo pelo braço e levou-o para fora do café. Pisciotta acompanhou-o sem qualquer resistência, surpreso pelo fato do amigo ter cedido tão facilmente, mas nunca desconfiando do medo. Ele sabia que Turi tinha bom coração e presumiu que não quisera brigar e machucar outro homem por causa de uma coisa tão insignificante. Enquanto subiam a Via Bella, a caminho de suas casas, eles podiam ouvir lá atrás o barulho das bolas de sinuca.

Turi Giuliano não conseguiu dormir durante toda aquela noite. Sentira realmente medo do homem de cara maligna e corpo ameaçador? Tremera como uma mulher? Estariam todos rindo dele? O que pensava dele agora seu melhor amigo e primo, Aspanu? Que ele era um covarde? Que ele, Turi Giuliano, o líder da juventude de Montelepre, o mais respeitado, reconhecido por todos como o mais forte e o mais destemido, se vergara à primeira ameaça de um homem de verdade? E, no entanto, ele disse a si mesmo: por que correr o risco e uma *vendetta* que pode levar à morte por causa de uma coisa tão insignificante como uma partida de sinuca, a grosseria irascível de um homem mais velho? Não seria como uma briga com outro jovem. Ele compreendera que uma briga assim poderia ser muito séria. Pois sabia que aqueles homens estavam com os Amigos dos Amigos e isso o fizera sentir medo.

Giuliano dormiu mal e levantou-se com aquele mau humor tão perigoso nos adolescentes. Tinha a sensação de ser ridículo. Sempre desejara ser um herói, como a maioria dos jovens. Se vivesse em qualquer outra parte da Itália já teria se tornado um soldado há muito tempo. Mas, como um verdadeiro siciliano, ele não se alistara voluntariamente; e seu padrinho, Hector Adonis, tomara determinadas providências para que ele não fosse convocado. Afinal, embora a Itália dominasse a Sicília, nenhum verdadeiro siciliano sentia-se um italiano. E depois, diga-se a bem da verdade, o próprio governo italiano não estava muito ansioso em recrutar sicilianos, especialmente no último ano da guerra. Os sicilianos tinham muitos parentes na América, os sicilianos eram criminosos e renegados natos, os sicilianos eram estúpidos demais para serem treinados na guerra moderna e causavam problemas em todos os lugares a que iam.

Na rua, Turi Giuliano sentiu que seu mau humor se desvanecia, com a pura beleza do dia. O sol dourado estava glorioso, a fragrância de limoeiros e oliveiras impregnava o ar. Ele amava a cidade de Montelepre, suas ruas sinuosas, as casas de pedra com suas sacadas engalanadas com flores que cresciam na Sicília sem o menor estímulo. Adorava os telhados de telhas vermelhas que se estendiam até a extremidade da cidade, enterrada no vale profundo, sobre a qual o sol se despejava como ouro líquido.

Tudo estava pronto para a Festa. Havia pelas ruas um labirinto aéreo de coloridos santos de *papier-maché*, as casas estavam enfeitadas com bambus floridos, disfarçando a pobreza essencial do que era uma típica cidadezinha siciliana. Empoleirada lá no alto, mas escondendo-se timidamente nos vincos das montanhas ao redor, suas casas adornadas eram ocupadas por homens, mulheres, crianças e animais. Muitas casas não tinham instalações sanitárias e nem mesmo os milhares de flores e o ar frio da montanha podiam predominar sobre o mau cheiro que se levantava com o sol.

Com o tempo bom, as pessoas viviam fora de suas casas. As mulheres sentavam-se em cadeiras de pau nos terraços calçados com pedras, preparando a comida para suas mesas, também postas fora de casa. As crianças pequenas enchiam as ruas, perseguindo galinhas, perus, cabritos; as mais velhas entrelaçavam cestas de junco. Ao final da Via Bella, antes que desembocasse na praça, havia uma enorme fonte, de cara

de demônio, construída pelos gregos dois mil anos antes, a água se despejando da boca de dentes de pedra. Ao longo das montanhas ao redor havia plantações precárias, em platôs. Nas planícies abaixo ficavam as cidades visíveis de Partinico e Castellammare; a sinistra cidade de pedras escuras de Corleone espreitava ameaçadoramente além do horizonte.

Na outra extremidade da Via Bella, o lado que dava para a estrada que levava à planície de Castellammare, Turi divisou Aspanu Pisciotta, puxando um pequeno burro. Por um momento, ele ficou preocupado com a maneira pela qual Aspanu o trataria, depois de sua humilhação na noite anterior. O amigo era conhecido por seu sarcasmo. Aspanu faria algum comentário desdenhoso? Giuliano sentiu novamente o ímpeto de raiva impotente e jurou que nunca mais estaria tão despreparado. Não haveria qualquer consideração pelas consequências, ele mostraria a todos que não era covarde. Mas num canto de sua mente ele reviu a cena, com absoluta nitidez. Os amigos de Quintana, esperando por trás, um deles armado com um rifle de caça. Eram Amigos dos Amigos e se vingariam. Ele não os temia, receava apenas ser derrotado, o que parecia inevitável. Eles podiam não ser tão fortes, mas eram mais cruéis. Aspanu Pisciotta exibia o seu sorriso jovial e malicioso ao dizer:

— Turi, este pequeno burro não conseguirá nada sozinho. Teremos de ajudá-lo.

Giuliano não se deu ao trabalho de responder. Sentia-se aliviado por constatar que o amigo esquecera o incidente da noite anterior. Sempre comovia seu coração que Aspanu, invariavelmente cáustico e implacável com os defeitos dos outros, só o tratasse com a mais profunda afeição e respeito. Encaminharam-se juntos para a praça, com o burro atrás. Crianças corriam em torno deles, por trás e na frente. As crianças sabiam o que estava para acontecer com o burro e sentiam o maior excitamento. Seria para elas uma tremenda alegria, um evento emocionante no dia de verão geralmente monótono.

Uma pequena plataforma, com um metro de altura, estava armada na praça. Era formada por grandes blocos de pedra cortados das montanhas ao redor. Turi Giuliano e Aspanu Pisciotta puxaram o burro pela rampa de terra para a plataforma. Usaram uma corda para prender a cabeça do burro a uma curta barra de ferro vertical. O burro se sentou. Havia um tufo de

pelos brancos sobre os olhos e o focinho, o que lhe dava a aparência de um palhaço. As crianças se concentraram em torno da plataforma, rindo e escarnecendo. Um dos meninos gritou:

— Qual deles é o burro?

Todas as crianças caíram na gargalhada. Turi Giuliano, sem saber que aquele era o seu último dia como um rapaz de aldeia desconhecido, contemplou a cena com o doce contentamento possessivo de um homem situado exatamente onde deveria estar. Encontrava-se no pequeno canto da terra em que nascera e passara a sua vida. O mundo exterior nunca poderia lhe causar qualquer mal. Até mesmo a humilhação da noite anterior já desaparecera. Conhecia aquelas montanhas de calcário tão intimamente quanto uma criancinha conhece a sua caixa de areia. Aquelas montanhas desprendiam blocos de pedra tão facilmente quanto faziam crescer a relva. Havia cavernas e esconderijos que poderiam abrigar um exército. Turi Giuliano conhecia cada casa, cada fazenda, cada trabalhador, todos os castelos em ruínas deixados pelos normandos e mouros, as estruturas em deterioração de lindos templos deixados pelos gregos.

Por outra entrada da praça apareceu um camponês puxando a Mula Milagrosa. Aquele era o homem que os empregara para o trabalho da manhã. Seu nome era Papera e merecia todo o respeito dos cidadãos de Montelepre, por ter desfechado uma vendetta bem-sucedida contra um vizinho. Haviam discutido por causa de um pequeno pedaço de terra adjacente, onde havia um bosque de oliveiras. A briga se prolongara por 10 anos, mais tempo do que todas as guerras que Mussolini impingira à Itália. Uma noite, pouco depois dos exércitos aliados terem libertado a Sicília e instalado um governo democrático, o vizinho fora encontrado quase cortado ao meio pelo disparo de uma lupara, a espingarda de cano serrado tão popular na Sicília para essas coisas. As suspeitas recaíram imediatamente em Papera. Mas, convenientemente, ele se deixara ser preso numa briga com os *carabinieri* e passara a noite do assassinato seguramente numa cela na prisão do Quartel Bellampo. Correra o rumor de que era o primeiro sinal de que a velha Máfia renascera, que Papera — aparentado de Guido Quintana pelo casamento — recrutara os Amigos dos Amigos para ajudá-lo a resolver a questão.

Enquanto Papera conduzia a mula à plataforma, as crianças enxamearam ao redor. Papera teve de dispersá-las com algumas imprecações brandas e acenos casuais do chicote que tinha na mão. As crianças escapavam ao chicote facilmente, enquanto Papera o fazia estalar por cima de suas cabeças, com um sorriso divertido.

Farejando a cabeça da mula lá embaixo, o burro de cara branca tentou se livrar da corda que o prendia à plataforma. Turi e Aspanu levantaram-no, sob as aclamações das crianças. Enquanto isso, Papera estava manobrando a mula, a fim de colocá-la com a garupa virada para a beira da plataforma.

A esta altura, Frisella, o barbeiro, saiu de sua loja para se juntar à diversão. Por trás dele vinha o Maresciallo, pomposo e importante, esfregando o rosto liso e avermelhado. Era o único homem em Montelepre que se barbeava todos os dias. Mesmo na plataforma, Giuliano pôde sentir a colônia forte com que o barbeiro o borrifara.

O Maresciallo Roccofino lançou um olhar profissional sobre a multidão que se acumulara na praça. Como o comandante do destacamento local da Polícia Nacional, que contava com um efetivo de doze homens, ele era responsável pela lei e a ordem na cidade. A Festa sempre fora um período difícil e ele já ordenara que uma patrulha de quatro homens ficasse de plantão na praça. Mas os homens ainda não haviam chegado. Ele também olhou sombriamente para o benfeitor da cidade, Papera, com sua mula milagrosa. Tinha certeza absoluta de que fora Papera quem ordenara o assassinato do vizinho. Aqueles selvagens sicilianos eram rápidos em aproveitar suas sagradas liberdades. Todos ainda haveriam de lamentar a perda de Mussolini, refletiu o Maresciallo, sinistramente. Em comparação com os Amigos dos Amigos, o ditador seria lembrado como outro gentil São Francisco de Assis.

Frisella, o barbeiro, era o bufão de Montelepre. Homens ociosos, que não conseguiam encontrar trabalho, reuniam-se em sua barbearia para ouvir as piadas e os boatos que ele contava. Era um desses barbeiros que servia a si mesmo melhor do que aos fregueses. O bigode estava impecavelmente aparado, os cabelos perfeitamente penteados e a gomalina espalhada de maneira uniforme. Mas ele tinha a cara de um palhaço nos espetáculos de marionetes. Nariz bulboso, uma boca larga que pendia

aberta como um portão e uma mandíbula inferior que não tinha queixo. E ele gritou agora:

— Turi, leve os seus animais para a minha loja e eu lhes passarei perfume. Seu burro pensará que está fazendo amor com uma duquesa.

Turi ignorou-o. Frisella cortara seus cabelos quando ele era pequeno, tão mal que a mãe passara a se encarregar da tarefa dali por diante. Mas o pai ainda frequentava a barbearia para ouvir os últimos boatos da cidade e contar as suas próprias histórias a respeito da América para ouvintes embasbacados. Turi Giuliano não gostava do barbeiro, pois Frisella fora um fascista empedernido e agora se dizia que merecia a confiança dos Amigos dos Amigos.

O Maresciallo acendeu um cigarro e subiu pela Via Bella, nem mesmo prestando qualquer atenção a Giuliano — um equívoco que iria lamentar nas semanas subsequentes.

O burro estava agora tentando pular da plataforma. Giuliano deixou a corda afrouxar, a fim de que Pisciotta pudesse levar o animal para a beira e postá-lo por cima do lugar em que estava parada a Mula Milagrosa. A garupa da mula se elevava um pouco acima da beira da plataforma. Giuliano deixou a corda afrouxar um pouco mais. A mula soltou um bufido, suspendendo a traseira, ao mesmo tempo em que o burro se projetava para baixo. O burro agarrou as ancas da mula com as patas dianteiras, deu uns poucos arrancos convulsivos e depois ficou suspenso no ar, com uma expressão cômica de felicidade na cara manchada de branco. Papera e Pisciotta estavam rindo, enquanto Giuliano puxava brutalmente a corda, trazendo o burro inerte de volta à barra de ferro. A multidão aclamou e gritou bênçãos. As crianças já começavam a se espalhar pelas ruas, à procura de outras diversões. Papera, ainda rindo, comentou:

— Ah, se todos pudéssemos viver como burros... que vida!

Ao que Pisciotta respondeu, desrespeitosamente:

— Signor Papera, deixe-me carregar suas costas com bambu e cestos de azeitonas, espancá-lo para subir pelas estradas das montanhas, durante oito horas, todos os dias. Essa é a vida de um burro.

O fazendeiro amarrou a cara. Percebera na censura irônica que estava lhes pagando muito pouco por aquele trabalho. Ele jamais gostara de Pisciotta e fora a Giuliano que entregara o trabalho. Todos em Montelepre gostavam de Turi. Mas Pisciotta era diferente. Sua língua era muito ferina e o comportamento muito lânguido. Um preguiçoso. O fato de que tinha o peito fraco não era desculpa. Ele ainda podia fumar cigarros, cortejar as moças fáceis de Palermo e vestir-se como um dândi. E ainda ostentava aquele bigodinho atrevido, ao estilo francês. Podia muito bem tossir até a morte e ir para o inferno com seu peito fraco, pensou Papera. Ele deu-lhes 200 liras, pelo que Giuliano agradeceu cortesmente. Depois, puxando a sua mula, Papera pegou a estrada, voltando à sua fazenda. Os dois jovens desamarraram o burro e o levaram de volta à casa de Giuliano. O trabalho do burro apenas começara; ele tinha uma tarefa muito menos agradável pela frente.

A mãe de Giuliano tinha preparado o almoço mais cedo para os dois rapazes. As duas irmãs de Turi, Mariannina e Giuseppina, ajudavam a mãe a fazer massa para o jantar. Ovos e farinha de trigo eram misturados numa imensa montanha, numa tábua envernizada com goma-laca, vigorosamente amassados. Depois, com uma faca, cortou-se o sinal-da-cruz na massa, a fim de santificá-la. Em seguida, Mariannina e Giuseppina cortaram tiras de massa e enrolaram em torno de uma haste de sisal, que tiraram depois, deixando um buraco no centro do tubo. Imensas tigelas com azeitonas e uvas decoravam a cozinha.

O pai de Turi estava trabalhando nos campos. Seria um dia de trabalho mais curto, a fim de que pudesse participar da Festa à tarde. Mariannina ficaria noiva no dia seguinte e haveria uma festa especial na casa dos Giulianos.

Turi sempre fora o filho mais amado de Maria Lombardo Giuliano. As irmãs lembravam-se dele como um bebê sendo banhado todos os dias pela mãe. A bacia de estanho era cuidadosamente esquentada junto ao fogão, a mãe testava a temperatura da água com o cotovelo, usava o sabonete especial trazido de Palermo. As irmãs haviam-se mostrado ciumentas a princípio, depois fascinadas pela ternura com que a mãe lavava o menino nu. Ele jamais chorava quando era bebê, estava sempre gorgulhando de riso, enquanto a mãe lhe cantarolava e declarava que seu corpo era perfeito. Era o mais jovem da família, mas cresceu para se

tornar o mais vigoroso. E sempre fora um pouco estranho para os outros. Lia livros e falava sobre política. É claro que sempre se comentava que sua altura e físico formidável provinham do tempo que passara no ventre na América. Mas todos o amavam também, por causa de sua gentileza e altruísmo.

Naquela manhã, as mulheres estavam preocupadas com Turi e observavam-no com uma impaciência amorosa, enquanto ele comia pão e queijo de leite de cabra, um prato de azeitonas, enquanto tomava o café feito de chicória. Assim que terminassem a refeição, ele e Aspanu levariam o burro até Corleone e contrabandeariam de volta uma enorme roda de queijo, algum presunto e salame. Turi perderia um dia da Festa para fazer isso, só para agradar a mãe e converter num sucesso a festa de noivado da irmã. Parte das mercadorias seria vendida à vista no mercado negro, o dinheiro indo para os fundos da família.

Aquelas três mulheres adoravam ver os dois rapazes juntos. Eram amigos desde pequenos, mais íntimos do que irmãos, apesar de serem tão diferentes. Aspanu Pisciotta, com sua cor morena, o bigodinho de artista de cinema, a extraordinária mobilidade do rosto, os olhos escuros brilhantes e cabelos pretos sobre o crânio pequeno, sempre espirituoso, invariavelmente encantava as mulheres. E, no entanto, de alguma forma curiosa, toda essa exuberância era ofuscada pela suave beleza grega de Turi Giuliano. Ele possuía uma estrutura maciça, como as antigas estátuas gregas espalhadas por toda a Sicília. E sua tonalidade era de um castanho claro — os cabelos, a pele meio dourada. Ele sempre se mantinha muito quieto, mas quando se movia era com uma rapidez surpreendente. Os olhos constituíam a sua característica dominante. Eram de um castanho dourado e desviados para outro lado, pareciam comuns. Porém, ao olhar diretamente para uma pessoa, as pálpebras parcialmente abaixadas, como as que são esculpidas nas estátuas, o rosto inteiro assumia uma extraordinária serenidade, como se fosse uma máscara.

Enquanto Pisciotta mantinha Maria Lombardo divertida com comentários engraçados, Turi Giuliano subiu para o seu quarto, a fim de preparar-se para a viagem que estava prestes a fazer. Ele foi, especificamente, buscar a pistola que escondia ali. Lembrando da humilhação da noite anterior, ele estava determinado a seguir armado para

o trabalho que tinha a realizar. Sabia como atirar, pois o pai o levava para caçar com frequência.

Na cozinha, a mãe esperava sozinha para despedir-se dele. Abraçou-o e sentiu a pistola que ele tinha na cintura.

— Tome cuidado, Turi — disse ela, alarmada. — Não discuta com os *carabinieri*. Se eles o detiverem, entregue tudo.

Giuliano tranquilizou-a:

— Eles podem levar as mercadorias, mas não deixarei que me batam ou me levem para a prisão.

Ela podia compreender. Em seu intenso orgulho siciliano, orgulhou-se do filho. Muitos anos antes, seu próprio orgulho, a raiva contra a pobreza, levara-a a persuadir o marido a tentar uma vida nova na América. Ela se tornara uma sonhadora, acreditara em justiça e no seu lugar de direito no mundo. Poupara uma fortuna na América e aquele mesmo orgulho a fizera decidir voltar à Sicília, a fim de viver como uma rainha. E depois tudo desmoronara. A lira perdera totalmente o valor durante a guerra e ela ficara pobre outra vez. Resignara-se a seu destino, mas acalentava esperanças para os filhos. E sentia-se feliz quando Turi demonstrava o mesmo espírito que a dominara. Mas temia o dia em que ele teria de entrar em conflito com as duras realidades da vida na Sicília.

Ela o viu afastar-se pela Via Bella calçada de pedras, indo ao encontro de Aspanu Pisciotta. Seu filho Turi andava como um enorme gato, peito muito largo, braços e pernas musculosos, a tal ponto que fazia Aspanu parecer não mais que um talo de sisal. Aspanu possuía a astúcia dura de que seu filho carecia, a crueldade em sua coragem. Aspanu protegeria Turi contra o mundo traiçoeiro em que todos tinham de viver. E ela sentia uma fraqueza pela beleza de pele azeitona da de Aspanu, embora soubesse que o filho era mais bonito.

Ela observou-os subirem pela Via Bella, até o ponto em que deixava a cidade e descia para a planície de Castellammare. Seu filho, Turi Giuliano, e o filho de sua irmã, Gaspare Pisciotta. Dois rapazes que mal haviam completado vinte anos e pareciam mais jovens do que sua idade. Ela amava a ambos e temia por ambos. Finalmente, os dois jovens e o burro desapareceram numa lombada da rua. Mas Maria Lombardo

continuou a observar, até que eles reapareceram, muito acima da cidade de Montelepre, entrando na cordilheira de montanhas que cercava a cidade. Maria Lombardo Giuliano continuou a olhar, como se nunca mais fosse vê-los, até que eles sumiram na neblina do final da manhã que envolvia o topo da montanha. Eles estavam desaparecendo para o início de seu mito.

CAPÍTULO 4

Na Sicília, naquele mês de setembro de 1943, as pessoas só podiam subsistir pelo comércio no mercado negro. O racionamento rigoroso dos alimentos imposto pela guerra ainda prevalecia e os fazendeiros eram obrigados a entregar toda a sua produção aos depósitos do governo central, a preços fixos e por dinheiro de papel que não tinha quase valor. Por sua vez, o governo deveria vender e distribuir esses alimentos ao povo, a preços baixos. Por esse sistema, todos receberiam o suficiente para permanecerem vivos. Na realidade, porém, os fazendeiros escondiam tudo o que podiam, pois o que entregavam aos armazéns do governo era apropriado por Don Croce e seus prefeitos, a fim de ser vendido no mercado negro. Com isso, as pessoas tinham de comprar no mercado negro e violar as leis de contrabando simplesmente para sobreviver. Se fossem apanhadas fazendo isso, eram processadas e mandadas para a cadeia. De que adiantava o estabelecimento de um governo democrático em Roma? Eles podiam votar, mas passavam fome.

Turi Giuliano e Aspanu Pisciotta, com a maior alegria, estavam no processo de violar as leis. Era Pisciotta quem tinha todos os contatos no mercado negro e combinara a transação. Contratara com um fazendeiro o contrabando de uma enorme roda de queijo do interior para um negociante do mercado negro de Montelepre. Receberiam por esse serviço quatro presuntos defumados e uma cesta de salsicha, o que faria com que a festa de noivado da irmã fosse uma grande celebração. Estavam violando duas leis — a que proibia qualquer transação no mercado negro e a que vedava o contrabando de alimentos de uma província da Itália para outra. Não havia muito que as autoridades pudessem fazer para impor as leis do mercado negro; teriam de pôr na cadeia todos os habitantes da Sicília. Mas o contrabando era diferente. Patrulhas da Polícia Nacional, os *carabinieri*, circulavam pelos campos, armavam bloqueios nas estradas, pagavam informantes. É claro que não podiam interferir com os comboios de Don Croce Malo, que usava caminhões do exército americano e passes militares especiais emitidos pelo governo. Mas podiam capturar muitos dos pequenos fazendeiros e aldeões famintos.

Giuliano e Pisciotta levaram quatro horas para chegar à fazenda. Pegaram o enorme queijo branco granulado e as outras mercadorias, prenderam no lombo do burro. Aprontaram uma camuflagem de relva de sisal e talos de bambu, a fim de dar a impressão de que levavam apenas forragem para o gado que era acomodado nas casas de muitos aldeões. Tinham a negligência e a confiança da juventude, de crianças mesmo, que escondiam tesouros dos pais, como se a intenção de enganar fosse suficiente. A confiança provinha do conhecimento de que poderiam encontrar trilhas secretas pelas montanhas.

Ao partirem para a longa viagem de volta, Giuliano mandou Pisciotta se adiantar, fazendo um reconhecimento da presença de *carabinieri*. Combinaram um código de assovios para dar o alerta sobre qualquer perigo. O burro carregava os queijos com facilidade e se comportava docilmente — recebera a sua recompensa antes da partida. Viajaram por duas horas, subindo devagar, antes que houvesse qualquer sinal de perigo. Foi então que Giuliano avistou, por trás deles, talvez a cinco quilômetros de distância, seguindo pela mesma trilha, um comboio de seis mulas e um homem a cavalo. Se a trilha era conhecida por outros no mercado negro, podia perfeitamente ter sido marcada pela polícia para um bloqueio. Por uma questão de cautela, ele despachou Pisciotta para fazer um reconhecimento bem à frente.

Só uma hora depois é que ele alcançou Aspanu, sentado numa enorme pedra, fumando um cigarro e tossindo. Aspanu estava muito pálido; não deveria fumar assim. Turi Giuliano sentou-se ao seu lado, a fim de descansar. Um dos vínculos mais fortes que os unira desde a infância era o fato de que nunca tentavam mandar um no outro, em qualquer coisa. Por isso, Turi não disse nada. Aspanu finalmente apagou o cigarro e guardou a guimba no bolso. Recomeçaram a andar, Giuliano segurando a rédea do burro, Aspanu caminhando por trás.

Viajavam por uma trilha nas montanhas que contornava as estradas e as pequenas aldeias, mas às vezes deparavam com uma antiga cisterna grega, a água esguichando através da boca de uma estátua quebrada e se esfarelando, ou com as ruínas de um castelo normando, que muitos séculos antes barrara aquele caminho aos invasores. Turi Giuliano sonhou novamente com o passado da Sicília e o seu próprio futuro. Pensou no padrinho, Hector Adonis, que prometera vir depois da Festa e preparar o

seu pedido de matrícula na Universidade de Palermo. E, ao pensar no padrinho, experimentou uma tristeza momentânea. Hector Adonis jamais comparecia às Festas; os homens embriagados escarneciam de sua baixa estatura, era insultado pelas crianças, algumas mais altas do que ele. Turi especulou sobre a atitude de Deus ao frustrar o crescimento do corpo de um homem e encher seu cérebro de conhecimento. Pois Turi considerava Hector Adonis o homem mais inteligente do mundo e o amava pela bondade com que o tratava e a seus pais.

Turi pensou no pai, trabalhando tão arduamente em sua pequena propriedade, pensou nas irmãs, com suas roupas surradas e puídas. Era uma sorte que Mariannina fosse tão bonita e conseguisse conquistar um marido, apesar de sua pobreza e dos tempos difíceis. Mas, acima de tudo, ele se angustiava pela mãe, Maria Lombardo. Mesmo criança, ele reconhecera a amargura da mãe, a infelicidade. Ela saboreara os ricos frutos da América e não podia mais ser feliz nas cidadezinhas dominadas pela pobreza da Sicília. O pai contava às vezes histórias daqueles dias gloriosos e a mãe desatava em lágrimas.

Mas ele mudaria a sorte de sua família, refletiu Turi Giuliano. Trabalharia arduamente e estudaria com afinco, haveria de se tornar um grande homem, como seu padrinho.

Subitamente, eles estavam passando por um capão, uma pequena floresta, uma das poucas que restavam naquela parte da Sicília, onde agora pareciam brotar apenas as enormes pedras brancas e as pedreiras de mármore. Começariam a descer para Montelepre no outro lado da montanha. Teriam então de tomar todo cuidado, permanecer atentos às patrulhas dos *carabinieri*. Mas era bom ter alguma cautela ali também, quando se aproximavam de Quattro Molini, os Quatro Moinhos. Giuliano puxou a rédea do burro e fez um sinal para Aspanu parar. Ficaram muito quietos. Não se ouvia qualquer som estranho, apenas o zumbido incessante dos incontáveis insetos que enxameavam sobre o chão, como se fosse uma serra distante. Eles se adiantaram, atravessaram as encruzilhadas e depois desapareceram em outra floresta, são e salvos. Turi Giuliano recomeçou a sonhar.

As árvores se abriram subitamente, como se tivessem sido empurradas para trás. Eles entraram numa pequena clareira, com um chão

irregular de pedras pequenas, talos de bambu e uma relva escassa. O sol de fim de tarde caía longe deles, parecia pálido e frio por cima das montanhas. Além daquela clareira, a trilha começaria a descer, numa espiral longa e sinuosa, até a cidade de Montelepre. Abruptamente, Giuliano emergiu de seus sonhos. Um clarão repentino, como o riscar de um fósforo, ofuscou seu olho esquerdo. Ele obrigou o burro a parar e levantou a mão para Aspanu.

A apenas trinta metros de distância, homens estranhos saíram de trás de um bambuzal. Eram três e Turi Giuliano percebeu no mesmo instante os quepes militares pretos, os uniformes pretos com filetes brancos. Ele experimentou um tolo e angustiado sentimento de desespero, de vergonha, por ter sido apanhado. Os três homens se espalharam enquanto avançavam, as armas de prontidão. Dois eram muito jovens, os rostos com um brilho avermelhado, os quepes militares inclinados quase comicamente para trás de suas cabeças. Pareciam cautelosos, embora exultantes, enquanto apontavam suas armas.

O *carabinieri* no meio era o mais velho e estava armado com um rifle. O rosto era bexiguento, todo marcado, o quepe estava puxado sobre os olhos. Tinha as divisas de sargento na manga. O clarão que Giuliano vira fora um raio de sol refletido no cano de aço do rifle. Aquele homem sorria, ameaçadoramente, apontando o rifle firmemente para o peito de Giuliano. O desespero de Giuliano transformou-se em raiva por aquele sorriso.

O sargento com o rifle aproximou-se, seus dois companheiros também chegando mais perto, pelos lados. Os dois jovens *carabinieri* com suas pistolas não precisavam ser tão temidos; aproximavam-se descuidadamente do burro, sem darem muita importância aos prisioneiros. Gesticularam para que Giuliano e Pisciotta se afastassem do burro. Um deles guardou a pistola no coldre e pôs-se a remover a camuflagem do lombo do burro. Ao ver as mercadorias, deixou escapar um assovio de satisfação gananciosa. Não notou que Aspanu se aproximava dele lentamente. Mas o sargento com o rifle notou. E gritou:

— Você de bigode! Afaste-se!

Aspanu recuou para junto de Turi Giuliano. O sargento adiantou-se mais um pouco. Giuliano observava-o atentamente. O rosto bexiguento

parecia cansado, mas os olhos brilhavam quando ele disse:

— Muito bem, rapazes, este é um belo pedaço de queijo. Podemos usá-lo em nosso quartel, para acompanhar o macarrão. Basta nos dizerem quem foi o fazendeiro que lhes deu o queijo e deixaremos que voltem com o burro para sua casa.

Giuliano e Pisciotta não responderam. O sargento ficou esperando. E os dois continuaram em silêncio. Por fim, depois de um longo tempo, Giuliano disse, suavemente:

— Tenho mil liras como um presente, se nos deixarem ir embora.

— Pode limpar o rabo com as liras — disse o sargento. — E agora me entreguem os seus documentos de identidade. Se não estiverem em ordem, farei vocês cagarem e limparem o rabo com eles também.

A insolência das palavras, a insolência daqueles uniformes pretos, despertou uma fúria gelada em Giuliano. Ele compreendeu nesse instante que nunca deixaria que o prendessem, nunca permitiria que aqueles homens lhe roubassem a comida de sua família.

Turi Giuliano tirou seu cartão de identidade do bolso e começou a se aproximar do sargento. Esperava se colocar sob o arco do rifle apontado. Sabia que sua coordenação física era muito mais rápida que a da maioria dos homens, estava disposto a apostar nisso. Mas o rifle gesticulou para que ele recuasse. E o sargento disse:

— Jogue no chão.

Giuliano obedeceu. Pisciotta, cinco passos à esquerda de Giuliano e sabendo o que seu amigo pensava, sabendo que ele carregava uma pistola por baixo da camisa, tentou desviar a atenção do sargento. E disse, com uma insolência deliberada, o corpo inclinado para a frente, a mão no quadril, tocando a faca que trazia numa bainha presa nas costas:

— Sargento, se lhe dermos o nome do fazendeiro, para que precisa de nossas identidades? Um acordo é um acordo.

Ele fez uma pausa e depois acrescentou sarcasticamente:

— Sabemos que um *carabinieri* sempre cumpre a sua palavra.

Ele pronunciou a palavra *carabinieri* com um ódio evidente. O sargento afastou-se alguns passos, na direção de Pisciotta. Estacou abruptamente. Sorriu, apontando a arma.

— E você, meu pequeno dândi, entregue o seu cartão de identidade. Ou será que não tem documentos, como o burro, que tem um bigode mais bonito do que o seu?

Os dois guardas mais jovens riram. Os olhos de Pisciotta faiscaram. Ele deu um passo na direção do sargento.

— Não, não tenho documentos. E não conhecemos nenhum fazendeiro. Encontramos estas mercadorias caídas na estrada.

A própria temeridade do desafio frustrou sua intenção. Pisciotta queria que o homem com o rifle chegasse mais perto, a uma distância de golpear. Agora, porém, o sargento deu uns poucos passos para trás e tornou a sorrir.

— O bastinado vai acabar com essa sua insolência siciliana. — Ele fez uma breve pausa e depois ordenou: — Vocês dois, deitem no chão.

O bastinado era um termo usado para indicar o castigo físico com açoites e porretes. Giuliano conhecia alguns cidadãos de Montelepre que haviam sido punidos no Quartel Bellampo. Haviam voltado para suas casas com os joelhos quebrados, as cabeças inchadas, grandes como melancias, com lesões internas tão graves que nunca mais puderam voltar a trabalhar. Os *carabinieri* nunca fariam isso com ele. Giuliano abaixou-se, apoiando um joelho no chão, como se fosse deitar, pondo uma das mãos no chão e a outra no cinto, a fim de poder sacar a pistola sob a camisa. A clareira estava agora banhada pela claridade suave do início do crepúsculo; o sol além das árvores mergulhava por trás das últimas montanhas. Ele viu Pisciotta se manter de pé, orgulhosamente, recusando-se a obedecer à ordem. Certamente não iriam fuzilá-lo por causa de um pedaço de queijo contrabandeado. Ele podia ver as pistolas automáticas tremendo nas mãos dos jovens guardas.

Nesse instante houve um zurrar de mulas e o barulho de cascos. Era a tropa de mulas que Giuliano avistara naquela tarde entrando na clareira. O homem a cavalo tinha uma lupara pendurada no ombro e

parecia enorme num blusão de couro. Ele saltou do cavalo e tirou do bolso um maço de liras, dizendo ao *carabinieri* que estava com o rifle:

— Com que então pegou algumas sardinhas miúdas desta vez. Era evidente que eles se conheciam. Pela primeira vez o sargento relaxou, a fim de aceitar o dinheiro que lhe era oferecido. Os dois homens sorriam um para o outro. Os prisioneiros pareciam ter sido esquecidos por todos.

Turi Giuliano aproximou-se lentamente do guarda mais próximo. Pisciotta se desviava para um bambuzal ali perto. Os guardas nada perceberam. Giuliano acertou o guarda com o antebraço, derrubando-o, ao mesmo tempo em que gritava para Pisciotta:

— Corra!

Pisciotta disparou para o bambuzal, enquanto Giuliano corria para as árvores. O outro jovem guarda estava aturdido demais ou era muito inepto para virar sua pistola a tempo. Giuliano, prestes a se lançar para o refúgio da floresta, experimentou um intenso sentimento de exultação. Arremessou o corpo pelo ar, a fim de mergulhar entre duas árvores grandes, que o protegeriam. Ainda no ar, ele tirou a pistola de baixo da camisa.

Mas ele acertara em sua suposição de que o carabineiro com o rifle era o mais perigoso. O sargento largou no chão o maço de dinheiro, virou o rifle e atirou friamente. O tiro não errou o alvo: o corpo de Giuliano caiu como um pássaro morto.

Giuliano ouviu o estampido ao mesmo tempo em que sentiu o corpo sacudido por uma dor terrível, como se fosse atingido por um porrete gigantesco. Caiu na terra entre as duas árvores e tentou se levantar, mas não conseguiu. As pernas estavam dormentes, não era capaz de movimentá-las. A pistola na mão, ele virou o corpo e viu o sargento sacudir o rifle no ar, em triunfo. E depois Giuliano sentiu a calça se encher de sangue, o líquido quente e pegajoso.

Na fração de um segundo antes de puxar o gatilho de sua pistola, Turi Giuliano sentiu apenas espanto. Haviam atirado nele por causa de um pedaço de queijo. Haviam destruído a estrutura de sua família só porque ele tentava escapar de uma pequena violação da lei, uma lei que todos violavam. E fizeram isso com uma indiferença cruel. Sua mãe choraria até

o final de seus dias. Agora seu corpo estava coberto de sangue, ele que nunca fizera qualquer mal a ninguém.

Ele puxou o gatilho e viu o rifle cair, viu o quepe preto parecer voar pelo ar, enquanto o corpo, com sua cabeça morta, desmoronava lentamente para o chão cheio de pedras. Era um tiro impossível com uma pistola, àquela distância, mas Giuliano tinha a sensação de que sua mão viajara com a bala e penetrara como uma adaga pelo olho do sargento.

Uma pistola automática começou a disparar, mas as balas voaram para o alto, em arcos inofensivos. Chilrando como passarinhos. Depois, houve um silêncio mortal. Até mesmo os insetos suspenderam o seu zumbido incessante.

Turi Giuliano rolou para as moitas. Vira o rosto do inimigo se estilhaçar numa máscara de sangue, o que lhe dava esperança. Não estava impotente. Ele tentou se levantar novamente e desta vez as pernas lhe obedeceram. Começou a correr, mas apenas uma perna se projetava para a frente. A outra se arrastava pelo chão, o que o surpreendeu. A virilha estava quente e pegajosa, a calça encharcada de sangue, a visão enevoada. Quando passou por um súbito trecho de claridade, receou ter dado a volta e retornado à clareira. Tentou se virar. O corpo começou a cair... não para o chão, mas para um interminável vazio negro, manchado de tinta vermelha. E Turi Giuliano compreendeu que estava caindo para sempre.

* * *

Na clareira, o jovem guarda tirou a mão do gatilho da pistola automática e o matraquear cessou. O contrabandista levantou-se do chão com o maço de liras na mão e estendeu para o outro guarda. Mas o guarda apontou-lhe a sua pistola e disse:

— Você está preso.

— Vocês só precisam agora dividir em duas partes — argumentou o contrabandista. — Deixem-me seguir em frente.

Os guardas olharam para o sargento caído. Não havia a menor dúvida de que ele estava morto. A bala atingira o olho, o ferimento borbulhava com um líquido amarelo e uma mosca já se preparava para pousar. O contrabandista acrescentou:

— Irei atrás dele. O homem está ferido. Trarei o seu cadáver e vocês dois serão heróis. Basta me deixarem ir embora.

O outro guarda pegou o cartão de identidade que Turi jogara no chão, à ordem do sargento. Leu em voz alta:

— Salvatore Giuliano, da cidade de Montelepre.

— Não há necessidade de sair a procurá-lo agora — disse o outro guarda. — Voltaremos ao quartel e contaremos o que aconteceu. Isso é mais importante.

— Covardes — murmurou o contrabandista.

Ele pensou por um momento em tirar a lupara do ombro, mas percebeu que os guardas o fitavam com ódio. Insultara-os. E, pelo insulto, os guardas obrigaram-no a pôr o corpo do sargento em seu cavalo e levaram-no para o quartel. Antes disso, tiraram-lhe a arma. Os guardas estavam nervosos e ele esperava que não o alvejassem, por equívoco, de puro nervosismo. Afora isso, ele não estava muito preocupado. Conhecia muito bem o Maresciallo Roccofino, de Montelepre. Já haviam feito negócios antes e tornariam a fazer no futuro.

Durante todo esse tempo, nenhum deles pensara em Pisciotta. Mas ele ouvira tudo. Estava deitado por trás do bambuzal, empunhando a faca. Esperava que tentassem sair em perseguição de Turi Giuliano. Planejava emboscar um dos homens e tirar sua arma, depois de lhe cortar a garganta. Havia uma ferocidade em sua alma que bania todo o medo da morte. Ao ouvir o contrabandista se oferecer para trazer de volta o cadáver de Turi, ele gravou o rosto do homem em seu cérebro para sempre. Quase lamentou quando eles se afastaram, deixando-o sozinho na encosta da montanha. Sentiu uma pontada de angústia quando amarraram seu burro ao final da tropa de mulas.

Mas sabia que Turi estava gravemente ferido e precisaria de ajuda. Contornou a clareira, correndo para o lado onde seu amigo desaparecera. Não havia qualquer corpo nas moitas e ele se pôs a correr pela trilha por que tinham vindo.

Não encontrou qualquer sinal até subir a um enorme matacão de granito, cujo topo se encurvava numa pequena bacia. Havia ali uma poça

de sangue quase negro; o outro lado da rocha estava manchado com gotas de sangue de um vermelho brilhante. Pisciotta continuou a correr e foi tomado de surpresa quando deparou com o corpo de Giuliano esparramado à sua frente, a pistola letal ainda na mão.

Ele ajoelhou-se, pegou a pistola e meteu-a em seu cinto. Os olhos de Turi Giuliano se abriram nesse instante. Eram olhos iluminados por um ódio intenso, mas se fixavam além de Aspanu Pisciotta. Quase chorando de alívio, Pisciotta tentou levantá-lo. Mas não era bastante forte.

— Turi, tente se levantar. Eu o ajudarei.

Giuliano comprimiu as mãos contra a terra e ergueu o corpo. Pisciotta passou um braço em torno de sua cintura, a mão ficou quente e molhada. Retirou a mão abruptamente e puxou para o lado a camisa de Giuliano. Horrorizado, viu o enorme buraco no lado do corpo de Giuliano. Encostou-o numa árvore, arrancou a sua própria camisa e empurrou contra o ferimento, a fim de estancar o sangue, amarrando as mangas juntas, em torno da cintura. Voltando a passar o braço pela cintura do amigo, Pisciotta pegou com a outra mão a mão esquerda de Giuliano, levantando-a bem alto. Os dois assim equilibrados, ele foi guiando Giuliano pela trilha abaixo, em passos pequenos e cuidadosos. A distância, parecia que os dois dançavam, enquanto desciam a montanha.

* * *

E assim Turi Giuliano perdeu a Festa de Santa Rosália, que os habitantes de Montelepre esperavam que lhes trouxesse um milagre.

Perdeu o concurso de tiro ao alvo, que certamente teria vencido. Perdeu as corridas de cavalos, em que os jóqueis golpeavam os concorrentes por cima da cabeça com porretes e chicotes. Perdeu os foguetes, púrpura, amarelo e verde, que explodiam e coloriam o céu estrelado.

Jamais provou os doces mágicos feitos de pasta de amêndoa e moldados em formato de cenouras, talos de bambu e tomates vermelhos, tão doces que deixavam todo o corpo dormente. Não saboreou as figuras de açúcar dos cavaleiros de romance mítico, das histórias de Rolando, Oliver e Carlos Magno, as espadas de açúcar cravejadas de pastilhas de hortelã-pimenta como rubis, esmeraldas feitas de pequenos pedaços de

frutas, que as crianças levavam para a cama e se punham a sonhar, antes de dormirem. Em casa, a festa do noivado de sua irmã transcorreu sem ele.

O acasalamento do burro com a Mula Milagrosa falhou. Não houve cria. Os habitantes de Montelepre ficaram desapontados. Não compreenderam, até anos depois, que a Festa produzira o seu milagre na pessoa do jovem que segurara o burro.

CAPÍTULO 5

O abade efetuou a sua excursão vespertina pelo mosteiro franciscano, incitando os seus monges preguiçosos e imprestáveis a ganharem o pão de cada dia. Ele inspecionou os depósitos na oficina de relíquias sagradas e visitou a padaria que produzia o pão para as cidadezinhas próximas. Foi verificar a horta e os cestos de vime cheios até a borda de azeitonas, tomates e uvas, procurando por partes amassadas nas peles sedosas. Seus monges estavam todos ocupados como elfos... embora não tão felizes. Ao contrário, constituíam um bando soturno, sem a alegria necessária para servir a Deus. O abade tirou um charuto preto e comprido da batina e foi andando pelo terreno do mosteiro, a fim de aguçar o apetite para a refeição noturna.

Foi nesse momento que avistou Aspanu Pisciotta arrastando Turi Giuliano pelos portões do mosteiro. O guardião dos portões ainda tentou barrar-lhes a passagem, mas Pisciotta apontou uma pistola para a sua cabeça tonsurada, fazendo-o cair de joelhos para dizer as suas últimas preces. Pisciotta largou o corpo ensanguentado e quase sem vida de Giuliano aos pés do abade.

O abade era alto e emaciado, com um rosto elegante, lembrando um burro, os ossos pequenos, nariz protuberante, pequenos botões castanhos no lugar dos olhos. Embora com 70 anos de idade, ele era vigoroso, a mente tão atilada e astuta como nos tempos antigos, antes de

Mussolini, quando escrevia elegantes bilhetes de resgate para os sequestradores da Máfia que o empregavam.

Agora, apesar de todos saberem, tanto camponeses como autoridades, que seu mosteiro era o quartel-general dos contrabandistas e operadores do mercado negro, ele era muito respeitado e nunca interferiam com as suas atividades ilegais. Isso acontecia em respeito à sua santa vocação e por um sentimento de que merecia alguma recompensa material pela orientação espiritual que proporcionava à comunidade.

Por tudo isso, o Abade Manfredi não ficou espantado ao descobrir dois camponeses cobertos de sangue invadirem os sagrados domínios de São Francisco. Na verdade, ele conhecia Pisciotta muito bem. Usara o

rapaz em algumas operações de contrabando e mercado negro. Possuíam em comum uma astúcia dissimulada que deliciava a ambos — um, surpreso por encontrá-la num homem tão velho e santo; o outro, por descobri-la em alguém tão jovem e inexperiente. O abade tranquilizou o monge no portão e depois disse a Pisciotta:

— Muito bem, meu caro Aspanu, qual é a confusão em que está metido agora?

Pisciotta estava apertando a camisa em torno do ferimento de Giuliano. O abade ficou surpreso ao constatar que havia uma expressão de profunda angústia no rosto do rapaz; nunca imaginara que Pisciotta fosse capaz de tal emoção.

Vendo novamente o imenso ferimento, Pisciotta teve certeza de que o amigo morreria. E como poderia dar a notícia ao pai e à mãe de Turi? Ele temia a dor de Maria Lombardo. Mas, no momento, uma cena mais importante teria de ser representada. Precisava convencer o abade a dar abrigo a Giuliano em seu mosteiro.

Ele fitou o abade nos olhos. Queria transmitir uma mensagem que não fosse uma ameaça direta, mas fizesse o sacerdote compreender que ganharia um inimigo mortal se recusasse.

— Este é meu primo e mais querido amigo, Salvatore Giuliano — disse Pisciotta. — Como pode verificar, ele foi desafortunado. Não demora muito e a Polícia Nacional se espalhará pelas montanhas, à procura dele. E também à minha procura. Você é a nossa única esperança. Suplico que nos esconda e chame um médico. Faça isso por mim e terá um amigo para sempre.

Ele enfatizou a palavra “amigo”. E nada escapou à atenção do abade. Podia compreender perfeitamente. Já ouvira falar daquele Giuliano, um bravo rapaz, respeitado em Montelepre, um grande atirador e caçador, mais homem do que a sua idade. Até mesmo os Amigos dos Amigos estavam de olho nele, como um possível recruta. O próprio Don Croce, numa visita social e profissional ao mosteiro, mencionara o nome do jovem ao abade, como alguém que poderia ser proveitoso cultivar.

Mas, observando o inconsciente Giuliano, ele teve quase certeza de que aquele homem precisaria de uma sepultura ao invés de um abrigo,

um padre para administrar a extrema-unção ao invés de um médico. Havia muito pouco risco em atender ao pedido de Pisciotta, pois oferecer santuário a um cadáver não era um crime nem mesmo na Sicília. Mas não queria deixar que o rapaz percebesse que valia tão pouco o favor que estava prestes a fazer. E indagou:

— Por que estão procurando por vocês?

Pisciotta hesitou. O abade poderia recusar refúgio se soubesse que um guarda estava morto. Mas se estivesse despreparado para a busca inevitável, poderia ficar surpreso e ser levado a traí-los. Pisciotta decidiu contar a verdade. E o fez rapidamente.

O abade baixou os olhos em pesar por outra alma perdida para o inferno e estudou atentamente o vulto inconsciente de Giuliano. O sangue vazava pela camisa amarrada em torno de sua cintura. Talvez o pobre rapaz morresse enquanto falavam, o que resolveria todo o problema.

Como um monge franciscano, o abade estava cheio de caridade cristã. Mas, naqueles tempos terríveis, precisava levar em consideração as consequências práticas e materiais de seus atos misericordiosos. Se oferecesse refúgio e o rapaz morresse, só obteria proveitos. As autoridades ficariam satisfeitas com o cadáver, a família se tornaria agradecida. Se Giuliano se recuperasse, a gratidão dele poderia ser ainda maior. Um homem que era capaz, embora gravemente ferido, de disparar a sua pistola e matar um guarda, era um homem que valia a pena ter como um devedor.

É claro que ele podia entregar os dois patifes à Polícia Nacional, que daria um jeito neles rapidamente. Mas o que lucraria com isso? As autoridades não poderiam fazer mais por ele do que já estavam fazendo agora. A área em que detinham o poder já lhe estava garantida. Era no outro lado da cerca que precisava de amigos. Trair aqueles rapazes só lhe valeria inimigos entre os camponeses e o ódio imorredouro de duas famílias. O abade não era tolo para pensar que sua batina o protegeria da vendetta que certamente se seguiria. Podia também ler a mente de Pisciotta. Ali estava um jovem que iria longe, antes de se embrenhar na estrada para o inferno. O ódio do camponês siciliano nunca podia ser ignorado. Verdadeiros cristãos, eles jamais envergonhariam uma imagem da Virgem Maria. Mas, no sangue quente de vendetta, fuzilariam o próprio Papa por violar a *omertà*, o antigo código do silêncio, para qualquer

autoridade. Naquela terra, com suas incontáveis imagens de Jesus, hão havia crença na doutrina de virar a outra face. Naquela terra abençoada, o "perdão" era o refúgio dos covardes. O camponês siciliano não conhecia o significado de misericórdia.

De uma coisa ele tinha certeza: Pisciotta nunca o trairia. Em uma de suas pequenas operações de contrabando, o abade providenciara para que Pisciotta fosse detido e interrogado. O interrogador, um membro da Polícia de Segurança de Palermo, não um dos estúpidos *carabinieri*, fora sutil e depois rude. Mas nem a astúcia nem a crueldade demoveram Pisciotta. Ele permanecera em silêncio. O interrogador soltara-o, garantindo ao abade que ali estava um rapaz a quem se podia confiar missões mais importantes. Desde então, o abade mantinha sempre um lugar especial em seu coração para Aspanu Pisciotta e muitas vezes fazia uma oração por sua alma.

O abade enfiou dois dedos na boca ossuda e murcha, soltou um assovio. Monges vieram correndo e o abade instruiu-os para levarem Giuliano a uma ala distante do mosteiro, a seus próprios aposentos especiais, onde escondera desertores do exército italiano, filhos de ricos fazendeiros, durante a guerra. E depois mandou um dos monges chamar o médico na aldeia de San Giuseppe lato, a apenas oito quilômetros de distância.

Pisciotta sentou-se na cama, segurando a mão do amigo. O ferimento não mais sangrava. Os olhos de Turi Giuliano se abriram, mas estavam vidrados. Pisciotta, quase em lágrimas, não se atreveu a falar. Enxugou o suor da testa de Giuliano. A pele tinha uma tonalidade azulada.

Uma hora transcorreu até a chegada do médico. Tendo observado uma horda de *carabinieri* vasculhando a encosta da montanha, ele não ficou surpreso ao descobrir que seu amigo, o abade, escondia um homem ferido. Era um problema que não o preocupava. Quem se importava com a polícia e o governo? O abade era um compatriota siciliano que precisava de ajuda. E quem sempre lhe mandava uma cesta com ovos aos domingos, um garrafão de vinho para o Natal e um cordeiro para a Páscoa?

O médico examinou Giuliano e fez um curativo. A bala atravessara o corpo, provavelmente dilacerara alguns órgãos vitais, certamente atingira o fígado. O rapaz perdera muito sangue, tinha uma palidez mortal,

a pele por todo o corpo se tornava azulada. Em torno da boca havia o círculo branco que o médico conhecia tão bem, um dos primeiros sinais da morte. Ele suspirou e disse ao abade:

— Fiz tudo o que posso. A hemorragia cessou, mas ele já perdeu mais de um terço do seu sangue, o que geralmente é fatal. Mantenha-o aquecido, alimente-o com um pouco de leite. Deixarei alguma morfina, caso se torne necessário.

Ele baixou os olhos para o corpo poderoso de Giuliano com evidente pesar. Pisciotta sussurrou:

— O que posso dizer ao seu pai e a sua mãe? Ele tem alguma chance de se recuperar?

O médico suspirou.

— Diga-lhes o que achar melhor. Mas o ferimento é mortal. O rapaz parece forte, pode viver por mais alguns dias. Mas não é sensato acalentar esperanças.

Ele percebeu a expressão de desespero nos olhos de Pisciotta e o alívio fugaz no rosto do abade, acrescentando então, com um humor irônico:

— Mas é claro que, neste santo lugar, sempre pode ocorrer um milagre.

O abade e o médico saíram do quarto. Pisciotta inclinou-se sobre o amigo, a fim de enxugar-lhe o suor do rosto. Ficou atônito ao descobrir que havia uma insinuação de zombaria nos olhos de Giuliano. Eram olhos castanhos escuros, mas contornados por um círculo de prata. Pisciotta inclinou-se ainda mais. Turi Giuliano estava sussurrando; ele tinha de fazer um grande esforço para falar.

— Diga à mamãe que voltarei para casa.

Depois, ele fez uma coisa que Pisciotta nunca mais esqueceria nos anos subsequentes. Levantou as mãos abruptamente e agarrou Pisciotta pelos cabelos. Eram mãos vigorosas; nunca poderiam ser as mãos de um agonizante. E puxaram a cabeça de Pisciotta para baixo.

— Obedeça-me — disse Giuliano.

* * *

Na manhã seguinte ao chamado dos pais de Giuliano, Hector Adonis chegou a Montelepre. Raramente usava a sua casa em Montelepre. Detestava a cidade em que nascera. Evitava especialmente a Festa. As decorações sempre o afligiam, sua animação parecia-lhe algum disfarce diabólico para a pobreza da cidade. E sempre sofrerá humilhações durante a Festa... homens embriagados escarneciam de sua baixa estatura, as mulheres lançava-lhe sorrisos desdenhosos e divertidos.

Não adiantava saber muito mais do que eles. Todos se orgulhavam, por exemplo, do fato de que cada família pintava suas casas da mesma cor que seus ancestrais. Não sabiam que a cor das casas denunciavam suas origens, o sangue que haviam herdado de seus ancestrais, juntamente com as casas. Que séculos antes os normandos pintavam suas casas de branco, os gregos sempre usavam o azul, os árabes o vermelho e várias tonalidades de rosa. E os judeus usavam o amarelo. Agora, todos se consideravam italianos e sicilianos. O sangue se tornara tão misturado, em mil anos, que não se podia identificar o proprietário de uma casa por suas feições; e se alguém dissesse ao dono de uma casa amarela que tinha ancestrais judeus, podia levar uma facada na barriga.

Aspanu Pisciotta vivia numa casa branca, embora parecesse mais com um árabe. A casa dos Giulianos tinha o azul grego. O rosto de Turi Giuliano era genuinamente grego, embora ele tivesse o corpo dos robustos normandos. Mas, aparentemente, todo aquele sangue fervera junto, em algo estranho e perigoso, para fazer o autêntico siciliano. Era isso o que levara Adonis a Montelepre naquele dia.

A Via Bella estava guarnecida em cada esquina por uma dupla de *carabinieri*, expressões sombrias, rifles e pistolas automáticas prontos para entrar em ação. O segundo dia da Festa estava começando, mas aquela parte da cidade se achava estranhamente deserta, não havia crianças na rua. Hector Adonis estacionou seu carro na frente da casa dos Giulianos. Dois *carabinieri* observaram-no, desconfiados, até que ele saltou do carro, depois sorriram divertidos de sua baixa estatura.

Foi Pisciotta quem abriu a porta e deixou-o entrar. A mãe e o pai de Giuliano esperavam na cozinha, tendo na mesa um café da manhã de salame, pão e café. Maria Lombardo se mostrava calma, tranquilizada por

seu amado Aspanu de que o filho se recuperaria. Estava mais furiosa do que apreensiva. O pai de Giuliano parecia mais orgulhoso do que triste. O filho provara que era um homem; continuava vivo, enquanto seu inimigo morrera.

Pisciotta tornou a contar sua história, desta vez com um humor reconfortante. Menosprezou o ferimento de Giuliano e o seu próprio heroísmo em carregá-lo até o mosteiro. Mas Hector Adonis sabia que ajudar um homem ferido por mais de cinco quilômetros de terreno irregular devia ter sido extenuante para o franzino Pisciotta. Além disso, ele teve a impressão de que Pisciotta descreveu o ferimento depressa demais. Adonis temeu o pior.

— Como os *carabinieri* souberam o bastante para vir até aqui? — perguntou ele.

Pisciotta informou que Giuliano entregara o seu cartão de identidade. A mãe de Giuliano interveio com um lamento:

— Por que Turi não deixou que eles levassem o queijo? Por que tinha de lutar?

O pai de Giuliano disse asperamente à esposa:

— O que você queria que ele fizesse? Que delatasse o pobre fazendeiro? Se fizesse isso, desgraçaria o nome da família para sempre.

Hector Adonis ficou impressionado pela contradição naqueles comentários. Sabia que a mãe era muito mais forte e mais impetuosa do que o pai. Contudo, a mãe pronunciara as palavras de resignação, enquanto o pai emitira as palavras de desafio. E Pisciotta, aquele menino Aspanu... quem poderia imaginar que ele fosse tão bravo, a ponto de salvar seu companheiro e levá-lo para um lugar seguro? E agora mentia friamente para os pais sobre o ferimento que o filho sofrerá. O pai de Giuliano disse:

— Se ao menos ele não tivesse entregue seu cartão de identidade... Nossos amigos teriam jurado que ele se encontrava nas ruas aqui.

A mãe de Giuliano comentou:

— Eles o prenderiam de qualquer maneira. — Ela começou a chorar. — Agora, ele terá de viver nas montanhas.

— Devemos cuidar para que o abade não o entregue à polícia — disse Hector Adonis.

— Ele não se atreverá a fazer isso — respondeu Pisciotta, impacientemente. — Sabe que eu o enforcaria com sua batina.

Adonis lançou um olhar demorado a Pisciotta. Havia uma ameaça terrível naquele rapaz. Não era muito inteligente afrontar o ego de um jovem, refletiu Adonis. A polícia jamais compreendia que se pode, com alguma impunidade, insultar um homem mais velho, que já foi humilhado pela própria vida e não se sentirá muito abalado com as desfeitas de outro ser humano. Mas um jovem julga essas ofensas mortais. E agora eles estavam contando com a ajuda de Hector Adonis, que já ajudara seu filho no passado. Hector disse:

— Se a polícia souber do paradeiro de Turi, o abade não terá opção. Afinal, ele próprio não está acima de suspeita, em determinadas questões. Creio que o melhor, se me derem permissão, é pedir a meu amigo, Don Croce Malo, para interceder junto ao abade.

Os pais ficaram surpresos ao saber que ele conhecia o grande Don. O que já não aconteceu com Pisciotta, que exibiu um sorriso sugestivo. Hector lhe disse, bruscamente:

— E o que você está fazendo aqui? Será reconhecido e preso. Eles têm a sua descrição.

Pisciotta respondeu, desdenhosamente:

— Os dois guardas estavam apavorados. Não reconheceriam as próprias mães. E tenho uma dúzia de testemunhas que jurarão que passei todo o dia de ontem em Montelepre.

Hector Adonis adotou a sua mais impressiva atitude profissional, dizendo aos pais de Giuliano:

— Não devem tentar visitar seu filho ou dizer a alguém onde ele se encontra, nem mesmo a seus amigos mais íntimos. A polícia tem informantes e espiões por toda parte. Assim que ele puder se mover, tomarei providências para que vá viver em outra cidade, até que tudo se aquiete. E depois, algum dia, acertaremos tudo e Turi poderá voltar para

casa. Não se preocupe com ele, Maria. Cuide de sua própria saúde. E você, Aspanu, mantenha-me informado.

Ele abraçou a mãe e o pai. Maria Lombardo ainda chorava quando se retirou.

Hector Adonis tinha muitas coisas a fazer — e a mais importante era falar com Don Croce, providenciando para que o santuário de Turi permanecesse seguro. Graças a Deus que o governo de Roma não oferecia recompensas por informações sobre o assassinato de um guarda, caso contrário o abade venderia Turi tão depressa quanto vendia as suas relíquias sagradas.

* * *

Turi Giuliano estava estendido na cama, sem se mexer. Ouvira o médico proclamar que o seu ferimento era mortal, mas não podia acreditar que estava morrendo. Seu corpo parecia suspenso no ar, livre da dor e do medo. Nunca poderia morrer. Não sabia que uma grande perda de sangue produz a euforia.

Durante o dia, um dos monges cuidava dele, alimentando-o com leite. Ao cair da noite, o abade aparecia com o médico. Pisciotta visitava-o à noite, segurava sua mão e o acalentava pelas longas e terríveis horas de escuridão. Ao final de duas semanas, o médico declarou que ocorrera um milagre.

Turi Giuliano desejara que seu corpo sarasse, que produzisse o sangue perdido, que reparasse os órgãos vitais dilacerados pela bala de aço. E, na euforia inspirada pela perda de sangue, ele sonhou com a glória futura. Sentiu uma nova liberdade, que não mais poderia ser considerado responsável por qualquer coisa que fizesse, dali por diante. Que as leis da sociedade, as leis mais rigorosas da família siciliana, não poderiam mais contê-lo. Que estava livre para cometer qualquer ato, que seu ferimento sangrento o tornaria inocente. E tudo isso porque um *carabinieri* o alvejara por causa de um pedaço de queijo.

Pelas semanas de sua convalescença, Turi rememorou incessantemente os dias em que ele e seus companheiros da aldeia se reuniam na praça, esperando os *gabellotti*, os supervisores das grandes propriedades agrárias, que os escolhiam para um dia de trabalho,

oferecendo salários de fome, com o escárnio desdenhoso de pegar-ou-largar de homens que dispunham de todo o poder. A partilha injusta da colheita, que deixava a todos empobrecidos, depois de um ano de trabalho árduo. A mão despótica da lei, que punia os pobres e deixava os ricos impunes.

Se conseguisse se recuperar do ferimento, ele jurou que faria tudo para que houvesse justiça. Nunca mais voltaria a ser um garoto impotente à mercê do destino. Haveria de se armar, física e mentalmente. De uma coisa tinha certeza: nunca mais se apresentaria desamparado diante do mundo, como acontecera diante de Guido Quintana e do sargento que o alvejara. O jovem que fora Turi Giuliano não mais existia.

Ao final de um mês, o médico aconselhou outras quatro semanas de repouso, com algum exercício. Assim, Giuliano vestiu o hábito de um monge e passou a circular pelo mosteiro. O abade passara a gostar do rapaz e muitas vezes o acompanhava, contando histórias de suas viagens para terras distantes quando era jovem. Sua afeição não diminuiu quando Hector Adonis lhe enviou uma quantia em dinheiro por suas orações para os pobres e o próprio Don Croce informou-o que tinha um interesse especial pelo rapaz.

Quanto a Giuliano, ele estava espantado por descobrir como aqueles monges viviam. Numa terra em que as pessoas quase morriam de inanição, onde os trabalhadores tinham de vender o suor de seu corpo por salários miseráveis, os monges de São Francisco viviam como reis. O mosteiro era de fato uma enorme e próspera propriedade rural.

Eles tinham um pomar de limoeiros, um punhado de oliveiras, tão antigas quanto Cristo. Tinham um pequeno matadouro, para onde iam suas ovelhas e leitões. Galinhas e perus vagueavam à solta, em grandes quantidades. Os monges comiam carne todos os dias junto com seu espaguete, bebiam o vinho de fabricação própria de sua imensa adega subterrânea, negociavam no mercado negro para adquirir tabaco, que fumavam como viciados.

Mas trabalhavam bastante. Durante o dia, labutavam descalços, as batinas suspensas até os joelhos, o suor escorrendo dos rostos. Sobre as cabeças tonsuradas, para protegê-las do sol, usavam chapéus de feltro americanos, de estranhos formatos, pretos e marrons, que o abade

adquirira de algum oficial de suprimentos do governo militar em troca de um barril de vinho. Os monges usavam os chapéus em muitos estilos diferentes, alguns com as abas viradas para baixo, à maneira dos gangsters, outros com as abas viradas para cima, formando sulcos em que guardavam os seus cigarros. O abade passara a detestar aqueles chapéus e proibira o uso, a não ser quando se trabalhava nos campos.

Durante as segundas quatro semanas, Giuliano foi como um monge. Para surpresa do abade, ele trabalhava com afinco nos campos, ajudava os outros monges a carregarem pesados cestos de frutas e azeitonas para o depósito. À medida que se recuperava, Giuliano desfrutava o trabalho, desfrutava exibir a sua força. Empilhavam os seus cestos e ele nunca permitia que os joelhos vergassem. O abade orgulhava-se dele e disse que poderia ficar por tanto tempo quanto quisesse, que tinha as qualidades de um autêntico homem de Deus.

Turi Giuliano foi feliz naquelas quatro semanas. Afinal, voltara do mundo dos mortos no corpo, enquanto a cabeça elaborava sonhos e milagres. E gostava do velho abade, que o tratava com absoluta confiança e revelava os segredos do mosteiro. O velho gabava-se de que todos os produtos do mosteiro eram vendidos diretamente no mercado negro, nada se entregando aos armazéns do governo. A exceção era o vinho, que não saía do mosteiro, bebido pelos próprios monges. À noite, havia muita jogatina e embriaguez, até mesmo traziam algumas mulheres furtivamente. Mas o abade fechava os olhos a tudo isso, dizendo a Giuliano:

— Vivemos em tempos difíceis. A prometida recompensa do céu está muito longe, os homens precisam ter algum prazer agora. Deus os perdoará.

Numa tarde chuvosa, o abade mostrou a Turi outra ala do mosteiro, que era usada como um depósito. Transbordava de relíquias sagradas, fabricada por uma eficiente equipe de monges. O abade, como qualquer outro comerciante, lamentava as dificuldades atuais.

— Antes da guerra, tínhamos um próspero negócio — comentou ele, com um suspiro. — Este depósito nunca se abarrotava além da metade. E olhe só os tesouros sagrados que temos aqui. Uma espinha de

peixe multiplicado por Cristo. O cajado que Moisés empunhava a caminho da Terra Prometida.

Ele fez uma pausa, observando com uma satisfação divertida a expressão atônita de Giuliano. E seu rosto ossudo se contraiu num sorriso malicioso. Chutando uma pilha de fragmentos de madeira, ele informou, quase exultante:

— Este era o nosso melhor artigo. Centenas de fragmentos da cruz em que nosso Senhor foi crucificado. E nesta caixa estão relíquias de todos os santos que você possa imaginar. Não há uma única casa na Sicília que não tenha o osso de um santo. E trancados num depósito especial, temos treze braços de Santo André, três cabeças de João Batista e sete armaduras usadas por Joana d'Arc. No inverno, nossos monges viajam muito longe para vender estes tesouros.

Turi Giuliano estava rindo agora e o abade sorriu. Mas Giuliano pensava como os pobres eram sempre enganados, até mesmo por aqueles que apontavam o caminho para a salvação. Era outro fato importante que não deveria esquecer.

O abade mostrou-lhe uma enorme tina com medalhões abençoados pelo Cardeal de Palermo, trinta mortalhas que Jesus usava ao morrer e duas Virgens Marias pretas. Isso acabou com o riso de Turi Giuliano. Ele falou ao abade sobre a imagem da Virgem negra que sua mãe possuía desde criança e que tanto prezava; que a imagem estava com sua família há gerações. Poderia ser uma falsificação? O abade afagou-lhe o ombro gentilmente e comentou que o mosteiro vinha fazendo réplicas há mais de um século. Mas garantiu que até mesmo as réplicas possuíam o seu valor, já que apenas umas poucas eram feitas.

O abade não via qualquer mal em confidenciar a um assassino aqueles pecados veniais de homens santos. Mesmo assim, o silêncio desaprovador de Giuliano deixou-o desconcertado. E ele disse, na defensiva:

— Lembre-se de que nós, homens que devotamos nossas vidas a Deus, devemos também viver no mundo material de homens que não acreditam em esperar por suas recompensas no céu. Também temos famílias, devemos ajudá-las e protegê-las. Muitos de nossos monges são

pobres, vieram de famílias pobres, as pessoas que são o sal da terra. Não podemos deixar que nossas irmãs e irmãos, nossos primos e sobrinhos, passem fome nestes tempos difíceis. A própria Santa Igreja precisa de nossa ajuda, deve defender-se contra inimigos poderosos. É preciso lutar contra os comunistas e socialistas, contra os liberais desorientados. E isso exige dinheiro. Que conforto para a Santa Madre Igreja são os fiéis! A necessidade que demonstram por nossas relíquias sagradas proporciona o dinheiro para esmagar os infiéis. E essas relíquias atendem à necessidade de suas almas. Se não as fornecêssemos, eles desperdiçariam seu dinheiro com jogo, vinho e mulheres indignas. Não concorda?

Giuliano assentiu, mas estava sorrindo. Era fascinante para alguém tão jovem conhecer tamanho mestre da hipocrisia. O abade sentiu-se irritado por aquele sorriso; esperara uma reação mais graciosa de um assassino a quem dera abrigo e que tirara das portas da morte. O respeito agradecido impunha uma reação convenientemente hipócrita da mais extrema sinceridade. Aquele contrabandista, aquele assassino, aquele camponês, Turi Giuliano, deveria se mostrar mais compreensivo, mais cristão. E o abade disse, firmemente:

— Lembre-se de que a nossa verdadeira fé repousa na crença em milagres.

— É verdade — respondeu Giuliano. — E sei, no fundo do meu coração, que é seu dever ajudar-nos a encontrá-los.

Ele falou sem maldade, com um espírito divertido, com uma boa vontade sincera de agradar a seu benfeitor. Mas teve de fazer um grande esforço para não rir.

O abade estava satisfeito e recuperou sua afeição. Aquele era um bom rapaz, apreciara a sua companhia durante as últimas semanas, era tranquilizador saber que o homem lhe devia tanto. E não seria ingrato, pois já demonstrara que possuía um nobre coração. Exprimia em palavras e atos, todos os dias, seu respeito e gratidão pelo abade. Não tinha o coração de um bandido. O que aconteceria a um homem assim na Sicília de hoje, fervilhando de alcaguetes, miséria, bandidos e incontáveis pecadores? Ora, pensou o abade, um homem que assassinou uma vez pode tornar a fazê-lo, com a maior facilidade. O abade concluiu que Don Croce deveria aconselhar Turi Giuliano sobre o rumo certo na vida.

E um dia, quando repousava em sua cama, Turi Giuliano recebeu um estranho visitante. O abade apresentou-o como Padre Benjamino Malo, um amigo muito querido, depois deixou-os a sós. O Padre Benjamino disse, muito solícito:

— Meu caro jovem, espero que tenha se recuperado totalmente de seu ferimento. O santo abade me disse que foi um verdadeiro milagre.

Giuliano murmurou, polidamente-

— Foi a misericórdia de Deus.

O Padre Benjamino inclinou a cabeça, como se ele próprio tivesse recebido a bênção. Giuliano estudou-o. Ali estava um padre que nunca trabalhara nos campos. Sua batina era muito limpa na bainha, o rosto balofo e muito branco, as mãos muito macias. Mas o semblante era bastante santo; era dócil e possuía uma resignação como a de Cristo, uma profunda humildade cristã. E a voz era muito suave e gentil quando o Padre Benjamino acrescentou:

— Meu filho, ouvirei a sua confissão e lhe darei a sagrada comunhão. Livre do pecado, você poderá sair para o mundo com um coração puro.

Turi Giuliano observou atentamente o padre que possuía um poder tão sublime.

— Perdoe-me, Padre, mas ainda não me encontro em estado de arrependimento. Seria falso se eu fizesse uma confissão agora. Mas agradeço por sua bênção.

O padre acenou com a cabeça.

— Tem razão, isso agravaria os seus pecados. Mas tenho outra oferta, que talvez seja mais prática neste mundo. Meu irmão, Don Croce, enviou-me para perguntar se você não gostaria de se refugiar com ele em Villalba. Receberia um bom salário. E é claro que, como deve saber, as autoridades não se atreveriam a molestá-lo, enquanto estivesse sob a proteção dele.

Giuliano ficou aturdido por descobrir que a notícia de seu feito chegara até ao conhecimento de um homem como Don Croce. E

compreendeu que precisava ter muito cuidado. Detestava a Máfia e não queria ser apanhado em sua teia.

— É uma grande honra, agradeço a você e a seu irmão. Mas devo consultar minha família, pois não posso deixar de respeitar os desejos de meus pais. Assim, por enquanto, permita-me recusar a sua generosa oferta.

Ele viu a surpresa se estampar no rosto do padre. Quem na Sicília recusaria a proteção do grande Don? E por isso se apressou em acrescentar:

— Talvez dentro de algumas semanas eu pense de maneira diferente e então irei procurá-lo em Villalba.

O Padre Benjamino recuperou-se prontamente. Levantou a mão em bênção e disse:

— Vá com Deus, meu filho. Será sempre bem-vindo na casa de meu irmão.

Ele fez o sinal-da-cruz e retirou-se.

* * *

Turi Giuliano sabia que era o momento de partir. Quando Aspanu Pisciotta foi visitá-lo, naquela noite, ele transmitiu as instruções sobre os preparativos a se fazer para o seu retorno ao mundo exterior. Pisciotta não vacilou nem fez qualquer protesto por receber ordens que sabia que alterariam profundamente a sua vida. Ao final, Giuliano lhe declarou:

— Aspanu, você pode ir comigo ou permanecer com sua família. Deve fazer o que julgar melhor.

Pisciotta sorriu.

— Acha mesmo que eu o deixaria ficar com toda a diversão e a glória? Que o deixaria se divertir nas montanhas, enquanto fico conduzindo os burros para o trabalho e colhendo azeitonas? E o que dizer de nossa amizade? Devo permitir que você viva sozinho nas montanhas, quando brincamos e trabalhamos juntos desde que éramos crianças? Somente quando você retornar a Montelepre em liberdade é que também voltarei para lá. Portanto, vamos esquecer essa conversa tola. Virei buscá-

lo dentro de quatro dias. Levarei um pouco de tempo a mais para fazer tudo o que você quer.

* * *

Pisciotta esteve bastante ocupado durante aqueles quatro dias. Já descobrira o contrabandista a cavalo que se oferecera para sair em perseguição a Giuliano ferido. Seu nome era Marcuzzi, um homem temido, um contrabandista em larga escala, operando sob a proteção de Don Croce e Guido Quintana. Tinha um tio do mesmo nome que era um grande chefe da Máfia.

Pisciotta verificou que Marcuzzi efetuava viagens regulares de Montelepre para Castellammare. Pisciotta conhecia o fazendeiro que guardava as mulas do contrabandista. Quando viu os animais serem tirados do campo e levados para um estábulo perto da cidade, ele previu que Marcuzzi faria uma viagem no dia seguinte. Ao amanhecer, Pisciotta postou-se à beira do caminho que sabia que Marcuzzi teria de seguir. E ficou esperando. Tinha uma lupara, que muitas famílias sicilianas possuíam como parte dos equipamentos domésticos. A terrível espingarda siciliana era tão comum e usada com tamanha frequência que Mussolini, ao limpar a Máfia, ordenara que fossem derrubados todos os muros de pedra acima de um metro de altura, a fim de que assassinos não pudessem usá-los como pontos de emboscada.

Ele decidira matar Marcuzzi não apenas porque o contrabandista se oferecera para ajudar a polícia a matar Giuliano ferido e se gabara disso a seus amigos. Matando o contrabandista, ele estaria fazendo uma advertência a quaisquer outros que pudessem trair Giuliano. Além disso, precisava das armas que sabia que Marcuzzi levava.

Pisciotta não teve de esperar por muito tempo. Como ia com mulas vazias para buscar as mercadorias que seriam vendidas no mercado negro de Castellammare, Marcuzzi estava descuidado. Puxava a mula da frente pela trilha montanhosa com o rifle pendurado no ombro, ao invés de pronto para entrar em ação. Ao deparar com Pisciotta parado na trilha, à sua frente, ele não se sentiu alarmado. Tudo o que via era um rapaz baixo e magro, com um bigodinho fino, a lhe sorrir de uma maneira que o irritava. Foi somente quando Pisciotta tirou a lupara de sob o casaco que Marcuzzi lhe prestou plena atenção. E disse, bruscamente:

— Você me pegou seguindo na direção errada. Ainda não estou com as mercadorias. E estas mulas se encontram sob a proteção dos Amigos dos Amigos. Seja esperto e procure outro freguês.

Pisciotta disse, suavemente:

— Eu quero apenas a sua vida. — Ele sorriu cruelmente. — Houve um dia em que você quis ser um herói para a polícia. Foi há poucos meses. Está lembrado?

Marcuzzi se lembrava. Ele virou a mula de lado, como por acaso, a fim de esconder a mão do olhar de Pisciotta. Enfiou a mão no cinto e sacou a pistola. Ao mesmo tempo, puxou bruscamente a rédea da mula, a fim de se virar e ficar em posição de tiro. A última coisa que viu foi o sorriso de Pisciotta, enquanto o disparo da lupara arrancava seu corpo da sela e o jogava na trilha.

Com uma sinistra satisfação, Pisciotta postou-se por cima do corpo e disparou outro tiro na cabeça. Depois, pegou a pistola ainda na mão de Marcuzzi e o rifle preso no ombro pela alça. Tirou as balas de rifle que estavam no bolso do casaco do homem. Depois, rapidamente, metodicamente, abateu a tiros as quatro mulas, uma advertência a quem quer que pudesse ajudar os inimigos de Giuliano, mesmo indiretamente. Ficou parado na estrada, a lupara nas mãos, o rifle pendurado no ombro, a pistola na cintura. Não experimentava qualquer senso de compaixão e sentiu-se satisfeito com sua ferocidade. Pois, apesar de seu amor pelo amigo, sempre haviam rivalizado de muitas maneiras. E embora reconhecesse Turi como seu chefe, ele sempre achara que precisava provar seu direito à amizade, sendo tão corajoso e igualmente esperto. Agora, ele também deixara o círculo mágico da infância, da sociedade, juntando-se a Turi no lado externo. Com aquele ato, ele se ligara para sempre a Turi Giuliano.

Dois dias depois, pouco antes da refeição vespertina, Giuliano deixou o mosteiro. Abraçou todos os monges, quando se reuniram no refeitório, agradeceu-lhes por sua bondade. Os monges lamentaram a sua partida. Era verdade que ele nunca comparecera a seus rituais religiosos, nunca fizera uma confissão ou um ato de contrição pelo assassinato que cometera. Mas alguns daqueles monges haviam iniciado a sua vida adulta com crimes similares e por isso não se mostravam dispostos a julgá-lo.

O abade acompanhou Giuliano até o portão do mosteiro, onde Pisciotta aguardava. Presenteou-o com uma imagem da Virgem Maria negra, uma duplicata da que era possuída por Maria Lombardo, a mãe de Giuliano. Pisciotta tinha uma mochila verde americana e Giuliano ali guardou a Virgem negra.

Pisciotta ficou observando com uma expressão sardônica, enquanto Giuliano e o abade se despediam. Ele sabia que o abade era um contrabandista, um membro secreto dos Amigos dos Amigos, um homem que tratava os seus pobres monges como escravos. Por isso, não podia compreender o sentimentalismo da despedida do abade. Não ocorria a Pisciotta que o amor, afeição e respeito que Giuliano lhe inspirava também pudessem aflorar num homem tão poderoso e velho como o abade.

Embora a afeição do abade fosse genuína, estava mesclada de interesse pessoal. Ele sabia que aquele rapaz poderia se tornar um dia uma grande força na Sicília. Era como reconhecer um indício de santidade. Quanto a Turi Giuliano, sentia-se sinceramente grato. O abade lhe salvara a vida; mais do que isso, porém, instruíra-o em muitas coisas e fora um companheiro maravilhoso. O abade até lhe permitira usar a sua biblioteca. Curiosamente, Giuliano sentia alguma afeição pela vigarice do abade. Parecia-lhe um bom equilíbrio para se alcançar na vida, fazer bem sem causar qualquer mal maior e visível, contrabalançando o poder para fazer a vida transcorrer suavemente. O abade e Turi Giuliano de abraçaram. Turi disse:

— Estou lhe devendo. Lembre-se de mim quando precisar de ajuda de qualquer tipo. Qualquer que me pedir, deverei fazer.

O abade afagou-lhe o ombro.

— A caridade cristã não exige pagamento, volte para os caminhos de Deus, meu filho, e pague seu tributo.

Mas ele estava dizendo uma coisa decorada. Conhecia muito bem aquele tipo de inocência dos jovens. Um demônio podia se erguer em chamas a seu pedido. Não esqueceria a promessa de Giuliano.

Ajeitando a mochila nos ombros, apesar dos protestos de Pisciotta, Giuliano passou pelos portões do mosteiro. Os dois amigos se afastaram

sem olhar para trás.

CAPÍTULO 6

Da beira de um penhasco saliente, perto do topo do Monte d'Ora, Giuliano e Pisciotta podiam contemplar lá embaixo a cidadezinha de Montelepre. Somente uns poucos quilômetros abaixo, as luzes das casas começavam a se acender, lutando contra a escuridão crescente. Giuliano até imaginou que podia ouvir a música saindo pelos alto-falantes na praça, que sempre apresentavam as transmissões da rádio de Roma, uma serenata para as pessoas que por ali passeavam, antes da refeição vespertina.

Mas o ar da montanha era enganador. Seriam necessárias duas horas para descer até a cidade e quatro horas para tornar a subir. Giuliano e Pisciotta haviam brincado ali quando crianças; conheciam cada rocha naquela montanha, cada caverna, cada túnel. Mais além, naquele penhasco, ficava a Grotta Bianca, a caverna predileta da infância de ambos, maior do que qualquer casa de Montelepre.

Aspanu obedecera às ordens com toda eficiência, pensou Turi Giuliano. A caverna estava estocada com sacos de dormir, panelas, caixas de munição, sacos de alimentos e pão. Havia uma caixa de madeira com lanternas, lampiões e facas, assim como algumas latas de querosene. Ele soltou uma risada.

— Aspanu, podemos viver aqui em cima para sempre.

— Só por uns poucos dias, Turi. Este foi o primeiro lugar a que os *carabinieri* vieram quando estavam à sua procura.

— Eles só procuram durante o dia. Estamos seguros à noite.

Um vasto manto de escuridão se estendera sobre as montanhas, mas o céu estava tão estrelado que podiam ver um ao outro claramente. Pisciotta abriu a mochila e começou a tirar as armas e roupas. Lentamente, cerimoniosamente, Turi Giuliano arrumou-se. Tirando a batina de monge, ele vestiu a calça de molesquim e depois o enorme casaco de pele de ovelha, com vários bolsos. Pôs duas pistolas na cintura e a pistola automática dentro do casaco, de maneira a ficar coberta, mas podendo ser sacada facilmente. Prendeu na cintura um cinto de munição e pôs caixas de balas extras nos bolsos do casaco. Pisciotta lhe entregou uma faca, que

ele ajeitou na bota militar que calçara. Depois, outra pistola, bem pequena, foi ajustada num coldre de barbante preso por baixo da gola do casaco. Giuliano verificou cuidadosamente todas as armas e munições.

O rifle seria levado abertamente, pendurado no ombro. Finalmente, ele estava pronto. Sorriu para Pisciotta, que carregava apenas uma lupara em aberto e a faca numa bainha na cintura. Pisciotta comentou:

— Eu me sinto nu. Como consegue andar carregando tanto ferro? Se cair, eu nunca poderei levantá-lo.

Giuliano ainda sorria, o sorriso secreto de uma criança que acredita que tem o mundo a seus pés. A enorme cicatriz em seu corpo doía com o peso das armas e da munição. Mas ele acolhia a dor satisfeito. Proporcionava-lhe absolvição.

— Estou pronto para ver minha família ou enfrentar meus inimigos — ele disse a Pisciotta.

Os dois jovens começaram a descer pela trilha sinuosa que levava do cume do Monte d'Ora à cidadezinha de Montelepre. Armado contra a morte e contra seus semelhantes, absorvendo a fragrância dos limoeiros distantes e das flores silvestres, Turi Giuliano experimentava uma serenidade que nunca antes conhecera. Não estava mais desamparado contra algum inimigo casual. Não mais tinha de acalentar o inimigo interior que duvidava de sua coragem. Se quisera não morrer, se desejara que seu corpo dilacerado sarasse, acreditava agora que poderia fazer a mesma coisa outras vezes. Não mais duvidava de que um destino glorioso lhe estava reservado. Partilhava a magia daqueles heróis medievais que não podiam morrer antes de chegarem ao fim de suas longas histórias, antes de conquistarem suas grandes vitórias.

Ele nunca deixaria aquelas montanhas, aquelas oliveiras, aquela Sicília. Tinha apenas uma ideia vaga do que seria a sua glória futura, mas não alimentava qualquer dúvida sobre essa glória. Nunca mais voltaria a ser um pobre e jovem camponês, morrendo de medo dos *carabinieri* e juízes, da corrupção opressiva da lei.

Estavam agora descendo das montanhas e entrando na estrada que levava a Montelepre. Passaram por um santuário trancado com um

cadeado à beira da estrada, mostrando a Virgem Maria e o Menino Jesus, a túnica azul de gesso brilhando como o mar ao luar. A fragrância dos pomares impregnava o ar com uma doçura que deixou Giuliano quase tonto. Ele viu Pisciotta se abaixar e pegar uma opúncia, adoçada pelo ar noturno. Sentiu um amor intenso pelo amigo que salvara a sua vida, um amor enraizado na infância comum. Queria partilhar a sua imortalidade com ele. Nunca fora o destino deles morrer como camponeses anônimos numa encosta de montanha na Sicília. Com uma grande exuberância espiritual, Giuliano disse:

— Aspanu, Aspanu, eu acredito, eu acredito.

Ele se pôs a correr pela encosta final da montanha, saindo das brancas rochas fantasmagóricas, passando pelos santuários de Cristo e santos martirizados, em suas caixas trancadas com cadeados. Pisciotta corria ao seu lado, rindo. E foi correndo que entraram juntos no arco de luar que cobria a estrada para Montelepre.

* * *

As montanhas terminavam em uma centena de metros de pasto, levando aos muros pretos das casas na Via Bella. Por trás daqueles muros, cada casa possuía a sua plantação de tomates, algumas uma solitária oliveira ou limoeiro. O portão para o quintal dos Giulianos não estava trancado. Os dois jovens entraram silenciosamente e encontraram a mãe de Giuliano à espera. Ela correu para os braços do filho, as lágrimas escorrendo por suas faces. Beijou-o desesperadamente, sussurrando:

— Meu amado filho, meu amado filho...

Turi Giuliano descobriu-se parado ao luar, sem reagir ao amor da mãe, pela primeira vez na vida. Era agora quase meia-noite, a lua ainda se mostrava brilhante. Eles entraram apressadamente na casa, a fim de escapar à observação de espiões. As janelas estavam fechadas e parentes das famílias Giuliano e Pisciotta se postavam ao longo de todas as ruas, a fim de avisar sobre a aproximação de patrulhas policiais. A família e amigos aguardavam na casa de Giuliano para celebrar sua volta. Fora preparada uma festa digna da Páscoa. Tinham só aquela noite com ele, antes que Turi voltasse a viver nas montanhas.

O pai de Giuliano abraçou-o e bateu em suas costas, a fim de demonstrar a aprovação. Lá estava também uma vizinha, uma mulher chamada de La Venera. Era uma viúva de cerca de 35 anos. Seu marido fora um famoso bandido, Candeleria, que tinha sido traído e depois emboscado pela polícia, apenas um ano antes. Ela se tornara uma amiga íntima da mãe de Giuliano. Mas Turi ficou surpreso por sua presença naquela reunião. Somente a mãe poderia tê-la convidado. Por um momento, ele se perguntou qual seria o motivo.

Todos comeram e beberam, trataram Turi Giuliano como se ele voltasse de longas férias em terras estrangeiras. Mas, depois, o pai quis ver o ferimento. Giuliano tirou a camisa da calça e mostrou a enorme cicatriz avermelhada, o tecido em torno ainda de um preto azulado, do trauma do tiro. A mãe prorrompeu em lamentos. Giuliano disse a ele, com um sorriso:

— Preferia me ver na prisão com as marcas do bastinado!

Embora a cena familiar reconstituísse os dias mais felizes de sua infância, ele sentia uma grande distância de todos. Lá estavam todos os seus pratos prediletos, a lula escura, o macarrão com seu molho de tomate e ervas, cordeiro assado, a tigela grande com azeitonas, a salada verde e vermelha com o mais puro azeite prensado a frio, as garrafas cobertas de vime com o vinho siciliano. A mãe e o pai contaram suas histórias sobre a vida na América e Hector Adonis regalou-os com as glórias da história da Sicília. De Garibaldi e seus famosos Camisas Vermelhas. Ou o dia das Vésperas Sicilianas, quando o povo da Sicília se levantara para massacrar o exército francês de ocupação, tantas centenas de anos antes. Todas as histórias da Sicília oprimida, começando com Roma, seguida pelos mouros e normandos, os franceses, alemães e espanhóis. Ai da Sicília! Seu povo nunca livre, sempre com fome, seu trabalho vendido tão barato, seu sangue derramado tão facilmente.

E, por isso, hão havia agora um só siciliano que acreditasse no governo, na lei, na ordem estruturada da sociedade, que sempre foram usados para convertê-los em bestas de carga. Giuliano escutara aquelas histórias ao longo dos anos, gravando-as em seu cérebro. Mas somente agora compreendia que podia mudar aquela situação.

Ele observou Aspanu fumando um cigarro, depois do café. Mesmo naquela alegre reunião, Aspanu tinha um sorriso irônico nos lábios. Giuliano podia adivinhar o que ele estava pensando e o que diria depois: Tudo o que se precisa fazer é ser bastante estúpido para atirar num guarda, cometer assassinato, tornar-se um proscrito, para que os entes amados passem a demonstrar sua afeição e tratá-lo como um santo caído dos céus. E, no entanto, Aspanu era o único de quem ele não se sentia isolado.

E lá estava a mulher, La Venera. Por que sua mãe a convidara? E por que ela viera? Giuliano constatou que seu rosto ainda era bonito, ousado e forte, as sobrancelhas muito pretas, os lábios tão escuros e vermelhos que pareciam quase púrpuras na luz enfumaçada. Não havia maneira de saber como era o seu corpo, pois usava o vestido preto informe de viúva siciliana.

Turi Giuliano teve de contar toda a história do tiroteio em Quattro Molini. O pai, um pouco embriagado com o vinho, emitiu resmungos de aprovação ao relato da morte do sargento. A mãe se manteve em silêncio. O pai falou do fazendeiro que viera em busca de seu burro e o comentário que lhe fizera:

— Fique contente por ter perdido um burro. Eu perdi um filho.

Aspanu interveio na conversa:

— Um burro procurando um burro.

Todos riram. O pai de Giuliano continuou:

— Quando soube que um guarda morrera, o fazendeiro ficou com medo de apresentar sua reclamação, pensando que poderia ser levado também ao bastinado.

— Ele será pago — declarou Turi.

Hector Adonis finalmente relatou seus planos para salvar Turi. A família do morto receberia uma indenização. Os pais de Giuliano teriam de hipotecar sua pequena propriedade para levantar o dinheiro necessário. O próprio Adonis contribuiria com uma quantia. Mas essa tática teria de esperar até que os sentimentos de raiva se desvanecessem. A influência de Don Croce seria usada para acalmar as autoridades do governo e a família do morto. Afinal, fora mais ou menos um acidente. Não houvera dolo de

qualquer parte. Podia-se armar uma farsa, desde que a família da vítima e elementos de posição do governo cooperassem. O único problema era o cartão de identidade no local do crime. Mas, dentro de um ano, Don Croce daria um jeito para que desaparecesse dos arquivos da promotoria. E o mais importante: durante esse ano, Turi Giuliano deveria se manter longe de qualquer encrenca. Devia desaparecer nas montanhas.

Turi Giuliano escutou a todos pacientemente, sorrindo, acenando com a cabeça, sem deixar transparecer qualquer irritação. Ainda pensavam nele como o rapaz que de lá saíra por ocasião da Festa, há mais de dois meses. Ele tirara o casaco de pele de ovelha e se despojara das armas, pondo-as no chão, a seus pés, por baixo da mesa. Mas isso não os impressionara. Nem a sua enorme cicatriz. Não podiam imaginar como sua mente fora abalada pelo terrível golpe em seu corpo. Ou que ele nunca mais seria o rapaz que haviam conhecido.

Ele estava seguro na casa, naquele momento. Pessoas de confiança patrulhavam as ruas e vigiavam os *carabinieri* em seu quartel, prontas para alertarem sobre qualquer ataque. A casa propriamente dita, construída muitas centenas de anos antes, era de pedra; as janelas eram de madeira grossa, trancadas, com trinta centímetros de espessura. A porta de madeira era forte e trancada por uma barra de ferro. Nenhuma réstia de luz podia escapar daquela casa, nenhum inimigo podia forçar a entrada rapidamente num ataque de surpresa. E, no entanto, Turi Giuliano sentia-se em perigo. Aquelas pessoas que o amavam queriam acuá-lo à sua vida anterior, persuadi-lo a se tornar um camponês, largar as armas que empunhara contra seus semelhantes e deixá-lo à mercê das leis. E foi nesse instante que ele compreendeu que teria de ser cruel com aqueles a quem mais amava. Sempre acalentara o sonho de conquistar amor ao invés de poder. Mas, agora, tudo isso mudara. Podia perceber claramente que o poder estava em primeiro lugar. E ele disse a Hector Adonis e aos outros, gentilmente:

— Meu caro padrinho, sei que fala por afeição e preocupação. Mas não posso permitir que meu pai e minha mãe percam sua pouca terra para me ajudarem a sair do problema. E quero pedir a todos que aqui estão para não se preocuparem muito comigo. Sou um homem adulto que deve pagar por sua imprudência. E não quero que ninguém pague uma indenização por aquele *carabinieri* que matei. Lembrem-se de que ele tentou me matar

antes, só porque eu estava contrabandeando um pouco de queijo. Eu nunca teria atirado nele se não pensasse que estava morrendo. Queria acertar as contas. Mas tudo isso pertence ao passado. Não será tão fácil me acertar na próxima vez.

Pisciotta acrescentou, com um sorriso:

— E, de qualquer maneira, é mais divertido nas montanhas.

Mas a mãe de Giuliano não queria se deixar convencer. Todos podiam ver o seu pânico, o medo em seus olhos ardentes. E ela disse, desesperada:

— Não se torne um bandido, não roube os pobres, que já têm sofrimento demais em suas vidas. Não se torne um fora-da-lei. Deixe que La Venera lhe conte o tipo de vida que seu marido levava.

La Venera levantou a cabeça e fitou Giuliano nos olhos. Ele ficou impressionado pela sensualidade no rosto dela, como se estivesse tentando atrair a sua paixão. Os olhos de La Venera eram ousados e contemplaram-no quase em convite. Antes, ele pensara nela apenas como uma mulher mais velha; agora, podia senti-la sexualmente. E quando ela falou, sua voz estava rouca de emoção:

— Naquelas mesmas montanhas para onde você deseja ir, meu marido teve de viver como um animal. Sempre com medo. Sempre. Não podia comer. Não podia dormir. Quando estávamos juntos na cama, qualquer barulho o fazia levantar de um pulo. Dormíamos com armas no chão, ao lado da cama. Mas isso de nada lhe adiantou. Quando nossa filha caiu doente, ele tentou visitá-la. Estavam à sua espera. Sabiam que ele tinha um coração sensível. Foi abatido a tiros na rua, como um cachorro. Pisaram nele e riram em minha cara.

Giuliano podia ver o sorriso no rosto de Pisciotta. O grande bandido, Candeleria, um homem de coração mole? Ele massacrara seis homens como suspeitos de serem delatores, atacara fazendeiros ricos, extorquira dinheiro de camponeses pobres, semeara o terror em toda a região. Mas sua esposa o via de maneira diferente. La Venera não notou o sorriso de Pisciotta. E continuou:

— Enterrei-o e depois enterrei minha filha, uma semana depois. Disseram que foi pneumonia. Mas eu sei que seu coração estava partido. O que mais recordo são as ocasiões em que o visitava nas montanhas. Ele estava sempre com frio e com fome, às vezes doente. Daria qualquer coisa para retornar à vida de um honesto camponês. Mas, pior de tudo, seu coração tornou-se tão duro quanto um caroço de azeitona. Não era mais humano, que sua alma descanse em paz. Portanto, meu caro Turi, não seja tão orgulhoso. Nós o ajudaremos em seu infortúnio. Não se torne o que meu marido foi antes de morrer.

Todos se mantiveram em silêncio. Pisciotta não mais sorria. O pai de Giuliano murmurou que teria a maior satisfação em se livrar da fazenda; assim, poderia dormir até mais tarde pela manhã. Hector Adonis olhava fixamente para a toalha da mesa, de rosto franzido. Nenhum deles falou por um longo tempo.

O silêncio foi rompido por uma batida rápida na porta, um sinal de um dos vigias. Pisciotta foi falar com o homem. Quando voltou, fez um sinal para Giuliano se armar.

— O quartel dos *carabinieri* está todo iluminado — informou ele. — E há um furgão da polícia bloqueando a extremidade da Via Bella, que desemboca na praça. Estão se aprontando para dar uma batida nesta casa.

Ele fez uma pausa e depois acrescentou:

— Temos de nos apressar nas despedidas.

O que impressionou a todos foi a calma com que Turi Giuliano se preparou para fugir. A mãe correu para os seus braços. Enquanto a abraçava, ele já tinha nas mãos o casaco de pele de ovelha. Despediu-se dos outros e no instante seguinte parecia estar plenamente armado, de casaco, o rifle pendurado no ombro. E, no entanto, não se movimentara rapidamente, apressadamente. Ficou imóvel por um instante, sorrindo para todos, depois disse a Pisciotta:

— Você pode ficar e se encontrar comigo nas montanhas depois. Ou pode me acompanhar agora.

Sem dizei nada, Pisciotta encaminhou-se para a porta dos fundos e abriu-a. Giuliano deu um último abraço na mãe. Ela beijou-o

impetuosamente e murmurou:

— Esconda-se. Não faça nada precipitado. Deixe-nos ajudá-lo.

Mas Giuliano já se desprendera de seus braços. Pisciotta seguiu na frente, atravessando os campos, até as encostas iniciais das montanhas. Giuliano assoviou subitamente e Pisciotta parou, esperando que o amigo o alcançasse. O caminho para as montanhas estava livre, os vigias haviam informado que não havia patrulhas da polícia naquela direção. Estariam seguros na Grotta Bianca, depois de uma subida de quatro horas. Se os *carabinieri* os perseguissem, através da escuridão, seria um ato extraordinário de bravura e insensatez. Giuliano disse:

— Aspanu, quantos são os *carabinieri* da guarnição?

— Doze. E o Maresciallo.

Giuliano riu.

— Treze é um número de azar. E por que estamos fugindo de tão poucos? — Ele parou por um instante e depois acrescentou: — Siga-me.

Giuliano voltou pelos campos e tornaram a entrar na cidade de

Montelepre, por uma rua mais abaixo. Atravessaram a Via Bella, a fim de poderem observar a casa de Giuliano da segurança de uma viela estreita e escura. Agacharam-se nas sombras e ficaram esperando.

Cinco minutos depois, ouviram um jipe descer ruidosamente a Via Bella. Seis *carabinieri* estavam espremidos lá dentro, inclusive o Maresciallo. Dois homens avançaram imediatamente pela rua transversal, a fim de bloquearem a entrada dos fundos. O Maresciallo e os outros três homens foram até a porta da casa e bateram. Ao mesmo tempo, um pequeno caminhão fechado parou por trás do jipe e mais dois *carabinieri* saltaram, os rifles de prontidão, para dominarem a rua.

Turi Giuliano observava a tudo com o maior interesse. Era a sua primeira operação tática e ficou espantado ao compreender como poderia facilmente dominar a situação, se estivesse disposto a derramar sangue. Era verdade que não poderia atirar no Maresciallo e nos três guardas na porta, já que as balas poderiam entrar na casa e atingir sua família. Mas, sem a menor dificuldade, poderia abater os dois homens na rua e os dois

motoristas em seus veículos. Se desejasse, poderia fazer isso assim que o Maresciallo e seus homens entrassem na casa. Os quatro não se atreveriam a sair e ele e Pisciotta poderiam atravessar os campos à vontade. Quanto ao bloqueio policial no final da rua, com o furgão, estaria longe demais para ser um fator que pesasse. E os homens não tomariam a iniciativa de subir a rua sem receberem ordens.

A batida da polícia se baseava na pressuposição de que os alvos nunca estariam em condições de desfechar um contra-ataque; que sua única alternativa seria fugir de uma força superior. Turi Giuliano formulou naquele momento um princípio básico, de que sempre estaria em condições de contra-atacar quando estivesse sendo perseguido, não importava quão grandes fossem as desvantagens; ou talvez fosse melhor na medida em que as desvantagens fossem maiores. Mas agora ele não tinha o menor desejo de derramar sangue. Ainda era uma manobra intelectual. E ele queria especialmente observar o Maresciallo em ação, já que se tratava do homem que seria o seu principal oponente no futuro.

A porta da casa foi aberta pelo pai de Giuliano. O Maresciallo agarrou o velho pelo braço rudemente e puxou-o para a rua, gritando a ordem para que esperasse ali.

Um Maresciallo dos *carabinieri* italianos é o posto mais alto dos oficiais subalternos da Polícia Nacional, geralmente no comando do destacamento de uma cidade pequena. Como tal, era um membro importante da comunidade local, tratado com o mesmo respeito que se dispensava ao prefeito e ao padre da paróquia. Por isso, ele não estava esperando a recepção da mãe de Giuliano, que barrou o seu caminho e cuspiu no chão, à sua frente, para demonstrar o desprezo que sentia.

Ele e seus três homens tiveram de forçar a entrada na casa e revistá-la, enquanto eram insultados sarcasticamente pela mãe de Giuliano. Todos foram levados para a rua, a fim de serem interrogados; homens e mulheres saíram das casas vizinhas e se puseram a injuriar verbalmente a polícia. Como a busca na casa foi infrutífera, o Maresciallo tentou arrancar alguma informação dos moradores. O pai de Giuliano ficou atônito.

— Acha que eu delataria meu próprio filho?

Houve um grande clamor de aprovação da multidão na rua. O Maresciallo ordenou que a família de Giuliano tornasse a entrar na casa. Nas sombras da viela, Pisciotta sussurrou para Giuliano:

— Sorte deles que sua mãe não tenha as nossas armas.

Turi não respondeu. O sangue lhe subira à cabeça. Precisou de um enorme esforço para se controlar. O Maresciallo levantou seu cassetete e acertou um homem na multidão que se atrevera a protestar contra a maneira rude como os pais de Giuliano haviam sido tratados. Dois outros *carabinieri* começaram a agarrar os cidadãos de Montelepre, ao acaso, empurrando-os para o caminhão à espera, agredindo-os com os cassetetes e a pontapés, ignorando seus gritos de medo e protesto. Subitamente, um homem estava parado sozinho na rua, confrontando os *carabinieri*. Ele avançou para o Maresciallo. Um tiro soou e o homem caiu sobre as pedras do calçamento. De uma das casas, uma mulher se pôs a gritar e depois saiu correndo, jogando-se sobre o corpo do marido caído. Turi Giuliano reconheceu-a; era uma antiga amiga de sua família, que sempre levava um bolo de presente para sua mãe na Páscoa. Turi bateu no ombro de Pisciotta e sussurrou:

— Siga-me.

Ele desatou a correr pelas vielas estreitas e sinuosas na direção da praça central da cidade, na outra extremidade da Via Bella. Pisciotta gritou bruscamente:

— Que diabo está fazendo?

Mas logo ele se calou. Pois de repente compreendia exatamente o que Turi tinha em mente. O caminhão com os prisioneiros teria de descer pela Via Bella, fazer a volta e seguir para o Quartel Bellampo.

Enquanto corria pelas escuras ruas paralelas, Turi Giuliano sentia-se invisível, como um deus. Sabia que o inimigo nunca poderia sonhar, jamais imaginaria, o que ele estava fazendo. Os guardas pensariam que ele estava fugindo para a segurança das montanhas. Sentia uma exultação incontrolável. Os *carabinieri* aprenderiam que não poderiam dar uma batida na casa de sua mãe impunemente. Pensariam duas vezes antes de tornarem a fazer a mesma coisa. Não poderiam atirar novamente num

homem a sangue-frio. Faria com que tivessem respeito por seus vizinhos e sua família.

Ele alcançou o outro lado da praça. À luz do único lampião, podia ver o furgão da polícia que bloqueava a entrada para a Via Bella. Como se ele pudesse cair numa armadilha assim. O que eles poderiam estar pensando? Seria aquela uma amostra da inteligência oficial? Ele passou para outra rua secundária, seguindo para a entrada dos fundos da igreja, que dominava a praça, com Pisciotta em seus calcanhares. Lá dentro, ambos pularam por cima da grade do altar. Pararam por uma fração de segundo naquele sagrado cenário, onde há muito tempo haviam sido sacristãos, ajudando o padre na missa dominical e na comunhão dos habitantes de Montelepre. Empunhando as armas, eles se ajoelharam e fizeram o sinal-da-cruz desajeitadamente; por um momento, o poder das imagens de cera de Cristo, coroado com espinhos, as Virgens Marias com suas túnicas azuis, as baterias de santos, tudo embotou a ânsia deles pela batalha. E depois correram pela pequena nave até a enorme porta de carvalho, que proporcionava uma posição de tiro para a praça. E ali tornaram a se ajoelhar, preparando suas armas.

O furgão bloqueando a Via Bella deu marcha ré para deixar o caminhão com os prisioneiros entrar na praça, a fim de dar a volta e subir pela rua. Foi nesse instante que Turi Giuliano abriu a porta da igreja e gritou para Pisciotta:

— Atire por cima das cabeças deles!

Ao mesmo tempo, ele disparou a pistola automática na direção do furgão de bloqueio, mirando os pneus e o motor. E subitamente a praça se iluminou, quando o motor explodiu e o furgão pegou fogo. Os dois *carabinieri* no banco da frente pularam fora como marionetes desconjuntadas, a surpresa não dando a seus corpos tempo suficiente para se recuperarem do choque. Pisciotta disparou o rifle na direção da cabine do caminhão com os prisioneiros. Turi Giuliano viu o motorista pular fora e ficar imóvel no chão. Os outros *carabinieri* saltaram e Pisciotta tornou a disparar. O segundo guarda caiu. Turi virou-se para Pisciotta, a fim de censurá-lo. Mas, subitamente, o vitral da igreja se espatifou com o fogo de metralhadora, os fragmentos coloridos se espalhando pelo chão, como

rubis. Turi compreendeu que não havia mais qualquer possibilidade de misericórdia. Que Aspanu estava certo. Deviam matar ou morrer.

Giuliano puxou o braço de Pisciotta e correu de volta pela igreja, saiu pela porta dos fundos e correu atrás das vielas escuras e sinuosas de Montelepre. Sabia que naquela noite não havia esperança de ajudar os prisioneiros a escaparem. Eles passaram pelo último muro da cidade, saíram para os campos abertos. Continuaram a correr, até alcançarem a segurança das primeiras encostas das montanhas, cobertas por enormes pedras brancas. O amanhecer estava rompendo quando alcançaram o cume do Monte d'Ora, nas Montanhas Cammarata.

Mais de mil anos antes, Spartacus escondera ali seu exército de escravos, levando-os para lutar contra as legiões de Roma. Parado no alto daquele mesmo Monte d'Ora, observando o sol nascer radiante, Turi Giuliano estava dominado por um júbilo juvenil por ter escapado a seus inimigos. Nunca mais obedeceria a outro ser humano. Escolheria quem deveria viver e quem deveria morrer. Não havia a menor dúvida em sua mente de que tudo o que faria seria para a glória e liberdade da Sicília, para o bem e não para o mal. Que só atacaria pela causa da justiça, para ajudar os pobres. Que venceria todas as batalhas, que conquistaria o amor dos oprimidos.

Ele tinha 20 anos de idade.

CAPÍTULO 7

Don Croce Malo nasceu na aldeia de Villalba, um lugarejo esquecido que ele tornaria prospero e famoso por toda a Sicília. Não era irônico, para os sicilianos, que ele viesse de uma família religiosa, que o preparou para o sacerdócio na Santa Igreja Católica, que o seu primeiro nome fosse originalmente Crecefisso, um nome religioso dado apenas pelos pais mais devotos. E, quando era um jovem esguio, ele tinha de representar o papel de Cristo nas encenações religiosas apresentadas em celebração da Páscoa, sendo aclamado por seu maravilhoso ar de devoção.

Mas quando ingressou na vida adulta, por ocasião da passagem do século, ficou patente que Croce Malo tinha dificuldade em aceitar qualquer outra autoridade que não a sua. Ele contrabandeava, extorquia, roubava e finalmente, o pior de tudo, engravidou uma moça da aldeia, uma inocente Madalena nas encenações religiosas. Recusou-se depois a casar com ela, alegando que ambos se haviam deixado arrebatar pelo fervor religioso da peça e por isso deveriam ser perdoados.

A família da moça achou que essa explicação era sutil demais para aceitar e exigiu o matrimônio ou a morte. Croce Malo era orgulhoso e não podia casar com uma moça tão desonrada. Assim, fugiu para as montanhas. Depois de um ano como bandido, teve a boa sorte de fazer contato com a Máfia.

"Máfia", em árabe, significa um lugar de santuário. A palavra ingressou no linguajar siciliano quando os sarracenos dominaram a ilha, no século X. Ao longo da história, o povo da Sicília foi oprimido implacavelmente pelos romanos, o Papado, normandos, franceses, alemães e espanhóis. Seus governos escravizavam a pobre classe trabalhadora, explorando seu trabalho, violentando suas mulheres, assassinando seus líderes. Nem mesmo os ricos escapavam. A Inquisição Espanhola da Santa Igreja Católica despojou-os de sua riqueza por serem hereges. Assim, "Máfia" tornou-se uma sociedade secreta de vingadores. Quando os tribunais reais se recusavam a tomar providências contra um nobre normando que estuprara a esposa de um fazendeiro, um bando de camponeses o assassinava. Quando um chefe de polícia torturava algum ladrão insignificante com a temida cassetta, não demorava a ser morto.

Gradativamente, os camponeses e pobres mais determinados formaram uma sociedade organizada, que tinha o apoio do povo em geral e acabou se tornando na prática um segundo e mais poderoso governo. Quando havia um erro a ser reparado, ninguém mais procurava a autoridade policial; em vez disso, iam ao líder local da Máfia, que servia como mediador no problema.

O maior crime que um siciliano podia cometer era fornecer uma informação de qualquer espécie às autoridades sobre as atividades da Máfia. Todos se mantinham em silêncio. E esse silêncio passou a ser chamado de *omertà*. Ao longo dos séculos, a prática ampliou-se para nunca se prestar informações à polícia sobre qualquer crime cometido, ainda que fosse contra si mesmo. Romperam-se todas as comunicações entre o povo e os órgãos dos governos reinantes incumbidos de impor a lei. Até mesmo uma criança pequena era ensinada a não oferecer a um estranho orientações para se chegar a uma aldeia ou à casa de uma pessoa.

Durante séculos, a Máfia governou a Sicília, uma presença tão furtiva e indistinta que as autoridades nunca foram capazes de compreender toda a extensão de seu poder. Até a Segunda Guerra Mundial, a palavra "Máfia" nunca foi pronunciada na Sicília.

* * *

Cinco anos depois de sua fuga para as montanhas, Don Croce era bastante conhecido como um "Homem Qualificado". Ou seja, alguém a quem se podia confiar a eliminação de um ser humano sem que isso causasse mais do que o mínimo de problemas. Era um "Homem de Respeito". Depois de alguns acertos, voltou a viver em sua aldeia natal de Villalba, cerca de 65 quilômetros ao sul de Palermo. Esses acertos incluíram o pagamento de uma indenização à família da moça que ele desonrara. Isso foi mais tarde anunciado como uma prova de sua generosidade, mas foi antes a confirmação de sua sabedoria. A moça grávida já fora despachada para parentes na América, com o rótulo de uma jovem viúva, a fim de ocultar sua vergonha. Mas a família não esquecera. Afinal, eram sicilianos. Don Croce, um assassino eficiente, um explorador brutal, um membro dos temidos Amigos dos Amigos, não podia contar tranquilamente com tudo isso para se proteger da família que desgraçara.

Era uma questão de honra e se não fosse pela indenização eles teriam de matá-lo, não importando quais fossem as consequências.

Combinando generosidade com prudência, Croce Malo adquirira o respeitoso título de Don. Aos 40 anos, ele era reconhecido como o mais destacado dos Amigos dos Amigos, sendo convocado para julgar as mais encarniçadas disputas entre *cosche* rivais da Máfia, para acertar as mais violentas *vendettas*. Era justo, era esperto, era um diplomata nato; o mais importante, porém, é que não desfalecia à visão de sangue. Tornou-se conhecido como o "Don da Paz" pela Máfia siciliana; e todos prosperaram. Os obstinados eram eliminados com assassinatos criteriosos. Don Croce virou um homem rico. Até mesmo seu irmão, Benjamino, tornou-se secretário do cardeal de Palermo. Mas o sangue falava mais alto do que a água-benta e ele devia sua primeira fidelidade a Don Croce.

Ele casou e tornou-se pai de um menino a quem adorava. Don Croce, não tão prudente como seria depois, não tão humilde como aprenderia a ficar sob o açoite da adversidade, engendrou um golpe que o tornou famoso por toda a Sicília e um alvo de admiração da mais alta sociedade romana. Esse golpe resultou de uma pequena discórdia conjugal que até mesmo os maiores homens da história tiveram de suportar.

Por causa de sua posição entre os Amigos dos Amigos, Don Croce casara em uma família orgulhosa, que recentemente comprara títulos de nobreza por uma enorme quantia, a fim de que o sangue em suas veias se tornasse azul. Depois de alguns anos de casamento, a esposa tratava-o com uma falta de respeito que ele sabia que tinha de corrigir, embora obviamente não à sua maneira habitual. O sangue azul da esposa tornara-a desencantada com o pragmatismo de Don Croce, seu hábito de manter-se calado se não tinha nada de objetivo para dizer, seus trajes informais, o costume de comandar bruscamente em todas as coisas. Havia também a lembrança da maneira como todos os outros pretendentes haviam-se afastado, quando Don Croce anunciara que era candidato à sua mão.

É claro que ela não demonstrou seu desrespeito por qualquer modo evidente. Afinal, viviam na Sicília, não na Inglaterra ou Estados Unidos. Mas o Don era uma alma extraordinariamente sensível. Não demorou a perceber que a esposa não idolatrava o chão em que ele pisava, o que era prova suficiente de seu desrespeito. Don Croce decidiu conquistar-lhe a

afeição de tal forma que durasse a vida inteira, permitindo-lhe dedicar toda a sua atenção aos negócios. Sua mente flexível estudou o problema e formulou um plano à altura do próprio Maquiavel.

O Rei da Itália faria uma visita aos seus súditos devotados na Sicília — e eram mesmo devotados. Todos os sicilianos odiavam o governo romano e temiam a Máfia. Mas amavam a Monarquia, porque ampliava suas famílias, que consistia nos parentes de sangue, da Virgem Maria e do próprio Deus. Grandes festas foram preparadas para a visita do Rei.

Em seu primeiro domingo na Sicília, o Rei foi à missa na enorme catedral de Palermo. Deveria se tornar padrinho de um dos mais antigos nobres da Sicília, o Príncipe Ollorto. O Rei já era padrinho de pelo menos uma centena de crianças, filhos de marechais, duques e dos homens mais poderosos do Partido Fascista. Esses eram atos políticos para consolidar os relacionamentos entre a coroa e os executivos do governo. Os afilhados reais tornavam-se automaticamente Cavaleiros da Coroa e recebiam os documentos e uma faixa para comprovar a honraria. E mais uma pequena taça de prata.

Don Croce estava preparado. Tinha trezentas pessoas na multidão diante da catedral. Seu irmão, Benjamino, era um dos padres oficiando a cerimônia. O filho do Príncipe Ollorto foi batizado. O pai orgulhoso saiu da catedral, levantando o bebê em triunfo. A multidão rugiu em aprovação. O Príncipe Ollorto era um dos menos odiados dos aristocratas, um homem esguio e bonito; a aparência sempre foi uma coisa importante na Sicília.

Foi nesse momento que o pessoal de Don Croce entrou na catedral, bloqueando efetivamente a saída do Rei. Ele era um homenzinho com um bigode mais denso que os cabelos em sua cabeça. Vestia-se com o uniforme de gala dos Cavaleiros, que o fazia parecer um soldadinho de chumbo. Mas, apesar da aparência pomposa, era extremamente bondoso. Assim, quando o Padre Benjamino meteu outro bebê em seus braços, ele ficou surpreso, mas não protestou. Por instruções de Don Croce, a multidão isolara-se de sua comitiva e do Cardeal de Palermo, impedindo assim qualquer interferência. O Padre Benjamino aspergiu rapidamente a água-benta de uma pia batismal, depois tirou o bebê dos braços do Rei e entregou-o a Don Croce. A esposa de Don Croce derramou lágrimas de

felicidade ao ajoelhar-se diante do Rei. Ele era agora o padrinho de seu único filho. Ela não podia pedir mais.

* * *

Don Croce engordou e o rosto ossudo criou bochechas que pareciam enormes blocos de mogno; o nariz virou um grande bico, que servia como uma antena para o poder. O corpo inflou de maneira imponente; os olhos tornaram-se empapuçados com carne, que crescia como um musgo denso em seu rosto. Seu poder aumentava a cada quilo, até que ele pareceu transformar-se num obelisco impenetrável. Dava a impressão de que não tinha fraquezas como um homem; nunca demonstrava ira, nunca demonstrava ganância. Era afetuoso de uma forma impessoal, mas nunca demonstrava amor. Era consciente de suas graves responsabilidades e por isso jamais manifestava seus temores à esposa na cama. Era o verdadeiro Rei da Sicília. — Mas seu filho — o herdeiro presuntivo — foi acometido com a estranha doença de reforma social-religiosa e emigrou para o Brasil, a fim de educar e ajudar os índios ao longo do Rio Amazonas. O Don sentiu-se tão envergonhado que nunca mais tornou a mencionar o nome do filho.

Don Croce não ficou impressionado no começo da ascensão de Mussolini ao poder. Estudara-o atentamente e concluíra que o homem não possuía astúcia nem coragem. E se um homem assim podia governar a Itália, então era evidente que ele, Don Croce, poderia dominar a Sicília.

Mas, depois, a calamidade aconteceu. Após uns poucos anos no poder, Mussolini virou seus olhos rancorosos contra a Sicília e a Máfia. Reconheceu que não se tratava de um grupo irregular de criminosos, mas sim de um verdadeiro governo interior, que controlava uma parte de seu império. E compreendeu que, ao longo da história, a Máfia sempre conspirara contra qualquer governo que existisse em Roma. Todos os soberanos da Sicília, durante mil anos, haviam tentado destruir a Máfia e fracassaram. Agora, o ditador jurou liquidá-la para sempre. Os fascistas não acreditavam em democracia, o governo legal da sociedade. Faziam o que bem queriam, considerando que tudo o que faziam era pelo bem do Estado. Em suma, usavam os mesmos métodos de Don Croce Malo.

Mussolini despachou o ministro em que mais confiava, Cesare Mori, para ser o Governador da Sicília, com poderes ilimitados. Encheu a

Sicília com soldados, que tinham ordens de atirar primeiro e fazer perguntas depois. Prendeu e deportou aldeias inteiras.

Antes da ditadura, a Itália não tinha pena capital, o que a deixava em desvantagem diante da Máfia, que usava a morte como o principal instrumento para impor sua vontade. Tudo isso mudou sob o comando do Governador Mori. Orgulhosos mafiosos, que mantiveram a lei da *omertà*, resistindo até mesmo à temida cassetta, foram fuzilados. Supostos conspiradores foram exilados para pequenas ilhas isoladas no Mediterrâneo. Em um ano, a ilha da Sicília perdeu dez por cento de sua população. A Máfia foi destruída como uma força governante. Não tinha a menor importância para Roma que milhares de inocentes fossem apanhados naquela rede ampla e sofressem junto com os culpados.

* * *

Don Croce amava as regras justas da democracia e ficou indignado pelas ações dos *Fascisti*. Amigos e colegas foram encarcerados por acusações forjadas, já que eram espertos demais para deixarem quaisquer provas de seus crimes. Muitos foram presos por rumores, informações secretas de patifes que não podiam ser identificados e convencidos, porque não eram obrigados a comparecer ao tribunal e prestar depoimento. Onde estava o jogo limpo judicial? Os fascistas voltavam aos dias da Inquisição, do direito divino dos reis. Don Croce nunca acreditara no direito divino dos reis; na verdade, concluíra que nenhum ser humano sensato jamais acreditara nisso, a não ser quando A alternativa era ser dilacerado por quatro cavalos selvagens.

Ainda pior, os fascistas reviviam a cassita; o instrumento medieval de tortura, uma caixa de um metro de comprimento por meio de largura que obtinha maravilhas em corpos obstinados. Até mesmo o mais determinado mafioso descobria a língua tão solta quanto a moral de uma inglesa quando era submetido à cassetta. Don Croce, indignado, gabou-se de nunca ter recorrido à tortura de qualquer tipo. O simples assassinato era suficiente.

Como uma baleia imponente, Don Croce submergiu nas águas turvas do submundo siciliano. Ingressou num mosteiro como um falso monge franciscano, sob a proteção do Abade Manfredi. Os dois mantinham um relacionamento antigo, proveitoso e mutuamente

agradável. O Don, embora orgulhoso de seu analfabetismo, fora obrigado a usar o abade para escrever as necessárias cartas de resgate, quando no início da carreira se dedicara ao negócio de sequestro. Sempre haviam sido honestos um com o outro. Descobriram que tinham gostos comuns. Ou seja, mulheres licenciosas, bom vinho e roubo complexo. O Don muitas vezes levara o abade em suas viagens à Suíça para visitar seus médicos e experimentar os plácidos prazeres daquele país. Uma mudança tranquila e agradável para os prazeres mais perigosos da Sicília.

Quando começou a Segunda Guerra Mundial, Mussolini não podia mais dispensar toda a sua atenção à Sicília. Don Croce aproveitou imediatamente a oportunidade para reconstituir as linhas de comunicação com os remanescentes Amigos dos Amigos, enviando mensagens de esperança aos velhos baluartes da Máfia, exilados nas pequenas ilhas de Pantelleria e Stromboli. Estabeleceu contatos amigáveis com as famílias dos líderes da Máfia que haviam sido presos pelo Governador Mori.

Don Croce sabia que sua única esperança, em última análise, era uma vitória dos Aliados e que deveria envidar todos os esforços para esse objetivo. Fez contato com grupos guerrilheiros e deu ordens para que todos os seus homens ajudassem quaisquer pilotos aliados que fossem derrubados. E assim, naquela hora crucial, Don Croce estava preparado.

Quando o exército americano invadiu a Sicília, em julho de 1943, Don Croce estendeu sua mão prestativa. Não havia muitos compatriotas sicilianos naquele exército invasor, os filhos de imigrantes? Siciliano deveria lutar contra siciliano por causa dos alemães? Os homens de Don Croce persuadiram milhares de soldados italianos a desertarem e irem para os esconderijos que a Máfia providenciara. Don Croce fez contato pessoal com agentes secretos do exército americano e conduziu as tropas invasoras através de passagens nas montanhas, a fim de que pudessem flanquear os canhões pesados alemães entrincheirados. Enquanto a força invasora britânica, no outro lado da ilha, sofria grandes baixas e só conseguia avançar lentamente, o exército americano realizava sua missão muito antes do prazo previsto e com um mínimo de baixas.

O próprio Don Croce, apesar de estar agora com quase 65 anos e extremamente corpulento, liderou um bando de guerrilheiros mafiosos até a cidade de Palermo e sequestrou o general alemão que comandava a sua

defesa. Escondeu o prisioneiro na cidade, até que as linhas alemãs foram rompidas e o exército americano entrou em Palermo. O comandante-supremo americano para o sul da Itália referiu-se a Don Croce, em seus despachos para Washington, como o "General Máfia". E assim ele se tornou conhecido pelos oficiais americanos nos meses subsequentes.

*. *. *

O Governador Militar americano da Sicília era um certo Coronel Alfonso La Ponto. Como um político de primeira linha no Estado de Nova Jersey, ele recebera uma patente direta e fora preparado para aquela função específica. Seus maiores predicados eram a afabilidade e a maneira como conseguia fechar um acordo político. Seus oficiais de estado-maior do governo militar também foram escolhidos por qualidades similares. O quartel-general do governo militar era formado por vinte oficiais e cinquenta praças e sargentos. Muitos eram de origem italiana. Don Croce acolheu a todos com o amor sincero de um irmão de sangue, oferecendo-lhes todos os sinais de afeição e devoção. Apesar disso, muitas vezes referia-se a eles, em conversa com seus amigos, como os nossos "Cordeiros em Cristo".

Mas Don Croce "entregara as mercadorias", como os americanos costumavam dizer. O Coronel La Ponto-promoveu Don Croce a seu principal conselheiro e amigo do peito. O coronel jantava frequentemente em sua casa e demonstrava o maior prazer pela comida caseira.

O primeiro problema a ser resolvido era designar novos prefeitos para todas as pequenas cidades da Sicília. Os antigos prefeitos eram fascistas, como não podia deixar de ser, e estavam agora metidos em prisões americanas.

Don Croce recomendou líderes da Máfia que haviam sido presos. Como suas fichas indicavam claramente que haviam sido torturados e encarcerados pelo governo fascista, por resistência a seus objetivos e ao bem-estar do Estado, presumiu-se que os crimes de que eram acusados tinham provas forjadas. Don Croce, enquanto saboreavam os pratos esplêndidos de peixe e espaguete que sua esposa preparava, contou lindas histórias sobre a maneira como seus amigos, todos assassinos e ladrões, haviam-se recusado a renunciar a suas convicções nos princípios democráticos de justiça e liberdade. O coronel ficou deliciado por

descobrir tão depressa as pessoas ideais para dirigir a população civil, sob a sua orientação. Em um mês, a maioria das cidades na região oeste da Sicília tinha como prefeitos os mais intransigentes mafiosos que emergiram das prisões fascistas.

E eles se comportaram de maneira extraordinária para o exército americano. Somente um mínimo das tropas de ocupação teve de ser deixado para trás, a fim de manter a ordem sobre o povo conquistado-. Enquanto a guerra continuava, no território continental, não houve sabotagem por trás das linhas americanas, hão houve espiões vagueando livremente. A operação de mercado negro pelas pessoas comuns foi mantida num mínimo. O coronel recebeu uma medalha especial e foi promovido a general-de-brigada.

Os prefeitos mafiosos de Don Croce impunham as leis de contrabando com o maior rigor e os *carabinieri* patrulhavam as estradas e passagens nas montanhas incessantemente. Era como nos velhos tempos. Don Croce dava ordens a todos. Inspetores do governo cuidavam para que fazendeiros teimosos entregassem sua produção de cereais, azeitonas e uvas aos depósitos governamentais, a preços fixados oficialmente. É claro que os alimentos eram distribuídos em racionamento aos habitantes da Sicília. Para garantir isso, Don Croce solicitou e obteve o empréstimo de caminhões do exército americano, a fim de transportar as mercadorias para as cidades famintas de Palermo, Monreale e Trapani, a Siracusa e Catânia, até mesmo a Nápoles, no território continental. Os americanos ficaram maravilhados com a eficiência de Don Croce e concederam-lhe elogios escritos por seus serviços às forças armadas dos Estados Unidos.

Mas Don Croce não podia ler esses louvores, não podia sequer lê-los para o seu prazer, já que era analfabeto. As lisonjas do Coronel La Ponto não enchiam a sua enorme barriga. Não confiando na gratidão dos americanos ou nas recompensas que Deus poderia lhe dar por suas virtudes, Don Croce estava determinado a obter retornos mais imediatos e materiais por suas muitas boas obras a serviço da humanidade e da democracia. Assim, os caminhões abarrotados, os motoristas munidos com passes especiais assinados pelo coronel, seguiam para destinos muito diferentes, designados por Don Croce. Descarregavam nos armazéns pessoais do Don, localizados em pequenas cidades, como Montelepre, Villalba e Partinico. Depois, Don Croce e seus colegas vendiam as

mercadorias por preços cinquenta vezes maiores que os oficiais, no florescente mercado negro. Foi dessa maneira que ele consolidou seus relacionamentos com os mais poderosos líderes da Máfia ressurgente. Pois Don Croce acreditava que a ganância era a maior de todas as fraquezas humanas e partilhava generosamente os seus lucros.

Ele foi mais do que generoso. O Coronel La Ponto recebeu presentes magníficos de estátuas antigas, quadros e joias. Era o prazer do Don. Os oficiais e outros homens do governo militar americano eram como filhos para ele; e como qualquer pai amoroso, Don Croce os cumulava de presentes. Esses homens, especialmente escolhidos por sua compreensão do caráter e cultura italianos, já que muitos eram de origem siciliana, retribuíam o seu amor. Assinavam passes de viagem especiais, mantinham seus caminhões ao serviço de Don Croce. Compareciam a festas, onde conheciam boas moças italianas, foram envolvidos pelo calor afetuoso que é o outro lado do caráter siciliano. Frequentando essas famílias sicilianas, comendo os mesmos pratos que suas mães imigrantes preparavam, muitos deles cortejaram filhas de mafiosos.

Don Croce Malo tinha todas as condições para retomar seu poder anterior. Chefes da Máfia de toda a Sicília lhe eram devedores. Controlava os poços artesianos que vendiam água à população da ilha, proporcionando-lhe um bom lucro. Controlava os monopólios de alimentos. Cobrava uma taxa de cada barraquinha que vendia frutas, de cada açougue, dos cafés e até mesmo das bandas de música. Como a única fonte de gasolina era o exército americano, ele controlava isso também. Fornecia os supervisores para as grandes propriedades dos nobres; planejava algum dia controlar essas propriedades e comprar suas terras, a preços ínfimos. Estava a caminho de restabelecer o poder que detinha antes de Mussolini assumir a Itália. E estava determinado a se tornar rico novamente. Nos anos subsequentes, como se dizia, ele faria a Sicília passar por sua prensa de azeite.

Somente uma coisa perturbava Don Croce. Seu único filho enlouquecera com o desejo excêntrico de cometer boas ações. Seu irmão, Padre Benjamino, não podia ter uma família. Ele não tinha ninguém de seu sangue a quem legar o império. Não tinha um chefe guerreiro de confiança, um jovem que lhe fosse ligado pelo sangue e que pudesse se

tornar o seu punho armado, quando sua luva de veludo não fosse bastante persuasiva.

Os homens do Don já haviam indicado o jovem Salvatore Giuliano e o Abade Manfredi confirmara seu potencial. Agora, mais histórias sobre as façanhas do rapaz se espalhavam pela Sicília. O Don farejava uma resposta para o seu único problema.

CAPÍTULO 8

Na manhã seguinte à fuga de Montelepre, Turi Giuliano e Aspanu Pisciotta banharam-se num córrego de águas rápidas por trás da caverna no Monte d'Ora. Levaram suas armas para a beira do penhasco e se acomodaram em cobertores no chão, a fim de desfrutar o amanhecer cor-de-rosa.

A Grotta Bianca era uma caverna comprida, que terminava numa massa de blocos, empilhados até o teto. Ou quase. Quando eram pequenos, Turi e Aspanu haviam conseguido se espremer por cima desses blocos, descobrindo uma passagem que levava direto ao outro lado da montanha. Já existia antes de Cristo, escavada pelo exército de Spartacus, que se escondia das legiões romanas.

Lá embaixo, pequena como uma aldeia de brinquedo, estava Montelepre. Os muitos caminhos que levavam ao penhasco em que eles se encontravam eram como vermes finos e esbranquiçados esgueirando-se pela encosta da montanha. Uma a uma, as casas cinzentas de pedra de Montelepre foram convertidas em ouro pelo sol nascente.

O ar matutino estava claro, as opúncias no chão estavam frescas e doces. Turi pegou uma e mordeu-a, a fim de refrescar a boca. Dentro de poucas horas o calor do sol as transformaria em bolas penugentas, sem qualquer suco. Lagartos com cabeças que pareciam enormes balões, sob pequenas patas de insetos, rastejavam sobre sua mão; mas eram inofensivos, apesar de sua aparência assustadora. Ele sacudiu-os para o lado.

Enquanto Aspanu limpava as armas, Turi observava a cidadezinha lá embaixo. Seus olhos nus distinguiram minúsculos pontos pretos, pessoas encaminhando-se para os campos, a fim de trabalharem suas pequenas propriedades. Ele tentou localizar sua casa. Há muito tempo, ele e Aspanu haviam hasteado bandeiras da Sicília e dos Estados Unidos naquele telhado. Crianças exultantemente espertas, haviam aceitado os louvores como patriotas; mas o verdadeiro motivo para a iniciativa era manter a casa sob observação, enquanto vagueavam pelos cumes das montanhas próximas, um vínculo tranquilizador com o mundo adulto.

E, subitamente, ele lembrou-se de uma coisa que acontecera dez anos antes. As autoridades fascistas da aldeia ordenaram que fosse retirada a bandeira americana do telhado dos Giuliano. Os dois garotos ficaram tão furiosos que retiraram as duas bandeiras, tanto a americana como a siciliana. Levaram as bandeiras para seu esconderijo secreto, a Grotta Bianca, enterrando-as perto da muralha de blocos de rocha. Giuliano disse agora a Pisciotta:

— Fique de olho nas trilhas.

Ele foi para a caverna. Mesmo depois de dez anos, Giuliano ainda lembrava exatamente onde haviam enterrado as bandeiras: no canto da direita, onde os blocos de rocha se encontravam com a terra. Escavaram por baixo do bloco, depois comprimiram a terra por cima.

Uma camada fina de musgo verde-escuro crescera por cima do local. Giuliano escavou com a bota e depois usou uma pedra como picareta. Desenterrou as bandeiras em poucos minutos. A bandeira americana estava suja e esfarrapada. Mas a bandeira siciliana fora envolvida pela outra e, assim protegida, sobrevivera. Giuliano abriu-a, as cores escarlate e dourada tão intensas como no tempo em que era menino. Não havia um buraco sequer. Ele saiu da caverna e disse a Pisciotta, rindo:

— Lembra disto, Aspanu?

Pisciotta olhou atentamente para a bandeira e riu também, só que de uma maneira ainda mais excitada, exclamando:

— É o destino!

Levantando-se de um pulo, ele arrebatou a bandeira da mão de Giuliano. Foi até a beira do penhasco e acenou com a bandeira para a cidadezinha lá embaixo. Nem precisaram dizer nada um ao outro. Giuliano arrancou uma árvore nova que crescia na encosta do penhasco. Cavaram um buraco e apoiaram a pequena árvore com pedra. Depois, prenderam-lhe a bandeira, a fim de que tremulasse para que todo o mundo a visse. E depois sentaram na beira do penhasco, esperando.

* * *

Já era meio-dia quando viram alguma coisa e mesmo assim foi apenas um homem solitário, montado num burro, subindo pela trilha

poeirenta que levava ao penhasco. Observaram por mais uma hora. Depois, quando o burro estava mais perto, Pisciotta disse:

— O cavaleiro é menor do que o burro. Só pode ser o seu padrinho Adonis.

Giuliano percebeu o desdém na voz de Pisciotta. O amigo, tão esguio, tão garboso, tão bem-formado, tinha horror à deformidade física. Seus pulmões tuberculosos, que às vezes lhe ensanguentavam a boca, sempre o repugnavam, não por causa do perigo para a sua vida, mas porque prejudicava o que considerava como a sua beleza. Os sicilianos eram afeiçoados a dar apelidos às pessoas, relacionados com suas deficiências ou anormalidades físicas. Houvera uma ocasião em que um amigo chamara Pisciotta de "Pulmões de Papel". Pisciotta tentara esfaqueá-lo com seu canivete. Somente a força de Giuliano evitara o assassinato.

Giuliano desceu correndo a encosta da montanha, por alguns quilômetros, escondeu-se por trás de um enorme bloco de granito. Era uma de suas brincadeiras com Aspanu na infância. Esperou que Adonis passasse pela trilha, depois saiu do esconderijo e gritou:

— Pare onde está!

Ele apontou a lupara. Era novamente a brincadeira de criança. Adonis virou-se lentamente, de maneira a ocultar o saque de sua pistola. Mas Giuliano, rindo, tornara a se esconder por trás da rocha; somente o cano de sua lupara rebrilhava ao sol. Giuliano gritou:

— Padrinho, sou eu, Turi!

Ele esperou até que Adonis tornasse a guardar a pistola na cintura e tirasse a mochila. Depois, baixou a lupara e saiu de trás da rocha. Sabia que Hector Adonis sempre tinha dificuldade em desmontar, por causa das pernas curtas, queria ajudá-lo. Mas quando ele apareceu na trilha, o professor desmontou rapidamente. Os dois se abraçaram. Subiram a pé para o penhasco, Giuliano puxando o burro.

— Você queimou suas pontes, meu rapaz — disse Hector Adonis, em seu tom profissional. — Mais dois guardas mortos na noite passada. Não é mais uma brincadeira.

Quando chegaram ao penhasco e Pisciotta cumprimentou-o, Adonis acrescentou:

— Assim que vi a bandeira siciliana, compreendi que vocês estavam aqui em cima.

Pisciotta sorriu e disse, jovialmente:

— Turi, eu e esta montanha nos separamos da Itália.

Hector Adonis fitou-o nos olhos. Era o egocentrismo da juventude, enunciando a sua importância suprema.

— A cidade inteira viu a bandeira — informou Adonis. — Inclusive o Maresciallo dos *carabinieri*. E eles não demorarão a subir para arrancá-la.

Pisciotta comentou, impudentemente:

— Sempre o professor oferecendo conhecimento. Eles serão bem-vindos à nossa bandeira, mas isso é tudo o que encontrarão aqui. Estamos seguros à noite. Seria um milagre se os *carabinieri* saíssem de seus alojamentos depois do escurecer.

Adonis ignorou-o e foi tirar o saco que trouxera no lombo do burro. Entregou a Giuliano um binóculo potente, equipamentos de primeiros socorros, algumas cuecas, um suéter, a navalha afiada de seu pai e seis barras de sabão, comentando:

— Precisará destas coisas aqui em cima.

Giuliano ficou na maior satisfação com o binóculo. Estava no alto da lista das coisas que precisariam obter durante as semanas subsequentes. E sabia que sua mãe guardara com o maior cuidado aquelas barras de sabão, ao longo do último ano.

Num pacote separado havia um enorme pedaço de queijo, salpicado de pimenta, pão e dois enormes bolos, que eram na verdade pães recheados com salame e queijo mozarela, coroados com ovos cozidos. Adonis informou:

— La Venera é que mandou os bolos. Ela disse que sempre os preparava para o marido, quando ele vivia nas montanhas. Podem viver de

um bolo assim por uma semana.

Pisciotta sorriu insinuantemente.

— Tem coisas que se tornam mais gostosas quanto mais velhas ficam.

Os dois jovens sentaram-se na relva e arrancaram pedaços do pão. Pisciotta usou sua faca para cortar nacos do queijo. A relva em torno deles fervilhava de insetos e por isso puseram o saco com a comida sobre um bloco de granito. Depois de comerem, foram beber água de um córrego que passava a menos de trinta metros abaixo. E foram descansar, num ponto em que podiam olhar pelo penhasco. Hector Adonis suspirou.

— Vocês dois parecem muito satisfeitos, mas devo insistir que não é mais uma brincadeira. Se forem apanhados, serão fuzilados.

Giuliano respondeu, calmamente:

— E se eu apanhá-los, também os fuzilarei.

Hector Adonis ficou chocado. Nunca haveria a menor esperança de um perdão.

— Não seja precipitado, Turi. Você ainda é apenas um garoto. Giuliano fitou-o em silêncio por um longo momento e depois disse: — Eu tinha idade suficiente para que eles tentassem me matar por causa de um pedaço de queijo. Espera agora que eu fuja? Que deixe minha família passar fome? Que lhe permita me trazer pacotes com comida, enquanto passo férias nas montanhas? Eles vêm para me matar e por isso os matarei. Pense bem, meu caro padrinho. Quando eu era menino, não vivia me falando sobre a vida miserável do camponês siciliano? Como são oprimidos, por Roma e seus coletores de impostos, pela nobreza, os ricos proprietários de terras, que pagam por nosso trabalho com liras que mal dão para nos manter vivos? Fui ao mercado com duzentos outros homens de Montelepre e eles nos compraram como se fôssemos gado. Cem liras por uma manhã de trabalho, é pegar ou largar. E a maioria dos homens foi obrigada a aceitar. Quem poderá defender a Sicília que não Salvatore Giuliano?

Hector Adonis ficou sinceramente consternado. Já era terrível ser um proscrito; ser um revolucionário era ainda mais perigoso.

— Essas coisas são muito bonitas em livros, mas na vida real podem levá-lo prematuramente à sepultura. — Adonis fez uma pausa — De que adiantou seu ato heroico na outra noite? Seus vizinhos continuam na cadeia.

— Eu os libertarei.

Giuliano podia ver o espanto no rosto do padrinho. Queria a sua aprovação, ajuda e compreensão. E sabia que Adonis ainda o considerava um jovem aldeão de boa índole.

— Deve compreender como eu sou agora. — Ele fez uma pausa. Poderia explicar exatamente o que pensava? Seu padrinho o julgaria insanamente orgulhoso? — Não tenho medo de morrer.

Giuliano fez outra pausa, sorrindo para Hector Adonis. Era o sorriso infantil que Adonis tão bem conhecia e amava.

— Para dizer a verdade, eu próprio estou espantado. Mas não tenho medo de ser morto. Não me parece possível. — Ele soltou uma risada. — A polícia, os carros blindados, as metralhadoras, Roma inteira. Nada disso me mete medo. Posso vencê-los. As montanhas da Sicília estão repletas de bandidos. Passatempo e seu bando. Terranova. Eles desafiam Roma. E o que eles podem fazer, eu também posso.

Hector Adonis sentiu uma mistura de divertimento e ansiedade. O ferimento afetara o cérebro de Giuliano? Ou o que ele testemunhava agora era o mesmo princípio da história dos heróis, os Alexandres, Césares, Rolandos? Quando os sonhos dos heróis começavam, se não num vale solitário, conversando com os amigos mais chegados? Mas ele disse, calmamente:

— Esqueça Terranova e Passatempo. Eles foram capturados e estão agora na cadeia do Quartel Bellampo. Serão transferidos para Palermo dentro de poucos dias.

— Pois eu os salvarei e espero que me concedam a sua gratidão.

A ferocidade com que ele falou isso surpreendeu Hector Adonis e deliciou Pisciotta. Era espantoso para ambos observar a mudança em Giuliano. Sempre haviam-no amado e respeitado. Ele sempre demonstrara

grande dignidade e equilíbrio para alguém tão jovem. Mas agora, pela primeira vez, sentiam o seu ímpeto para o poder. Hector Adonis comentou:

— Gratidão? Passatempo matou o tio que lhe deu seu primeiro burro.

— Então devo ensinar-lhe o que é a gratidão. — Giuliano fez uma pausa. — E agora tenho de lhe pedir um favor. Pense com todo cuidado; se recusar, não importa, continuarei a ser o seu afilhado devotado. Esqueça que é o amigo querido de meus pais e esqueça sua afeição por mim. Peço este favor pela Sicília que você me ensinou a amar. Quero que seja meus olhos e ouvidos em Palermo.

— O que está pedindo a mim, um professor da Universidade de Palermo, é que me torne um membro do seu bando de fora-da-lei.

Pisciotta interveio, impacientemente:

— O que não tem nada de estranho na Sicília, onde todos estão ligados aos Amigos dos Amigos. E em que outro lugar, além da Sicília, um professor de História e Literatura anda armado com uma pistola?

Hector Adonis estudou os dois jovens, enquanto ponderava sobre a sua resposta. Podia facilmente prometer ajudar e esquecer a promessa. Podia com a mesma facilidade recusar e prometer apenas prestar a ajuda que um amigo daria ocasionalmente, como estava fazendo hoje. Afinal, a comédia podia ser curta. Giuliano podia ser morto, lutando ou sendo traído. Podia emigrar para a América. E o>problema estaria resolvido, refletiu ele, tristemente.

Hector Adonis lembrou-se de um dia de verão, há muito tempo, um dia muito parecido com aquele, quando Turi e Aspanu não tinham mais que oito anos de idade. Estavam sentados no pasto, entre a casa de Giuliano e as montanhas, esperando pelo jantar. Hector Adonis trouxera uma bolsa com livros para Turi. Um deles era a Canção de Rolando e Adonis o lera para os dois garotos.

Adonis conhecia o poema quase de cor. Era querido por todos os sicilianos cultos e a história amada pelos analfabetos. Era a peça principal dos teatros de marionetes que se apresentavam em todas as cidades e aldeias. Seus personagens lendários estavam pintados nos lados de cada

carroça que percorria as colinas sicilianas. Os dois grandes cavaleiros do Imperador Carlos Magno, Rolando e Oliver, massacraram os sarracenos, protegendo a retirada do imperador para a França. Adonis contou como eles haviam morrido, na grande batalha de Roncevalles, como Oliver suplicara por três vezes para que Rolando soprasse a sua trompa, a fim de trazer de volta o exército de Carlos Magno, como Rolando se recusara, por orgulho. E depois, quando os sarracenos os sobrepujaram, Rolando soprou a trompa; mas, a esta altura, já era tarde demais. Quando Carlos Magno voltou, a fim de resgatar seus cavaleiros, só encontrou seus cadáveres, entre os milhares de sarracenos mortos. Adonis lembrava das lágrimas nos olhos de Turi Giuliano e, por mais estranho que pudesse parecer, a expressão de desdém no rosto de Aspanu Pisciotta. Para um, era o maior momento que um homem podia viver; para outro, era a morte humilhante, nas mãos dos infiéis.

Os dois garotos se levantaram da relva, a fim de voltarem para casa e o jantar. Turi passara o braço pelos ombros de Aspanu e Hector sorrira do gesto. Era Rolando mantendo Oliver ereto, para que ambos pudessem morrer de pé, diante dos atacantes sarracenos. Rolando, ao morrer, elevara a luva para o céu azul e um anjo' a arrancara de sua mão. Ou pelo menos era o que diziam tanto a lenda como o poema.

Isso acontecera mil anos antes, mas a Sicília ainda sofria na mesma paisagem brutal de bosques de oliveiras e planícies ardentes, os santuários à beira das estradas instalados pelos primeiros seguidores de Cristo, as incontáveis cruzes em que haviam sido crucificados os escravos rebeldes liderados por Spartacus. E seu afilhado seria outro daqueles heróis, sem compreender que para a Sicília mudar teria de haver um vulcão moral que incinerasse a terra.

Enquanto Adonis observava-os agora, Pisciotta estendido de costas na relva, Giuliano fitando-o fixamente, com olhos castanhos escuros e um sorriso que parecia dizer que sabia exatamente o que o padrinho estava pensando, ocorreu uma estranha transformação da cena. Adonis viu-os como estátuas esculpidas em mármore, os corpos arrancados da vida comum. Pisciotta tornou-se uma figura num vaso, o lagarto em sua mão virou uma serpente, tudo delineado impecavelmente pelo sol da manhã nas montanhas. Pisciotta parecia perigoso, um homem que enchia o mundo com veneno e adagas.

Salvatore Giuliano, seu afilhado Turi, estava no outro lado do vaso. Possuía a beleza de algum Apoio grego, as feições perfeitamente modeladas, os olhos com os brancos tão claros que quase davam a impressão de cegueira. Seu rosto era franco, com a inocência de um Herói lendário. Ou melhor, pensou Adonis, rejeitando seu sentimentalismo, com a determinação de um jovem decidido a ser heroico. Seu corpo era cheio e musculoso como o das estátuas mediterrâneas, as coxas grossas, as costas fortes. Seu corpo era americano, mais alto e mais largo que a da maioria dos sicilianos.

Mesmo quando eram garotos, Pisciotta já demonstrava uma astúcia pragmática. Giuliano fora o crente generoso na bondade do homem, orgulhoso de sua própria sinceridade e honestidade. Naquele tempo, Hector Adonis pensara muitas vezes que Pisciotta seria o líder quando se tornassem homens, Giuliano o seguidor. Mas deveria ter pensado melhor. Uma crença na própria virtude é uma coisa muito mais perigosa que a crença na própria astúcia. A voz zombeteira de Pisciotta interrompeu esses devaneios de Hector Adonis:

— Por favor, Professor, responda que sim. Sou o segundo homem no comando do bando de Giuliano, mas não tenho ninguém por baixo para dar ordens. — Ele estava sorrindo. — Estou disposto a começar por baixo.

Embora Adonis não se sentisse provocado, os olhos de Giuliano faiscaram de raiva. Mas ele se limitou a dizer, suavemente:

— Qual é a sua resposta?

E Hector Adonis respondeu simplesmente:

— Sim.

O que mais um padrinho podia dizer? Giuliano disse-lhe então o que deveria fazer quando voltasse a Montelepre e descreveu seus planos para o dia seguinte. Adonis ficou novamente impressionado com a audácia e ferocidade do que o jovem tencionava realizar. Mas quando Giuliano levantou-o para o burro, ele inclinou-se e beijou o afilhado. Pisciotta e Giuliano ficaram observando Adonis descer pela trilha para Montelepre. Pisciotta comentou:

— Ele é um homem muito pequeno. Certamente se ajustaria melhor quando brincávamos de bandidos nos tempos de meninos.

Giuliano virou-se para ele e disse, gentilmente:

— E suas piadas ficariam muito melhor naquele tempo. Seja sério quando falarmos de coisas sérias.

Mas, naquela noite, antes de dormirem, eles se abraçaram. E Giuliano disse:

— Você é meu irmão. Não se esqueça disso.

Depois, eles se aconchegaram nas mantas e dormiram a sua última noite na obscuridade.

CAPÍTULO 9

Turi Giuliano e Aspanu Pisciotta levantaram-se antes do amanhecer, antes da primeira claridade, embora fosse improvável que os *carabinieri* pudessem partir na escuridão para surpreendê-los com o sol da manhã. Haviam observado o carro blindado de Palermo chegar ao Quartel Bellampo ao final da noite anterior, acompanhado por dois jipes, carregados de reforços. Durante a noite, Giuliano efetuara patrulhas de reconhecimento pelo lado da montanha, atento a qualquer som de alguém se aproximando do penhasco em que se refugiavam... uma precaução de que Pisciotta escarnecera.

— Quando éramos garotos, poderíamos ser temerários assim — disse ele a Giuliano. — Mas acha mesmo que aqueles *carabinieri* preguiçosos arriscariam suas vidas no escuro ou perderiam sequer uma noite de sono em camas macias?

— Nós tivemos de nos preparar para os bons hábitos — concordou Turi Giuliano.

Mas ele sabia que algum dia teriam de enfrentar inimigos melhores. Turi e Aspanu trabalharam com afinco, estendendo suas armas numa manta e inspecionando-as nos mínimos detalhes. Depois, comeram um pouco do bolo de La Venera, acompanhado pelo vinho que Hector Adonis lhes deixara. O bolo, com sua carne e condimentos, caiu muito bem em seus estômagos. Proporcionou-lhes a energia para erguerem uma barreira de galhos e pedras na beira do penhasco. Por trás dessa barreira, observaram a cidade e as trilhas da montanha com o binóculo. Giuliano carregou as armas e meteu caixas de munição nos bolsos do casaco de pele de ovelha, enquanto Pisciotta se mantinha na vigia. Giuliano cuidou disso devagar, com extremo cuidado. Enterrou os suprimentos e cobriu o local com pedras. Assim, foi Pisciotta quem avistou o carro blindado deixando o Quartel Bellampo

— Você acertou — disse Pisciotta. — O carro está indo para longe de nós, descendo para a planície de Castellammare.

Eles sorriram um para o outro. Giuliano sentiu uma tranquila exultação. Lutar contra a polícia não seria tão difícil, no final das contas.

Era uma brincadeira de criança, com uma astúcia de criança. O carro blindado desapareceria numa curva da estrada, faria a volta e subiria para as montanhas por trás do penhasco. As autoridades deviam conhecer o túnel e esperavam que eles o usassem para fugir, indo esbarrar no carro blindado. E suas metralhadoras.

Dentro de uma hora, os *carabinieri* enviariam um destacamento pela encosta do Monte d'Ora, num ataque frontal para afugentá-los. Ajudava bastante que a polícia pensasse neles como jovens desenfreados, meros marginais. A bandeira escarlate e dourada da Sicília que haviam hasteado na beira do penhasco confirmava a sua negligência imprudente. Ou pelo menos era o que a polícia pensava.

Uma hora depois, um caminhão com soldados e um jipe levando o Maresciallo Roccofino deixaram os portões do Quartel Bellampo. Os dois veículos avançaram devagar até a base do Monte d'Ora e ali pararam para descarregar. Doze *carabinieri* armados com rifles espalharam-se pelas trilhas que levavam às encostas. O Maresciallo Roccofino tirou o quepe e apontou para a bandeira escarlate e dourada tremulando no penhasco por cima deles.

Turi Giuliano observava-os pelo binóculo, por trás da tela de galhos e pedras. Por um momento, ele preocupou-se com o carro blindado no outro lado da montanha. Alguns homens teriam subido pela outra encosta? Mas tais homens levariam horas para subir, não podiam estar próximos. Ele tratou de afastá-los de suas cogitações e disse a Pisciotta:

— Aspanu, se não formos tão espertos quanto pensamos, não iremos esta noite visitar nossas mães e comer um prato de espaguete, como costumávamos fazer quando crianças.

Pisciotta soltou uma risada.

— Está lembrado que sempre detestávamos voltar para casa? Mas devo reconhecer que isto é mais divertido. Vamos matar alguns deles?

— Não. Atire por cima de suas cabeças. — Ele pensou em como Pisciotta o desobedecera duas noites antes. — E quero que me obedeça, Aspanu. Não há sentido em matá-los. Não serviria a qualquer propósito desta vez.

Esperaram pacientemente por uma hora. Depois, Giuliano empurrou sua espingarda pela tela e disparou duas vezes. Foi espantoso como a linha reta e confiante de homens espalhou-se rapidamente, como formigas em debandada, desaparecendo na relva. Pisciotta disparou seu rifle quatro vezes. Lufadas de fumaça surgiram em diferentes partes da encosta, enquanto os *carabinieri* respondiam ao fogo.

Giuliano largou a espingarda e tornou a pegar o binóculo. Observou o Maresciallo e seu sargento operando o rádio. Deviam estar se comunicando com o carro blindado, no outro lado da montanha, avisando que os bandidos já estavam fugindo. Ele pegou a espingarda de novo e disparou mais duas vezes, dizendo em seguida a Pisciotta:

— É tempo de partir.

Os dois rastejaram para o outro lado do penhasco, fora da vista dos *carabinieri*, depois desceram pela encosta coalhada de pedras, rolando por cinquenta metros, antes de se levantarem, com as armas prontas para entrarem em ação. Meio agachados, eles desceram correndo a colina, parando apenas uma vez, quando Giuliano observou os atacantes pelo binóculo.

Os *carabinieri* ainda atiravam contra o penhasco, sem perceberem que os dois se encontravam agora em seu flanco. Giuliano desceu na frente por uma trilha pequena e escondida, através de blocos maciços, até alcançarem um pequeno bosque. Descansaram por alguns minutos e depois recomeçaram a descer, correndo, rápida e silenciosamente. Em menos de uma hora chegaram à planície que separava as montanhas da cidadezinha de Montelepre. Só que deram a volta para o outro lado da cidade, que agora se encontrava entre eles e os *carabinieri*. Escondendo as armas sob os casacos, eles atravessaram a planície, parecendo dois camponeses a caminho do trabalho nos campos. Entraram em Montelepre pelo alto da Via Bella, a apenas cem metros do Quartel Bellampo.

Foi nesse momento que o Maresciallo Roccofino ordenou a seus homens que continuassem a subir pela encosta na direção da bandeira na beira do penhasco. Há cerca de uma hora que não havia resposta ao fogo e ele tinha certeza de que os dois criminosos tinham fugido pelo túnel e desciam agora pelo outro lado da montanha para o carro blindado à espera. E ele queria fechar a armadilha. Seus homens levaram mais uma hora para

chegarem à beira do penhasco e arrancarem a bandeira. O Maresciallo Roccofino entrou na caverna e mandou que as pedras fossem removidas, a fim de abrir o túnel. Ordenou que seus homens seguissem pelo corredor de rocha e descessem pelo outro lado da montanha, ao encontro do carro blindado. Ficou atônito quando descobriu que a presa lhe escapara. Dividiu seus homens em grupos de busca, convencido de que afugentariam os fugitivos dos buracos em que se haviam escondido.

* * *

Hector Adonis seguira perfeitamente as instruções de Giuliano. No alto da Via Bella estava uma carroça pintada, as legendas antigas cobrindo cada centímetro, por dentro e por fora. Até mesmo os aros das rodas estavam cobertos por pequenos vultos de armadura; quando as rodas andavam, os desenhos davam habilmente a ilusão de homens se movimentando em combate. Os varais também estavam pintados, em arabescos de um vermelho intenso, com pontos dourados.

A carroça parecia um homem com tatuagens que cobriam cada centímetro de seu corpo. Entre os varais se postava uma mula branca sonolenta. Giuliano instalou-se no lugar do cocheiro e olhou para dentro da carroça. Estava atulhada de botijas de vinho, aninhadas em cestos de vime. Havia pelo menos vinte. Giuliano ajeitou sua espingarda por trás de uma fileira de botijas. Lançou um rápido olhar para as montanhas; não havia nada para se ver, exceto a bandeira ainda tremulando. Ele sorriu para Pisciota e disse:

— Tudo está no lugar. Vá encenar o seu pequeno ato.

Pisciotta bateu uma pequena continência, zombeteira, mas ao mesmo tempo séria, abotoou o casaco por cima da pistola e encaminhou-se para o portão do Quartel Bellampo. Enquanto andava, olhou para a estrada que levava a Castellammare, apenas para certificar-se de que não havia qualquer carro blindado voltando das montanhas.

No alto da carroça, Turi Giuliano observou Pisciotta atravessar lentamente o campo aberto e avançar pelo caminho de pedra que levava ao portão. Depois, correu os olhos pela Via Bella. Podia divisar sua casa, mas não havia ninguém parado na frente. Acalentara a esperança de vislumbrar a mãe. Alguns homens sentavam-se na frente de uma das casas, a mesa e

as garrafas de vinho ensombreadas por uma sacada saliente. Ele lembrou-se de repente do binóculo pendurado em seu pescoço. Tirou-o e largou na traseira da carroça.

Um jovem *carabinieri* estava de guarda no portão, um garoto que não tinha mais de 18 anos. As faces rosadas e o rosto imberbe proclamavam o seu nascimento nas províncias do norte da Itália; o uniforme preto, com os filetes brancos, folgado e desajustado, e o quepe militar davam-lhe a aparência de algum palhaço ou marionete. Contra os regulamentos, ele tinha um cigarro na boca redonda e adolescente. Aproximando-se a pé, Pisciotta experimentou um desdém divertido. Mesmo depois do que acontecera nos últimos dias, o homem não estava com o rifle preparado para entrar em ação. O guarda viu apenas um camponês miserável, que se atrevia a cultivar um bigode mais elegante do que merecia. E disse bruscamente:

— Ei, seu idiota, aonde você pensa que vai?

Ele não tirou o rifle do ombro. Pisciotta poderia cortar-lhe a garganta numa fração de segundo. Em vez disso, tentou parecer subserviente, reprimindo seu riso diante daquela arrogância infantil.

— Se não for incômodo, eu gostaria de falar com o Maresciallo. Tenho informações valiosas.

— Pode me falar tudo.

Pisciotta não pôde mais se conter. E disse, com desdém:

— E você pode também me pagar?

O guarda ficou aturdido com tamanha imprudência. E depois disse, também desdenhosamente, mas com alguma cautela:

— Eu não lhe pagaria uma lira se me dissesse que Jesus voltou à Terra.

Pisciotta sorriu.

— Melhor do que isso. Sei onde Turi Giuliano está, o homem que ensanguentou vocês.

O guarda indagou, desconfiado:

— Desde quando um siciliano ajuda a lei neste maldito país? Pisciotta chegou um pouco mais perto.

— Mas acontece que tenho ambições. Candidatei-me a *carabinieri*. E no próximo mês irei a Palermo para os exames. Quem sabe se nós dois não estaremos usando o mesmo uniforme?

O guarda olhou para Pisciotta com um interesse mais amistoso.

Era verdade que muitos sicilianos tornavam-se guardas. Constituía um meio de escapar da miséria, de conquistar um pouco de poder. Era uma piada nacional bastante conhecida que os sicilianos tornavam-se criminosos ou guardas, causando danos iguais nos dois lados. Enquanto isso, Pisciotta ria interiormente do pensamento de que poderia algum dia tornar-se um *carabinieri*. Pisciotta era um homem elegante, possuía até uma camisa de seda feita em Palermo. Somente um idiota se envaideceria daquele uniforme preto de filetes brancos e daquele quepe ridículo.

— É melhor você pensar duas vezes — disse o guarda, não querendo que todos aderissem a uma coisa boa. — O soldo é pequeno e passaríamos fome se não recebêssemos subornos dos contrabandistas. E esta semana dois homens desde quartel, bons amigos meus, foram mortos por aquele maldito Giuliano. E todos os dias sofremos a insolência de seus camponeses, que se recusam a nos dizer até onde fica o barbeiro da cidade.

Pisciotta declarou, jovialmente:

— Nós os ensinaremos a ter bons modos, com o bastinado. — E depois, com um ar confidencial, como se já fossem irmãos em armas, ele acrescentou: — Tem um cigarro para mim?

Para satisfação de Pisciotta, o momento de boa vontade se desvaneceu. O guarda ficou indignado.

— Um cigarro para você? — ele murmurou, incrédulo. — Por que eu haveria de dar um cigarro a um bosta siciliano?

E agora, finalmente, o guarda tirou o rifle do ombro. Por um momento, Pisciotta sentiu o impulso selvagem de se adiantar e cortar a garganta do guarda. Mas ele disse, pacientemente:

— Porque eu posso informar onde está Giuliano. Seus companheiros vasculhando as montanhas são estúpidos demais para sequer encontrar um lagarto.

O guarda estava desnorteado. A insolência confundira-o; a informação oferecida levou-o a concluir que era melhor consultar seu superior. Tinha a sensação de que aquele homem era astucioso demais e poderia metê-lo em alguma encrenca. Ele abriu o portão e gesticulou com o rifle para que Pisciotta entrasse no Quartel Bellampo. Estava de costas para a rua. Nesse instante, Giuliano, a cem metros de distância, despertou a mula e começou a conduzir a carroça pelo caminho de pedra para o portão.

A área do Quartel Bellampo se estendia por quatro acres. O prédio da administração era grande, com uma ala em forma de L onde ficava a cadeia. Por trás, havia os alojamentos dos *carabinieri*, com espaço para cem homens e uma parte separada que servia como apartamento particular para o Maresciallo. Havia à direita uma garagem para veículos, que era na verdade um estábulo e ainda servia parcialmente como tal, já que o destacamento contava com uma tropa de mulas e burros para viagens pelas montanhas, onde os veículos mecânicos eram inúteis.

Mais atrás, havia um galpão de munições e outro de suprimentos, ambos de aço corrugado. Em tomo de toda a área havia uma cerca de arame farpado com mais de dois metros de altura, com duas tones para sentinelas, que não eram usadas há muito tempo. O quartel fora construído pelo regime de Mussolini e ampliado durante a guerra contra a Máfia.

Ao passar pelo portão, Pisciotta olhou ao redor atentamente, à procura de sinais de perigo. As torres se achavam vazias, hão havia guardas armados vagueando de um lado para outro. Parecia uma pacífica fazenda deserta. Não havia veículos na garagem. Mais do que isso, não havia veículos visíveis em qualquer parte, o que deixou Pisciotta preocupado com a possibilidade de algum voltar em breve. Ele não podia conceber que o Maresciallo fosse tão estúpido a ponto de deixar sua guarnição sem qualquer veículo. Teria de avisar a Turi que poderiam receber visitantes inesperados.

Escoltado pelo jovem guarda, Pisciotta passou pelas portas largas do prédio da administração. Entrou numa sala enorme, com ventiladores

no teto que pouco faziam para dissipar o calor. Havia uma grande escrivaninha numa plataforma, dominando a sala, tendo nos lados grades que alojavam escrivaninhas menores para os escreventes; em torno da sala havia bancos de madeira. Todos os lugares se encontravam vazios, exceto pela escrivaninha mais alta. Sentado ali estava um cabo dos *carabinieri*, um homem inteiramente diferente do jovem guarda. Uma placa dourada toda enfeitada sobre a mesa informava que se tratava do CABO CANIO SILVESTRO. A parte superior do corpo era maciça, ombros largos, pescoço grosso, uma cabeça gigantesca. Uma cicatriz rosada, uma linha de tecido morto brilhante, parecia grudada na orelha até a extremidade do queixo protuberante. Um bigode comprido e espesso se abria como duas asas pretas por cima da boca.

Ele exibia as divisas de um cabo nas mangas, uma enorme pistola no cinto e, o pior de tudo, encarou Pisciotta com total desconfiança, depois que o guarda lhe relatou sua história. E quando o Cabo Silvestro falou, o sotaque revelou que era um siciliano:

— Você não passa de um pedaço de merda.

Mas antes que pudesse continuar, a voz de Giuliano soou no portão:

— Ei, *carabinieri*, vai ou não querer vinho?

Pisciotta admirou o estilo da voz de Giuliano; o tom rude, o dialeto tão forte que era quase ininteligível, a não ser para os nativos da província, a escolha das palavras arrogantemente típica do camponês próspero. O cabo resmungou, irritado:

— Mas o que esse idiota está gritando?

Em passadas largas, ele saiu pela porta. O guarda e Pisciotta foram atrás. A carroça pintada e sua mula branca estavam fora do portão. Despido até a cintura, o peito largo coberto de suor, Turi Giuliano balançava uma botija de vinho. Tinha no rosto um sorriso idiota, o corpo inteiro parecia entortado. Sua aparência desarmou as suspeitas. Não podia haver arma escondida em seu corpo, ele estava embriagado e o sotaque era o mais grosseiro de toda a Sicília. O cabo tirou a mão da pistola, o guarda baixou o rifle. Pisciotta deu um passo para trás, pronto para sacar sua própria arma do casaco.

— Tenho uma carroça de vinho para vocês — berrou Giuliano outra vez.

Ele assoou o nariz com os dedos e estalou-os para fora do portão.

— Quem encomendou esse vinho? — indagou o cabo.

Mas ele estava se encaminhando para o portão e Giuliano compreendeu que a intenção era abri-lo inteiramente, a fim de deixar a carroça passar.

— Meu pai me disse para trazer todo o vinho para o Maresciallo — informou Giuliano, com uma piscadela.

O cabo observou Giuliano atentamente. Com toda a certeza, o vinho era um presente por deixar algum fazendeiro fazer um pouco de contrabando. O cabo pensou, um pouco apreensivo, que o pai, como um autêntico siciliano, deveria ter trazido o vinho pessoalmente, a fim de ficar mais estreitamente ligado ao presente. Mas, depois, deu de ombros.

— Descarregue as mercadorias e leve para o quartel.

— Eu não. É uma coisa que não vou fazer.

O cabo tornou a sentir uma pontada de dúvida. Algum instinto o advertia. Compreendendo isso, Giuliano desceu da carroça, de modo a poder facilmente arrancar a lupara de seu esconderijo. Mas, primeiro, ele tirou uma botija de vinho do cesto de vime e disse:

— Tenho vinte dessas belezas para vocês.

O cabo gritou uma ordem para os alojamentos e dois jovens *carabinieri* vieram correndo, as túnicas desabotoadas e sem quepes. Nenhum deles estava armado. Giuliano, tornando a subir na carroça, começou a entregar-lhes as botijas de vinho. Deu uma também para o guarda com o rifle, que ainda tentou recusar. Giuliano disse então, com um rude bom humor:

— Você vai certamente ajudar a beber. Portanto, trate de trabalhar agora.

Com os três guardas imobilizados, os braços cheios de botijas, Giuliano contemplou a cena. Era exatamente o que ele planejara. Pisciotta

se postava diretamente por trás do cabo, o único guarda com as mãos livres. Giuliano esquadrinhou as encostas; não havia sinal do retorno de qualquer grupo de busca. Ele olhou pela estrada para Castellamare; não havia sinal do carro blindado. As crianças ainda brincavam na Via Bella. Virou-se para a carroça e pegou a lupara, apontando-a para o atônito cabo. Ao mesmo tempo, Pisciotta sacou a pistola sob o casaco, comprimindo-a contra as costas do cabo.

— Não se mexa ou vou aparar esse seu lindo bigode com chumbo — disse Pisciotta.

Giuliano virou a lupara para os outros três guardas assustados, dizendo:

— Continuem a segurar essas botijas de vinho e vamos todos entrar no prédio.

O guarda armado deixou seu rifle cair no chão. Pisciotta recolheu-o quando entraram. Dentro da sala, Giuliano pegou a placa com o nome, admirando-a.

— Cabo Canio Silvestro. Suas chaves, por favor. E todas elas.

A mão do cabo pousou na pistola, enquanto ele olhava furioso para Giuliano. Pisciotta empurrou-lhe a mão para a frente e tirou a pistola do coldre. O cabo virou-se e fitou-o com uma expressão fria e letal. Pisciotta sorriu e murmurou:

— Desculpe.

O cabo tornou a virar-se para Giuliano, dizendo:

— Meu rapaz, fuja e se torne um ator, pois se sairá muito bem. Não continue com isso, pois nunca escapará. O Maresciallo e seus homens voltarão antes do anoitecer e vão caçá-lo até o fim do mundo. Pense bem, rapaz, no que significa ser um fora-da-lei com a cabeça a prêmio. Eu sairei para caçá-lo pessoalmente e jamais esqueço um rosto. Descobrirei seu nome e haverei de encontrá-lo de qualquer maneira, mesmo que se esconda no inferno.

Giuliano sorriu-lhe. Por algum motivo inexplicável, simpatizava com o homem.

— Mas se quer saber meu nome, por que não pergunta?

O cabo assumiu uma expressão desdenhosa.

— E você me diria, como um idiota?

— Eu nunca minto. Meu nome é Giuliano.

O cabo estendeu a mão para a pistola na cintura, que já fora removida por Pisciotta. Giuliano simpatizou ainda mais com o homem por essa reação instintiva. Ele tinha coragem e senso de dever. Os outros guardas se mostravam apavorados. Aquele era o Salvatore Giuliano que já matara três de seus companheiros. Não havia motivo para pensar que os deixaria vivos.

O cabo observou meticulosamente o rosto de Giuliano, memorizando-o. Depois, lenta e cuidadosamente, tirou um enorme molho de chaves de uma gaveta da escrivaninha. E fez isso porque Giuliano tinha a espingarda comprimida contra as suas costas. Pegando as chaves, Giuliano jogou-as para Pisciotta, dizendo:

— Solte os presos.

Na ala da cadeia do prédio da administração, numa área grande gradeada, estavam os dez cidadãos de Montelepre que haviam sido presos na noite em que Giuliano fugira. Em celas pequenas, separadas, encontravam-se os dois bandidos regionalmente famosos, Passatempo e Terranova. Pisciotta abriu as portas das celas e todos seguiram-no na maior alegria para a sala grande.

Os cidadãos presos de Montelepre, todos vizinhos de Giuliano, cercaram-no imediatamente, abraçando-o em gratidão. Giuliano permitiu-lhes que manifestassem seu reconhecimento, mas se manteve constantemente alerta, sempre vigiando os *carabinieri* capturados. Os vizinhos estavam deliciados com a façanha de Giuliano; ele humilhara a odiada polícia, era o defensor do povo. Informaram que o Maresciallo ordenara que eles fossem submetidos ao bastinado, mas o cabo impedira que essa punição fosse aplicada, pela pura força de seu caráter e com o argumento de que tal ação criaria tanto ressentimento que afetaria a segurança do quartel. Em vez disso, na manhã seguinte, eles deveriam ser

transportados para Palermo, a fim de serem apresentados a um magistrado para interrogatório.

Giuliano mantinha o cano da lupara virado para o chão, com receio de que um disparo acidental pudesse ferir as pessoas ao redor. Eram homens mais velhos, vizinhos que conhecera quando menino. Ele teve o cuidado de falar-lhes como sempre o fizera:

— Vocês serão bem-vindos à minha companhia nas montanhas. Ou podem fazer uma visita a parentes em outras partes da Sicília, até que as autoridades recuperem o bom senso.

Ele esperou, mas houve apenas silêncio. Giuliano olhou para os dois bandidos, Passatempo e Terranova, apartados dos outros. Mostravam-se extremamente alertas, como se preparados para dar um bote a qualquer instante. Passatempo era baixo e atarracado, muito feio, o rosto rude marcado pela varíola da infância, a boca grossa e disforme. Os camponeses chamavam-no de "O Bruto". Terranova era pequeno, com jeito de uma doninha. Contudo, suas feições pequenas eram agradáveis, os lábios se moldando num sorriso natural. Passatempo fora o típico bandido siciliano ganancioso, que simplesmente roubava gado e matava por dinheiro. Terranova tinha sido um pequeno fazendeiro trabalhador e iniciara a sua carreira de fora-da-lei quando dois coletores de impostos apareceram para confiscar seu porco premiado. Matara os dois, abatera o porco para sua família e amigos comerem e depois fugira para as montanhas. Os dois homens haviam unido suas forças, mas de alguma forma foram traídos e capturados quando se escondiam num armazém deserto, nas plantações de cereais de Corleone. Giuliano disse-lhes agora:

— Vocês dois não têm alternativa. Iremos juntos para as montanhas. Depois, se quiserem, poderão continuar sob o meu comando ou se afastarem para agirem por conta própria. Mas hoje preciso da ajuda de vocês. E estão me devendo um pequeno favor.

Ele sorriu-lhes, tentando abrandar a exigência de que se submetessem às suas ordens. Mas antes que os dois bandidos pudessem responder, o cabo dos *carabinieri* cometeu um ato insano de desafio. Talvez fosse por algum orgulho siciliano injuriado, talvez por alguma ferocidade animal inata ou simplesmente porque se sentia furioso pelo fato de que bandidos notórios sob a sua custódia estavam prestes a escapar.

Ele se encontrava parado a poucos passos de Giuliano e com uma rapidez surpreendente deu um longo passo para a frente.

Ao mesmo tempo, sacou uma pequena pistola, escondida dentro da camisa. Giuliano levantou a lupara para disparar, mas era tarde demais. O cabo estendeu a pistola a meio metro da cabeça de Giuliano. A bala acertaria diretamente em seu rosto.

Todos ficaram paralisados pelo choque. Giuliano viu a pistola apontada para sua cabeça. Por trás dela, os músculos no rosto vermelho e irado do cabo se contorciam, como o corpo de uma serpente. Mas a pistola parecia se aproximar muito devagar. Era como cair num pesadelo, lentamente, cair para sempre e ao mesmo tempo saber que era apenas um sonho, que nunca chegaria ao fundo. Na fração de segundo antes que o cabo puxasse o gatilho, Giuliano sentiu uma enorme serenidade, sem nenhum medo. Seus olhos não pestanejaram quando o cabo puxou o gatilho; ele até deu um passo para a frente. Houve um estalido metálico alto quando o cão bateu na munição defeituosa no cano. Uma fração de segundo depois, o cabo foi atacado por Pisciotta, Terranova e Passatempo. E caiu sob o peso dos corpos. Terranova agarrava a pistola e a torcia para arrancar da mão do cabo. Passatempo segurava o cabo pelos cabelos e tentava lhe arrancar os olhos. Pisciotta empunhava sua faca e estava prestes a enfiá-la na garganta do cabo. Giuliano conteve-o bem a tempo, dizendo suavemente:

— Não o matem.

Ele tirou os outros de cima do corpo estendido e indefeso do cabo. Contemplou-o e ficou consternado pelos danos causados naquele momento fugaz de fúria coletiva. Uma orelha do cabo estava meio arrancada do crânio e o sangue escorria com abundância. O braço direito estava grotescamente torcido no lado. Um dos olhos sangrava, um pedaço de pele solta pendendo por cima.

Mesmo assim, o homem não demonstrava qualquer medo. Giuliano experimentou uma enorme onda de ternura por ele. Aquele era o homem que o submetera ao teste e confirmara a sua própria imortalidade; aquele era o homem que certificara a impotência da morte. Giuliano levantou-o e, para espanto de todos, abraçou-o rapidamente. Só que fingiu

estar apenas ajudando o cabo a se manter de pé. Terranova examinou a pistola e disse a Giuliano:

— Você é um homem de muita sorte. Somente uma bala está com defeito.

Giuliano estendeu a mão. Terranova hesitou por um instante, depois entregou a arma. Giuliano virou-se para o cabo e disse, em tom amistoso:

— Comporte-se e nada lhe acontecerá ou a seus homens. Eu prometo.

O cabo ainda se achava muito atordoado e fraco dos ferimentos para responder. Dava a impressão de nem sequer compreender o que fora dito. Passatempo sussurrou para Pisciotta:

— Empreste-me sua faca e eu o liquidarei.

Ao que Pisciotta respondeu:

— Giuliano dá as ordens aqui e todo mundo obedece.

Pisciotta falou suavemente, de maneira a não alertar Passatempo para o fato de que estava disposto a matá-lo num instante.

Os cidadãos de Montelepre presos no quartel se retiraram apressadamente. Não queriam ser testemunhas de um massacre dos *carabinieri*. Giuliano conduziu o cabo e os outros três guardas à cadeia, trancando-os na cela grande. Depois, levou Pisciotta, Terranova e Passatempo numa revista dos outros prédios do Quartel Bellampo. No galpão de armas encontraram rifles, pistolas e metralhadoras, muitas caixas de munição. Ajeitaram as armas em seus corpos e levaram as caixas de munição para a carroça. Pegaram alguns cobertores e sacos de dormir nos alojamentos. Pisciotta jogou dois uniformes de *carabinieri* na carroça, apenas para dar sorte. Depois, com Giuliano no lugar do cocheiro, a carroça transbordando com as mercadorias saqueadas, eles partiram, os outros três homens seguindo a pé, as armas prontas para ação, bem espalhados, em proteção contra qualquer ataque. Desceram rapidamente pela estrada para Castellammare. Levaram mais de uma hora para chegar à casa do fazendeiro que emprestara a carroça a Hector Adonis. Enterraram as armas e munições extras em seu chiqueiro. Depois, ajudaram o

fazendeiro a cobrir a carroça com uma tinta verde-oliva, roubada de um depósito do exército americano.

O Maresciallo Roccofino voltou com seu grupo de busca a tempo para o jantar. O sol caía do céu; não ardera tão intensamente naquele dia quanto a raiva do Maresciallo ao ver seus homens na cadeia. O Maresciallo mandou o carro blindado descer as estradas a toda velocidade, à procura dos fugitivos. Mas, a esta altura, Giuliano já se refugiara com toda segurança no santuário das montanhas.

* * *

Jornais de toda a Itália noticiaram o incidente com o maior destaque. Apenas três dias antes, a morte dos dois *carabinieri* também fora notícia de primeira página; mas, então, Giuliano fora apenas outro bandido siciliano desesperado, cuja única pretensão à fama era a ferocidade. Mas aquele feito era diferente. Ele vencera uma batalha de esperteza e tática contra a Polícia Nacional. Libertara seus amigos e vizinhos do que fora obviamente uma detenção injusta. Jornalistas de Palermo, Nápoles, Roma e Milão foram à cidadezinha de Montelepre, entrevistando a família e os amigos de Turi Giuliano. A mãe foi fotografada segurando o violão de Turi. Ela afirmou que o filho tocava como um anjo (o que não era verdade; ele estava apenas começando a tocar bem o suficiente para que a melodia fosse reconhecível). Os antigos colegas de escola informaram que Turi gostava tanto de ler livros que ganhara o apelido de "O Professor". Os jornais aproveitaram esse detalhe com a maior satisfação. Afinal, um bandido siciliano que sabia ler e escrever era uma coisa rara. Houve muitas referências ao primo Aspanu Pisciotta, que se juntara a Turi na vida de bandido por pura amizade. Os jornais especularam sobre um homem que era capaz de inspirar tamanha lealdade.

Uma fotografia antiga, tirada quando ele tinha 17 anos, mostrava que se tratava de um homem incrivelmente bonito, à maneira viril mediterrânea, o que tornava a história ainda mais irresistível. Mas, provavelmente, o que mais atraiu o povo italiano foi o ato de misericórdia de Giuliano, poupando a vida do cabo que tentara matá-lo. Era melhor do que a ópera — era mais como os espetáculos de marionetes, tão populares

na Sicília, em que os personagens de madeira jamais perdiam sangue nem tinham sua carne dilacerada por balas.

Os jornais só deploraram que Giuliano tivesse libertado dois vilões como Terranova e Passatempo, insinuando que dois companheiros tão indignos poderiam empanar a imagem daquele cavaleiro de armadura reluzente.

Somente o jornal de Milão ressaltou que Salvatore "Turi" Giuliano já matara três membros da Polícia Nacional, sugerindo que se deveriam adotar providências especiais para a sua prisão, que não se deveria desculpar os crimes de um assassino apenas porque ele era bonito, bem lido e sabia tocar violão.

CAPÍTULO 10

Don Croce estava agora plenamente consciente da existência de Turi Giuliano e cheio de admiração por ele. Era um autêntico jovem mafioso. Ao pensar assim, Don Croce usava a palavra no seu sentido antigo e tradicional: um rosto mafioso, uma árvore mafiosa, uma mulher mafiosa, ou seja, uma coisa que se destaca em beleza na sua forma específica.

Que punho armado aquele jovem não daria para Don Croce! Que chefe guerreiro no campo! Don Croce perdoava o fato de que Giuliano constituía naquele momento um espinho incômodo. Os dois bandidos aprisionados em Montelepre, o temido Passatempo e o astuto Terranova, haviam sido capturados com a aprovação e cumplicidade do Don. Mas tudo isso podia ser perdoado, o passado esquecido. O Don nunca guardava um ressentimento que pudesse prejudicar seus lucros futuros. Ele agora acompanharia Turi Giuliano atentamente.

Nas montanhas, Turi Giuliano não tinha conhecimento de sua fama crescente. Estava muito ocupado a formular planos para desenvolver seu poder. Seu primeiro problema eram os dois chefes de bandidos, Terranova e Passatempo. Ele interrogou-os meticulosamente sobre a sua captura e chegou à conclusão de que haviam sido denunciados, traídos. Ambos juraram que seus homens eram fiéis e muitos haviam morrido na armadilha. Giuliano ponderou sobre tudo e concluiu que a Máfia, que servira como receptadora e intermediária para o bando, fora responsável pela traição. Quando comentou isso, os dois bandidos se recusaram a acreditar. Os Amigos dos Amigos nunca violariam o código sagrado da *omertà*, que era essencial para a sua própria sobrevivência. Giuliano não insistiu. Em vez disso, fez uma proposta formal para que os dois aderissem a seu bando.

Ele explicou que seu propósito não era apenas sobreviver, mas também tornar-se uma força política. Ressaltou que não roubariam dos pobres. Mais do que isso: metade dos lucros do bando seria distribuída aos necessitados, nas províncias em torno da cidade de Montelepre, até os subúrbios de Palermo. Terranova e Passatempo chefiariam seus próprios bandos subordinados, mas ficariam sob o comando global de Giuliano.

Esses bandos subordinados não desfechariam qualquer expedição sem sua aprovação. Juntos, teriam o controle absoluto das províncias que continham a grande cidade de Palermo, a cidade de Moreale e as cidadezinhas de Montelepre, Partinico e Corleone. Ele insistiu que deveriam lançar a ofensiva contra os *carabinieri*. Seria a polícia que temeria por suas vidas, não os bandidos. Eles ficaram espantados com tamanha bravata.

Passatempo, um bandido antiquado, que acreditava em estupro, pequenas extorsões e no assassinato de pastores, pôs-se imediatamente a ponderar que poderia lucrar muito com a associação, depois assassinar Giuliano e ficar com a parte dele nos despojos. Terranova, que simpatizava com Giuliano e sentia-se mais grato por sua libertação, imaginou como poderia diplomaticamente conduzir aquele jovem bandido talentoso para uma trilha mais prudente. Giuliano observava-os agora com um pequeno sorriso, como se pudesse ler seus pensamentos. Estava achando graça do que eles especulavam.

Pisciotta estava acostumado às ideias grandiosas de seu amigo pela vida inteira. E acreditava. Se Turi Giuliano dizia que podia fazer alguma coisa, Aspanu Pisciotta acreditava piamente. E, por isso, ele agora escutou.

Ao sol forte da manhã, que iluminava as montanhas de dourado, todos os três ouviram Giuliano, fascinados, enquanto ele contava como liderariam a luta para tornar os sicilianos um povo livre, melhorar a sorte dos pobres e destruir o poder da Máfia, da nobreza e de Roma.

Teriam rido de qualquer outro que falasse aquelas coisas, mas lembravam o que todos que haviam testemunhado jamais esqueceriam: ó cabo dos *carabinieri* erguendo a pistola para a cabeça de Giuliano; o olhar sereno de Giuliano, sua confiança absoluta de que não morreria, enquanto esperava que o cabo puxasse o gatilho; a misericórdia que ele demonstrara com o cabo, depois que a arma falhara. Eram atos de um homem que acreditava em sua imortalidade e forçava os outros a partilharem essa convicção. E por isso eles olhavam agora atentamente para o jovem tão bonito, impressionados com sua beleza, coragem e inocência.

* * *

Na manhã seguinte, Giuliano levou seus três homens, Aspanu Pisciotta, Passatempo e Terranova, por uma trilha que descia das montanhas para a planície nas proximidades da cidade de Castelvetrano.

Ele saiu das montanhas muito cedo, a fim de fazer um reconhecimento.do terreno. Os quatro vestiam-se como camponeses sicilianos a caminho do trabalho nos campos.

Giuliano sabia que comboios de caminhões, cheios de alimentos, passavam por ali, seguindo para os mercados de Palermo. O problema era como fazer os caminhões pararem. Estariam em alta velocidade para frustrar os sequestradores e os motoristas poderiam estar armados.

Escondendo seus homens nas moitas à beira da estrada, perto de Castelvetrano, Giuliano sentou-se numa pedra branca, bem à vista de quem passasse. Os homens que passavam para trabalhar nos campos fitavam-no com expressões impassíveis. Viam a lupara que ele segurava e se afastavam apressadamente. Giuliano especulou se algum deles o reconhecera. Avistou uma carroça grande, toda pintada com as legendas populares, descendo pela estrada, puxada por uma única mula. O velho que a conduzia era conhecido de vista. Pertencia à linhagem de carreteiros profissionais tão famosa na Sicília rural. Ele alugava sua carroça para transportar bambu das aldeias próximas para a fábrica na cidade. Estivera em Montelepre há bastante tempo, transportando algumas mercadorias para o pai de Giuliano. Levantando-se, Giuliano foi para o meio da estrada. A lupara pendia frouxa de sua mão direita. O cocheiro reconheceu-o, embora a expressão de seu rosto não se alterasse, havendo apenas um breve faiscar nos olhos. Giuliano cumprimentou-o com o estilo familiar que usara quando menino, chamando-o de tio.

— Zu Peppino, este é um dia afortunado para nós dois. Estou aqui para fazer a sua fortuna e você está aqui para me ajudar a aliviar o fardo dos pobres.

Ele estava genuinamente deliciado por ver o velho e desatou a rir. O velho não respondeu. Olhou impassivelmente para Giuliano, esperando. Giuliano subiu na carroça e sentou-se ao seu lado. Escondeu a lupara na carroça e depois riu novamente, de excitamento. Por causa de Zu Peppino, ele tinha certeza de que aquele seria um dia de sorte.

Giuliano desfrutou a frescura de final de outono, a beleza das montanhas no horizonte, o conhecimento de que seus três homens nas moitas dominavam a estrada com suas armas. Explicou seu plano a Zu Peppino, que o escutou sem fazer qualquer comentário ou mudar a expressão. Manteve-se impassível até que Giuliano informou qual seria a sua recompensa: a carroça cheia de alimentos retirados dos caminhões. Foi somente então que Zu Peppino soltou um grunhido e disse:

— Turi Giuliano, você sempre foi um rapaz bom e corajoso. Sensato, generoso e simpático. E não mudou depois que se tornou um homem. — Giuliano lembrou-se agora que Zu Peppino era um daqueles raros sicilianos dados a falar de maneira empolada. — Conte com a minha ajuda nisto e em todas as outras coisas. Dê minhas lembranças a seu pai, que deve estar orgulhoso de ter um filho assim.

* * *

O comboio de três caminhões, carregados de alimentos, apareceu na estrada ao meio-dia. Tiveram de parar quando fizeram a curva que dava acesso à reta da planície de Partinico. Um bando de carroças e mulas bloqueava a estrada inteiramente. Isso fora concebido por Zu Peppino, a quem todos os carroceiros da região deviam favores e obediência.

O motorista do caminhão da frente tocou a buzina e avançou lentamente, até encostar e empurrar a carroça mais próxima. O homem na carroça virou-se e lançou-lhe um olhar de tanta malevolência que ele parou o caminhão no mesmo instante e esperou pacientemente. Sabia que aqueles carroceiros, apesar de sua humilde profissão, eram homens orgulhosos e impetuosos, que por uma questão de honra, seu direito à estrada sobre os veículos motorizados, seriam capazes de apunhalá-lo até a morte e depois seguirem o seu caminho com uma canção nos lábios.

Os outros dois caminhões também pararam. Os motoristas saltaram. Um deles era da extremidade oriental da Sicília e um era estrangeiro; isto é, vinha de Roma. O motorista romano aproximou-se dos carreteiros, abrindo o blusão e gritando furiosamente para que tirassem do caminho as suas malditas mulas e as carroças de merda. E enfiou a mão por dentro do blusão.

Giuliano pulou da carroça. Não se deu ao trabalho de pegar sua lupara nem sacar a pistola que tinha no cinto. Fez um sinal para seus homens, esperando nas moitas; eles saíram para a estrada, brandindo suas armas. Terranova separou-se dos outros dois e foi até o último caminhão, a fim de evitar que fosse tirado de lá. Pisciotta desceu pela encosta e foi enfrentar o furioso motorista romano.

Enquanto isso, Passatempo, mais excitado do que os outros, arrancou o primeiro motorista de seu veículo e jogou-o na estrada, aos pés de Giuliano. Estendendo a mão, Giuliano ajudou-o a se levantar. A esta altura, Pisciotta já conduzira o motorista do último caminhão para se juntar aos outros dois. O romano retirara a mão vazia do interior do blusão e apagou a expressão de ira do seu rosto. Giuliano sorriu, com genuína boa vontade, dizendo:

— Este é um dia afortunado para vocês três. Não terão de completar a longa viagem até Palermo. Meus carroceiros descarregarão os caminhões e distribuirão os alimentos aos necessitados deste distrito. Sob a minha supervisão, é claro. E permitam que eu me apresente. Sou Giuliano.

Os três motoristas imediatamente se tornaram afáveis e humildes. Disseram que não tinham qualquer pressa. Dispunham de todo o tempo do mundo. Na verdade, estava até na hora de seu almoço. Os caminhões eram confortáveis. O tempo não estava muito quente. Para ser franco, era até um feliz acaso, um golpe de sorte. Giuliano percebeu o medo deles e acrescentou:

— Não se preocupem, pois não mato homens que ganham o pão com o suor de seus rostos. Vocês me acompanharão no almoço, enquanto meu pessoal trabalha. E depois voltarão para suas esposas e filhos, dirão a eles de sua boa sorte. Quando a polícia os interrogar, ajudem o mínimo possível e ganharão minha gratidão.

Giuliano parou de falar. Era muito importante para ele que aqueles homens não sentissem vergonha nem ódio. Era muito importante que divulgassem como haviam sido bem tratados. Pois haveria outros.

Eles se deixaram conduzir para a sombra de um enorme bloco de granito, à beira da estrada. Entregaram voluntariamente suas pistolas a

Giuliano, sem necessidade de serem revistados. E ficaram sentados como anjos, enquanto os carroceiros descarregavam os caminhões. Quando terminaram, ainda havia um caminhão plenamente carregado, cuja carga não podia caber nas carroças. Giuliano pôs Pisciotta e Passatempo nesse caminhão, junto com um motorista. Disse a Pisciotta que distribuísse os alimentos entre os trabalhadores rurais de Montelepre. O próprio Giuliano e Terranova supervisionariam a distribuição dos alimentos no distrito de Castelvetrano e na cidade de Partinico. Depois, todos se encontrariam na caverna no cume do Monte d'Ora.

Com tal façanha, Giuliano estava a caminho de conquistar o apoio de toda a região. Que outro bandido já entregara seus despojos aos pobres? No dia seguinte, os jornais de toda a Sicília publicaram enormes matérias sobre o bandido Robin Hood. Somente Passatempo protestou que haviam tido um dia de trabalho de graça. Pisciotta e Terranova compreenderam que o bando ganhara mil partidários contra Roma.

O que eles não sabiam era que as mercadorias estavam destinadas ao armazém de Don Croce.

* * *

Em apenas um mês, Giuliano tinha informantes por toda parte — revelando que ricos comerciantes viajavam com dinheiro do mercado negro, os hábitos de determinados nobres e as poucas pessoas insidiosas que conspiravam com as mais altas autoridades policiais. E foi assim que Giuliano soube que a Duquesa de Alcamo tirara suas joias do cofre de um banco de Palermo, a fim de usá-las na ronda das festas oferecidas pela sociedade para celebrar o Natal.

Trinta quilômetros a sudoeste de Montelepre, a propriedade do Duque de Alcamo era murada, os portões vigiados por guardas armados. O duque também pagava um "aluguel" aos Amigos dos Amigos, que garantiam que seu gado não seria roubado, a casa não seria assaltada ou qualquer pessoa da família sequestrada. Em tempos normais e com criminosos comuns, isso o tornaria mais seguro do que o Papa no Vaticano.

Giuliano despachou Aspanu para cortejar uma das criadas da residência de Alcamo, ordenando-lhe rigorosamente que não desonrasse a

moça. Pisciotta ignorou essas instruções; achava que Turi era muito romântico e inocente demais nas coisas do mundo. Além do mais, o prêmio era muito alto, a moça linda. E Pisciotta ainda não aprendera a temer o amigo de infância. Pisciotta passou semanas cultivando a moça, visitando-a na propriedade e comendo regiamente na cozinha do duque. Conversou com os jardineiros, os guarda-caças, o mordomo e as outras criadas. Era engraçado, bonito e cativante. Não teve a menor dificuldade em descobrir quando o duque viajaria para Palermo a negócios.

Cinco dias antes do Natal, Giuliano, Passatempo, Pisciotta e Terranova pararam diante dos portões, numa carroça puxada por mulas. Vestiam trajes de caça de prósperos proprietários rurais, comprados em Palermo com os despojos do ataque aos caminhões: calças de veludo cotelê, camisas vermelhas de lã, blusões verdes em que guardavam as caixas de balas. Dois guardas lhes barraram o caminho. Como era dia alto, os guardas não se mantinham alertas e conservaram as armas nos ombros.

Giuliano encaminhou-se para eles rapidamente. Estava desarmado, a não ser pela pistola escondida por baixo do casaco de carroceiro. Sorriu para os guardas e anunciou:

— Senhores, meu nome é Giuliano e vim desejar um feliz Natal à sua encantadora duquesa, assim como suplicar esmolas para ajudar os pobres.

Os guardas ficaram paralisados pelo espanto quando ouviram o nome Giuliano. E depois tentaram sacar suas armas. Mas, a esta altura, Passatempo e Terranova já lhes apontavam suas pistolas automáticas. Pisciotta tirou as armas dos guardas e jogou-as na carroça. Passatempo e Terranova foram deixados a passear com os guardas na frente dos portões.

O acesso à mansão era por um vasto pátio de pedra. Num canto, algumas galinhas cacarejavam em torno de uma velha criada, que lhes atirava milho. Além da mansão, as quatro filhas da duquesa brincavam num jardim, sob a supervisão da governanta, usando vestidos pretos. Giuliano subiu pelo caminho para a casa, Pisciotta a seu lado. As informações eram corretas, não havia outros guardas. Depois do jardim, havia um terreno que funcionava como horta e um pequeno bosque de oliveiras. Seis homens trabalhavam ali. Giuliano tocou a sineta e depois empurrou a porta, no momento em que uma criada a abria. A criada

reconheceu Pisciotta e deu um passo para o lado. Estava surpresa com o seu aparecimento na porta da frente. Giuliano disse, gentilmente:

— Não precisa ficar alarmada. Avise à sua patroa que fomos enviados pelo duque, para tratar de negócios. Eu preciso falar com ela.

Com a informalidade de todos os criados sicilianos, ela conduziu-' os à sala de estar, onde a duquesa lia. A duquesa, que era do continente, ficou aborrecida com a intromissão não anunciada e disse bruscamente:

— Meu marido está viajando. Em que posso servi-los?

Giuliano não conseguiu responder. Estava atordoado com a beleza da sala. Era a maior que já vira e, o mais espantoso, redonda ao invés de quadrada. Cortinas douradas protegiam as enormes portas envidraçadas, o teto se curvava para um domo, todo decorado com afrescos de querubins. Havia livros por toda parte, no sofá, nas mesinhas e em estantes especiais pelas paredes. Enormes quadros estavam pendurados nas paredes e enormes vasos com flores se espalhavam por todos os lados. Caixas de prata e ouro se encontravam sobre as mesas, diante de sofás e cadeiras estofadas. A sala poderia receber facilmente cem pessoas e a única que a usava era aquela mulher solitária, vestida de seda branca. Os raios do sol, o ar e os gritos das crianças brincando no jardim entravam pelas janelas abertas. Pela primeira vez, Giuliano compreendeu a sedução da riqueza — que o dinheiro podia criar uma beleza incomparável. Ele sentiu-se relutante em estragar aquela beleza por qualquer violência ou crueldade. Faria o que tinha de fazer sem deixar qualquer cicatriz naquele cenário.

A duquesa, esperando pacientemente por uma resposta, ficou impressionada pela virilidade e beleza do rapaz. Percebeu que ele estava impressionado com a sala e ficou um pouco contrariada por ele não reconhecer-lhe a beleza. Refletiu que era uma pena que fosse tão obviamente um camponês e não frequentasse seus círculos, onde um flerte inocente não seria absolutamente impróprio. Tudo isso levou-a a dizer, mais insinuantemente do que o faria em circunstâncias normais:

— Lamento muito, meu jovem, mas se veio tratar de negócios terá de voltar em outra ocasião. Meu marido não se encontra em casa neste momento.

Giuliano fitou-a. Experimentou o ímpeto de antagonismo que um pobre costuma sentir por uma mulher rica que de alguma forma demonstra sua superioridade, por causa de sua riqueza e posição social. Ele se inclinou polidamente, notando o anel espetacular no dedo da duquesa. E disse, com uma humildade irônica:

— Os negócios que vim tratar aqui são com você própria. Meu nome é Giuliano.

Mas a ironia da humildade se perdeu para a duquesa, que estava acostumada à submissão dos criados. Aceitou-a como uma coisa comum. Era uma mulher refinada, interessada em livros e música, não se preocupava com os problemas cotidianos da Sicília. Raramente lia os jornais locais, considerando-os bárbaros. Por isso, se limitou a dizer, cortesmente:

— Prazer em conhecê-lo. Por acaso já nos encontramos antes? Talvez na ópera, em Palermo?

Aspanu Pisciotta, que estivera observando a cena divertido, riu agora abertamente e foi até as portas, a fim de interceptar qualquer criado que pudesse vir daquela direção. Giuliano, um pouco irritado com o riso de Pisciotta, mas encantado com a ignorância da duquesa, disse firmemente:

— Minha cara duquesa, nunca nos encontramos. Sou um bandido. Meu nome completo é Salvatore Giuliano. Costumo pensar em mim mesmo como o Defensor da Sicília e minha visita tem o objetivo de pedir-lhe que doe suas joias aos pobres, a fim de que possam desfrutar e celebrar o nascimento de Cristo no dia de Natal.

A duquesa sorriu, incrédula. Aquele rapaz, cujo rosto e corpo despertavam nela uma ânsia familiar, não podia ter a intenção de fazer-lhe qualquer mal. E agora, com a insinuação de perigo, ela sentia-se positivamente atraída. Contaria aquela história nas festas em Palermo. E por isso disse, com um sorriso inocente:

— Minhas joias estão no cofre do banco, em Palermo. Mas pode levar todo dinheiro que encontrar na casa. Com a minha bênção.

Ninguém jamais duvidara de sua palavra, em toda a sua vida. Mesmo quando menina, jamais mentira. Aquela era a primeira vez. Giuliano olhou para o pingente de diamante em sua garganta. Sabia que ela estava mentindo, mas relutava em fazer o que era necessário. Acabou acenando com a cabeça para Pisciotta, que enfiou os dedos entre os dentes e assoviou três vezes. Poucos minutos depois, Passatempo apareceu. Seu vulto baixo, atarracado e feio, com o rosto coberto de cicatrizes, parecia ter saído diretamente do teatro de marionetes. Era um rosto largo, quase sem testa, os cabelos pretos abundantes, as sobrancelhas salientes, fazendo-o parecer um gorila. Ele sorriu para a duquesa, exibindo os dentes enormes, amarelados. A aparência daquele terceiro bandido finalmente assustou a duquesa. Ela tirou o colar do pescoço e estendeu-o para Giuliano.

— Isso o satisfaz?

— Não — respondeu Giuliano. — Minha cara duquesa, sou um homem de coração mole. Mas meus companheiros são diferentes. Meu amigo Aspanu, embora bonito, é tão cruel quanto o bigodinho que usa e deixa tantos corações partidos. E o homem ali na porta, apesar de meu subordinado, sempre me causa pesadelos. Não me obrigue a deixá-los entrar em ação. Eles sairiam para o jardim e levariam suas crianças para as montanhas. E agora vá buscar o resto de seus diamantes.

A duquesa correu para o seu quarto e voltou em poucos minutos com uma caixa de joias. Fora bastante esperta para esconder algumas peças valiosas antes de trazê-la. Entregou a caixa a Giuliano. Ele agradeceu graciosamente. Depois, virou-se para Pisciotta e disse:

— Aspanu, a duquesa pode ter esquecido algumas coisas. Dê uma olhada no quarto, apenas para termos certeza.

Pisciotta encontrou as joias escondidas quase que imediatamente e levou-as para Giuliano. Enquanto isso, Giuliano abrira a caixa, experimentando uma intensa exultação ao contemplar as pedras preciosas. Sabia que o conteúdo daquela caixa alimentaria toda a cidade de Montelepre por meses. E era uma fonte de alegria ainda maior saber que haviam sido comprados pelo duque com o dinheiro arrancado da exploração do suor de seus trabalhadores. Depois, enquanto a duquesa retorcia as mãos, ele notou outra vez a enorme esmeralda em seu dedo.

— Minha cara duquesa, como pode ser tão tola e tentar me enganar, escondendo as outras peças? Eu esperaria uma atitude dessas de algum camponês avarento, que trabalhou como um escravo por seu tesouro. Mas como pôde arriscar sua própria vida e as vidas de suas filhas por duas joias de que não sentirá a menor falta, assim como seu marido o duque não sentiria a falta do chapéu em sua cabeça? E agora, sem qualquer confusão, dê-me esse anel em seu dedo.

A duquesa estava quase em lágrimas e balbuciou:

— Meu caro rapaz, deixe-me ficar com este anel, por favor. Eu lhe mandarei o valor dele em dinheiro. Ganhei-o de meu marido, como presente de noivado. Eu não suportaria ficar sem ele. Partiria meu coração.

Pisciotta tornou a rir. E o fez deliberadamente. Receava que Turi deixasse a mulher ficar com o anel, por sentimentalismo. E a esmeralda possuía obviamente um valor dos mais altos.

Mas Giuliano não tinha tal sentimentalismo. Pisciotta sempre se lembraria da expressão nos olhos de Turi quando ele agarrou rudemente o braço da duquesa e arrancou o anel de sua mão trêmula. Ele recuou rapidamente, enfiou o anel no dedo mínimo de sua mão esquerda.

Turi percebeu que a duquesa estava corando, havia lágrimas em seus olhos. E sua atitude era novamente cortês quando disse:

— Em homenagem às suas recordações, nunca venderei este anel. Eu mesmo o usarei.

A duquesa examinou atentamente o seu rosto, em busca de qualquer sinal de ironia. Mas não havia nenhum. Contudo, foi um momento mágico para Turi Giuliano. Pois quando enfiou o anel no dedo, ele sentiu a transferência de poder. Com aquele anel, ele casava com o seu destino. Era o símbolo do poder que arrancaria do mundo dos ricos. Naquela poça verde escura, delimitada pelo círculo de ouro, ainda recendendo ao perfume de uma bela mulher que o usara sem cessar por muitos anos, ele capturara uma pequena essência, uma parte da vida que nunca poderia ter.

* * *

Don Croce ficou escutando, sem dizer uma só palavra.

O Duque de Alcamo estava apresentando a queixa a Don Croce pessoalmente. Não pagara o seu "aluguel" aos Amigos dos Amigos? Não haviam lhe garantido imunidade contra todos os tipos de roubo? O que mais poderia acontecer? Nos velhos tempos, ninguém se atreveria. E o que faria Don Croce agora para recuperar as joias? O duque comunicara o assalto às autoridades, embora soubesse que isso era inútil e poderia desagradar a Don Croce. Mas havia o seguro a cobrar; e talvez assim o governo de Roma passasse a levar a sério aquele bandido Giuliano. Don Croce achou que era chegado o momento de levá-lo muito a sério. E disse ao duque:

— Se eu recuperar suas joias, você me pagaria um quarto do seu valor?

O duque ficou furioso.

— Primeiro eu lhe pago um aluguel, para me manter em segurança, assim como meus bens. E depois, quando você falha em suas obrigações, pede-me para pagar um resgate! Como pode esperar manter o respeito de seus clientes se trabalha assim?

Don Croce acenou com a cabeça.

— Devo admitir que a razão está do seu lado. Mas pense em Salvatore Giuliano como uma força da natureza, um flagelo de Deus. Não pode esperar que os Amigos dos Amigos o protejam contra terremotos, vulcões e inundações, não é mesmo? Com o tempo, posso lhe garantir que Giuliano será devidamente controlado. Mas podemos fazer um acordo. Você paga o resgate que eu acertarei e terá a sua proteção, sem pagar o meu aluguel habitual, durante os próximos cinco anos. Pelo acordo, Giuliano assumirá o compromisso de não atacá-lo novamente. E por que ele haveria de fazê-lo, já que presumo que daqui por diante você terá sempre o bom senso de guardar joias tão preciosas no cofre do banco em Palermo? As mulheres são muito inocentes... não conhecem a cobiça e a ganância com que os homens procuram os bens materiais deste mundo.

Ele fez uma pausa, a fim de permitir que desaparecesse a insinuação de um sorriso que surgira no rosto do duque. E depois arrematou:

— Se calcular o valor do aluguel para proteção às suas propriedades, por cinco anos, nos tempos conturbados que teremos pela frente, descobrirá que perdeu muito pouco com este infortúnio.

O duque pensou a respeito. Don Croce estava certo sobre os tempos difíceis que se estendiam pela frente. Perderia mais do que um pouco se resgatasse as joias, apesar da suspensão do "aluguel" por cinco anos. Quem poderia afirmar que Don Croce continuaria vivo pelos próximos cinco anos ou seria capaz de conter Giuliano? Mesmo assim, ainda era o melhor acordo que poderia fazer. Evitaria que a duquesa lhe arrancasse mais joias nos próximos anos e somente isso já seria uma tremenda economia. Teria de vender outro pedaço de suas terras, mas seus ancestrais vinham fazendo isso há gerações, a fim de pagar suas loucuras, e ainda restavam milhares de hectares. O duque concordou.

* * *

Don Croce convocou Hector Adonis. E, no dia seguinte, Adonis foi visitar o afilhado. Explicou sua missão. Foi absolutamente franco:

— Você não obterá um preço melhor, mesmo que venda as joias aos receptores em Palermo. E, ainda por cima, isso levará tempo e não terá o dinheiro antes do Natal, o que sei ser o seu desejo. Um outro fator importante: você ganhará a boa vontade de Don Croce, o que sempre é uma coisa preciosa. Lembre-se de que lhe causou uma perda de respeito, mas ele perdoará se lhe prestar esse favor.

Giuliano sorriu para o padrinho. Não estava absolutamente preocupado com a boa vontade de Don Croce; afinal, um dos seus sonhos era abater o dragão da Máfia na Sicília. Já enviara emissários a Palermo, à procura de compradores para as joias roubadas, e era evidente que isso exigiria um processo prolongado e tortuoso. Por isso, ele concordou. Mas recusou-se a entregar o anel de esmeralda.

Antes de partir, Adonis finalmente abandonou o seu papel como um professor de romances para Giuliano. Pela primeira vez, falou-lhe francamente sobre as realidades da vida siciliana.

— Meu caro afilhado, ninguém admira as suas qualidades mais do que eu. Amo os seus princípios elevados e espero ter ajudado a incuti-los. Mas, agora, precisamos falar em sobrevivência. Você nunca terá a menor

possibilidade de vencer os Amigos dos Amigos. Há mil anos, como um milhão de aranhas, eles vêm tecendo uma teia gigantesca sobre toda a Sicília. Don Croce se encontra agora no centro dessa teia. Ele admira você, quer a sua amizade, quer torná-lo rico a seu lado. Mas você deve às vezes se dobrar à vontade dele. Pode ter seu império, mas terá de ser dentro da teia de Don Croce. Uma coisa é certa: você não pode se opor a ele diretamente. Se o fizer, a própria história ajudará Don Croce a destruí-lo.

* * *

E assim as joias foram devolvidas ao duque. Giuliano ficou com a metade do dinheiro do resgate, para distribuir entre Pisciotta, Passatempo e Terranova. Eles cobiçaram o anel de esmeralda no dedo de Giuliano, mas nada comentaram, pois este recusou-se a ficar com qualquer dinheiro da venda das joias.

A outra metade do dinheiro Giuliano estava determinado a distribuir entre os pobres pastores que guardavam os rebanhos de ovelhas e gado que pertenciam aos ricos, os trabalhadores rurais que se matavam nos campos por umas poucas centenas de liras, todos os pobres ao seu redor.

Geralmente, ele distribuía o dinheiro através de intermediários. Mas, um belo dia, encheu os bolsos do casaco de pele de ovelha com pacotes de notas de liras. Também encheu uma sacola de lona com dinheiro. Estava decidido a percorrer as aldeias entre Montelepre e Piani dei Greci, acompanhado por Terranova.

Encontrou em uma aldeia três velhas que estavam quase morrendo de fome. Entregou um pacote de liras a cada uma. Elas choraram e beijaram suas mãos. Em outra aldeia havia um homem que estava prestes a perder sua pequena propriedade porque não tinha condições de pagar a hipoteca. Giuliano deixou-lhe dinheiro suficiente para saldar toda a dívida.

Na aldeia seguinte, deu dinheiro aos pais de uma criança doente, a fim de que pudessem levá-la ao hospital em Palermo e pagar as visitas do médico local. Também compareceu ao casamento de um jovem casal, presenteando-os com um dote generoso.

Mas o que ele mais amou foi distribuir dinheiro entre as crianças esfarrapadas que atulhavam as ruas de todas as pequenas cidades da

Sicília. Não havia uma única criança que não conhecesse Giuliano. Agruparam-se ao seu redor, enquanto ele distribuía os maços de dinheiro, dizendo que fossem entregar a seus pais. E depois Giuliano ficou observando as crianças correrem alegremente para suas casas.

Só lhe restavam uns poucos maços de dinheiro quando resolveu visitar a mãe, antes do anoitecer. Atravessando um campo por trás de sua casa, encontrou um garoto e uma menina que estavam chorando. Haviam perdido o dinheiro que lhes fora confiado pelos pais e contaram que foram os *carabinieri* que o tomaram. Giuliano achou graça dessa pequena tragédia e entregou-lhes um dos dois maços de dinheiro que restavam. E depois, porque a menina era tão bonita e ele não podia admitir a possibilidade de que fosse punida, Giuliano escreveu um bilhete para seus pais. Estes não foram os únicos que se mostraram agradecidos. Os habitantes de Borgetto, Corleone, Partinico, Monreale e Piani dei Greci passaram a chamá-lo de "Rei de Montelepre", assim demonstrando a sua lealdade.

* * *

Don Croce sentiu-se feliz, apesar de ter perdido o "aluguel" do duque por cinco anos. Pois Don Croce dissera a Adonis que o duque pagaria apenas vinte por cento do valor das joias, mas recebera 25 por cento, guardando cinco por cento em seu bolso.

O que mais o satisfez, no entanto, foi ter reconhecido Giuliano tão cedo, julgando-o tão acuradamente. Que rapaz extraordinário! Quem poderia imaginar que alguém tão jovem pudesse ver as coisas tão claramente, agir tão sensatamente, escutar tão comedidamente aos mais velhos e às cabeças mais sensatas? E com tudo isso ainda havia uma inteligência fria, capaz de defender seus próprios interesses, algo que muito admirava. Afinal, quem gostaria de se associar a um tolo? Era verdade, o Don estava convencido de que Turi Giuliano se tornaria o seu braço direito. E, com o passar do tempo, haveria de ser o seu filho amado.

* * *

Turi Giuliano percebia claramente todas essas maquinações ao seu redor. Sabia que o padrinho estava sinceramente preocupado com o seu bem-estar. Mas isso não significava que confiava no julgamento do

homem mais velho. Giuliano sábia que ainda não era bastante forte para combater os Amigos dos Amigos; ao contrário, precisava da ajuda deles. Mas não tinha ilusões, a longo prazo. Eventualmente, se escutasse o padrinho, teria de se tornar um vassalo de Don Croce. E era uma coisa que estava determinado a jamais permitir que acontecesse. Por isso, devia ganhar tempo.

CAPÍTULO 11

O bando de Giuliano tinha agora trinta homens. Alguns eram membros dos antigos bandos de Passatempo e Terranova. Outros eram cidadãos de Montelepre que haviam sido arrancados da cadeia pela incursão de Giuliano. Descobriram que não havia qualquer possibilidade de perdão das autoridades, apesar de sua inocência; ainda estavam sendo caçados. E resolveram ser caçados junto com Giuliano, ao invés de permanecerem sozinhos e sem amigos.

Numa bela manhã de abril, os informantes de Giuliano em Montelepre avisaram que um homem de aparência perigosa, talvez um espião da polícia, andava fazendo indagações na cidade sobre a maneira de se juntar ao bando. Ele estava esperando na taverna de Caesero Ferra. Giuliano despachou Terranova e quatro homens a Montelepre para investigar. Se o homem fosse um espião, eles deveriam matá-lo; se fosse alguém útil, deveriam recrutá-lo. No início da tarde, Terranova voltou e comunicou a Giuliano:

— Trouxemos o homem. Antes de fuzilá-lo, achamos que você poderia gostar de conhecê-lo.

Giuliano riu quando viu o vulto corpulento vestindo o traje tradicional de trabalho do camponês siciliano.

— E então, velho amigo, pensou que eu poderia esquecer seu rosto? Veio com balas melhores desta vez?

Era o cabo dos *carabinieri*, Canio Silvestro, que disparara a pistola contra a cabeça de Giuliano durante a famosa fuga da cadeia.

O rosto forte e cheio de cicatrizes de Silvestro era intenso. Por algum motivo inexplicável, era um rosto que atraía Giuliano. Ele tinha uma fraqueza em seu coração por aquele homem que o ajudara a provar sua imortalidade. Silvestro declarou:

— Vim me juntar a você. Posso ser extremamente valioso.

Ele falou isso orgulhosamente, como alguém que está prestes a dar um presente. Isso também agradou a Giuliano. Ele deixou que Silvestro

contasse a sua história.

Depois do ataque à cadeia, o Cabo Silvestro fora enviado a Palermo, a fim de enfrentar uma corte marcial, por negligência no cumprimento do dever. Seu Maresciallo ficara furioso com ele e o interrogara rigorosamente, antes de recomendar o julgamento. Por mais estranho que pudesse parecer, a circunstância que inflamara as suspeitas do Maresciallo fora a tentativa do cabo de atirar em Giuliano. A causa da falha no disparo fora comprovada na munição defeituosa. Mas o Maresciallo concluira que toda a tentativa de resistência não passara de uma farsa e que o Cabo Silvestro ajudara Giuliano a planejar a fuga da cadeia e postara seus guardas de maneira a facilitar o sucesso do empreendimento. Giuliano interrompeu-o:

— Como eles acham que você poderia saber que as balas estavam com defeito?

Silvestro assumiu uma expressão contrafeita.

— Eu deveria saber. Fui armeiro na infantaria, um especialista. — A expressão tornou-se sombria, ele deu de ombros. — A verdade é que cometi um erro. Puseram-me num cargo burocrático e não me ocupava mais com o que realmente sei. Mas garanto que posso lhe ser muito útil. Posso me tornar seu armeiro, verificando todas as suas armas e consertando-as. Posso cuidar para que a munição seja devidamente manipulada, a fim de evitar que os depósitos explodam. Posso modificar suas armas a fim de adaptá-las ao uso mais conveniente aqui nas montanhas.

— Conte o resto de sua história.

Giuliano estudava o homem atentamente. Podia ser um plano para infiltrar um espião em seu bando. Ele podia ver que Pisciotta, Passatempo e Terranova estavam desconfiados. Silvestro continuou:

— Todos eles foram uns tolos, comportando-se como mulheres assustadas. O Maresciallo sabia que fora uma estupidez levar a maioria dos seus homens para as montanhas, quando tínhamos o quartel cheio de prisioneiros. Os *carabinieri* consideram a Sicília como algum território estrangeiro ocupado. Eu costumava protestar contra essa atitude, o que me criou muitos problemas. E as autoridades em Palermo queriam proteger

seu Maresciallo... afinal, eram os responsáveis por ele. Ficaria melhor se o Quartel Bellampo fosse traído por alguém de dentro, ao invés de ser capturado por homens que se mostraram mais bravos e mais espertos. Não me submeteram à corte marcial. Disseram-me que tinha de renunciar. Explicaram que nada constaria em minha ficha, mas sei muito bem que não é o que acontece. Nunca mais conseguirei outro emprego no governo. Não sei fazer mais nada e sou um patriota siciliano. E me perguntei: o que posso fazer com a minha vida? A resposta foi imediata: entrar para o bando de Giuliano.

Giuliano foi ao local que funcionava como cozinha, a fim de comer e beber. Ali, conferenciou com seus chefes. Passatempo mostrou-se brusco e positivo:

— Que tipo de tolos eles pensam que somos? Vamos fuzilá-lo e jogar seu corpo do penhasco. Não precisamos de *carabinieri* em nosso bando.

Pisciotta percebeu que Giuliano se deixara impressionar novamente pelo cabo. Conhecia as emoções impulsivas do amigo e por isso disse, cuidadosamente:

— Provavelmente é um truque. Mas, mesmo que não seja, por que correr o risco? Ficaremos preocupados durante todo o tempo. Sempre haverá dúvidas. Por que simplesmente não mandá-lo voltar?

Terranova disse:

— Ele conhece nosso acampamento. Viu alguns dos nossos homens e está a par de nosso número. E essas são informações valiosas.

Giuliano declarou:

— Ele é um autêntico siciliano. Age por um senso de honra. Não posso acreditar que desempenharia um papel de espião.

Ele constatou que todos sorriam de sua inocência. Pisciotta acrescentou:

— Lembre-se que ele tentou matá-lo. Tinha uma arma escondida, era um prisioneiro e tentou matá-lo, apenas por rancor e sem qualquer esperança de fuga.

Giuliano pensou: e é justamente isso o que o torna valioso para mim. Em voz alta, ele disse:

— Isso não prova que ele é um homem de honra? Estava derrotado, mas achou que tinha de morrer se vingando. E que mal ele pode causar? Será um membro comum do bando... não contaremos nada que seja confidencial. E sempre o vigiaremos. Eu lhe dispensarei uma atenção pessoal. E quando chegar o momento oportuno, vamos submetê-lo a um teste que ele deverá refugar, se for um espião dos *carabinieri*. Deixem-no comigo.

Mais tarde, naquela noite, Giuliano comunicou a Silvestro que ele era agora um membro do bando. O homem disse simplesmente:

— Pode contar comigo para qualquer coisa.

Ele compreendia perfeitamente que Giuliano tornara a salvá-lo da morte.

* * *

Giuliano visitou a família na época da Páscoa. Pisciotta foi contra, argumentando que a polícia poderia preparar uma armadilha. A Páscoa na Sicília sempre fora um dia tradicional de morte dos bandidos. A polícia contava com os profundos laços de família para fazer com que os bandidos deixassem seus esconderijos nas montanhas, a fim de visitarem os entes amados. Mas os espiões de Giuliano trouxeram a notícia de que o próprio Maresciallo visitaria sua família no continente e que metade da guarnição do Quartel Bellampo recebera licença para celebrar o feriado em Palermo. Giuliano decidiu levar homens em quantidade suficiente para que a visita se realizasse com absoluta segurança. E entrou furtivamente em Montelepre no Sábado de Aleluia.

Enviara a notícia de sua visita poucos dias antes e a mãe preparara um banquete. Naquela noite, ele dormiu na cama de sua infância. No dia seguinte, quando a mãe foi à missa, Giuliano acompanhou-a até a igreja. Tinha uma guarda pessoal de seis homens, que também visitaram suas famílias na cidade, mas com ordens de acompanhar Giuliano a qualquer lugar que ele fosse.

Quando saiu da igreja, junto com a mãe, os seis guarda-costas esperavam-no junto com Pisciotta. O rosto de Aspanu estava branco de fúria, enquanto ele dizia:

— Você foi traído, Turi. O Maresciallo voltou de Palermo com vinte homens extras para prendê-lo. A casa de sua mãe está cercada. Eles pensam que você se encontra lá dentro.

Giuliano sentiu por um momento raiva de sua própria precipitação e estupidez e resolveu que nunca mais seria tão negligente. Não que o Maresciallo com seus vinte homens pudesse capturá-lo, mesmo que estivesse na casa da mãe. Seus guardas os emboscariam e haveria uma batalha sangrenta. Mas isso estragaria o espírito de sua volta para casa na Páscoa. O dia em que Cristo se levantara não era o dia conveniente para se violar a paz.

Ele deu um beijo de despedida na mãe e disse-lhe que voltasse para casa, revelasse francamente à polícia que o deixara na igreja. Assim, ela não poderia ser acusada de cumplicidade. E não precisava se preocupar, pois ele e seus homens escapariam facilmente. Não haveria sequer um combate. E os *carabinieri* não se atreveriam a segui-los até as montanhas.

Giuliano e seus homens partiram sem sequer serem avistados. Naquela noite, no acampamento na montanha, Giuliano conversou com Pisciotta. Como o Maresciallo soubera de sua visita a Montelepre? Quem teria sido o informante? Era necessário fazer tudo para descobrir.

— Essa será a sua missão especial, Aspanu. E se houver um espião, poderá haver outros. Não me importo quanto tempo levará ou quanto dinheiro gastaremos, mas você tem de descobrir.

* * *

Mesmo quando menino, Pisciotta jamais gostara do barbeiro bufão de Montelepre. Frisella era um daqueles barbeiros que cortava os cabelos de acordo com seu ânimo do dia, uma vez na moda, outra como um menino travesso, às vezes com o conservantismo de um camponês. Variando o estilo, ele alegava ser um artista. Era também muito familiar com seus superiores e condescendente com os iguais. Com as crianças, era jocoso ao estilo particularmente desdenhoso dos sicilianos, que constitui

um dos lados menos agradáveis do caráter dos ilhéus. Beliscava suas orelhas com a tesoura e às vezes cortava seus cabelos tão curtos que as cabeças pareciam bolas de sinuca. Por isso, foi com uma sinistra satisfação que Pisciotta comunicou a Giuliano que Frisella era o espião da polícia e violara o código sagrado da *omertà*. Era evidente que o Maresciallo não estava efetuando uma batida ao acaso naquele dia de Páscoa. Devia ter recebido informações de que Turi estaria na cidade. E como poderia ter recebido essa informação, já que Turi só avisara à família 24 horas antes?

Pisciotta usou todos os seus informantes na aldeia para descobrir cada passo do Maresciallo naquelas 24 horas. E como somente o pai e a mãe de Giuliano sabiam da visita, ele interrogou-os casualmente, a fim de verificar se não poderiam ter revelado alguma coisa acidentalmente. Maria Lombardo logo percebeu a sua intenção. E declarou:

— Não falei com ninguém, nem mesmo com os vizinhos. Fiquei em casa e cozinhei, a fim de que Turi pudesse ter um verdadeiro banquete na Páscoa.

Mas o pai de Giuliano estivera com o barbeiro Frisella na manhã da visita do filho. O velho era um pouco vaidoso e queria parecer da melhor forma possível nas raras ocasiões em que o filho Turi visitava sua casa. Era uma vaidade que talvez tivesse contraído na América. Frisella fizera a barba e aparara os cabelos do velho, dizendo as suas piadas habituais.

— O senhor está indo a Palermo para visitar as damas de lá, hem? Ou então:

— Por acaso vai receber visitantes importantes de Roma?

Pois Frisella faria o Signor Giuliano parecer bastante bonito para receber um “rei”. E Pisciotta pôde visualizar a cena. O pai de Giuliano com um pequeno sorriso furtivo nos lábios, resmungando que um homem podia parecer um cavalheiro sem qualquer outro motivo que não a própria satisfação. E, no entanto, inflando de importância por saber que o filho famoso era chamado de “Rei de Montelepre”. Talvez o velho tivesse aparecido na barbearia em outras ocasiões anteriores; Frisella, sabendo

que Giuliano faria uma visita naqueles dias, simplesmente somara dois e dois.

O Maresciallo Roccofino comparecia à barbearia todas as manhãs para fazer a barba. Parecia não haver qualquer conversa em que o barbeiro pudesse transmitir informações ao policial. Mas Pisciotta tinha certeza. Enviou espiões à barbearia, a fim de fazer hora ali durante o dia inteiro, jogar cartas com Frisella na mesinha que ele mantinha na calçada. Tomavam vinho, falavam de política, gritavam insultos para os amigos que passavam.

Ao longo das semanas, os espiões de Pisciotta foram obtendo mais informações. Frisella sempre assoviava uma de suas árias de ópera prediletas enquanto fazia a barba e cortava cabelos; às vezes, o rádio grande, de formato oval, ficava sintonizado com emissoras de Roma, tocando música. Esse era o caso invariável quando ele atendia ao Maresciallo. E havia sempre um momento em que ele se inclinava para o policial e lhe sussurrava alguma coisa. Quando não se era desconfiado, tratava-se simplesmente de um barbeiro sendo deferente com os desejos e o prazer do freguês. Mas um espião de Pisciotta deu uma olhada na nota com que o Maresciallo costumava pagar pelo serviço. Estava dobrada e o barbeiro guardou-a no bolsinho do colete, por baixo do jaleco branco. Quando o espião e um ajudante confrontaram Frisella, obrigando-o a mostrar a nota, descobriram que seu valor era de 10 mil liras. O barbeiro jurou que era pelos serviços prestados ao longo dos últimos meses e os espiões fingiram acreditar.

Pisciotta transmitiu essas informações a Giuliano na presença de Terranova, Passatempo e do Cabo Silvestro. Estavam no acampamento nas montanhas e Giuliano foi até a beira do penhasco e contemplou Montelepre lá embaixo.

Mestre Frisella, o barbeiro, fora uma parte da cidade desde que Giuliano podia se lembrar. Quando pequeno, ele fora à barbearia para cortar os cabelos antes de ser crismado. Frisella lhe dera de presente uma pequena moeda de prata. Conhecia a mulher e o filho de Frisella. O barbeiro lhe gritava gracejos ao encontrá-lo na rua e sempre perguntava por seu pai e mãe.

Mas agora Frisella violara a lei sagrada da omertà. Vendera segredos ao inimigo; era um informante pago da polícia. Como pudera ser tão tolo? E o que ele, Giuliano, deveria fazer agora? Uma coisa era matar a polícia em combate, outra muito diferente executar um homem mais velho, a sangue-frio. Turi Giuliano tinha apenas 21 anos e aquela era a primeira vez em que se via obrigado a usar a crueldade fria, tão necessária nos grandes empreendimentos. Ele virou-se para os outros.

— Frisella me conheceu por toda a minha vida. Dava-me sorvete de limão quando eu era pequeno. Está lembrado, Aspanu? E talvez ele apenas relate boatos ao Maresciallo, não forneça informações de verdade. Não é a mesma coisa se lhe informássemos que eu estava indo à polícia e depois ele contasse à polícia. Talvez ele apenas transmita teorias e aceita o dinheiro porque lhe é oferecido. Quem recusaria?

Passatempo olhava para Giuliano com os olhos semicerrados, como uma hiena observaria o corpo de um leão agonizante, especulando se o momento era oportuno e seguro para se lançar ao ataque e arrancar um pedaço de carne. Terranova sacudiu a cabeça ligeiramente, um sorriso nos lábios, como se escutasse uma criança contar uma história absurda. Mas somente Pisciotta respondeu-lhe:

— Ele é tão culpado quanto um padre num bordel.

— Poderíamos dar-lhe um aviso — sugeriu Giuliano. — Poderíamos trazê-lo para o nosso lado e usá-lo para fornecer falsas informações às autoridades, quando isso nos for conveniente.

Mesmo enquanto falava, ele sabia que estava errado. Não podia mais se permitir tais gestos. Pisciotta disse, furioso:

— Por que não lhe dar também um presente, um saco de trigo ou uma galinha, a fim de aproveitar a oportunidade? Turi, nossas vidas e as vidas de todos os homens aqui nas montanhas dependem de sua coragem, vontade e liderança. Mas como podemos segui-lo se você perdoa um traidor como Frisella? Um homem que viola a lei da *omertà*! Os Amigos dos Amigos já teriam pendurado seu fígado e coração no mastro diante da barbearia, a esta altura. E com muito menos provas. Se você deixá-lo impune, então todo traidor ganancioso saberá que pode fornecer

informações à polícia sem punição. O que acabará acarretando a nossa morte.

Terranova falou, ponderado:

— Frisella é um bufão estúpido, um homem ganancioso e traiçoeiro. Em tempos normais, ele seria apenas o chato da aldeia. Agora, é um homem perigoso. Deixá-lo impune seria uma imprudência, pois ele não é bastante inteligente para se emendar. Pensaria que não somos homens sérios. E o mesmo aconteceria com muitos outros. Turi, você reprimiu atividades dos Amigos dos Amigos em Montelepre. O homem deles, Quintana, age agora com a maior cautela, embora ainda faça algumas declarações imprudentes. Se deixar Frisella escapar com algo menos que a morte, os Amigos pensarão que é um fraco e o testarão ainda mais a fundo. Os *carabinieri* se tornariam mais ousados, menos temerosos, mais perigosos. Até mesmo os cidadãos de Montelepre deixariam de respeitá-lo tanto. Frisella não pode viver.

Ele disse as últimas palavras quase com pesar. Giuliano escutou a todos com uma expressão pensativa. Eles estavam certos. Tinha consciência da expressão de Passatempo e podia ler o coração do homem. Nunca mais poderia confiar em Passatempo se Frisella vivesse. Não poderia voltar a ser um dos cavaleiros de Carlos Magno, não poderia voltar a resolver as divergências em combate honrado. Frisella teria de ser executado e de uma maneira que semeasse o máximo de terror. Giuliano teve uma ideia. Virou-se para o Cabo Silvestro e perguntou:

— O que você acha? O Maresciallo deve ter-lhe revelado quem eram os. seus informantes. O barbeiro é culpado?

Silvestro deu de ombros, o rosto impassível. Não disse nada. Todos compreenderam que era uma questão de honra para ele não falar, não trair a confiança que desfrutara anteriormente. Mas o fato de não responder era a maneira de dizer-lhes que o barbeiro certamente tinha algum contato com o Maresciallo. Mesmo assim, Giuliano ainda precisava ter certeza absoluta. Ele sorriu para o cabo e disse:

— Este é o momento de provar a sua lealdade a nós. Iremos juntos a Montelepre e você pessoalmente executará o barbeiro na praça.

Aspanu Pisciotta não pôde deixar de admirar a astúcia do amigo. Giuliano sempre o surpreendia. Sempre agia nobremente, mas era capaz de plantar uma armadilha digna de lago. Todos conheciam o cabo agora como um homem sincero e honesto, com um senso de justiça. Jamais consentiria em realizar uma execução se não tivesse certeza de que o barbeiro era culpado, não importando o quanto isso lhe custasse. Pisciotta percebeu que Giuliano tinha um pequeno sorriso nos lábios... que se o cabo recusasse, o barbeiro seria considerado inocente e ficaria são e salvo. Mas o cabo cofiou o enorme bigode e fitou a todos nos olhos, dizendo:

— Frisella corta os cabelos tão mal que merece morrer só por isso. Estarei pronto pela manhã.

Ao amanhecer, Giuliano, Pisciotta e o ex-Cabo Silvestro desceram pela estrada para Montelepre. Uma hora antes deles, Passatempo partira com um pelotão de dez homens, a fim de fechar todas as ruas que desembocavam na praça central da cidade. Terranova ficou no comando do acampamento, pronto para levar um bando numeroso à cidade, se houvesse alguma dificuldade grave.

A manhã ainda ia cedo quando Giuliano e Pisciotta entraram na praça da cidade. As ruas de pedras e as calçadas estreitas estavam molhadas e algumas crianças brincavam em torno da plataforma onde o burro e a mula haviam acasalado, naquele dia distante e fatídico. Giuliano disse a Silvestro que afugentasse as crianças da praça, a fim de que não testemunhassem o que estava prestes a acontecer. Silvestro obedeceu, com tanto vigor que as crianças se dispersaram como galinhas assustadas.

Quando Giuliano e Pisciotta entraram na barbearia, com as pistolas automáticas prontas para a ação, Frisella cortava os cabelos de um rico proprietário da província. O barbeiro presumiu que tinham vindo sequestrar seu freguês e puxou a toalha, com um sorriso astuto, como se oferecesse um prêmio. O proprietário, um velho camponês siciliano, que enriquecera vendendo gado ao exército italiano, levantou-se orgulhosamente. Mas Pisciotta gesticulou para que ele ficasse de lado, comentando com um sorriso:

— Você não tem dinheiro suficiente para pagar nosso preço e para que tenhamos tanto trabalho.

Giuliano se mantinha totalmente alerta e não desviava os olhos de Frisella. O barbeiro ainda empunhava a tesoura.

— Largue isso — disse-lhe Giuliano. — Não precisará cortar cabelos no lugar para onde vai. E agora vamos sair.

Frisella largou a tesoura, o rosto largo de bufão assumindo uma careta de palhaço, enquanto tentava sorrir.

— Não tenho dinheiro, Turi. Acabei de abrir a loja. E sou um homem pobre.

Pisciotta agarrou-o pelos cabelos abundantes e arrastou-o para fora da barbearia, até a rua, onde Silvestro esperava. Frisella caiu de joelhos e desatou a gritar:

— Turi, Turi, cortei seus cabelos quando você era pequeno. Não se lembra? Minha esposa passará fome. Meu filho é fraco da cabeça.

Pisciotta percebeu que Giuliano vacilava. Deu um chute no barbeiro e disse:

— Deveria ter pensado nessas coisas quando nos delatou. Frisella começou a chorar.

— Eu nunca delatei Turi. Só falei ao Maresciallo sobre alguns ladrões de ovelhas. Juro por minha esposa e filho.

Giuliano contemplou o homem. Naquele momento, sentiu que seu coração se partiria, que o que estava prestes a fazer o destruiria para sempre. Mas ele disse, gentilmente:

— Tem um minuto para fazer as pazes com Deus.

Frisella levantou os olhos para os três homens que o cercavam e não encontrou misericórdia. Inclinou a cabeça e murmurou uma prece. Depois, levantou os olhos e disse a Giuliano:

— Não deixe minha esposa e filho passarem fome.

— Prometo que eles terão pão. — Giuliano virou-se para Silvestro. — Mate-o.

O cabo observara toda a cena, atordoado. Mas a ordem levou-o a puxar o gatilho da pistola automática. As balas levantaram o corpo de Frisella e o deslocaram pelas pedras molhadas do calçamento. O sangue escureceu as pequenas poças de água entre as frestas. O sangue escorreu pelas frestas que a água não alcançara, afugentando os lagartos. Houve um longo momento de silêncio abafado na praça. Depois, Pisciotta ajoelhou-se sobre o corpo e espetou um pedaço de papel branco no peito do morto.

Quando o Maresciallo chegou, isso foi tudo o que encontrou como prova. Os comerciantes da praça afirmaram que nada tinham visto. No momento do crime, trabalhavam no fundo de suas lojas. Ou estavam observando as lindas nuvens sobre o Monte d'Ora. O freguês de Frisella alegou que lavava o rosto quando ouvira os tiros, nunca vira os assassinos. Mas, apesar de tudo isso, era evidente quem era o culpado. Pois o papel no peito de Frisella dizia: ASSIM MORREM TODOS OS QUE TRAEM GIULIANO.

CAPÍTULO 12

A guerra estava agora terminada, mas a de Giuliano mal começara. No decorrer de dois anos, Salvatore Giuliano tornara-se o bandido mais famoso da Sicília. Consolidara seu domínio sobre o canto noroeste da ilha. No coração de seu império estava a cidadezinha de Montelepre. Controlava as cidades de Piani dei Greci, Borgetto e Partinico. E até mesmo a perigosa cidade de Corleone, cujos habitantes eram tão brutais que haviam se tornado notórios até na Sicília. Seus domínios se estendiam até as proximidades de Trapani, ameaçava a cidade de Monreale e a própria capital da Sicília, Palermo. Quando o novo governo democrático de Roma ofereceu um prêmio de 10 milhões de liras por sua cabeça, Giuliano riu e continuou a se movimentar por muitas cidades com absoluta confiança. Chegava a jantar ocasionalmente em restaurantes de Palermo. Ao final da refeição, ele sempre deixava um bilhete por baixo do prato, dizendo: “Isto é para provar que Turi Giuliano pode ir a qualquer lugar que quiser.”

A fortaleza inexpugnável de Giuliano situava-se nas vastas galerias das Montanhas Cammarata. Ele conhecia todas as cavernas e todos os caminhos secretos. Sentia-se invencível ali. Adorava a vista de Montelepre lá embaixo, a planície de Partinico, estendendo-se até Trapani e ao Mar Mediterrâneo. Enquanto o crepúsculo se tornava azul, refletindo o mar distante, ele podia ver os templos gregos em ruínas, os laranjais, os bosques de oliveiras e as plantações de cereais que ocupavam a região ocidental da Sicília. Através do binóculo, podia divisar os santuários trancados com cadeados, à beira da estrada, tendo lá dentro as imagens empoeiradas dos santos.

Era daquelas montanhas que ele partia com seus homens pelas estradas poeirentas, a fim de roubar comboios do governo, assaltar trens e aliviar mulheres ricas de suas joias. Os camponeses viajando em suas carroças pintadas saudavam-no e a seus homens inicialmente com medo, depois com respeito e afeição. Não havia um só deles, nenhum pastor ou trabalhador rural, que não tivesse sido beneficiado pela distribuição dos despojos.

Todos os habitantes da região tornaram-se seus espiões. À noite, quando faziam suas orações, as crianças sempre incluíam uma súplica especial à Virgem Maria "para salvar Giuliano dos *carabinieri*".

Era uma região que alimentava Giuliano e seus homens. Havia os bosques de oliveiras e os laranjais, os vinhedos. Havia os rebanhos de ovelhas, cujos pastores olhavam para o outro lado quando os bandidos vinham buscar uns poucos cordeiros. Através dessa paisagem, Giuliano circulava como um fantasma, perdido na claridade nebulosa azul da Sicília, que é o azul-celeste do Mar Mediterrâneo refletido do céu.

Os meses de inverno eram compridos e frios nas montanhas. E, no entanto, o bando de Giuliano crescia. À noite, era cada vez maior o número de fogueiras que ardiam nas encostas e vales das Montanhas Cammarata. Os homens aproveitavam a claridade das fogueiras para limpar suas armas, remendar as roupas, lavá-las no córrego mais próximo. O preparo da refeição comunitária noturna acarretava eventuais discussões. Cada aldeia da Sicília tinha uma receita diferente para lula, discordando sobre as ervas que deveriam ser acrescentadas ao molho de tomate. E se as salsichas deveriam ser cozidas. Homens que preferiam a faca quando tinham de matar alguém gostavam de lavar roupa; os sequestradores preferiam as tarefas de cozinhar e costurar. Os assaltantes de bancos e trens atinham-se à limpeza de suas armas.

Giuliano obrigava a todos a escavarem trincheiras de defesa e estabelecerem postos de vigia distantes, a fim de que não pudessem ser surpreendidos por forças do governo. Um dia, quando escavavam uma trincheira, os homens encontraram o esqueleto de um animal gigantesco, maior do que podiam imaginar. Hector Adonis apareceu nesse dia, trazendo livros para Giuliano estudar. É que Giuliano se mostrava agora curioso em conhecer tudo no mundo. Estudava livros de ciência, medicina, política, filosofia e técnicas militares. Hector Adonis levava-lhe muitos livros a intervalos de poucas semanas. Giuliano conduziu-o ao lugar em que seus homens haviam encontrado o esqueleto. Adonis sorriu da perplexidade geral.

— Não lhe trouxe livros de história em quantidade suficiente? — ele disse a Giuliano. — Um homem que não conhece a história da humanidade nos últimos dois mil anos é um homem que vive nas trevas.

Ele fez uma longa pausa. A voz suave de Adonis era como a de um professor dando aula.

— Este é o esqueleto de uma máquina de guerra usada por Aníbal de Cartago, que há dois mil anos passou por estas montanhas para destruir a Roma Imperial. É o esqueleto de um dos seus elefantes de guerra, treinados para combater e nunca antes vistos neste continente. Devem ter parecido assustadores aos soldados romanos. Contudo, de nada valeram a Aníbal, pois Roma derrotou-o e destruiu Cartago. Estas montanhas contêm muitos fantasmas e você encontrou um deles. E pense, Turi, que um dia você também será um dos fantasmas.

E Giuliano pensou durante toda aquela noite. Agradava-lhe a ideia de que podia se tornar um dia um dos fantasmas da história. Se fosse morto, esperava que acontecesse nas montanhas; teve a fantasia de que, ferido, conseguiria se arrastar até uma das milhares de cavernas, nunca sendo encontrado até que algum acaso, muito tempo depois, o descobrisse, como acontecera com o elefante de Aníbal.

Eles mudavam de acampamento muitas vezes durante o inverno. E por semanas a fio o bando dispersava-se completamente, dormindo nas casas de parentes, de pastores amigos ou nos grandes celeiros vazios que pertenciam à nobreza. Giuliano passou a maior parte do inverno estudando seus livros e formulando planos. E também tinha longas conversas com Hector Adonis.

No início da primavera ele desceu com Pisciotta pela estrada que levava a Trapani. Ali encontraram uma carroça com cenas recém-pintadas nos lados. E pela primeira vez descobriram um painel exibindo a legenda de Giuliano. Era uma cena pintada em vermelhos fortes, Giuliano tirando o anel de esmeralda do dedo da duquesa, enquanto lhe fazia uma mesura. Ao fundo, Pisciotta empunhava uma pistola automática, ameaçando um grupo de assustados homens armados.

Foi nesse dia que eles usaram pela primeira vez as fivelas de cinto com uma águia e um leão, gravados num bloco de ouro retangular. As fivelas haviam sido feitas por Silvestro, que agora servia regularmente como armeiro do bando. Tornaram-se um emblema da liderança dos dois. Giuliano sempre usava a sua. Mas Pisciotta só o fazia quando se achava

em companhia de Giuliano. É que Pisciotta ia frequentemente a cidades e aldeias disfarçado, até mesmo a Palermo.

À noite, nas montanhas, quando tirava o cinto, Giuliano sempre estudava a fivela retangular de ouro. Num lado, havia uma filigrana oval, contendo uma águia que mais parecia um homem com penas. No outro, havia um leão, as patas — como a crista da águia — sustentando um círculo. Parecia que estavam girando juntos uma roda do mundo. O leão especialmente fascinava-o, com seu corpo humano, por baixo da cabeça leonina. O rei do ar, o rei da terra, gravados em ouro liso. Giuliano como a águia, Pisciotta o leão, o círculo a Sicília.

* * *

Durante muitos séculos, o sequestro de pessoas ricas fora uma das indústrias mais prósperas da Sicília. Geralmente os sequestradores eram os mais temidos mafiosos, que enviavam uma carta antes que o sequestro fosse executado. Era uma forma polida de resolver as coisas, evitando os detalhes mais incômodos; cobrava-se o resgate antes que o sequestro ocorresse. Como um desconto de atacadista por pagamento à vista, o resgate seria consideravelmente menor, porque todos os detalhes irritantes, como o sequestro propriamente dito, não precisariam ser consumados. Pois, diga-se a bem da verdade, sequestrar uma pessoa famosa não é tão fácil como se imagina. Não era um negócio para amadores gananciosos ou desmiolados preguiçosos e imprestáveis, que se recusavam a trabalhar para viver. Não era o evento temerário e suicida que ocorria na América, onde os profissionais do ramo tinham uma péssima reputação. A própria palavra usada para sequestro na América, "*kindnapping*", significando levar uma criança, não tinha correspondente na Sicília, pois nunca se pegava uma criança para resgate, a menos que estivesse acompanhada por um adulto. Podia-se dizer o que se quisesse dos sicilianos: que eram criminosos natos, que eram tão astuciosos e traiçoeiros como os turcos, que estavam socialmente atrasados em 300 anos. Mas ninguém poderia contestar o fato de que os sicilianos adoravam as crianças; mais do que isso, idolatravam-nas. Assim, não havia na Sicília o típico sequestro americano. Eles "convidavam" uma pessoa rica para ser seu hóspede, não a soltando até que pagasse pela casa e comida, como se estivessem num hotel de luxo.

Essa indústria desenvolvera determinadas regras ao longo de centenas de anos. O preço era sempre negociado através de intermediários, como a Máfia. Nunca havia qualquer ameaça de violência ao "hóspede", se ele cooperasse. O "hóspede" era tratado com o maior respeito, sempre endereçado por seu título, como Príncipe, Duque, Don ou até mesmo Arcebispo, se algum bandido resolvesse pôr em risco a sua alma pela captura de um membro do clero. Até mesmo um parlamentar era tratado de Ilustre, embora todos soubessem que aqueles patifes eram os maiores ladrões.

Assim se agia por prudência. A história demonstrava que era uma política que produzia bons resultados. Depois de solto, o prisioneiro não sentia qualquer desejo de vingança, desde que a sua dignidade tivesse sido preservada. Havia o caso clássico de um duque importante, que fora solto e conduzira os *carabinieri* ao lugar em que sabia que os bandidos estariam escondidos, pagando depois os advogados para defendê-los. Quando eles foram condenados, apesar de todos os esforços, o duque intercedera para que suas longas penas de prisão fossem reduzidas à metade. Tudo isso aconteceu porque os bandidos haviam-no tratado com tanto tato e polidez que o duque chegou a declarar que jamais encontrara maneiras tão elevadas, nem mesmo na mais alta sociedade de Palermo.

Ao contrário, um prisioneiro maltratado sempre gastava uma fortuna, depois de solto, para que os seus sequestradores fossem perseguidos, às vezes oferecendo uma recompensa maior do que o resgate pago.

Mas, no curso normal das coisas, se as duas partes se comportavam de um modo civilizado, o preço era rapidamente acertado e pago, o prisioneiro solto. Os ricos da Sicília haviam passado a encarar essa atividade como uma espécie de imposto extraoficial para viverem na terra que amavam. Como pagavam tão poucos impostos ao governo oficial, eles carregavam essa cruz com uma resignação cristã.

A recusa obstinada ou negociações prolongadas eram remediadas por uma branda coação. Talvez então houvesse uma orelha cortada, um dedo amputado. De um modo geral, isso era suficiente para que todos recuperassem o bom senso. A não ser nos casos extremamente raros e lamentáveis em que o corpo tinha de ser entregue, ritualmente mutilado e

crivado de balas. Ou então, como nos velhos tempos, apunhalado numerosas vezes, no padrão de uma cruz.

Mas "Convidar um Hóspede" era sempre um empreendimento meticuloso. A vítima tinha de ser observada por algum tempo, a fim de que se pudesse levá-la com um mínimo de violência. Mesmo antes disso, cinco ou seis esconderijos precisavam ser preparados e abastecidos de suprimentos e guardas, pois se presumia que as negociações poderiam ser demoradas, enquanto a polícia procurava pela vítima. Era, em suma, um negócio complicado, não para amadores.

Quando resolveu entrar no negócio de sequestro, Giuliano estava determinado a receber apenas os clientes mais ricos da Sicília. E sua primeira vítima foi o nobre mais rico e mais poderoso da ilha. Era o Príncipe Ollorto, que possuía não apenas vastas propriedades na Sicília, mas também um virtual império no Brasil. Era o senhorio da maioria dos habitantes de Montelepre, possuindo as terras que trabalhavam e as casas em que residiam. Politicamente, era o homem mais poderoso nos bastidores. O Ministro da Justiça de Roma era seu amigo íntimo, o ex-Rei da Itália fora padrinho de seu filho. Na Sicília, o supervisor de todas as propriedades do príncipe era nada menos que Don Croce. Não é preciso dizer que o magnífico salário que Don Croce recebia também incluía o preço do seguro para preservar a pessoa do Príncipe Ollorto de sequestradores e assassinos, as suas joias, gado e ovelhas de ladrões.

* * *

Seguro em seu castelo, os muros guardados por homens de Don Croce, os porteiros e seus próprios guardas pessoais, o Príncipe Ollorto preparou-se para uma noite pacífica e agradável a observar as estrelas no céu, através da enorme luneta, que adorava mais profundamente do que qualquer outra coisa neste mundo. Subitamente, houve o som de passos pesados na escada em espiral que levava ao topo da torre em que instalara seu observatório. A porta foi arrombada e quatro homens vestidos rudemente entraram na pequena sala, empunhando armas. O príncipe cobriu a luneta protetoramente com o braço e desviou-se das estrelas inocentes para confrontá-los. Ao contemplar o rosto de fuinha de Terranova, o príncipe fez suas orações a Deus. Mas Terranova lhe disse, cortesmente:

— Alteza, tenho ordens de levá-lo às montanhas para passar umas férias com Turi Giuliano. Terá de pagar quarto e comida na sua estada, como é nosso costume. Mas será tão bem cuidado quanto um bebê recém-nascido.

O príncipe tentou ocultar seu medo. Inclinou-se e indagou solenemente:

— Posso levar alguns medicamentos e umas poucas roupas?

Terranova respondeu:

— Nós mandaremos buscar tudo o que precisar depois. A rapidez agora é essencial. Os *carabinieri* chegarão em breve e não estão convidados à nossa pequena festa. E agora, por favor, desça a escada na minha frente. E não tente escapar. Nossos homens estão por toda parte e nem mesmo um príncipe pode correr mais do que balas.

No portão lateral, recortado no muro, um Alfa Romeo e um jipe, esperavam. O Príncipe Ollorto embarcou no Alfa Romeo junto com Terranova, enquanto os outros subiam no jipe. Os dois veículos subiram velozmente pela estrada montanhosa. Quando se encontravam a meia hora de Palermo e a uma curta distância de Montelepre, os veículos pararam e todos os homens saltaram. Havia um santuário à beira da estrada com uma imagem da Madona. Terranova ajoelhou-se na frente por um instante, fez o sinal-da-cruz. O príncipe, que era um homem religioso, conteve o impulso de fazer a mesma coisa, receando que isso pudesse ser encarado como um sinal de fraqueza ou de súplica para que aqueles homens não lhe fizessem qualquer mal. Os cinco homens se espalharam numa formação ampla de estrela, com o príncipe no centro. Começaram a descer por uma encosta íngreme, até alcançarem uma trilha estreita, que levava ao vasto ermo das Montanhas Cammarata.

Andaram por horas e horas. Com bastante frequência, o príncipe tinha de pedir por um descanso, que os homens concediam cortesmente. Sentaram-se por baixo de um enorme bloco de granito e jantaram. Havia pão, um enorme pedaço de queijo e uma garrafa de vinho. Terranova partilhou tudo igualmente entre os homens, incluindo o príncipe. Chegou mesmo a lhe pedir desculpas:

— Sinto muito não ter nada melhor a oferecer. Quando alcançarmos o acampamento, Giuliano lhe servirá uma refeição quente, talvez um bom guisado de coelho. Temos um cozinheiro que trabalhou em restaurantes de Palermo.

O príncipe agradeceu com a mesma cortesia e comeu com um bom apetite. Na verdade, o apetite era ainda melhor do que costumava demonstrar nos grandes banquetes a que estava acostumado. O exercício deixara-o faminto; há anos que não sentia tanta fome. Tirando do bolso um maço de cigarros ingleses, ele ofereceu-os aos homens. Terranova e seus companheiros aceitaram agradecidos, fumaram com avidez. O príncipe registrou mentalmente o fato de não terem confiscado o maço. Por isso, ele sentiu-se encorajado a dizer:

— Tenho de tomar determinados medicamentos. Sou diabético e preciso de insulina todos os dias.

Ele ficou surpreso com a preocupação de Terranova.

— Mas por que não falou antes? Poderíamos ter esperado mais um minuto. Mas, de qualquer forma, não se preocupe. Giuliano mandará buscar e terá tudo o que for necessário pela manhã. É uma promessa que lhe faço.

— Obrigado — murmurou o príncipe.

O corpo magro e nervoso de Terranova parecia estar sempre se encolhendo numa atenção cortês e intensa. O rosto de fuinha se mantinha sempre sorridente e receptivo. Mas ele era como uma navalha, de uso para um serviço, mas também capaz de se transformar em algo letal. E depois eles reiniciaram a marcha, com Terranova na ponta dianteira da formação de estrela. Terranova ficou para trás umas poucas vezes, a fim de conversar com o príncipe e garantir-lhe que não sofreria qualquer mal.

Vinham subindo e por fim chegaram ao topo plano de uma montanha. Três fogueiras estavam acesas e mesas de piquenique, com cadeiras de vime, se postavam perto da beira do penhasco. Giuliano sentava-se a uma das mesas, lendo um livro, à luz de um lampião de bateria do exército americano. Havia uma sacola de lona cheia de livros a seus pés. A sacola estava coberta por pequenos lagartos; um zumbido alto

povoava o ar da montanha e o príncipe reconheceu-o como o som de milhões de insetos. Mas isso parecia não incomodar Giuliano.

Giuliano levantou-se e cumprimentou o príncipe com toda cortesia. Não havia qualquer ar de superioridade de captor sobre prisioneiro. Mas havia um curioso sorriso em seu rosto, pois Giuliano pensava como fora longe. Dois anos antes, não passava de um pobre camponês; agora, tinha à sua mercê o homem com o sangue mais azul e a bolsa mais rica de toda a Sicília.

— Já comeu? — perguntou Giuliano. — Há alguma coisa de que precise para tornar sua visita mais agradável? Passará algum tempo conosco.

O príncipe admitiu que estava com fome e explicou sua necessidade de insulina e outros medicamentos. Giuliano gritou pela beira do penhasco e logo depois um de seus homens subiu correndo pela trilha com uma panela de guisado quente. Giuliano pediu ao príncipe para escrever em detalhes tudo o que precisava.

— Temos um amigo farmacêutico em Monreale que abrirá sua loja para nós, a qualquer hora — informou Giuliano. — Terá todos os seus medicamentos ao meio-dia de amanhã.

Depois que o príncipe terminou de comer, Giuliano levou-o por uma trilha na encosta até uma pequena caverna, onde havia uma cama de palha, com um colchão. Dois bandidos seguiram-nos com cobertores. O príncipe ficou espantado ao descobrir que eles tinham até lençóis brancos e um enorme travesseiro. Giuliano percebeu a surpresa dele e comentou:

— É um hóspede de grande honra e farei todo o possível para que possa desfrutar suas pequenas férias. Se algum de meus homens o desrespeitar por qualquer maneira, peço que me informe imediatamente, por favor. Eles receberam ordens rigorosas para tratá-lo com toda a consideração que merece, por sua posição e sua reputação como um patriota da Sicília. E agora durma bem. Precisará de todas as suas forças, pois faremos uma longa marcha amanhã. Um bilhete de resgate já foi entregue e os *carabinieri* sairão com todos os seus homens para uma busca. Por isso, precisamos nos afastar daqui o mais longe possível.

O príncipe agradeceu-lhe pela cortesia e depois indagou de quanto seria o resgate.

Giuliano soltou uma risada. O príncipe ficou encantado pelo riso juvenil, a beleza infantil de seu rosto. Mas o charme desapareceu com a resposta de Giuliano:

— Seu governo fixou um preço de 10 milhões de liras por minha cabeça. Seria um insulto à Sua Alteza se o resgate não fosse dez vezes maior.

O príncipe ficou atordoado e depois disse, ironicamente:

— Espero que minha família me tenha em tão alta conta quanto você.

— O resgate está aberto a negociações — informou Giuliano.

Depois que ele se retirou, os dois bandidos arrumaram a cama e foram sentar-se do lado de fora da caverna. Apesar do zumbido absoluto dos insetos, o Príncipe Ollorto dormiu melhor do que há muitos anos.

* * *

Giuliano passou a noite inteira ocupado. Enviou homens a Montelepre para buscar os medicamentos; mentira ao príncipe quando informara que o farmacêutico amigo era de Monreale. Depois, despachou Terranova para falar com o Abade Manfredi, no mosteiro. Queria que o abade cuidasse das negociações para o resgate, embora soubesse que ele teria de trabalhar através de Don Croce. Mas o abade seria um intermediário perfeito e Don Croce receberia a sua comissão.

As negociações seriam prolongadas e havia a compreensão tácita de que a quantia total de 100 milhões de liras não poderia ser paga. O Príncipe Ollorto era muito rico, mas, historicamente, a primeira exigência não era o preço real.

O primeiro dia do sequestro do Príncipe Ollorto foi bastante agradável para ele. Houve uma marcha longa, mas não muito árdua, até uma casa de fazenda deserta, no meio das montanhas. Giuliano era praticamente o senhor do confortável solar, como se fosse um rico proprietário rural honrado por uma visita de surpresa de seu rei. Com um

olho perspicaz, Giuliano compreendeu que o Príncipe Ollorto sentia-se consternado pelo estado de suas roupas. Que olhava pesaroso para o terno inglês de corte impecável pelo qual pagara tão caro, começando a se rasgar pelo uso naquelas condições desfavoráveis. Giuliano perguntou-lhe, sem desdém, apenas com uma curiosidade sincera:

— Realmente se importa tanto assim com o que usa por fora de sua pele?

O príncipe sempre tivera uma mentalidade pedagógica. E certamente, naquelas circunstâncias, os dois dispunham de bastante tempo. Assim, ele fez uma preleção a Giuliano, explicando como as roupas corretas, impecavelmente cortadas e dos melhores tecidos podiam enriquecer um homem. Descreveu os alfaiates de Londres, tão esnobes que faziam os duques italianos parecerem comunistas em comparação. Falou de todos os tipos diferentes de tecidos, os grandes talentos, o tempo que se consumia em provas intermináveis.

— Meu caro Giuliano, não é o dinheiro, embora Santa Rosália saiba que o dinheiro que paguei por este terno daria para sustentar uma família siciliana por um ano e ainda sobraria para o dote da filha. Mas tenho de ir a Londres. Tenho de passar dias com alfaiates que me empurram de um lado para outro. É uma experiência miserável. Por isso, lamento que este terno tenha se estragado. Nunca poderá ser substituído.

Giuliano estudava o príncipe com simpatia e indagou agora:

— Por que é tão importante para você e sua classe vestir-se de maneira tão extravagante... perdoe-me, tão corretamente? Mesmo agora ainda conserva a gravata no pescoço, apesar de estarmos nas montanhas. E quando entramos na casa, notei que abotoou o paletó, como se alguma duquesa esperasse para recebê-lo.

O Príncipe Ollorto podia ser um extremo reacionário em termos políticos e, como a maioria da nobreza siciliana, não tinha o menor senso de justiça econômica, mas sempre possuíra um senso de identidade com as classes inferiores. Achava que eram seres humanos como ele próprio. Nenhum homem que trabalhasse para ele, cuidasse de suas maneiras e conhecesse o seu lugar seria obrigado a passar privações. Os criados de seu castelo adoravam-no. Ele tratava-os como pessoas da família. Havia

sempre presentes em seus aniversários e pequenos petiscos oferecidos nos dias de festa. Durante as refeições familiares, quando não havia convidados de fora, os criados servindo à mesa participavam da conversa, dando as suas opiniões sobre os problemas familiares. E isso nada tinha de incomum na Itália. As classes inferiores só eram tratadas de maneira cruel quando lutavam por seus direitos econômicos.

E agora o príncipe assumiu a mesma atitude em relação a Giuliano. Como se o seu captor não passasse de um criado que queria partilhar sua vida, a invejável vida de um homem muito rico e poderoso. O príncipe compreendeu subitamente que podia tirar proveito daquele período de cativeiro, fazendo até com que o resgate valesse a pena. Mas sabia que tinha de ser extremamente cuidadoso. Que precisava exercer todo o seu charme, sem qualquer condescendência. Que tinha de ser franco e sincero, tão honesto quanto possível. E que não podia tentar se aproveitar demais da situação. Pois Giuliano podia passar num instante da fraqueza para a força. Por isso, ele respondeu agora à pergunta de Giuliano com toda seriedade e absoluta sinceridade, exibindo um sorriso:

— Por que você usa esse anel de esmeralda e essa fivela de ouro? — Ele esperou por uma resposta, mas Giuliano limitou-se a sorrir. O príncipe continuou: — Casei com uma mulher ainda mais rica do que eu. Tenho poder e deveres políticos. Possuo propriedades aqui na Sicília e uma propriedade ainda maior no Brasil por intermédio de minha esposa. As pessoas na Sicília beijam as minhas mãos assim que as tiro dos bolsos. Até mesmo em Roma sou tido em alta estima. Pois naquela cidade o que manda é o dinheiro. Todos os olhos se voltam para mim. E eu me sinto ridículo... não fiz nada para merecer tudo isso. Mas é meu e tenho obrigação de mantê-lo. Não posso desgraçar essa imagem pública. Mesmo quando saio para caçar, no que parece ser um traje rude de homem do interior, devo desempenhar o papel com perfeição. O de um homem grande e rico que vai à caça. Não sabe o quanto eu invejo às vezes homens como você e Don Croce, que têm poder na cabeça e no coração. Homens que conquistaram seu poder pela coragem e astúcia. Não é cômico que eu faça quase a mesma coisa pelo simples expediente de procurar o melhor alfaiate de Londres?

Ele pronunciou o discurso com tanta elegância que Giuliano não pôde conter uma gargalhada. Na verdade, Giuliano estava tão divertido

que os dois jantaram juntos, conversando longamente sobre os sofrimentos da Sicília e a covardia de Roma. O príncipe estava a par da esperança de Don Croce de recrutar Giuliano e tentou promover esse objetivo:

— Meu caro Giuliano, como é possível que você e Don Croce ainda não tenham se unido para dominar a Sicília? Ele possui a sabedoria da idade e você o idealismo da juventude. Não resta a menor dúvida de que ambos amam a Sicília. Por que não podem juntar as forças nos tempos pela frente, que serão perigosos para todos nós? Agora que a guerra acabou, as coisas estão mudando. Os comunistas e socialistas esperam degradar a Igreja Católica, destruir os laços de sangue. Atrevem-se a dizer que o dever para com um partido político é mais importante do que o amor por sua mãe, a devoção que deve a seus irmãos. E se eles vencerem as eleições e puserem em prática essas ideias?

— Eles nunca poderão vencer — disse Giuliano. — Os sicilianos jamais votarão nos comunistas.

— Não tenha tanta certeza assim. Deve estar lembrado de Silvio Ferra. Ele foi seu amigo de infância. Bons garotos como Silvio foram para a guerra e voltaram infeccionados por ideias radicais. Os agitadores prometem pão e terra de graça. O camponês inocente é como um burro seguindo uma cenoura. Eles podem muito bem votar nos socialistas.

— Não tenho qualquer amor pelos democratas-cristãos, mas faria tudo para impedir um governo socialista.

— Somente você e Don Croce unidos podem garantir a liberdade da Sicília — declarou o príncipe. — Devem juntar suas forças. Don Croce sempre fala de você como se fosse um filho. Ele sente uma profunda afeição por você. E somente ele pode evitar uma guerra entre você e os Amigos dos Amigos. Don Croce compreende que você faz o que é necessário. Eu também compreendo. Mas, mesmo agora, nós três podemos trabalhar juntos e preservar nossos destinos. Se não o fizermos, todos cairemos até a destruição final.

Turi Giuliano não podia conter sua raiva. Como os ricos eram insolentes! E ele disse, com uma calma letal:

— Seu próprio resgate ainda não foi acertado e já propõe uma aliança. Pode morrer antes disso.

O príncipe dormiu muito mal naquela noite. Mas Giuliano não demonstrou qualquer ressentimento adicional e o príncipe passou as duas semanas seguintes de maneira extremamente proveitosa. Sua saúde melhorou e o corpo se fortaleceu com os exercícios diários e o ar puro das montanhas. Embora sempre tivesse sido esguio, adquirira depósitos de gordura em torno da cintura, que agora desapareceram por completo. Fisicamente, nunca se sentira melhor.

E mentalmente também se sentia exultante. Às vezes, quando ele era transferido de um lugar para outro, Giuliano não se encontrava entre o grupo que o guardava. Tinha então de conversar com homens que eram analfabetos e ignorantes, desprovidos de qualquer cultura. Mas ele se surpreendeu com o caráter daqueles homens. A maioria dos bandidos era naturalmente cortês, possuía uma dignidade nata e não era absolutamente destituída de inteligência. Sempre o tratavam com o devido respeito e tentavam atender a todos os seus pedidos. Ele nunca estivera tão próximo antes de seus compatriotas sicilianos e ficou espantado por sentir uma renovada afeição por sua terra e seu povo. O resgate, finalmente acertado em 60 milhões de liras em ouro, foi pago através de Don Croce e do Abade Manfredi. Na noite anterior à sua libertação, o Príncipe Ollorto foi homenageado com um banquete por Giuliano, seus chefes e vinte dos membros mais importantes do bando. Veio champanha de Palermo para celebrar a ocasião e todos brindaram à sua iminente liberdade, pois haviam aprendido a gostar dele. O príncipe fez finalmente o seu brinde:

— Já fui hóspede nas casas das famílias mais nobres da Sicília. Mas nunca recebi um tratamento tão bom e tamanha hospitalidade, jamais convivi com homens de maneiras tão requintadas como os que conheci aqui nas montanhas. Nunca dormi tão profundamente nem comi tão bem. — Ele fez uma breve pausa e depois acrescentou, com um sorriso: — A conta foi um pouco alta, mas as coisas boas sempre saem caras.

O comentário final provocou uma explosão de risos, Giuliano rindo mais alto que todos os outros. Mas o príncipe notou que Pisciotta nem mesmo sorriu.

Todos beberam à sua saúde e o aclamaram. Foi uma noite de que o príncipe se lembraria pelo resto de sua vida. E com prazer.

Na manhã seguinte, um domingo, o príncipe foi deixado diante da catedral de Palermo. Ele entrou na catedral para a missa matutina e fez uma prece de agradecimento. Estava vestido exatamente como no dia em que fora sequestrado. Giuliano, como uma surpresa e um símbolo de sua estima, providenciara para que o terno inglês fosse consertado e limpo pelo melhor alfaiate de Roma.

CAPÍTULO 13

Os chefes da Máfia de toda a Sicília exigiram uma reunião com Don Croce Embora Don Croce fosse reconhecido como o chefe entre os chefes, ele não os comandava diretamente. Os outros chefes possuíam os seus próprios impérios. A Máfia era como um daqueles reinos medievais em que os barões poderosos se reuniam para apoiar as guerras de seu membro mais poderoso, ao qual reconheciam como seu soberano nominal. Mas, como esses antigos barões, eles tinham de ser cortejados por seu rei, tinham que ser recompensados com os despojos de guerra. Don Croce os controlava não pela força, mas pelo poder de sua inteligência, seu carisma, sua conquista vitalícia do "respeito". Reinava por combinar os interesses divergentes em um só interesse geral, que a todos beneficiava.

Don Croce precisava ter todo cuidado com os outros chefes. Eles possuíam seus exércitos particulares, seus assassinos secretos, estranguladores, envenenadores, honrados distribuidores de uma morte leal pela temida lupara. Nesse aspecto, a força dos outros era igual à sua. Era justamente por isso que o Don sempre quisera recrutar Turi Giuliano para se tornar o chefe dos seus guerreiros. Alguns dos chefes eram também muito inteligentes, por conta própria, figurando entre os homens mais astuciosos que viviam na Sicília. Não ficaram ressentidos ou invejosos enquanto Don Croce desenvolvia seu poder; confiavam e acreditavam nele. Mas até mesmo o homem mais inteligente do mundo pode às vezes se enganar. E eles estavam convencidos de que a atração do Don por Giuliano era a única falha que já emergira do labirinto de sua mente.

O mais temido desses chefes e o mais franco era Don Siano, que dominava a cidade de Bisacquino. Ele concordara em falar pelos outros e o fez com a cortesia rude que era a regra entre os Amigos dos Amigos, no seu mais alto nível.

Don Croce providenciou um almoço suntuoso para os seis chefes no jardim do Hotel Umberto, em Palermo, onde o sigilo e a segurança estavam garantidos.

— Meu caro Don Croce — disse Don Siano — conhece muito bem o respeito que todos lhe dispensamos. Foi você quem nos ressuscitou e às nossas famílias. Nós lhe devemos muito. Por isso, é apenas para lhe prestar um serviço que resolvemos falar agora. Esse bandido chamado Turi Giuliano tornou-se forte demais. Não passa de um garoto, mas desafia a sua autoridade e a nossa. Rouba as joias dos nossos mais ilustres clientes. Arrebata as azeitonas, uvas e milho de nossos mais ricos proprietários rurais. E agora ele comete um desrespeito final que não podemos ignorar. Sequestra o Príncipe Ollorto, mesmo sabendo que ele se encontra sob a nossa proteção. Apesar de tudo isso, porém, você continua a negociar com ele, continua a lhe estender a mão em amizade. Sei que ele é forte, mas nós não somos mais fortes? E se o deixarmos continuar impunemente, ele não se tornará ainda mais forte? Todos concordamos que chegou o momento de resolver o problema. Devemos tomar todas as providências possíveis para anular a sua força. Se ignorarmos o sequestro do Príncipe Ollorto, seremos o alvo dos risos de toda a Sicília.

Don Croce acenou com a cabeça, como em concordância com tudo o que fora dito. Mas ele não disse nada. Guido Quintana, o menor dos homens presentes, disse em tom quase de lamento:

— Sou o prefeito de Montelepre e todo mundo sabe que sou também um dos Amigos. Mas ninguém me procura para julgamento, reparações ou presentes. Giuliano governa a cidade e me permite viver ali sob a condição de que eu não provoque qualquer briga capaz de causar um atrito com os Amigos. Mas não posso ganhar a vida decentemente. Não tenho autoridade. Não passo de um chefe nominal. Enquanto Giuliano viver, os Amigos não existirão em Montelepre. Não tenho medo desse garoto. Já o enfrentei uma vez. Antes de ele se tornar um bandido. Não creio que seja um homem que se precise temer. Se este conselho concordar, tentarei eliminá-lo. Já formulei todos os planos e aguardo apenas a aprovação para executá-los.

Don Piddu de Caltanisetta e Don Arzana de Piani dei Greci assentiram. Dom Piddu disse:

— Onde está a dificuldade? Com nossos recursos, podemos entregar seu cadáver na catedral de Palermo e comparecer a seu funeral como se fosse um casamento.

Os outros chefes, Don Marcuzzi de Villamura, Don Buccilla de Partinico e Don Arzana, manifestaram a sua aprovação. E, depois, ficaram esperando. Don Croce levantou a enorme cabeça. O nariz pontudo empalou a cada um, enquanto falava:

— Meus caros amigos, concordo com tudo o que vocês sentem. Mas acho que subestimam esse rapaz. Ele é astuto além dos seus anos e talvez tão bravo quanto qualquer dos que se encontram presentes aqui neste momento. Não será um homem fácil de matar. Também o vejo como muito útil no futuro, não apenas para mim pessoalmente, mas também para todos nós. Os agitadores comunistas estão incitando o povo da Sicília a uma loucura que o leva a esperar outro Garibaldi. Devemos cuidar para que Giuliano não se sinta estimulado a assumir o papel de salvador do povo. Não preciso lhes dizer quais serão as consequências para nós se esses selvagens algum dia vierem a dominar a Sicília. Temos de persuadir Giuliano a lutar do nosso lado. Nossa posição ainda não é tão segura que possamos nos dar ao luxo de abrir mão de sua força ao assassiná-lo.

O Don suspirou, pôs na boca um pedaço de pão e empurrou com vinho, enxugou a boca delicadamente com o guardanapo.

— Quero que me façam um favor. Deixe-me tentar um último esforço para persuadi-lo. Se ele recusar, então façam o que acharem mais conveniente. Eu lhes darei uma resposta dentro de três dias. Só me permitam apenas fazer um último esforço para chegar a um acordo aceitável.

Foi Don Siano o primeiro a inclinar a cabeça em concordância. Afinal, que homem sensato seria tão impaciente para cometer um assassinato que podia esperar três dias? Depois que eles se retiraram, Don Croce convocou Hector Adonis à sua casa em Villalba.

* * *

O Don foi taxativo com Adonis:

— Cheguei ao fim de minha paciência com seu afilhado. Ele deve agora decidir se está do nosso lado ou contra nós. O sequestro do Príncipe Ollorto foi um insulto direto à minha pessoa. Mas ainda estou disposto a perdoar e esquecer. Afinal, ele é jovem e eu me lembro que, na idade dele, eu também era muito exuberante. Como eu sempre disse, admiro-o por

isso. E pode estar certo de que prezo muito as suas qualidades. Ficaria na maior alegria se ele concordasse em se tornar meu braço direito. Mas ele terá de reconhecer seu lugar no esquema das coisas. Tenho outros chefes, que não se mostram tão admiradores, tão compreensivos. Não poderei contê-los por mais tempo. Portanto, procure seu afilhado e repita tudo o que acabei de lhe dizer. E traga-me a resposta dele até amanhã, o mais tardar. Não poderei esperar por mais tempo.

Hector Adonis ficou assustado.

— Don Croce, reconheço a sua generosidade, em espírito e atos. Mas Turi é teimoso e, como todos os jovens, muito seguro de seu poder. E a verdade é que ele não está completamente impotente. Se entrar em guerra com os Amigos, sei que ele não poderá vencer. Mas os danos que causará podem ser terríveis. Há alguma recompensa que eu possa lhe prometer?

Ao que o Don respondeu:

— Prometa-lhe o seguinte. Ele terá um alto posto entre os Amigos, contará com a minha lealdade pessoal e o meu amor. E, no final das contas, ele não pode viver nas montanhas para sempre. Chegará o momento em que desejará ocupar seu lugar na sociedade, a viver dentro da lei, no seio de sua família. Quando esse dia chegar, sou o único homem na Sicília que pode lhe garantir o perdão. E terei a maior facilidade em providenciar isso. Pode estar certo de que falo sinceramente.

E na verdade, quando o Don falava dessa maneira não podia ser desacreditado, não havia quem resistisse.

* * *

Quando Hector Adonis subiu para as montanhas, a fim de se encontrar com Giuliano, estava bastante perturbado e assustado por seu afilhado. Por isso, resolveu falar francamente. Queria que Giuliano compreendesse que o amor que sentiam um pelo outro estava em primeiro lugar, mesmo acima de sua fidelidade a Don Croce. Quando ele chegou, havia cadeiras e mesas dobráveis armadas à beira do penhasco. Turi e Aspanu sentavam-se sozinhos. Ele disse a Giuliano:

— Preciso conversar com você em particular.

Pisciotta protestou, furioso:

— Homenzinho, Turi não tem segredos para mim.

Adonis ignorou o insulto e acrescentou calmamente:

— Turi pode lhe contar depois tudo o que tenho a dizer, se assim quiser. É um problema dele. Mas não posso falar na sua presença. Não posso assumir essa responsabilidade.

Giuliano apertou o ombro de Pisciotta.

— Aspanu, deixe-nos a sós. Se é alguma coisa que você deva saber, eu lhe direi.

Pisciotta levantou-se abruptamente, lançando um olhar hostil para Adonis, antes de se afastar. Hector Adonis esperou por um longo momento, até começar a falar:

— Turi, você é meu afilhado. Eu o amo desde que era um bebê. Ensinei-lhe o que sabia, dei livros para você ler, ajudei-o quando se tornou um fora-da-lei. É uma das poucas pessoas no mundo que fazem com que a vida valha a pena para mim. E, no entanto, seu primo Aspanu me insulta sem uma palavra de censura da sua parte.

Giuliano comentou, tristemente:

— Confio em você mais do que em qualquer outra pessoa, com exceção de minha mãe e meu pai.

— E Aspanu — acrescentou Hector Adonis, em tom de censura. — Mas ele se tornou sanguinário demais para merecer a confiança de qualquer homem.

Giuliano fitou-o nos olhos e Adonis não pôde deixar de admirar a honestidade serena em seu rosto.

— É verdade, tenho de confessar isso. Também confio em Aspanu mais do que em você. Mas eu amo você desde que era pequeno. Foi a pessoa que libertou minha mente, com seus livros e sua sabedoria. Sei que tem ajudado meu pai e minha mãe com seu dinheiro. E tem sido um amigo de verdade nos momentos difíceis. Mas sei que está envolvido com os

Amigos dos Amigos e algo me diz que é justamente isso o que o trouxe até aqui hoje.

Mais uma vez, Adonis teve de admirar o instinto do afilhado. Ele expôs o caso a Turi.

— Você precisa chegar a um acordo com Don Croce. Nem o Rei da França, nem o Rei das Duas Sicílias, nem Garibaldi, nem mesmo Mussolini conseguiram esmagar completamente os Amigos dos Amigos. Você não pode acalentar qualquer esperança de vencer uma guerra contra eles. Eu lhe suplico que entre num acordo. Deve se curvar a Don Croce no início, mas ninguém sabe qual será a sua posição no futuro. Digo-lhe isso por minha honra e pela cabeça de sua mãe, a quem ambos adoramos: Don Croce acredita em seu gênio e possui a semente do verdadeiro amor por você. Será seu herdeiro, seu filho dileto. Mas, por esta vez, você precisa se submeter ao domínio dele.

Ele podia perceber que Turi estava comovido por suas palavras e levando-o muito a sério. E Hector Adonis acrescentou, com toda veemência de que era capaz:

— Pense em sua mãe, Turi. Não pode viver nas montanhas para sempre, arriscando a sua vida para vê-la em uns poucos dias por ano. Com Don Croce, você pode ter esperança de obter um perdão.

O jovem levou algum tempo para ordenar seus pensamentos e depois disse ao padrinho, em voz lenta e extremamente grave:

— Em primeiro lugar, desejo lhe agradecer por sua honestidade. A oferta é muito tentadora. Mas agora estou comprometido com os pobres da Sicília e não acredito que os Amigos tenham esse mesmo objetivo. Eles são servidores dos ricos e dos políticos de Roma, que são os meus inimigos jurados. Vamos esperar para ver. Claro que sequestrei o Príncipe Ollorto e pisei nos calos deles, mas continuo a permitir que Quintana viva, apesar de ser um homem a quem desprezo. Eu o suporto por respeito a Don Croce. Diga-lhe isso. E diga-lhe também que rezo pelo dia em que poderemos nos tornar associados em condições de igualdade. Quando nossos interesses não estiverem em conflito. Quanto aos seus chefes, que eles façam o que bem quiserem. Não tenho medo deles.

Foi com o coração pesado que Hector Adonis levou essa resposta a Don Croce, que balançou a cabeça leonina como se não esperasse qualquer outra coisa.

* * *

Houve três atentados contra a vida de Giuliano no mês subsequente. Guido Quintana teve permissão para efetuar a primeira tentativa. Havia uma estrada que Giuliano usava frequentemente quando saia das montanhas para uma incursão. Ao longo dessa estrada havia campos viçosos que Quintana encheu com um grande rebanho de ovelhas. Três pastores de aparência inofensiva guardavam essas ovelhas. Eram naturais da cidade de Corleone e velhos amigos de Quintana.

Por quase uma semana, quando Giuliano era avistado a descer pela estrada, os pastores cumprimentavam-no respeitosamente e, de acordo com a velha tradição, pediam sua mão para beijar. Giuliano mantinha uma conversa amistosa; pastores eram frequentemente membros ocasionais de seu bando e ele estava sempre procurando por novos recrutas. E não se sentia em qualquer perigo, pois quase sempre viajava com guarda-costas e em companhia de Pisciotta, que valia pelo menos dois homens. Os pastores estavam desarmados e usavam roupas leves, em que não poderiam esconder armas.

Mas os pastores tinham lupare e cintos de munição presos nas barrigas de algumas ovelhas, no meio do rebanho. Aguardavam por uma oportunidade em que Giuliano aparecesse sozinho ou não tão fortemente vigiado. Mas Pisciotta desconfiara da cordialidade dos pastores e do súbito aparecimento do rebanho. Resolvera fazer indagações, através de sua rede de informantes. Os pastores foram identificados como assassinos contratados por Quintana.

Pisciotta não perdeu tempo. Pegou dez homens de seu bando particular e interrogou os três pastores. Queria saber quem era o proprietário das ovelhas, há quanto tempo eles eram pastores, onde haviam nascido, os nomes de suas mães e pais, suas esposas e filhos. Os pastores responderam com aparente franqueza, mas Pisciotta tinha a prova de que mentiam.

Uma busca revelou as armas escondidas no pelo dos animais. Pisciotta propôs executar os impostores, mas Giuliano vetou a ideia. Afinal, não chegara a haver qualquer mal concreto e o verdadeiro vilão era Quintana.

Assim, os pastores foram obrigados a conduzir o rebanho de ovelhas para a cidade de Montelepre. E ali, na praça principal, eles foram obrigados a apregoar:

— Venham buscar seu presente enviado por Turi Giuliano. Uma ovelha para cada família, uma bênção de Turi Giuliano.

E depois os pastores tiveram de abater e esfolar os animais, para todos os que solicitavam esses serviços. Pisciotta advertira aos pastores:

— Não se esqueçam de que quero que vocês sejam tão atenciosos quanto a mais delicada vendedora de loja de Palermo. Como se estivessem recebendo uma comissão. E deem minhas lembranças a Guido Quintana.

Don Siano não foi tão requintado. Enviou dois homens como emissários para subornar Passatempo e Terranova a se virarem contra Giuliano. Mas Don Siano não podia compreender a lealdade que Giuliano inspirava até mesmo a um bruto como Passatempo. Giuliano tornou a vetar a morte, mas o próprio Passatempo se encarregou de mandar os dois emissários de volta com as marcas do bastinado.

O terceiro atentado foi novamente cometido por Quintana. E foi o atentado que fez Giuliano perder a paciência.

Um novo sacerdote apareceu em Montelepre, um frade viajante exibindo em seu corpo vários estigmas religiosos. Ele disse a missa na igreja local numa manhã de domingo e mostrou os seus sagrados ferimentos.

Seu nome era Padre Dodana, um homem alto e atlético, que andava tão depressa que a batina preta turbilhonava em torno dos sapatos de couro rachados. Os cabelos eram de um louro esbranquiçado, o rosto enrugado e curtido, como uma noz, embora ainda fosse jovem. Em apenas um mês ele se tornou uma legenda em Montelepre, pois não tinha medo do trabalho duro; ajudava os camponeses locais nas colheitas, disciplinava as crianças endiabradas nas ruas, visitava as velhas doentes em suas casas, a

fim de ouvir suas confissões de pecados. E assim, um domingo, quando ele estava parado fora da igreja, depois da missa, Maria Lombardo Giuliano não ficou surpresa ao ouvi-lo perguntar se não poderia fazer alguma coisa por seu filho.

— Deve estar preocupada com a alma imortal dele — comentou o padre Dodana. — Na próxima vez em que ele vier visitá-la, mande me chamar para que eu ouça a sua confissão.

Maria Lombardo não sentia qualquer amor pelos padres, embora fosse religiosa. Mas aquele homem impressionava-a. Sabia que Turi nunca faria uma confissão, mas talvez ele tivesse algum proveito para um santo homem que simpatizava com a sua causa. E ela disse ao padre que o filho seria informado de sua oferta. O Padre Dodana acrescentou:

— Eu subiria até as montanhas para ajudá-lo. Diga isso a ele. Minha única função é salvar almas que se encontram em perigo de ir para o inferno. O que cada homem faz é apenas de sua própria conta.

Turi Giuliano foi visitar a mãe uma semana depois. Ela exortou-o a se encontrar com o padre e fazer uma confissão. Talvez o Padre Dodana lhe desse a sagrada comunhão. Ela se sentiria muito mais tranquila se o filho estivesse expurgado de seus pecados.

Turi Giuliano mostrou-se muito interessado, o que surpreendeu a mãe. Concordou em* falar com o padre e enviou Aspanu Pisciotta à igreja para buscá-lo. As suspeitas de Giuliano foram confirmadas quando o Padre Dodana apareceu. Ele se movia como um homem de ação, era muito vigoroso e simpático demais à causa de Giuliano.

— Meu filho, escutarei sua confissão na privacidade de seu quarto — disse o Padre Dodana. — E depois lhe darei a comunhão. Todas as minhas coisas estão aqui.

Ele apalpou a caixa de madeira que tinha debaixo do braço, antes de arrematar:

— Sua alma ficará tão pura quanto a alma de sua mãe. E se algum mal lhe acontecer, irá direto para o céu.

Maria Lombardo disse:

— Providenciarei um café e alguma comida para você e o santo padre.

Ela foi para a cozinha, enquanto Turi Giuliano dizia ao padre, com um sorriso:

— Pode me confessar aqui mesmo.

O Padre Dodana olhou para Aspanu Pisciotta.

— Seu amigo terá de sair da sala.

Turi riu.

— Meus pecados são públicos. Constam de todos os jornais. Afora isso, minha alma é pura. A não ser por uma coisa. Devo confessar que tenho uma natureza desconfiada. E por isso gostaria de ver o que tem nesta caixa que leva debaixo do braço.

— As hóstias da sagrada comunhão — respondeu o Padre Dodana. — Eu lhe mostrarei.

Ele começou a abrir a caixa e foi nesse instante que Pisciotta encostou o cano de uma pistola em sua nuca. Giuliano tirou a caixa das mãos do padre. Fitaram-se nos olhos nesse momento. Giuliano abriu a caixa. Uma automática azul escura faiscou intensamente, aninhada num leito de veludo.

Pisciotta viu o rosto de Giuliano empalidecer, os olhos com seus círculos prateados escureceram numa fúria contida. Giuliano fechou a caixa e disse ao padre:

— Acho que devemos ir para a igreja e rezar juntos. Diremos uma oração por você e outra por Quintana. Rezaremos ao bom Senhor para tirar o mal do coração de Quintana e a ganância do seu. Quanto ele prometeu lhe pagar?

O Padre Dodana não estava preocupado. Os outros assassinos em potencial haviam escapado ilesos. Ele deu de ombros e respondeu com um sorriso:

— A recompensa do governo e mais cinco milhões de liras.

— Um bom preço. Não o culpo por tentar ganhar a sua fortuna. Mas enganou minha mãe e isso eu não posso perdoar. Você é realmente um padre?

— Eu? — disse o Padre Dodana, desdenhosamente. — Nunca! Mas pensei que assim ninguém desconfiaria de mim.

Os três desceram juntos pela rua, Giuliano carregando a caixa de madeira, Pisciotta seguindo um pouco atrás. Entraram na igreja. Giuliano obrigou o Padre Dodana a se ajoelhar no altar, depois tirou a automática da caixa de madeira. O Padre Dodana estava atordoado.

— Você tem um minuto para fazer suas orações — disse Giuliano. Ele esperou e depois puxou o gatilho.

* * *

Na manhã seguinte, Guido Quintana levantou-se cedo, a fim de ir tomar seu café da manhã no restaurante. Quando abriu a porta de sua casa foi surpreendido por uma sombra enorme bloqueando o sol matutino. E no instante seguinte uma enorme e tosca cruz de madeira caiu para dentro de sua casa, quase derrubando-o. O corpo do Padre Dodana estava pregado na cruz.

* * *

Don Croce refletiu sobre esses fracassos. Quintana fora advertido. Devia se dedicar a seus deveres como prefeito ou a cidade de Montelepre seria forçada a governar a si mesma. Era evidente que Giuliano perdera a paciência e poderia desfechar uma guerra total contra os Amigos.

Don Croce podia reconhecer a firmeza do mestre na retaliação de Giuliano. Só mais um golpe devia ser lançado e este não podia falhar. E Don Croce compreendeu que ele devia, finalmente, assumir uma posição. E contra o seu melhor julgamento e sua verdadeira vontade, mandou chamar o assassino em que mais confiava, um certo Stefan Andolini, também conhecido como Fra Diavalo.

CAPÍTULO 14

A guarnição de Montelepre fora aumentada para mais de cem *carabinieri*. Agora, só raramente Giuliano se esgueirava para a cidade a fim de passar uma noite com os pais. Vivia num constante temor de que os *carabinieri* pudessem se lançar sobre sua família.

E foi numa dessas raras noites, escutando o pai falar dos velhos tempos na América, que a ideia lhe ocorreu. Salvatore pai estava tomando vinho e trocando histórias com um amigo antigo e de confiança, que também estivera na América e voltara à Sicília em sua companhia. Ambos se censuraram jovialmente por terem sido tão estúpidos. O outro homem, um carpinteiro chamado Alfio Dorio, lembrou ao pai de Giuliano os primeiros anos que haviam passado na América, antes de começarem a trabalhar para o Padrinho, Don Corleone. Foram contratados para ajudar a construir um enorme túnel por baixo de um rio, não sabiam direito se para Nova Jersey ou para Long Island. Relembraram como era estranho o trabalho por baixo de um rio correndo, o medo de que os tubos protetores pudessem ruir e todos morrerem afogados como ratos. E, subitamente, a ideia aflorou na mente de Giuliano. Aqueles dois homens, com alguns ajudantes de absoluta confiança, poderiam escavar um túnel da casa de seus pais até a base das montanhas, a apenas poucas centenas de metros de distância. A saída poderia ser escondida pelos imensos blocos de granito e o começo do túnel na casa seria oculto num dos armários embutidos ou por baixo da lareira na cozinha. Se fosse possível abrir esse túnel, Giuliano poderia ir e vir à vontade.

Os dois homens mais velhos prontamente lhe garantiram que era impossível. Mas a mãe ficou desvairada de prazer pela perspectiva do filho poder vir secretamente para dormir em sua própria cama, nas noites frias de inverno. Alfio Dorio comentou que, tendo em vista a necessidade de sigilo absoluto, só se poderia usar uma quantidade limitada de homens; e como o trabalho só poderia ser realizado à noite, seria necessário muito tempo para concluir um túnel assim. E havia muitos problemas. Como se livrariam da terra retirada sem serem observados? E o solo ali era cheio de pedras. E se deparassem com um veio de granito subterrâneo? O que aconteceria se o túnel fosse denunciado por um dos homens recrutados

para trabalhar nele? Mas a objeção mais persistente dos dois homens mais velhos foi a de que levariam pelo menos um ano para abrir o túnel. E Giuliano compreendeu que os dois insistiam nesse ponto porque estavam convencidos, no fundo de seus corações, que ele não viveria tanto tempo. Sua mãe compreendeu a mesma coisa e disse aos dois:

— Meu filho está pedindo para fazerem uma coisa que pode ajudar a salvar sua vida. Se vocês dois são muito preguiçosos para trabalharem no túnel, então eu o farei. Podemos pelo menos tentar. O que temos a perder, exceto o nosso trabalho? E o que as autoridades podem fazer, se descobrirem o túnel? Temos todo o direito de escavar em nossa terra. Diremos que estamos fazendo um porão para guardar legumes e vinho. Pensem um pouco. O túnel pode um dia salvar a vida de Turi. Não vale a pena algum suor?

Hector Adonis também estava presente e disse que providenciaria alguns livros sobre escavação, além dos equipamentos necessários. Propôs uma variação que agradou a todos: que abrissem um pequeno túnel secundário, levando a outra casa na Via Bella, um caminho de fuga no caso da saída ser descoberta por acaso ou denunciada por algum delator. Esse túnel secundário seria escavado primeiro e apenas pelos dois velhos e Maria Lombardo. Ninguém mais saberia de sua existência. E não seria necessário muito tempo para escavá-lo.

Houve uma longa discussão sobre a casa em que mais poderiam confiar. O pai de Giuliano sugeriu a casa dos pais de Aspanu Pisciotta. Mas Giuliano vetou imediatamente essa ideia. A casa também era suspeita, seria atentamente vigiada. E havia muitos parentes residindo ali. Pessoas demais conhecendo o túnel secreto. Além disso, Aspanu não mantinha um bom relacionamento com a família. Seu pai natural morrera e ele nunca perdoara a mãe quando ela tornara a casar.

Hector Adonis ofereceu a sua casa, mas ficava muito longe e Giuliano não queria acarretar qualquer risco desnecessário para o padrinho. Pois se o túnel fosse descoberto, o dono da casa certamente seria preso. Outros parentes e amigos foram cogitados e rejeitados. A mãe de Giuliano finalmente disse:

— Só há uma pessoa. Ela vive sozinha, a quatro casas da nossa, rua abaixo. O marido foi morto pelos *carabinieri* e ela os odeia. É a minha

melhor amiga e gosta de Turi, acompanhou-o crescer de um menino para um homem. Ela não lhe mandou comida durante todo o inverno que ele passou nas montanhas? É uma amiga de verdade e tenho uma confiança absoluta nela. — Ela fez uma pausa, antes de enunciar o nome: — La Venera.

Desde que a discussão começara, todos esperavam que ela dissesse esse nome. Já de saída La Venera era a única escolha lógica nas mentes de todos. Mas eram machos sicilianos e não podiam apresentar tal sugestão. Se La Venera concordasse e a história transpirasse, sua reputação estaria arruinada para sempre. Era uma jovem viúva, estaria oferecendo sua privacidade e sua pessoa a um homem. Quem poderia jamais duvidar de que ela perderia sua virtude? Nenhum homem naquela região da Sicília haveria de casar ou mesmo respeitar uma mulher em tais circunstâncias. Era verdade que La Venera tinha pelo menos mais quinze anos de idade do que Turi Giuliano. Mais ainda não chegara aos 40 anos. E embora seu rosto não fosse bonito, era bastante atraente e havia um certo fogo em seus olhos. De qualquer forma, era uma mulher, enquanto Turi era homem... e com o túnel poderiam ficar juntos, a sós. Portanto, não haveria qualquer dúvida de que se tornariam amantes, pois nenhum siciliano acreditava que um homem e uma mulher, juntos e a sós, não importando qual fosse a diferença de idade, pudessem se conter. E, assim, o túnel para sua casa, que poderia um dia salvar a vida de Turi Giuliano, também a marcaria como uma mulher de má reputação.

O que todos compreendiam, com exceção do próprio, era que a castidade sexual de Turi Giuliano constituía um motivo de preocupação. Não era natural num siciliano. Ele era quase pudico. Os homens de seu bando iam a Palermo para visitar as prostitutas; Aspanu Pisciotta tinha casos românticos escandalosos. Terranova e Passatempo eram conhecidos como amantes de viúvas pobres a quem davam presentes. Passatempo tinha até a reputação de um homem que usava a persuasão mais típica de um estuprador do que de um cortejador, embora se mostrasse cauteloso agora que se achava sob as ordens de Giuliano. Pois Giuliano determinara a execução de qualquer dos seus homens que se tornasse um estuprador.

Por todos esses motivos, eles tinham de esperar que a mãe de Giuliano sugerisse o nome da amiga. Ficaram um pouco surpresos quando ela finalmente o fez. Pois Maria Lombardo Giuliano era uma mulher

religiosa e antiquada, que não hesitava em chamar as moças de Montelepre de prostitutas, se por acaso se atravessem a sequer dar um passeio pela praça sem alguém a acompanhá-las. É que eles não conheciam o que Maria Lombardo sabia. Que La Venera, por causa dos sofrimentos do parto, a falta de cuidados médicos apropriados, não podia mais engravidar. E também não podiam saber que Maria Lombardo já decidira que La Venera poderia ser o melhor conforto para seu filho, da maneira mais segura possível. O filho proscrito, com um prêmio por sua cabeça, poderia facilmente ser traído por uma mulher. Ele era jovem e viril, precisava de uma mulher... e quem melhor do que uma mulher mais velha, que não podia ter filhos e não faria qualquer reivindicação de casamento? E que jamais casaria com um bandido. Ela já tivera a sua quota de sofrimento. Um marido fuzilado diante de seus olhos. Era um arranjo perfeito. Somente a reputação de La Venera sofreria e por isso ela própria teria de tomar a decisão. E assumiria toda a responsabilidade, se aceitasse.

Quando formulou o pedido, poucos dias depois, a mãe de Giuliano ficou surpresa quando La Venera concordou com alegria e orgulho. Confirmou a suspeita de que a amiga tinha uma queda por Turi. Que assim seja, pensou Maria Lombardo, enquanto tomava La Venera em seus braços, lágrimas de gratidão escorrendo pelas faces.

O túnel secundário foi concluído em quatro meses; o túnel principal não ficaria pronto antes de mais um ano. Periodicamente, Giuliano se esgueirava para a cidade à noite e visitava a família, dormindo numa cama aconchegante, depois das refeições quentes preparadas pela mãe. Mas a primavera já estava quase chegando antes que ele julgasse ser necessário usar o túnel secundário. Uma patrulha de *carabinieri* desceu a Via Bella e seguiu adiante. Os homens estavam armados até os dentes. Os quatro guardas de Giuliano, escondidos em casas próximas, estavam prontos para a batalha. Mas os *carabinieri* passaram direto. Mesmo assim, havia o receio de que, ao voltarem, resolvessem dar uma batida na casa dos Giulianos. Por isso, Turi Giuliano passou pelo alçapão no quarto dos pais e entrou no túnel.

Esse túnel era disfarçado por um painel de madeira, coberto por trinta centímetros de terra, a fim de que os trabalhadores no túnel principal não tomassem conhecimento de sua existência. Giuliano teve de escavar a

terra e remover a placa de madeira. Levou mais quinze minutos para rastejar pelo espaço estreito que levava até a casa de La Venera. O alçapão ali ficava na cozinha, coberto por um enorme fogão de ferro. Giuliano bateu no alçapão, com os sinais previamente combinados. Ficou esperando. Tornou a bater. Não temia as balas, mas sentia medo daquela escuridão. Houve finalmente um barulho tênue por cima dele e o alçapão foi levantado. Não podia subir todo, pois o fogão de ferro barrava a passagem. Giuliano teve de espremer-se pela abertura, subindo de barriga para o chão da cozinha de La Venera.

Embora a noite já fosse alta, La Venera ainda usava o seu vestido informe habitual, o luto pelo marido, que morrera três anos antes. Os pés estavam descalços e não tinham meias. Enquanto se levantava, Giuliano reparou que a pele de suas pernas era surpreendentemente branca, em contraste com a pele escura do rosto queimado pelo sol e dos cabelos muito pretos, malcuidados e emaranhados. Pela primeira vez, ele notou também que o rosto de La Venera não era tão largo quanto o da maioria das mulheres mais velhas da cidade, sendo ao contrário triangular. Os olhos eram castanhos escuros, mas tinham pequenas manchas pretas e brilhantes, que ele nunca percebera antes. Tinha na mão um balde cheio de carvões em brasa, como se estivesse pronta para jogá-los pelo alçapão aberto. Agora, calmamente, ela repôs os carvões em brasa no fogão e fechou a tampa. Parecia um pouco assustada. Giuliano procurou tranquilizá-la:

— É apenas uma patrulha circulando pela cidade. Irei embora quando voltarem ao quartel. Mas não se preocupe, pois tenho amigos lá fora na rua.

Eles esperaram. La Venera fez um café e conversaram. Ela notou que Giuliano não tinha qualquer dos movimentos nervosos de seu marido. Ele não espiava a todo instante pelas janelas, seu corpo não ficava tenso aos súbitos ruídos na rua. Parecia completamente relaxado. La Venera não podia saber que ele se condicionara a agir assim por causa das histórias sobre seu marido e porque não queria alarmar os pais, especialmente a mãe. Giuliano irradiava tamanho ar de confiança que ela logo esqueceu o perigo e passaram a conversar sobre os acontecimentos triviais da cidade.

La Venera perguntou-lhe se recebera os alimentos que ocasionalmente lhe enviava para as montanhas. Giuliano agradeceu e disse como ele e seus companheiros recebiam os pacotes de alimentos com a maior alegria, como se fossem presentes dos Reis Magos. Como seus homens elogiavam-lhe os dotes culinários. Ele não contou alguns dos gracejos rudes de seus companheiros, de que se ela fazia amor como cozinhava seria de fato uma coisa extraordinária. Enquanto isso, Giuliano a observava atentamente. La Venera não o estava tratando com a cordialidade habitual; não demonstrava aquela ternura afetuosa com que sempre o cumulara em público. Ele especulou se a ofendera de alguma maneira. Depois que o perigo passou e chegou o momento de voltar, eles se despediram formalmente.

Giuliano tomou a procurá-la duas semanas depois. O inverno estava quase no fim, mas as montanhas eram varridas por tempestades e os santuários trancados por cadeados à beira das estradas gotejavam com a umidade. Giuliano, em sua caverna, sonhava com a comida da mãe, um banho quente, a cama macia no quarto de sua infância. E, misturada com esses anseios, para sua grande surpresa, estava a recordação da pele branca das pernas de La Venera. A noite caíra quando ele assoviou para chamar seus guardas e depois desceu para Montelepre.

A família recebeu-o com a maior alegria. A mãe começou imediatamente a preparar seus pratos prediletos. Enquanto cozinhavam, ela providenciou-lhe um banho quente. O pai acabara de lhe servir um copo de licor de anis quando um dos espiões da rede apareceu na casa para informar que patrulhas de *carabinieri* cercavam a cidade e o próprio Maresciallo estava prestes a levar um esquadrão do Quartel Bellampo para dar uma batida na casa dos Giulianos.

Giuliano desceu pelo alçapão no quarto dos pais e entrou no túnel. Estava enlameado pela chuva e tornou o percurso lento e difícil. Quando emergiu na cozinha de La Venera estava com as roupas cobertas de lama, o rosto sujo. Ao vê-lo assim, La Venera soltou uma risada. Foi a primeira vez que Giuliano a viu rir, pelo que podia se lembrar. E ela murmurou:

— Você parece um mouro.

Por um momento, ele sentiu uma mágoa de criança, talvez porque os mouros fossem sempre os vilões nos espetáculos de marionetes na

Sicília. Em vez de ser um herói, correndo perigo de vida, ele podia ser encarado como um vilão. Ou talvez o ressentimento fosse porque o riso de La Venera a fazia parecer inacessível ao desejo íntimo dele. Ela percebeu que de algum modo lhe injuriara a vaidade e murmurou:

— Vou encher uma tina com água, a fim de que você possa se limpar. E pegarei algumas roupas de meu marido para você vestir, enquanto limpo as suas.

La Venera esperava que ele protestasse, que se mostrasse nervoso demais para tomar banho num momento de tanto perigo. Seu marido sempre estava apreensivo quando a visitava, a tal ponto que nunca se despia, nunca deixava as armas fora do alcance de suas mãos. Mas Giuliano sorriu-lhe e tirou o casaco pesado e as armas, pondo-as em cima da caixa de madeira em que era guardada a lenha.

Demorou bastante para esquentar as chaleiras com água e encher a tina de estanho. Ela serviu café enquanto esperavam e estudou-o. Ele era bonito como um anjo, refletiu La Venera. Mas isso não a enganava. O marido fora igualmente bonito e assassinara muitos homens. E as balas que o mataram deixaram seu corpo e rosto desfigurado e horrível, recordou ela, consternada; não era prudente amar o rosto de um homem, não na Sicília. Ela chorara muito, embora secretamente experimentasse um alívio intenso. A morte do marido se tornara inevitável, a partir do momento em que ele virara um bandido. A cada dia ela aguardara a notícia de sua morte, torcendo para que se consumasse nas montanhas ou em alguma cidade distante. Mas ele acabara sendo fuzilado diante de seus olhos. E desde então ela não fora capaz de escapar à vergonha, não pelo fato do marido ter sido um bandido, mas sim porque ele morrera de maneira inglória, sem a bravura que se deveria esperar. Ele se rendera e suplicara por misericórdia, mas os *carabinieri* haviam-no massacrado na presença da esposa. Graças a Deus que a filha não vira o pai ser abatido assim. Uma pequena misericórdia de Cristo.

Ela percebeu que Turi Giuliano observara-a com aquela luz especial no rosto que indicava o desejo em todos os homens. Conhecia muito bem aquele sinal. Os seguidores do marido frequentemente a fitavam daquela maneira. Mas ela sabia que Turi não tentaria seduzi-la,

por respeito à sua mãe, por respeito ao sacrifício dela permitindo a construção do túnel.

La Venera deixou a cozinha e foi para a pequena sala de estar, a fim de que ele pudesse tomar banho com a necessária privacidade. Assim que ela saiu, Giuliano despiu-se e entrou na tina. O fato de estar nu, com uma mulher tão perto, era extremamente erótico para ele. Lavou-se com um cuidado escrupuloso e depois vestiu as roupas do marido de La Venera. A calça era um pouco curta e a camisa tão apertada no peito que não dava para abotoar os botões de cima. As toalhas que ela esquentara perto do fogão eram pouco mais que trapos, Giuliano podia sentir o corpo ainda úmido. Pela primeira vez, compreendeu como ela era pobre e resolveu fornecer-lhe algum dinheiro, por intermédio da mãe.

Ele avisou a La Venera que já estava vestido e ela voltou à cozinha. Ela fitou-o de alto a baixo e comentou:

— Mas você não lavou os cabelos. Parece que tem um ninho de lagartos aí dentro.

Ela falou rudemente, mas com uma afeição tão intensa que Giuliano não sentiu-se ofendido. Como alguma velha avó, ela passou as mãos por seus cabelos emaranhados, depois pegou-o pelo braço e levou-o para a pia.

Giuliano sentiu um calor espalhar-se por seu corpo quando a mão de La Venera tocou em seu crânio. Ele pôs a cabeça debaixo da torneira e La Venera ensaboou-a rapidamente, com o sabão amarelo da cozinha, já que não tinha outro. No processo, seu corpo e pernas roçaram em Giuliano, que experimentou um súbito impulso de passar as mãos por seus seios, pela barriga macia.

Depois que terminou de lavar-lhe os cabelos, La Venera mandou que ele se sentasse numa das cadeiras pretas esmaltadas da cozinha e enxugou sua cabeça, vigorosamente, com uma toalha marrom, meio esfarrapada. Os cabelos de Giuliano eram tão compridos que cobriam a gola da camisa.

— Você parece um daqueles lordes ingleses depravados dos filmes — comentou ela. — Preciso cortar seus cabelos. Mas não na cozinha. Poderia cair nas minhas panelas e estragar seu jantar. Vamos para a sala.

Giuliano achou graça de sua firmeza. Ela estava assumindo o papel de uma tia ou mãe, como se quisesse evitar qualquer demonstração de sentimentos mais ternos. Ele estava consciente da sexualidade por trás de tudo, mas mantinha-se cauteloso. Era inexperiente naquela área e não queria bancar o tolo. Era como a guerra de guerrilha que tratava nas montanhas; não podia se lançar ao ataque enquanto não tivesse certeza de que tudo lhe era favorável. Aquele era um terreno em que jamais efetuara qualquer reconhecimento. Mas o último ano a comandar e matar homens fizera com que seu medo infantil natural parecesse mais uma piada. A rejeição por uma mulher não seria tão terrível para o seu ego. E apesar de sua reputação de castidade, ele já fora a Palermo com amigos para visitar prostitutas. Mas isso acontecera antes de se tornar um fora-da-lei e adquirir a dignidade de um chefe de bandidos e de um herói romântico que jamais faria essas coisas.

La Venera levou-o para a pequena saia de estar, atulhada de móveis estofados, mesinhas com topos de madeira preta envernizada. Sobre essas mesas havia fotografias do marido e da filha falecidos, sozinhos e juntos. Algumas eram de La Venera com sua família. As fotos estavam emolduradas em madeira preta oval e tingidas de sépia. Giuliano ficou surpreso com a beleza de La Venera naqueles dias mais jovens e mais felizes, especialmente quando ela aparecia em roupas lindas e juvenis. Havia um retrato formal de La Venera sozinha, com um vestido vermelho escuro, que tocou fundo em seu coração. Por um momento, pensou em seu marido e quantos crimes deveria ter cometido para lhe comprar uma roupa assim.

— Não olhe para essas fotografias — disse La Venera, com um sorriso triste. — Foram tiradas numa época em que eu pensava que o mundo poderia me fazer feliz.

Giuliano compreendeu que um dos motivos pelos quais ela o levara à sala fora justamente para que visse as fotografias. La Venera puxou com o pé o banquinho que estava num canto da sala e Giuliano sentou-se. De uma caixa de couro, muito bonita e bem-feita, ela tirou tesoura, navalha e um pente — um presente que o bandido Candeleria levara para casa num Natal, produto de um dos seus crimes. Depois, La Venera entrou no quarto e voltou dentro de um instante com uma toalha

branca, que pendurou nos ombros de Giuliano. Também trouxe uma tigela de madeira, que colocou na mesa ao seu lado. Um jipe passou pela casa.

— Quer que eu vá buscar suas armas na cozinha? — perguntou ela. — Ficaria mais tranquilo assim.

Giuliano fitou-a calmamente. Parecia absolutamente sereno. Não queria alarmá-la. Ambos sabiam que o jipe estava cheio de *carabinieri*, a caminho da casa dos Giulianos. Mas ele tinha certeza de duas coisas: se os *carabinieri* viessem até ali e tentassem arrombar a porta trancada, Pisciotta e seus homens massacrariam a todos; e antes de deixar a cozinha ele deslocara o fogão de ferro, de tal modo que ninguém podia agora levantar o alçapão. Assim, ele tocou gentilmente no braço de La Venera e murmurou:

— Não, não preciso das minhas armas... a menos que você planeje me cortar a garganta com essa navalha.

Os dois riram. Depois, ela começou a cortar os cabelos de Turi Giuliano. Fê-lo com todo cuidado, devagar, separando as mechas para meter a tesoura, largando os cabelos na tigela de madeira. Giuliano permaneceu muito quieto. Mesmerizado pelo barulho da tesoura, ele olhava fixamente para as paredes da sala. Havia nelas enormes retratos do marido de La Venera, o grande bandido Candeleria. Mas grande apenas naquela pequena província da Sicília, pensou Giuliano, o orgulho juvenil já em Competição com o marido falecido. .

Rutillo Candeleria fora um homem bonito. Possuía uma testa alta, encimada por cabelos castanhos ondulados. Giuliano se perguntou se a esposa também os cortava. O rosto era adornado pelo enorme bigode de cavalaria, que o fazia parecer mais velho, embora tivesse apenas 35 anos quando fora fuzilado pelos *carabinieri*. Agora, seu rosto olhava do retrato oval quase gentilmente, numa bênção. Somente os olhos e a boca revelavam a sua ferocidade. E, no entanto, ao mesmo tempo, havia uma resignação em seu rosto, como se soubesse qual deveria ser o seu destino. Como todos os que levantavam as mãos contra o mundo é arrebatavam o que desejavam pela violência e assassinato, como outros que haviam criado uma lei pessoal e tentado governar a sociedade por ela, ele finalmente se encontrará com a morte súbita.

A tigela de madeira estava se enchendo com cabelos castanhos lustrosos, grudados como os ninhos de passarinhos. Giuliano podia sentir as pernas de La Venera comprimidas contra suas costas; o calor dela passava por seu vestido de algodão ordinário. Quando ela se deslocou para a frente, a fim de cortar os cabelos na testa, manteve-se bem distante das pernas de Giuliano. Mas quando tinha de se inclinar para a frente, o busto saliente quase roçava em seus lábios, a fragrância de seu corpo fazia o seu rosto arder, como se estivesse diante de uma fogueira. Os retratos na parede ficaram toldados.

Ela virou os quadris arredondados para depositar mais cabelos na tigela de madeira. Por um momento, sua coxa encostou no braço de Giuliano, que pôde sentir a pele macia, apesar do grosso vestido preto. Ele manteve o corpo tão firme como rocha. La Venera comprimiu-se contra ele com mais força ainda. Num esforço para não levantar a saia e agarrar aquelas coxas, Giuliano comentou jovialmente:

— Não somos como Sansão e Dalila?

Abruptamente, ela recuou um passo. E Giuliano ficou surpreso ao descobrir que lágrimas lhe escorriam pelas faces. Sem pensar, ele estendeu as mãos, agarrou-lhe o corpo, puxou. Lentamente, ela largou a tesoura de prata sobre o monte de cabelos castanhos que enchia a tigela de madeira.

E no instante seguinte as mãos de Giuliano estavam por baixo do vestido preto de luto, acariciando as coxas. Ela inclinou-se e cobriu-lhe a boca com a sua, como se quisesse engoli-la. A ternura inicial de ambos foi uma faísca que ateou uma paixão animal, alimentada por três anos de casta viuvez e o desejo de um jovem que jamais saboreara o amor de uma mulher, limitando-se a comprar o exercício de prostitutas.

Durante aquele primeiro momento, Giuliano perdeu inteiramente a noção de si mesmo e de seu mundo. O corpo de La Venera era opulento e ardia com um calor tropical que lhe penetrava até os ossos. Os seios eram mais cheios do que ele poderia imaginar; o vestido preto de viúva os disfarçara e protegera habilmente. À visão daqueles globos ovais de carne, Giuliano sentiu o sangue latejando violentamente em sua cabeça. E depois eles estavam no chão, fazendo amor e tirando as roupas ao mesmo tempo. Ela se manteve a sussurrar “Turi, Turi”, numa voz agoniada. Mas ele não disse nada. Estava perdido no cheiro, no calor e na carne de seu corpo.

Quando acabaram, ela conduziu-o para o quarto e tornaram a fazer amor. Giuliano não podia acreditar no prazer que encontrara no corpo de La Venera. Ainda sentia alguma consternação por sua própria rendição e só encontrava algum conforto por pensar que ela sucumbira ainda mais completamente.

Quando ele adormeceu, La Venera ficou contemplando seu rosto por um longo tempo. Gravou-o em sua memória, com medo de nunca mais tornar a vê-lo com vida. Pois se lembrava de que deitara com o marido uma noite antes dele morrer, virara as costas depois de fazerem amor e adormecera. Desde então, lamentava não poder recordar a máscara de ternura que se estampa no rosto de um amante ao final do ato de amor. Virara as costas porque não podia suportar o nervosismo assustado do marido quando estava em casa, o terror de ser acuado e que o impedia de adormecer, a maneira como tinha um sobressalto se ela levantava da cama para cozinhar ou fazer qualquer outra tarefa doméstica. Ela admirou agora a calma de Giuliano; amou-o por isso. Amou-o porque, ao contrário de seu marido, ele não levou as armas para a cama, não interrompeu o ato de amor para prestar atenção aos ruídos de inimigos à espreita, não fumava nem bebia, não falava de seus medos. Era gentil na fala, mas procurava o seu prazer sem medo e com uma paixão concentrada. La Venera levantou-se silenciosamente e ele não se mexeu. Ela esperou um momento, depois saiu do quarto e foi para a cozinha, a fim de preparar o seu melhor prato para Giuliano.

Quando ele deixou a casa, pela manhã, foi através da porta da frente, saindo descuidadamente, mas com as armas escondidas por baixo do casaco. Disse a La Venera que não pararia para se despedir da mãe e pediu-lhe que fizesse isso por ele, informando a Maria Lombardo que se encontrava seguro. Ela ficou assustada com a sua audácia, sem saber que Giuliano tinha um pequeno exército na cidade, sem notar que ele mantivera a porta aberta por uns poucos minutos, antes de sair, a fim de que Pisciotta fosse alertado e eliminasse quaisquer *carabinieri* de passagem. Ela deu-lhe um beijo de despedida com uma timidez que o comoveu e depois sussurrou:

— Quando voltará a me visitar?

— Sempre que puder vir à casa de minha mãe, virei depois procurá-la. E nas montanhas sonharei com você todas as noites.

Ao ouvir essas palavras, La Venera experimentou uma alegria intensa por saber que o fizera feliz. Ela esperou até meio-dia antes de descer a rua para falar com a mãe de Giuliano. Maria Lombardo só precisou olhar para seu rosto e compreendeu prontamente o que acontecera. A viúva parecia dez anos mais moça. Seus olhos castanhos escuros tinham manchas pretas faiscando, as faces estavam rosadas; e pela primeira vez, em quase quatro anos, ela usava um vestido que não era preto. Era o tipo de vestido de babados e cheio de fitas que uma moça usa para se mostrar à mãe de seu namorado. Maria Lombardo experimentou uma gratidão profunda pela amiga, por sua lealdade e coragem. Também experimentou alguma satisfação por seus planos terem dado os resultados esperados. Aquele seria um arranjo maravilhoso para seu filho, uma mulher que nunca se tornaria uma traidora. Embora ela amasse o filho intensamente, não sentiu qualquer ciúme. A não ser quando La Venera contou que preparara o seu melhor prato, um pastelão recheado com carne de coelho e pedaços de queijo com grãos de pimenta, como Turi devorara o bastante para alimentar cinco homens e jurara que nunca comera nada melhor em toda a sua vida.

CAPÍTULO 15

Mesmo na Sicília, uma terra em que os homens se matavam com o mesmo entusiasmo feroz com que os espanhóis chacinam touros, a loucura assassina dos cidadãos de Corleone inspirava um temor universal. Famílias rivais se exterminavam em disputa de uma simples oliveira, vizinhos podiam se matar por causa da quantidade de água que um retirava de um córrego comunitário, um homem podia morrer de amor — isto é, se olhasse muito desrespeitosamente para uma esposa ou filha. Até mesmo os Amigos dos Amigos, com todo o seu sangue-frio, sucumbiam a essa loucura e seus diferentes ramos se guerreavam até a morte em Corleone, até que Don Croce lhes trouxera a paz.

Fora numa cidade assim que Stefan Andolini conquistara o apelido de Fra Diavalo, Irmão Diabo.

Don Croce chamou-o de Corleone e transmitiu suas instruções. Ele deveria ingressar no bando de Giuliano e conquistar a confiança de todos. Permanecer no bando até que Don Croce transmitisse novas instruções sobre o seu futuro curso de ação. Enquanto isso, ele deveria mandar informações sobre a força real de Giuliano, a lealdade de Passatempo e Terranova. Como a lealdade de Pisciotta era incontestável, só restava avaliar suas fraquezas. E se a oportunidade se apresentasse, Andolini deveria matar Giuliano.

Andolini não tinha medo do grande Giuliano. E por ser ruivo, sendo os ruivos tão raros na Sicília. Stefan Andolini secretamente acreditava que estava isento das regras da virtude. Como um jogador acredita que seu sistema nunca pode perder, assim Stefan Andolini estava convencido de que era tão astuto que ninguém poderia jamais enganá-lo.

Ele escolheu para acompanhá-lo dois jovens picciotti, isto é, aprendizes de matadores que ainda não haviam sido admitidos na Máfia, mas esperavam obter um dia essa honra. Seguiram para os refúgios de Giuliano nas montanhas levando mochilas e lupare. Como era de se esperar, foram encontrados por uma patrulha comandada por Pisciotta.

Pisciotta escutou a história de Stefan Andolini com um rosto impassível. Andolini disse que os *carabinieri* e a Polícia de Segurança

estavam à sua procura por causa do assassinato de um agitador socialista em Corleone. O que era absolutamente verdadeiro. Mas Andolini não contou que a polícia e os *carabinieri* não tinham provas e procuravam-no apenas para interrogatório. E esse interrogatório seria mais gentil do que exaustivo por causa da influência de Don Croce. Andolini também disse a Pisciotta que os dois picciotti estavam sendo igualmente procurados pela polícia, como cúmplices no assassinato. O que também era verdade. Mas, enquanto relatava a história, Stefan Andolini experimentava uma crescente inquietação. Pisciotta escutava com a expressão de um homem que já conhecera alguém antes ou muito ouvira falar a seu respeito.

Andolini disse que fora para as montanhas na esperança de entrar para o bando de Giuliano. E, depois, ele jogou seu trunfo. Contava com a aprovação do próprio pai de Giuliano. Ele, Stefan Andolini, era primo do grande Don Vito Corleone, na América. Pisciotta assentiu. Andolini continuou. Don Vito Corleone nascera um Andolini na aldeia de Corleone. Seu pai fora morto e ele caçado quando menino. Fugira para a América, onde se tornara o grande Padrinho. Quando voltara à Sicília, a fim de se vingar dos assassinos de seu pai, Stefan Andolini fora um de seus picciotti. Depois disso, ele visitara o Don na América para receber sua recompensa. Enquanto lá estava, conhecera o pai de Giuliano, que trabalhava como pedreiro na nova mansão do Don em Long Island. Tornaram-se amigos. Andolini, antes de vir para as montanhas, passara por Montelepre, a fim de receber a bênção do velho Salvatore Giuliano.

O rosto de Pisciotta assumiu uma expressão pensativa, enquanto ouvia a história. Desconfiava daquele homem, de seus cabelos vermelhos, de sua cara de assassino. E Pisciotta também não gostava da aparência dos dois jovens pisciotti com Malpelo, pois assim o chamava, ao estilo siciliano. Pisciotta lhe disse:

— Eu os levarei a Giuliano, mas mantenham suas lupare nos ombros, até que ele fale com vocês. Não as tirem sem permissão.

Stefan Andolini sorriu largo e disse, com extrema afabilidade:

— Mas eu o reconheci, Aspanu. E confio em você. Tire a lupara do meu ombro e seus homens podem fazer a mesma coisa com os meus picciotti. Depois de conversarmos com Giuliano, tenho certeza de que ele devolverá nossas armas.

— Não somos animais de carga para levar as armas de vocês — respondeu Pisciotta. — Terão de carregá-las.

E ele seguiu na frente, através das montanhas, até o esconderijo de Giuliano, na beira do penhasco sobre Montelepre. Mais de cinquenta homens do bando espalhavam-se pelo penhasco, limpando armas, consertando equipamentos. Giuliano sentava-se a uma mesa, observando através de seu binóculo. Pisciotta falou com Giuliano antes de apresentar os novos recrutas. Relatou as circunstâncias e depois acrescentou:

— Turi, ele me parece um pouco "mofado".

"Mofado" era o termo siciliano para designar um informante.

— E acha que já o viu antes? — indagou Giuliano.

— Ou ouvi falar dele. Parece-me familiar de alguma forma, mas também os ruivos são raros. Eu não me esqueceria dele.

Giuliano disse, suavemente:

— Ouviu falar dele por intermédio de La Venera. Ela chamou-o de Malpelo... não sabia que seu nome era Andolini. E também me falou a seu respeito. Ele entrou no bando de seu marido. Um mês depois, o marido foi emboscado e morto pelos *carabinieri*. La Venera também não confiava nele. Disse que era um homem cheio de pequenas artimanhas.

Silvestro aproximou-se dos dois.

— Não confiem naquele ruivo. Eu o vi no quartel-general em Palermo, em visitas particulares ao comandante dos *carabinieri*.

— Mande alguém a Montelepre para buscar meu pai — disse Giuliano. — Enquanto isso, mantenham-no sob vigilância.

Pisciotta enviou Terranova a Montelepre para chamar o pai de Giuliano e depois encaminhou-se para os três homens, que estavam sentados no chão. Ele abaixou-se e pegou a arma de Stefan Andolini. Membros do bando cercaram os três homens, como lobos em torno de uma presa caída.

— Não se importa de eu aliviá-lo do trabalho de cuidar desta arma agora? — disse Pisciotta, com um sorriso.

Stefan Andolini pareceu sobressaltado por um instante, o rosto se contraindo numa careta. Depois, ele deu de ombros. Pisciotta jogou a *lupara* para um de seus homens.

Ele esperou por um momento, certificando-se de que seus homens se achavam preparados. Depois, estendeu a mão para recolher as *lupare* dos dois picciotti de Andolini. Um deles, mais por medo do que por malícia, empurrou Pisciotta e pôs a mão em sua espingarda. No instante seguinte, tão rápido quanto uma cobra disparando a língua, uma faca apareceu na mão de Pisciotta. Seu corpo se arremessou para a frente e a faca cortou a garganta do picoto. Um jorro de sangue esguichou pelo ar claro da montanha e o picoto tombou para o lado. Pisciotta montou sobre o corpo, terminando o serviço com mais um golpe. Depois, com uma sucessão de chutes, ele empurrou o corpo para uma ravina.

Os outros homens do bando de Giuliano estavam de pé, apontando suas armas. Andolini, sentado no chão, levantava as mãos pelo ar, olhando ao redor, suplicante. Mas o outro picoto lançou-se para sua arma e tentou levantá-la. Passatempo, parado atrás dele e sorrindo de satisfação, esvaziou a pistola na cabeça do homem. Os tiros ressoaram pelas montanhas. Todos permaneceram paralisados. Andolini pálido e tremendo de medo, Passatempo empunhando sua pistola. E depois a voz de Giuliano disse calmamente, da beira do penhasco:

— Livrem-se dos corpos e amarrem esse Malpelo a uma árvore, até que meu pai chegue.

Os corpos foram envolvidos por redes de vime e levados a uma fenda profunda. Jogaram-se pedras depois, a fim de impedir que o mau cheiro se elevasse, de acordo com a antiga superstição. Foi uma tarefa executada por Passatempo, que sempre roubava os corpos antes de sepultá-los. Giuliano precisava reprimir constantemente sua aversão a Passatempo. Não havia racionalização que pudesse transformar aquele animal num cavalheiro.

Foi depois do crepúsculo, quase sete horas mais tarde, que o pai de Giuliano finalmente chegou ao acampamento. Stefan Andolini foi solto da árvore e levado à caverna, iluminada por lampiões de querosene. O pai de Giuliano ficou furioso quando viu o estado de Andolini e protestou para o filho:

— Mas esse homem é meu amigo! Trabalhamos juntos para o Padrinho na América. Eu disse a ele que poderia vir se juntar a seu bando, que seria bem tratado.

Ele apertou a mão de Andolini e acrescentou:

— Peço desculpas. Meu filho deve ter entendido errado ou ouviu algum boato a seu respeito.

Ele fez uma pausa, perturbado. Angustiava-o ver o seu velho amigo com tanto medo. Pois Andolini mal conseguia ficar de pé. Tinha certeza de que seria morto. Aquilo tudo era muito estranho. A nuca doía, com os músculos se contraindo na expectativa das balas. Ele quase chorou por sua arrogância, que o levara a subestimar Giuliano. O assassinato sumário de seus dois picciotti deixara-o em estado de choque. O Signor Giuliano sentiu que o amigo corria um perigo mortal nas mãos do filho. E disse então:

— Turi, quantas vezes eu lhe peço para fazer alguma coisa por mim? Se tem alguma coisa contra este homem, perdoe-o e deixe-o ir embora. Ele foi gentil comigo na América e mandou um presente para você quando nós o batizamos. Confio nele e muito prezo a sua amizade.

Giuliano disse:

— Agora que o identificou, ele será tratado como um hóspede de honra. E se quiser ficar como um membro do meu bando será bem-vindo.

O pai de Giuliano foi levado de volta a Montelepre a cavalo, a fim de poder dormir em sua própria cama. E depois que ele se foi, Giuliano falou com Stefan Andolini a sós:

— Sei de tudo sobre você e Candeleria. Você era um espião de Don Croce quando entrou para o bando de Candeleria. E um mês depois Candeleria estava morto. A viúva lembra de você. Pelo que ela me contou, não foi difícil imaginar o que aconteceu. Nós sicilianos somos muito bons em decifrar os enigmas de traições. Os bandos de fora-da-lei estão desaparecendo. As autoridades se tornaram surpreendentemente espertas. Fico sentado na minha montanha, pensando durante o dia inteiro. E penso nas autoridades em Palermo... nunca foram tão espertas antes. E depois descubro que o ministro da Justiça de Roma e Don Croce são como unha e

carne. E ambos sabemos, você e eu, que Don Croce é bastante esperto para os dois. Portanto, é Don Croce quem está acabando com os bandos por Roma. E depois penso que chegará em breve a minha vez de ser visitado pelos espiões de Don Croce. Espero e espero, imaginando por que o Don está demorando tanto. Pois, com toda a modéstia, sou o maior dos prêmios. E hoje avisto vocês três pelo meu binóculo. E penso: "Ah, aí está Malpelo de novo. Terei o maior prazer em vê-lo." Mas devo matá-lo assim mesmo. Não quero afligir meu pai e por isso seu corpo desaparecerá.

Stefan Andolini perdeu o medo por um momento, em sua indignação gritando:

— Enganaria o seu próprio pai? E se considera um filho siciliano? — Ele cuspiu no chão. — Pois então me mate logo e vá direto para o inferno!

Pisciotta, Terranova e Passatempo também estavam atônitos. Mas já se haviam espantado assim muitas vezes, ao longo dos últimos anos. Giuliano, que era tão honrado, que se orgulhava de cumprir sua palavra, que sempre falava em justiça para todos, subitamente se transformava e fazia alguma coisa que parecia infame. Não que eles objetassem a matar Andolini — Giuliano podia muito bem matar cem Andolinis, mil Andolinis. O que lhes parecia imperdoável era Giuliano romper a palavra dada ao pai e enganá-lo. Somente o Cabo Silvestro pareceu compreender e disse:

— Ele não pode pôr nossas vidas em risco somente porque seu pai tem coração mole.

Giuliano disse a Andolini, a voz suave:

— Faça as pazes com Deus. — Ele gesticulou para Passatempo. — Terá cinco minutos.

Os cabelos vermelhos de Andolini pareceram se eriçar por toda a cabeça. E ele disse, freneticamente:

— Antes de me matar, fale com o Abade Manfredi.

Giuliano fitou-o espantado e o ruivo acrescentou, o mais depressa que podia:

— Você disse certa vez ao abade que lhe devia um serviço. Que ele poderia pedir-lhe qualquer coisa.

Giuliano lembrava-se perfeitamente da promessa. Mas como aquele homem tomara conhecimento? Pisciotta interveio, desdenhosamente:

— Turi, levará mais um dia para um mensageiro ir até lá e trazer a resposta. E por acaso o abade tem mais influência sobre você do que seu próprio pai?

Giuliano tornou a espantá-los.

— Amarrem os braços deste homem e ponham uma corda em seus pés, a fim de que ele possa andar, mas não correr. E quero uma guarda de dez homens. Eu o levarei ao mosteiro pessoalmente. Se o abade não pedir por sua vida, ele poderá aproveitar para fazer a última confissão. Eu o executarei pessoalmente e entregarei o corpo aos monges para ser enterrado.

Giuliano e seu bando chegaram aos portões do mosteiro quando o sol se levantava e os monges saíam para trabalhar nos campos. Turi Giuliano observou-os com um sorriso nos lábios. Fora apenas há dois anos que ele saía também para os campos com aqueles sacerdotes, usando um manto marrom e tendo na cabeça o chapéu preto americano todo amassado? Lembrou-se de que isso o divertia. Quem teria sonhado então com a sua futura ferocidade? Ele sentiu uma nostalgia por aqueles dias antigos de paz a trabalhar nos campos.

O próprio abade estava saindo pelos portões para cumprimentá-lo. O vulto alto de túnica preta hesitou por um instante quando o prisioneiro se adiantou, depois abriu os braços. Stefan Andolini correu para abraçar o velho, beijou-o nas faces e disse:

— Pai, estes homens vão me matar. Somente você pode me salvar. O abade acenou com a cabeça. Estendeu os braços para Giuliano, que se adiantou para abraçá-lo também. Giuliano compreendia tudo agora. A maneira como Andolini falara não era a de um homem se dirigindo a seu sacerdote, mas sim um filho falando com o seu pai. O abade disse:

— Eu lhe peço pela vida deste homem, como um favor que me presta.

Giuliano tirou as cordas dos braços e pés de Andolini, dizendo ao abade:

— Ele é seu.

Andolini estava vergando para o chão; o medo saindo de seu corpo deixara-o fraco. O abade amparou-o com seu corpo frágil, dizendo a Giuliano:

— Vamos para o refeitório. Seus homens serão alimentados e nós três poderemos conversar o que é necessário. — Ele virou-se para Andolini e acrescentou: — Meu caro filho, você ainda não está fora de perigo. O que Don Croce pensará quando souber de tudo isso? Devemos combinar tudo juntos ou você está perdido.

* * *

O abade tinha uma pequena sala particular e os três ali se sentaram confortavelmente. Queijo e pão foram trazidos para os dois homens mais jovens. O abade sorriu tristemente para Giuliano.

— Um dos meus muitos pecados. Gerei este homem quando era jovem. Ah, ninguém imagina as tentações de um padre de paróquia na Sicília. Não fui capaz de resistir. O escândalo foi abafado e a mãe casou com Andolini. Muito dinheiro trocou de mãos e consegui subir pela hierarquia da Igreja. Mas ninguém pode prever a ironia do céu. Meu filho cresceu para se tornar um assassino. E essa é uma cruz que tenho de carregar, embora tenha muitos pecados por que responder.

O tom do abade mudou quando ele virou-se para Andolini e acrescentou:

— Preste toda atenção, meu filho. Pela segunda vez, você me deve a vida. Compreenda a sua primeira lealdade. É agora para Giuliano. Não pode voltar ao Don. Ele se perguntará: "Por que Turi poupou sua vida e matou os outros dois?" Desconfiará de traição e isso será sua morte. O que deve fazer é confessar tudo ao Don e pedir para permanecer com o bando de Giuliano. Que lhe dará informações e servirá como um elo de ligação entre os Amigos dos Amigos e o exército de Giuliano. Eu também

procurarei o Don e lhe falarei das vantagens dessa situação. Direi que você será fiel a Giuliano, mas isso não será prejudicial a ele. O Don pensará que você ainda trairá este homem que lhe poupou a vida. Mas se não permanecer fiel a Giuliano, eu o condenarei ao inferno por toda a eternidade. Levará a maldição de seu pai para a sepultura.

Ele tornou a virar-se para Giuliano:

— E agora lhe peço um segundo favor, meu caro Turi Giuliano. Aceite meu filho em seu bando. Ele lutará por você, fará o que mandar. E juro que lhe será fiel.

Giuliano pensou na proposta com todo cuidado. Tinha certeza de que poderia, com o tempo, conquistar a afeição de Andolini. E conhecia a devoção do homem a seu pai, o abade. Portanto, as possibilidades de traição eram mínimas e ainda poderia se precaver. Stefan Andolini seria um subchefe valioso nas operações de seu bando, mas ainda mais valioso como uma fonte de informações sobre o império de Don Croce. Giuliano perguntou:

— E o que você dirá a Don Croce?

O abade demorou um pouco a responder:

— Conversarei com ele. Tenho alguma influência. E depois veremos. E agora me diga: aceitará meu filho em seu bando?

— Aceito, por meu amor e pela minha palavra empenhada a você. Mas se ele me trair, as suas orações não serão bastante rápidas para alcançá-lo no caminho do inferno.

* * *

Stefan Andolini vivera num mundo de pouca confiança. Talvez fosse por isso que, ao longo dos anos, seu rosto se convertera numa máscara de assassino. Ele sabia que, nos anos subsequentes, seria como um artista do trapézio, balançando constantemente à beira da morte. Não havia alternativa segura. Confortava-o ter sido salvo pelo espírito de misericórdia que se irradiava da pessoa de Giuliano. Mas não tinha ilusões. Turi Giuliano era o único de quem já sentira medo, em toda a sua vida.

Daquele dia em diante, Stefan Andolini tornou-se um membro do bando de Giuliano. E nos anos seguintes tornou-se tão conhecido por sua ferocidade e devoção religiosa que o apelido de Fra Diavalo ficou famoso em toda a Sicília. A devoção provinha do fato de que ele comparecia à missa todos os domingos, geralmente na cidadezinha de Villalba, cujo sacerdote era o Padre Benjamino. E no confessionário ele revelava os segredos do bando de Giuliano, a fim de que fossem transmitidos a Don Croce. Mas não os segredos que Giuliano lhe ordenava que não contasse.

LIVRO III - MICHAEL CORLEONE - 1950

CAPÍTULO 16

O Fiat contornou a cidade de Trapani e pegou uma estrada à beira da praia. Michael Corleone e Stefan Andolini chegaram a uma *villa*, maior do que a maioria, com três casas afastadas. Havia um muro em torno da propriedade, com apenas uma abertura no lado da praia. O portão era guardado por dois homens. Um pouco além da entrada, Michael divisou um homem gordo e largo, metido em roupas que pareciam estranhas naquela paisagem: calça e casaco esporte, com uma camisa de malha aberta. Enquanto esperavam que o portão fosse aberto, Michael percebeu o sorriso no rosto do homem e ficou aturdido ao constatar que era Peter Clemenza.

Clemenza era o principal subordinado do pai de Michael Corleone na América. O que ele estava fazendo ali? Michael vira-o pela última vez naquela noite fatal, quando Clemenza plantara a arma que ele usara para assassinar o capitão de polícia e o Turco, Sollozzo. Ele lembrava a expressão de compaixão e tristeza no rosto de Clemenza naquele momento, mais de dois anos antes. Agora, Clemenza estava genuinamente exultante por ver Michael. Ele tirou-o do pequeno Fiat e quase esmagou-o num abraço de urso.

— Michael, como é bom ver você! Há quanto tempo estou esperando para dizer como me orgulho de você. Fez um trabalho sensacional. E agora todos os seus problemas acabaram. Dentro de uma semana você estará com a família, haverá uma grande festa. Todos esperam por você, Mike.

Ele contemplou o rosto de Michael afetuosamente, enquanto o encerrava no círculo de seus braços maciços; enquanto assim fazia, efetuou uma rápida avaliação. Aquele não era mais apenas o jovem herói de guerra. O garoto se transformara num homem durante a sua permanência na Sicília. Ou seja, o rosto de Michael não era mais aberto; possuía agora a expressão fechada do siciliano nato. Michael estava pronto para ocupar o lugar que lhe pertencia na família.

Michael sentiu-se feliz por ver o corpo volumoso de Clemenza, o rosto largo, de feições marcantes. Pediu notícias da família. O pai se

recuperara da tentativa de assassinato, mas sua saúde não andava muito boa. Clemenza sacudiu a cabeça, tristemente.

— Nunca faz bem a ninguém ter o corpo cheio de buracos, por melhor que se recupere. Mas não é a primeira vez que seu pai foi baleado. Ele é como um touro. Ficará bom. O que realmente fez mal a ele e também à sua mãe foi a morte de Sonny. Uma coisa brutal, Mike... retalharam-no com metralhadoras. O que não foi certo. Não precisavam fazer isso. Um trabalho de maldade. Mas estamos fazendo planos. Seu pai lhe contará tudo, assim que você chegar. Todos estão felizes por sua volta.

Stefan Andolini acenou com a cabeça para Clemenza; era evidente que já se haviam encontrado antes. Ele apertou a mão de Michael e disse que precisava partir... havia coisas a fazer em Montelepre.

— Lembre-se de uma coisa — acrescentou Andolini — não importa o que venha a ouvir: eu sempre permaneci fiel a Turi Giuliano e ele confiou em mim até o fim. Se ele for traído, não será por mim. E também não trairei você.

Andolini irradiava sinceridade e Michael acreditou nele.

— Não quer entrar e descansar um pouco, comer e beber alguma coisa? — perguntou ele.

Stefan Andolini sacudiu a cabeça. Tornou a embarcar no Fiat e passou pelos portões, que no instante seguinte se fecharam ruidosamente.

Clemenza conduziu Michael pelos jardins até a casa principal. Havia homens armados patrulhando os muros e a praia, onde a propriedade era aberta para o mar. Um pequeno píer se estendia na direção da costa distante da África. Atracada ali estava uma lancha grande, ostentando a bandeira da Itália.

Dentro da casa havia duas velhas vestidas de preto, sem uma única cor clara em suas pessoas, a pele escurecida pelo sol, xales pretos sobre as cabeças. Clemenza pediu-lhes que levassem uma cesta com frutas para o quarto de Michael.

O terraço além do quarto dava para o Mar Mediterrâneo azul, que parecia se partir ao meio, atingido por uma haste de luz do sol da manhã. Barcos pesqueiros, com velas azuis e vermelhas, balançavam no horizonte,

como bolas deslizando sobre a água. Havia uma mesinha no terraço, coberta por uma toalha marrom escura. Os dois homens foram se sentar ali. Havia na mesa um bule de café e uma botija de vinho tinto.

— Você parece cansado — comentou Clemenza. — Durma um pouco e depois lhe explicarei tudo em detalhes.

— Bem que estou precisando de algum sono. Mas antes diga-me uma coisa: minha mãe está bem?

— Está ótima, ansiosa para que você volte para casa. Não podemos desapontá-la. Seria demais para ela, depois do que aconteceu com Sonny.

Michael tornou a perguntar:

— E meu pai está completamente recuperado?

Clemenza riu; era uma risada assustadora.

— Claro que sim. É o que as Cinco Famílias vão descobrir. Seu pai espera apenas a sua volta, Mike. Tem grandes planos para você. Não podemos decepcioná-lo. Portanto, não se preocupe muito com Giuliano... se ele aparecer, nós o levaremos. Se ele continuar a protelar, então o deixaremos aqui.

— Essas são as ordens de meu pai?

— Um mensageiro chega de avião a Túnis todos os dias e vou de barco até lá para conversar com ele. Essas foram as minhas ordens ontem. A princípio, Don Croce deveria nos ajudar. Ou pelo menos foi o que seu pai disse, quando deixei os Estados Unidos. Mas sabe o que aconteceu em Palermo ontem, depois que você partiu? Alguém tentou liquidar Croce. Pularam o muro do jardim e mataram quatro dos seus guardas. Mas Croce escapou. Afinal, que diabo está acontecendo por aqui?

— Santo Deus! — exclamou Michael, lembrando-se das precauções de Don Croce em torno do hotel. — Acho que foi obra do nosso amigo Giuliano. Espero que você e meu pai saibam o que estão fazendo. Sinto-me tão cansado que não consigo pensar direito.

Clemenza levantou-se e afagou-lhe o ombro.

— Durma um pouco, Mike. Conhecerá meu irmão quando acordar. Um grande homem, como seu pai, igualmente esperto, igualmente duro. Ele é o chefão nesta parte do país, apesar de Croce.

Michael despiu-se e deitou na cama. Não dormia há mais de trinta horas, mas sua mente estava irrequieta e não permitiu que o corpo descansasse. Podia sentir o calor do sol da manhã, embora tivesse fechado as janelas de madeira. Havia uma fragrância intensa no ar, de flores e limoeiros. Sua mente rememorou os eventos dos últimos dias. Como era possível que Pisciotta e Andolini circulassem tão livremente? Por que Giuliano parecia ter decidido que Don Croce era seu inimigo, logo naquele momento tão inconveniente? Tal erro não era siciliano. Afinal, o homem vivera nas montanhas por sete anos como um bandido. O que era demais. Devia estar querendo uma vida melhor — não seria possível na Sicília, mas não haveria maiores problemas na América. E certamente ele tinha tal plano, caso contrário não enviaria a noiva grávida na frente para a América. Ocorreu-lhe o pensamento esclarecedor de que a resposta a todo aquele mistério era que Giuliano estava determinado a travar uma última batalha. Que não tinha medo de morrer ali, em sua terra natal. Havia planos e conspirações que se encaminhavam para as suas conclusões finais de que ele, Michael, não podia ter conhecimento. Portanto, devia ser cauteloso. Pois Michael Corleone não queria morrer na Sicília. Não era parte daquele mito em particular.

* * *

Michael despertou no quarto enorme e foi abrir as janelas, que viraram para fora, dando para uma sacada branca de pedra, rebrilhando ao sol da manhã. Por baixo da sacada, o Mar Mediterrâneo se estendia até o horizonte, como um tapete azul profundo. Riscos vermelhos marcavam a água e sobre eles navegavam os barcos pesqueiros, fora de vista. Michael ficou olhando por alguns minutos, totalmente fascinado pela beleza do mar e dos imponentes penhascos de Erice, para o norte.

O quarto estava atravancado por móveis rústicos e enormes. Havia uma mesa sobre a qual se encontravam uma bacia azul esmaltada e um jarro de água. Uma toalha marrom estava numa cadeira. Havia imagens de santos nas paredes, além da Virgem Maria, com o Menino Jesus no colo.

Michael lavou o rosto e saiu do quarto. Peter Clemenza o esperava ao pé da escada.

— Ah, agora você está com um aspecto melhor, Mike. Uma boa refeição lhe devolverá as forças e depois poderemos falar de negócios.

Ele conduziu Michael à cozinha, onde havia uma comprida mesa de madeira. Sentaram-se e uma velha de preto surgiu como num passe de mágica junto ao fogão, enchendo duas xícaras com café e servindo-as. Do forno saiu um enorme pão redondo, tostado por fora. Depois, a mulher desapareceu num cômodo além da cozinha. Ela não respondeu aos agradecimentos de Michael. Nesse momento, um homem entrou na cozinha. Era mais velho do que Clemenza, mas extremamente parecido. Michael logo compreendeu que se tratava de Don Domenic Clemenza, o irmão de Peter Clemenza. Dom Domenic se vestia de maneira inteiramente diferente. Usava uma calça de veludo preto, metida em botas marrons. A camisa era branca, de seda, as mangas franzidas; tinha um colete preto comprido. A cabeça estava coberta por um gorro bicudo. A mão direita segurava um chicote, que ele jogou no canto. Michael levantou-se para cumprimentá-lo e Don Domenic abraçou-o amigavelmente.

Sentaram-se à mesa. Don Domenic possuía uma dignidade natural e um ar de autoridade que fizeram Michael lembrar de seu próprio pai. E também exibia a mesma cortesia antiquada. Peter Clemenza tinha obviamente o maior respeito por Don Domenic, que o tratava com a afeição indulgente de um irmão mais velho pelo caçula estouvado. Isso surpreendeu e divertiu Michael. Na América, Peter Clemenza era o *caporegime* de maior confiança de seu pai e o mais implacável. Don Domenic disse solenemente, mas com um faiscar nos olhos:

— Michael, é um grande prazer e honra para mim que seu pai, Don Corleone, tenha entregue você a meus cuidados. E, agora, gostaria que satisfizesse minha curiosidade. Este imprestável do meu irmão... seu sucesso na América é mesmo tão grande como ele alega? Don Corleone realmente o considera como seu braço direito? E ele diz que comanda mais de cem homens. Como posso acreditar nessas histórias?

Mas, enquanto falava, ele afagava afetuosamente o ombro do irmão mais moço.

— É tudo verdade — respondeu Michael. — Meu pai sempre diz que estaria vendendo azeite se não fosse por seu irmão.

Todos riram e Peter Clemenza comentou:

— Eu teria passado a maior parte da minha vida na cadeia. Ele me ensinou a pensar, ao invés de apenas usar uma arma.

Don Domenic suspirou.

— Sou apenas um pobre fazendeiro. É verdade que os vizinhos me procuram em busca de conselhos e aqui em Trapani dizem que sou um homem importante. Chamam-me de "O Infiel", porque não obedeço cegamente às ordens de Don Croce. Talvez não seja uma atitude muito esperta. Talvez o Padrinho encontrasse meios de conviver melhor com Don Croce. Mas acho isso impossível. "Infiel" posso ser, mas apenas com aqueles que não têm qualquer honra. Don Croce vende informações ao governo e para mim isso é uma *infamità*. Não importa quão sutis sejam as razões. Os costumes antigos ainda são os melhores, Michael, como vai verificar depois de passar os próximos dias aqui.

— Tenho certeza que sim — disse Michael, polidamente. — E devo agradecer-lhe pela ajuda que está me prestando agora.

— Tenho um trabalho a fazer agora — declarou Don Domenic. — Se precisar de alguma coisa, mande me avisar.

Ele pegou o chicote e saiu da cozinha. Peter Clemenza disse:

— Michael, seu pai concordou em ajudar Turi Giuliano a escapar deste país por amizade e respeito ao pai dele. Mas a sua segurança está em primeiro lugar. Seu pai ainda tem inimigos aqui. Giuliano dispõe de uma semana para se encontrar com você. Mas, se ele não aparecer, você deve voltar aos Estados Unidos sozinho. Essas são as minhas ordens. Temos um avião especial esperando na África e podemos partir a qualquer momento. Basta me dizer.

— Pisciotta me disse que traria Giuliano o mais depressa possível —informou Michael.

Clemenza soltou um assovio.

— Esteve com Pisciotta? Estão procurando-o tão intensamente quanto a Giuliano. Como ele conseguiu sair das montanhas?

Michael deu de ombros.

— Ele tinha um dos passes especiais de tarja vermelha, assinados pelo ministro da Justiça. E isso também me preocupa.

Peter Clemenza sacudiu a cabeça, enquanto Michael continuava:

— Aquele sujeito que me trouxe até aqui, Andolini... Você o conhece, Peter?

— Conheço. Ele trabalhou para nós em Nova York... uns poucos trabalhos de calar a boca de pessoas incômodas. Mas o pai de Giuliano era íntegro e um artista com os tijolos. Os dois foram estúpidos em voltarem. Mas muitos sicilianos são assim. Não podem esquecer as suas casinhas de merda na Sicília. Eu trouxe dois homens comigo desta vez, para ajudar. Há 20 anos que eles não voltavam. Resolvemos dar um passeio pela terra, nas proximidades de Erice, uma linda cidadezinha, Mike. E lá estávamos nos campos, com todas aquelas ovelhas, tomando vinho. Deu vontade de mijar. E foi o que fizemos. Quando terminamos, os dois sujeitos pularam três metros pelo ar, gritando: "Vida longa para a Sicília." O que se há de fazer? Eles são assim mesmo, sicilianos até morrerem.

— Tem razão — murmurou Michael. — Mas o que pode me dizer sobre Andolini além disso?

Clemenza deu de ombros.

— Ele é primo de seu pai. Tem sido um dos principais homens de Giuliano durante os últimos quatro anos. Mas, antes disso, era muito ligado a Don Croce. Quem sabe? É um homem perigoso.

— Andolini trará para cá a noiva de Giuliano. Ela está grávida. Temos de embarcá-la para os Estados Unidos. Ela enviará um aviso em código a Giuliano, dizendo que está tudo certo. E Giuliano virá então nos procurar. Prometi que faríamos isso. Algum problema?

Clemenza assoviou.

— Nunca soube que Giuliano tinha uma garota. Claro que podemos fazer.

Eles saíram para um vasto jardim. Michael podia ver guardas no portão e homens armados patrulhando a praia, de um lado para outro. A lancha continuava atracada no píer. No jardim propriamente dito havia um grupo de homens, obviamente esperando por uma audiência com Peter Clemenza. Eram cerca de vinte, todos sicilianos típicos, as roupas empoeiradas e gorros de pala, como versões mais pobres de Don Domenic.

Num canto do jardim, sob um limoeiro, havia uma mesa de madeira oval, com cadeiras de vime ao redor. Clemenza e Michael ocuparam duas cadeiras. Clemenza gritou para os homens. Um deles se aproximou e sentou. Clemenza faz-lhe perguntas sobre a sua vida pessoal. Era casado? Tinha filhos? Há quanto tempo trabalhava para Don Domenic? Quem eram seus parentes em Trapani? Pensara alguma vez em ir para a América a fim de fazer fortuna? A resposta à última pergunta era invariavelmente afirmativa.

Uma velha de preto trouxe um enorme jarro com vinho, misturado com limões frescos, depois uma bandeja com muitos copos. Clemenza ofereceu um copo e um cigarro a cada homem que entrevistou. Quando terminou e o grupo deixou o jardim, Clemenza disse a Michael:

— Achou alguma coisa errada em qualquer deles?

Michael deu de ombros e comentou:

— Todos me pareceram iguais. Todos querem ir para a América.

— Precisamos de sangue novo em casa — disse Clemenza. — Perdemos muitos homens e podemos perder ainda mais. A cada cinco anos ou por aí volto à Sicília e recruto uma dúzia de homens. Eu os treino pessoalmente. Executam inicialmente pequenos trabalhos... coletas, surras, dever de guarda. Testo a lealdade deles. E quando acho que o momento é certo e a oportunidade aparece, eu lhes dou uma chance de provarem do que são capazes. Mas sempre tenho o maior cuidado. Quando chegam tão longe, eles sabem que terão uma vida boa para sempre, desde que permaneçam leais. Todo mundo por aqui sabe que sou o recrutador para a Família Corleone e cada homem da província quer falar comigo. Mas meu irmão os escolhe. Ninguém chega a me falar sem a sua aprovação.

Michael correu os olhos pelo lindo jardim, com suas muitas flores coloridas, limoeiros fragrantes, estátuas antigas dos deuses desenterradas

das ruínas, outras mais novas, de santos, os muros cor-de-rosa, em torno da propriedade. Era um cenário maravilhoso para o exame de doze apóstolos assassinos.

* * *

Ao final da tarde, o pequeno Fiat reapareceu nos portões da *villa* e os guardas acenaram para que passasse. Andolini estava ao volante, tendo a seu lado uma moça de cabelos compridos e muito pretos, o rosto oval de feições finas parecendo o retrato de uma Madona por algum pintor. Michael percebeu a sua gravidez no instante em que ela saiu do carro. Usava o vestido largo recatado da mulher siciliana, só que não era preto, mas um horrendo estampado floral, rosa e branco. Contudo, o rosto era tão lindo que o vestido não importava.

Michael Corleone ficou surpreso ao ver a figura pequena de Hector Adonis sair do banco traseiro. Foi Adonis quem fez as apresentações. O nome da moça era Justina. Ela não tinha nada das inibições dos jovens e, com apenas 17 anos de idade, seu rosto possuía a força de uma mulher mais velha, como se já tivesse experimentado as mesmas tragédias da vida. Ela estudou Michael atentamente, antes de inclinar a cabeça para reconhecer a apresentação. Como se estivesse estudando-o para descobrir qualquer insinuação de traição em seu rosto.

Uma das velhas levou-a para seu quarto e Andolini tirou sua bagagem do carro. Consistia apenas em uma pequena valise. Michael levou-a pessoalmente para casa.

Todos jantaram juntos naquela noite, com exceção de Andolini, que fora embora no Fiat. Hector Adonis permaneceu. À mesa do jantar, eles fizeram planos para levar Justina à América. Don Domenic explicou que o barco para Túnis estava pronto; e sempre estaria, pois não sabiam quando Giuliano chegaria e teriam de agir rapidamente quando ele aparecesse.

— Quem sabe que maus companheiros virão atrás dele — acrescentou Don Domenic, com um pequeno sorriso.

Peter Clemenza disse que acompanharia Justina a Túnis e cuidaria para que ela embarcasse num avião especial, com documentos especiais

que lhe permitiriam entrar nos Estados Unidos sem problemas. E depois ele voltaria à villa.

Quando Justina chegasse à América, enviaria seu aviso em código e começaria a operação final para salvar Giuliano.

Justina falou muito pouco durante a refeição. Don Domenic perguntou-lhe se estava preparada para fazer a viagem naquela mesma noite, depois de ter viajado durante a maior parte do dia.

Quando ela respondeu, Michael compreendeu a atração que devia ter exercido sobre Giuliano. Ela possuía os mesmos olhos pretos faiscantes, o queixo e a boca determinados das mais fortes mulheres sicilianas, falando também imperiosamente.

— Viajar é mais fácil do que trabalhar e menos perigoso do que esconder. Tenho dormido nas montanhas e nos campos com as ovelhas. Então por que não posso dormir num navio ou num avião? Não pode ser tão frio, não é mesmo? — Ela falou tudo isso com o orgulho dos jovens, mas as mãos tremiam ao levantar o copo de vinho. — Eu só me preocupo que Turi possa escapar. Por que ele não pode ir comigo?

Hector Adonis disse, gentilmente:

— Justina, ele não queria arriscá-la com sua presença. É mais difícil para ele viajar, serão necessárias mais precauções.

Peter Clemenza disse:

— O barco a levará para a África pouco antes do amanhecer, Justina. Talvez seja melhor você descansar um pouco.

— Não estou cansada e me sinto muito excitada para dormir — respondeu Justina. — Posso tomar outro copo de vinho?

Don Domenic encheu-lhe o copo.

— Beba tudo. É bom para o seu bebê e a ajudará a dormir depois. Giuliano deu-lhe algum recado para nós?

Justina sorriu-lhe tristemente.

— Não o vejo há meses. Aspanu Pisciotta é o único em quem ele confia. Não pense que eu poderia traí-lo, mas acha que sou sua fraqueza,

através da qual podem agarrá-lo. É porque ele leu todos aqueles romances, em que o amor de mulheres acarreta a queda de heróis. Ele considera que o amor por mim é sua maior fraqueza e por isso nunca me conta os seus planos.

Michael estava curioso em descobrir mais a respeito de Giuliano, o homem que poderia ter sido, se por acaso seu pai permanecesse na Sicília, o homem que Sonny poderia ter sido.

— Como conheceu Turi? — ele perguntou a Justina.

Ela riu.

— Apaixonei-me por ele quando tinha 11 anos de idade. Isso aconteceu há quase sete anos, no primeiro ano em que Turi se tornou um foragido. Mas ele já era famoso em nossa pequena aldeia da Sicília. Meu irmão mais moço e eu trabalhávamos nos campos, com meu pai. E papai entregou-me um maço de liras para levar a mamãe. Meu irmão e eu éramos crianças tolas e exibimos as notas, excitados por termos tanto dinheiro em nossas mãos. Dois *carabinieri* nos viram na estrada e tiraram o dinheiro, rindo de nós quando choramos. Não sabíamos o que fazer, tínhamos medo de ir para casa e medo de voltar para junto de papai. E foi então que aquele rapaz saiu das moitas. Era mais alto que a maioria dos homens da Sicília e com os ombros muito mais largos. Parecia com os soldados americanos que víramos durante a guerra. Trazia uma metralhadora debaixo do braço, mas possuía olhos castanhos gentis. Era muito bonito. Ele perguntou-nos: "Crianças, por que estão chorando num dia tão maravilhoso? E você, mocinha, está estragando a sua linda aparência. Quem vai querer casar com você assim?" Mas ele estava rindo e dava para perceber que a visão de nós o deliciava por alguma razão. Contamos o que acontecera, ele tornou a rir e disse que deveríamos sempre tomar cuidado com os *carabinieri*, que era uma boa lição para aprendermos ainda cedo na vida. E depois ele deu a meu irmão um maço de liras para levar à nossa mãe. E também me deu um bilhete para entregar a papai. Ainda posso lembrá-lo, palavra por palavra. Dizia: "Não brigue com seus dois lindos filhos, que serão o prazer e o conforto de sua velhice. O dinheiro que lhes dei é muito mais do que perdeu. E saiba de uma coisa: de hoje em diante, você e seus filhos estão sob a proteção de GIULIANO." Achei que o nome era maravilhoso e pensei que fora por isso que ele o

escrevera em letras maiúsculas. E vi esse nome em meus sonhos por muitos meses. Apenas essas letras. GIULIANO.

Ela fez uma pausa, sorrindo, antes de acrescentar:

— Mas o que me fez amá-lo foi o prazer que ele demonstrou por cometer uma boa ação. Estava realmente deliciado por ajudar outra pessoa. Isso nunca mudou. Sempre testemunhei esse mesmo prazer, como se ele ganhasse mais por dar do que por tirar. E é por isso que o povo da Sicília o ama.

Hector Adonis interveio, suavemente:

— Até Portella delle Ginestre.

Justina baixou os olhou e murmurou, com veemência:

— Eles ainda o amam.

Michael apressou-se em indagar:

— Mas como tornou a encontrá-lo?

— Meu irmão mais velho era amigo dele. E talvez meu pai fosse um membro do seu bando. Não sei com certeza. Somente minha família e os chefes de Turi sabem que estamos casados. Turi exigiu que todos jurassem segredo, temendo que as autoridades me prendessem.

Todos à mesa ficaram aturdidos com essa notícia. Justina enfiou a mão dentro do vestido e tirou uma bolsinha. Pegou lá dentro um documento de papel encorpado, cor de creme, com um enorme carimbo, estendendo-o para Michael. Mas foi Hector Adonis quem pegou e leu. Depois, ele sorriu para Justina.

— Você estará na América amanhã. Posso dar a boa notícia aos pais de Turi?

Justina corou.

— Eles sempre pensaram que eu estava grávida sem ter casado. E me julgavam mal por causa disso. Está bem, pode contar a eles.

Michael indagou:

— Já leu ou viu o Testamento que Turi escondeu?

Justina sacudiu a cabeça.

— Não. Turi nunca me falou a respeito.

O rosto de Don Domenic estava frio, mas ele também parecia curioso. Ouvira falar do Testamento, refletiu Michael, mas não o aprovava. Quantas pessoas sabiam? Certamente não o povo da Sicília. Somente membros do governo de Roma, Don Croce, a família de Giuliano e os chefes do seu bando. Hector Adonis disse:

— Don Domenic, posso pedir para ser seu hóspede até chegar a notícia da América de que Justina se encontra lá, sã e salva? Poderei então providenciar para que Giuliano receba a informação. Não deve ser mais que uma noite extra.

Don Domenic respondeu, incisivamente:

— Será uma honra para mim, meu caro professor. Fique por tanto tempo quanto quiser. Mas agora é momento de todos nós irmos para a cama. Nossa jovem *signora* deve dormir um pouco para sua longa viagem e estou muito velho para ficar acordado até tarde. *Avanti*.

E ele fez um gesto de enxotar, como um pássaro enorme e afetuoso, despachando a todos. Pegou Hector Adonis pelo braço, a fim de levá-lo a um quarto, gritando ordens para que as criadas cuidassem dos outros hóspedes.

Quando Michael se levantou, na manhã seguinte, Justina já partira.

* * *

Hector Adonis teve de dormir duas noites na casa antes de receber a carta de Justina informando que se achava sã e salva na América. Em algum lugar da carta estava a palavra de código que satisfez Adonis. Ele solicitou a Michael uma conferência em particular na manhã em que deveria partir.

Michael passara os dois dias tenso de expectativa, ansioso em ir também para os Estados Unidos. A descrição que Peter Clemenza fizera do assassinato de Sonny incutira em Michael um presságio sobre Turi Giuliano. Em sua mente, os dois homens se tornavam cada vez mais entrelaçados. Pareciam de certa forma iguais e ambos transmitiam o

mesmo senso de vitalidade física e poder. Giuliano era apenas da idade de Michael, que se sentia atraído pela fama do homem. Estava ansioso pela perspectiva de finalmente encontrá-lo frente a frente. E se perguntara mais uma vez o que seu pai faria com Giuliano. Pois não tinha a menor dúvida de que era essa a intenção de seu pai. Se não fosse assim, a missão de levar Giuliano para casa em sua companhia não fazia sentido.

Michael desceu com Adonis para a praia. Os guardas armados saudaram-nos, chamando aos dois de "Vossa", "Sua Senhoria". Nenhum deles exibiu qualquer sinal de desdém pela visão do pequeno e elegantemente vestido Hector Adonis. A lancha voltara. Mais perto agora, Michael pôde constatar que era quase tão grande quanto um pequeno iate. Os homens a bordo estavam armados com *lupare* e metralhadoras.

O sol de julho era muito quente e o mar tão azul e parado que o sol nele se refletia como se fosse em metal. Michael e Hector Adonis sentaram-se em duas cadeiras no píer.

— Antes de eu partir esta manhã, tenho uma instrução final para você — disse Hector Adonis, baixinho. — É a coisa mais importante que você pode fazer por Giuliano.

— Com todo o meu coração.

— Deve enviar o Testamento de Giuliano para a América imediatamente. Para seu pai. Ele saberá como usá-lo. Fará com que Don Croce e o governo de Roma saibam que o Testamento se acha seguro na América, impedindo assim que causem algum mal a Giuliano. E o deixarão então emigrar com toda segurança.

— O Testamento está aí com você? — perguntou Michael.

O homenzinho sorriu-lhe insinuantemente e depois soltou uma risada.

— Está com você — disse ele.

Michael ficou atônito.

— Está desinformado. Ninguém me deu nada.

— Deram, sim. — Hector Adonis pôs a mão amistosamente no ombro de Michael, que notou como seus dedos eram mínimos, parecendo

os de uma criança. — Maria Lombardo, a mãe de Giuliano, deu a você. Somente ela e eu sabíamos onde estava. Nem mesmo Pisciotta sabia.

Ele viu a expressão desconcertada de Michael e acrescentou:

— Está na Madona preta. É verdade que a Madona se encontra na família há gerações e é muito valiosa. Todo mundo sabe disso. Mas Giuliano recebeu uma réplica. É oca. O Testamento está escrito em papel muito fino e cada folha tem a assinatura de Giuliano. Ajudei-o a escrever, ao longo dos anos. Há também alguns documentos incriminadores. Turi sempre soube qual poderia ser o fim e queria estar preparado. Para um jovem, ele possui uma grande noção de estratégia. Michael riu.

— E a mãe dele é uma grande atriz.

— Todos os sicilianos são — comentou Hector Adonis. — Não confiamos em ninguém e dissimulamos na presença de todos. É claro que o pai de Giuliano merece uma confiança absoluta, mas ele pode ser indiscreto. Pisciotta tem sido o amigo mais sincero de Giuliano desde a infância, Stefan Andolini salvou-lhe a vida em batalha com os *carabinieri*. Mas homens mudam com o tempo e sob torturas. Portanto, é melhor que eles não saibam.

— Mas ele confiou em você.

— Sou abençoado — disse Hector Adonis, suavemente. — Mas percebe como Giuliano é esperto? Ele só confia a mim seu Testamento e só confia sua vida a Pisciotta. Para que ele fracasse é preciso ser traído por nós dois.

CAPÍTULO 17

Michael Corleone e Hector Adonis deixaram a praia e foram se sentar sob um limoeiro, em companhia de Peter Clemenza. Michael estava ansioso em ler o Testamento, mas Hector Adonis informou que Andolini deveria vir buscá-lo para a viagem a Montelepre. Michael esperou, a fim de ver se Andolini tinha alguma mensagem para ele.

Uma hora transcorreu. Hector Adonis olhou para o relógio, com uma expressão preocupada. Michael comentou:

— O carro dele provavelmente enguiçou. Aquele Fiat está nas últimas.

Hector Adonis sacudiu a cabeça.

— Stefan Andolini possui o coração de um assassino, mas é a alma da pontualidade. E digno de toda confiança. Como ele já está uma hora atrasado, receio que tenha acontecido algo errado. E deve estar em Montelepre antes do anoitecer, quando começa o toque de recolher.

Peter Clemenza interveio:

— Meu irmão lhe dará um carro com motorista.

Adonis pensou a respeito por um momento.

— Não. Devo esperar. É importante que eu fale com ele.

— Importa-se que nós o deixemos aqui para ir ler o Testamento? — perguntou Michael. — Como se abre a estátua?

Hector Adonis respondeu:

— Claro, claro... podem ir lê-lo. Quanto à abertura, não há problema. A cabeça foi soldada depois que Turi guardou os papéis lá dentro. Basta arrancar a cabeça. Se tiver qualquer problema com a leitura, terei o maior prazer em ajudar. Mande uma das criadas me chamar.

Acompanhado por Peter Clemenza, Michael subiu para o seu quarto. A estátua ainda estava no bolso de seu casaco; ele a esquecera completamente. Quando a tirou, os dois ficaram olhando fixamente para a

Virgem Maria preta. As feições eram inegavelmente africanas, mas a expressão era exatamente das Madonas brancas que decoravam quase todas as casas pobres da Sicília. Michael virou-a entre as mãos. Era bastante pesada — não se podia imaginar que fosse oca.

Peter Clemenza foi até a porta e gritou uma ordem para uma das criadas. A mulher apareceu com o cutelo da cozinha. Olhou pelo quarto por um momento e depois entregou o cutelo a Clemenza. Ele fechou a porta para obstruir os olhos curiosos da velha.

Michael colocou a Madona preta em cima da cômoda. Segurou o disco na base da estátua com uma das mãos, enquanto com a outra pegava o topo da cabeça da Madona. Clemenza ajeitou o cutelo cuidadosamente no pescoço da Virgem Maria, ergueu o braço musculoso e depois, com um único golpe, vigoroso e rápido, cortou-lhe a cabeça, fazendo-a voar pelo quarto. Um maço de papéis, amarrado por uma tira de couro cinzento, projetou-se do pescoço oco.

Clemenza acertara exatamente no veio em que fora soldada; o cutelo nunca teria passado pela dura madeira de oliveira. Ele largou o cutelo na cômoda e tirou os papéis da estátua sem cabeça. Desatou a tira de couro e abriu os papéis sobre uma mesa. Eram quinze folhas de papel fino, cobertas por uma letra miúda, em tinta preta. No fundo de cada página estava a assinatura de Giuliano, no rabisco negligente dos reis. Havia também documentos com o emblema oficial do governo, cartas em papel timbrado e depoimentos juramentados. Os documentos estavam tornando a se contrair para retomar o formato de seu confinamento e Michael usou os pedaços da estátua e o cutelo para mantê-los abertos sobre a mesa. Depois, cerimoniosamente, ele serviu dois copos de vinho, do jarro na mesinha-de-cabeceira, entregando um a Clemenza. Eles beberam e depois começaram a ler o Testamento.

Levaram quase duas horas para acabar.

Michael ficou espantado ao descobrir que Turi Giuliano, tão jovem, tão idealista, sobrevivera a tantas traições. Michael conhecia bastante o mundo para imaginar que Giuliano tinha a sua própria astúcia, o seu próprio sistema de poder, a fim de permanecer dedicado à sua missão. Mas sentiu um enorme senso de identificação e empenho na causa da fuga de Giuliano.

Não era tanto o diário de Giuliano, relatando sua história pelos últimos sete anos, mas os documentos de confirmação certamente poderiam derrubar o governo democrata-cristão de Roma. Michael se perguntou como aqueles homens poderosos puderam ser tão tolos. Havia um bilhete do cardeal, uma carta enviada por Don Croce ao Ministro da Justiça, indagando o que se poderia fazer para esmagar a manifestação em Ginestre, tudo em termos meio vagos, mas completamente óbvios à luz dos acontecimentos subsequentes. Cada coisa por si mesma era bastante inocente, mas todas se uniam para formar uma montanha de evidência tão imponente quanto as Pirâmides.

Havia uma carta do Príncipe Ollorto com louvores pomposos a Giuliano e assegurando que todos os homens nos mais altos postos do governo democrata-cristão de Roma haviam garantido que fariam todo o possível para que Giuliano fosse perdoado, desde que ele fizesse o que lhe pediam. O Príncipe Ollorto afirmava que o Ministro da Justiça estava plenamente de acordo.

Havia também cópias de planos operacionais preparados pelo alto comando dos *carabinieri* para capturar Giuliano — planos entregues a Giuliano em troca de serviços prestados.

— Não é de admirar que eles não quisessem agarrar Giuliano — comentou Michael. — Ele pode liquidar a todos com estes documentos.

— Levarei este material para Túnis imediatamente — disse Peter Clemenza. — E amanhã à noite já estará tudo no cofre de seu pai.

Ele pegou a Madona sem cabeça e tornou a guardar os papéis lá dentro. Pôs a estátua no bolso e disse a Michael:

— Vamos embora. Se eu partir agora, poderei estar de volta amanhã de manhã.

Clemenza foi devolver o cutelo à velha na cozinha, que o examinou desconfiada, como se procurasse por sinais de sangue. Ao descerem para a praia, ficaram surpresos ao depararem com Hector Adonis, ainda esperando. Stefan Andolini não aparecera.

O homenzinho afrouxara a gravata e tirara o paletó; a pequena camisa branca estava coberta de suor, embora ele se encontrasse à sombra

de um limoeiro. Estava também um pouco embriagado — o jarro grande de vinho na mesa de jardim se achava quase vazio. Ele recebeu Michael e Peter Clemenza com evidente desespero.

— As traições finais estão começando. Andolini está três horas atrasado. Preciso ir a Montelepre e Palermo. Tenho de mandar o aviso a Giuliano.

Peter Clemenza disse, com um rude bom humor:

— Professor, o carro dele pode ter enguiçado. Ou se atrasou por causa de outras coisas mais urgentes. Pode haver uma porção de motivos. Ele sabe que você está aqui em segurança e que esperará. Passe outra noite conosco, se ele não aparecer hoje.

Mas Hector Adonis ficou balbuciando:

— Está tudo saindo errado, está tudo saindo errado...

Ele suplicou por uma condução. Clemenza ordenou que dois homens usassem um dos Alfa Romeos e levassem Hector Adonis até Palermo. E disse aos homens que não deixassem de voltar com o carro à *villa* antes do anoitecer.

Eles acompanharam Hector Adonis até o carro e disseram-lhe que não se preocupasse. O Testamento chegaria à América em 24 horas e Giuliano estaria seguro. Depois que o carro passou pelos portões, Michael foi com Clemenza até a praia e observou-o entrar na lancha. Continuou observando enquanto a lancha iniciava a jornada para a África.

— Estarei de volta pela manhã — gritou Peter Clemenza.

E Michael especulou o que aconteceria se aquela fosse a noite que Giuliano escolhesse para aparecer.

Ele jantou mais tarde, servido pelas duas mulheres. Depois, andou pela praia, até ser detido pelos guardas no perímetro da propriedade. Faltavam poucos minutos para o escurecer e o Mar Mediterrâneo era do azul mais profundo e aveludado; além do horizonte, ele podia sentir o perfume do continente africano, um perfume de flores e animais selvagens.

Ali, junto à água, não havia o zumbido de insetos; as criaturas precisavam da vegetação exuberante e do ar quente e abafado do interior. Era quase como se uma máquina tivesse parado de funcionar. Michael ficou parado na praia, sentindo a paz e a beleza de uma noite siciliana. Teve pena de todos os outros que viajavam com medo pela escuridão: Giuliano em suas montanhas, Pisciotta com o frágil escudo de seu passe especial de tarja vermelha passando pelas linhas inimigas, o Professor Adonis e Stefan Andolini procurando um ao outro pelas estradas poeirentas da Sicília, Peter Clemenza deslizando pelo mar azul-escuro, a caminho de Túnis. E por onde andava Don Domenic Clemenza, que não aparecera para jantar? Eram todos sombras na noite siciliana; e quando reaparecessem, o cenário estaria armado para a vida ou morte de Turi Giuliano.

LIVRO IV - DON CROCE - 1947

CAPÍTULO 18

O Rei Umberto II da Casa de Savoia era um homem humilde e meigo, muito amado por seu povo. Aprovara o referendo para determinar se a Itália deveria ou não permanecer uma monarquia nominal. Ele não desejava continuar um rei se o seu povo não o quisesse. E nisso ele era como seus antecessores. Os reis de Savoia sempre foram soberanos sem ambições; suas monarquias haviam sido de fato democracias dirigidas pelo Parlamento. Os analistas políticos estavam convencidos de que o referendo seria favorável à monarquia.

Contava-se que a Ilha da Sicília proporcionaria uma esmagadora maioria à manutenção da monarquia. Na ocasião, as duas forças mais poderosas da ilha eram Turi Giuliano, cujo bando controlava o canto noroeste da Sicília, e Don Croce Malo, que controlava o resto da Sicília, com seus Amigos dos Amigos. Giuliano não entrou nas estratégias eleitorais de qualquer partido político. Don Croce e a Máfia exerceram todos os esforços para garantir a reeleição dos democratas-cristãos e a manutenção da monarquia.

Mas, para surpresa de todos, os eleitores italianos rejeitaram a monarquia; a Itália tornou-se uma república. E os socialistas e comunistas tiveram resultados tão fortes que os democratas-cristãos cambalearam e quase caíram. As eleições seguintes poderiam instalar um governo ímpio e socialista em Roma. O Partido Democrata-Cristão começou a reunir todas as suas forças para vencer as eleições seguintes.

A maior surpresa fora a Sicília. Foram eleitos para o Parlamento muitos deputados que pertenciam aos partidos socialista e comunista. Na Sicília, um sindicato ainda era considerado uma obra do demônio e muitas indústrias e latifúndios se recusavam a negociar com as lideranças trabalhistas. O que acontecera?

Don Croce ficou furioso. Seus homens haviam trabalhado direito. Fizeram ameaças que assustaram os aldeões em todas as regiões rurais, mas obviamente as ameaças foram em vão. A Igreja Católica providenciara para que seus padres pregassem contra os comunistas e as freiras só entregavam suas cestas de caridade aos que prometiam votar na

chapa dos democratas-cristãos. A hierarquia religiosa na Sicília estava aturdida. Distribuíra-se milhões de liras em alimentos, mas o astuto camponês siciliano engolira o pão da caridade e cuspira no Partido Democrata-Cristão.

O Ministro da Justiça Franco Trezza também ficou furioso com seus conterrâneos sicilianos — um bando de traiçoeiros, astutos mesmo quando isso não lhes trazia qualquer proveito, orgulhosos de sua honra pessoal quando não tinham sequer um penico para mijar. Ele estava desolado. Como puderam votar nos socialistas e comunistas, que eventualmente destruiriam sua estrutura de família e baniriam seu Deus cristão de todas as magníficas catedrais da Itália? Só havia uma pessoa que podia lhe dar uma resposta para essa questão e a solução para as próximas eleições, que decidiriam a vida política futura da Itália. Ele mandou chamar Don Croce Malo.

* * *

Os camponeses da Sicília que votaram nos partidos de esquerda e decidiram abolir o seu amado rei ficariam espantados se soubessem da ira de todos esses altos personagens. E ficariam ainda mais espantados se soubessem que nações poderosas, como Estados Unidos, França e Grã-Bretanha, estavam preocupadas com a possibilidade da Itália se tornar uma aliada da Rússia. Muitos deles nunca tinham sequer ouvido falar da Rússia.

Os pobres da Sicília, presenteados com a dádiva do voto democrático, pela primeira vez em 20 anos, simplesmente votaram nos candidatos e partidos políticos que lhes prometeram a oportunidade de adquirir seus pequenos pedaços de terra por uma quantia mínima.

Mas ficariam horrorizados se soubessem que seu voto nos partidos de esquerda era contra a sua estrutura familiar, contra a Virgem Maria e a Santa Igreja Católica, cujas imagens sagradas, iluminadas por velas vermelhas, adornavam cada cozinha e quarto na Sicília; e ficariam ainda mais horrorizados se soubessem que votaram para transformar suas catedrais em museus e banir seu amado Papa das praias da Itália.

Nada disso. Os sicilianos votaram para conquistar um pedaço de terra para si mesmos e suas famílias, não por um partido político. Não

podiam conceber uma alegria maior na vida que a de trabalhar sua própria terra, guardar o que produziam com o suor de seu rosto, para si mesmos e suas famílias. O sonho do paraíso era constituído por uns poucos hectares de cereais plantados, uma horta plantada num terraço na encosta da montanha, um pequeno vinhedo, um limoeiro e uma oliveira.

* * *

O gabinete do Ministro da Justiça em Roma era enorme, com móveis maciços e antigos. Havia nas paredes retratos do Presidente Roosevelt e de Winston Churchill. As janelas eram vitrais e mais além havia um pequeno balcão. O ministro serviu vinho a seu ilustre visitante, Don Croce Malo.

O Ministro Franco Trezza era natural da Sicília e um genuíno antifascista, que passara algum tempo nas prisões de Mussolini, antes de fugir para a Inglaterra. Era um homem alto, de aparência aristocrática, os cabelos ainda pretos, embora a barba já tivesse se tornado grisalha. Embora um verdadeiro herói, era também um rematado burocrata e político, uma formidável combinação.

Eles ficaram tomando vinho e conversando sobre a situação política na Sicília e as próximas eleições regionais. O Ministro Trezza manifestou seus receios. Se a Sicília continuasse em sua tendência esquerdista, o Partido Democrata-Cristão poderia muito bem perder o controle do governo. A Igreja Católica poderia muito bem perder a sua posição como a religião oficial da Itália.

Don Croce não respondeu a nada disso. Comeu bastante, forçado a admitir para si mesmo que a comida em Roma era muito melhor do que na Sicília. O Don inclinava a sua enorme cabeça de imperador sobre o prato de espaguete com trufas, as mandíbulas imensas mastigando firmemente, inexoravelmente. Ocasionalmente, ele limpava o bigode fino com o guardanapo. O bico imperial do nariz mantinha guarda sobre cada novo prato que era trazido pelas criadas, como se farejasse por algum veneno. Os olhos se deslocavam rapidamente de um lado para outro da mesa suntuosa. Não disse uma só palavra, enquanto o ministro discorria sobre os graves problemas de Estado.

Terminaram com uma vasta travessa de frutas e queijos. Depois, sobre o café cerimonial e o copo bojudo de conhaque, o Don preparou-se para falar. Deslocou o volume enorme na cadeira inadequada. O ministro prontamente conduziu-o a uma sala de estar, com poltronas estofadas. Ordenou que um criado trouxesse o café e o conhaque, dispensando-o em seguida. O próprio ministro serviu o café para o Don, ofereceu-lhe um charuto que foi recusado, depois preparou-se para escutar a sabedoria de Don, que ele sabia ser bastante objetiva.

Don Croce fitou o ministro nos olhos. Não se impressionava com o perfil aristocrático, as feições firmes, a aparência de poder. E desprezava a barba do ministro, que considerava uma afetação. Aquele era um homem que podia impressionar em Roma, mas nunca na Sicília. Contudo, aquele era também o homem que podia consolidar o poder da Máfia na Sicília. Fora um erro nos dias antigos desdenhar Roma; o resultado fora Mussolini e os fascistas. Don Croce não tinha ilusões. Um governo de esquerda poderia ser sincero ao apregoar reformas, ao prometer acabar com o governo clandestino dos Amigos dos Amigos. Somente um governo democrata-cristão manteria os processos legais que tornavam Don Croce invulnerável. Ele concordara em ir a Roma com a satisfação de um curandeiro pela fé visitando uma horda de suplicantes estrevados que sofriam principalmente de histeria. Sabia que podia efetuar uma cura.

— Posso lhes entregar a Sicília nas próximas eleições — garantiu ele ao Ministro Trezza. — Mas precisamos de homens armados. E deve me assegurar que nada fará contra Turi Giuliano.

— É uma promessa que não posso fazer.

— É a promessa que deve fazer.

O Ministro Trezza cofiou a barba.

— Que tipo de homem é esse Giuliano? — indagou ele, relutante. — É muito jovem para ser tão feroz. Até mesmo para um siciliano.

— Não, não... é um rapaz muito gentil — respondeu Don Croce, ignorando o sorriso sardônico do ministro e deixando de mencionar que jamais se encontrara pessoalmente com Giuliano.

O Ministro Trezza sacudiu a cabeça.

— Não creio que seja possível. Um homem que matou tantos *carabinieri* não pode ser considerado um rapaz gentil.

Era verdade. Don Croce achava que Giuliano fora particularmente inconsequente durante o último ano. Depois que executara o "Padre" Dodana, Giuliano desencadeara a fúria contra todos os seus inimigos, tanto a Máfia como Roma.

Começara a enviar cartas para os jornais, proclamando-se o soberano da Sicília Ocidental, não importando o que Roma tentasse. Também enviava cartas ameaçadoras aos *carabinieri* das cidades de Montelepre, Corleone e Monreale, desafiando-os a sair em patrulhas pelas ruas depois de meia-noite. Sua explicação era de que seus homens precisavam ir a determinados lugares para visitar as famílias ou amigos, ele não queria que fossem presos na cama ou fuzilados ao saírem das casas; e ele próprio precisava de vez em quando visitar a família em Montelepre.

Os jornais publicavam essas cartas com comentários exultantes. Salvatore Giuliano proíbe a *cassetta*? O bandido proíbe a polícia de realizar suas patrulhas legítimas nas cidades da Sicília? Mas que atrevimento! Que colossal desfaçatez! O jovem pensava que era o Rei da Itália? Havia caricaturas mostrando os *carabinieri* escondidos numa viela de Montelepre, enquanto o vulto imenso de Giuliano entrava majestosamente na praça.

É claro que só havia uma coisa que o Maresciallo de Montelepre podia fazer. Todas as noites, ele enviava patrulhas pelas ruas. Todas as noites, sua guarnição, agora aumentada para cem homens, mantinha-se em estado de alerta, vigiando as entradas da cidade, a fim de impedir que Giuliano desfechasse um ataque.

Mas na única ocasião em que enviou seus *carabinieri* às montanhas, Giuliano e seus cinco chefes, Pisciotta, Terranova, Passatempo, Silvestro e Andolini, cada um comandando um bando, emboscaram-nos. Outros destacamentos fugiram de um fogo devastador de metralhadoras e rifles.

Roma estava furiosa, mas era a própria temeridade de Giuliano que podia agora servir a todos, se ao menos Don Croce fosse capaz de

convencer aquele idiota do Ministro da Justiça.

— Confie em mim — disse Don Croce ao Ministro Trezza. — Giuliano pode servir a nossos propósitos. Eu o convencerei a declarar guerra aos partidos socialista e comunista na Sicília. Ele atacará suas sedes, suprimirá seus organizadores. Será o meu braço militar, em larga escala. E depois, é claro, meus amigos e eu faremos o trabalho necessário que não se pode realizar publicamente.

O Ministro Trezza não pareceu chocado por essa sugestão, mas disse em voz desdenhosa:

— Giuliano já é um escândalo nacional. Um escândalo internacional. Tenho sobre a mesa um plano do chefe do estado-maior do exército para enviar tropas à Sicília e eliminá-lo. Há um prêmio de 10 milhões de liras por sua cabeça. Mil *carabinieri* foram postos em estado de alerta, a fim de serem transferidos para a Sicília a qualquer momento e reforçar os homens que já se encontram lá. E agora você me pede para protegê-lo? Meu caro Don Croce, eu esperava que ajudasse a entregá-lo a nós, como fez com outros bandidos. Giuliano é a vergonha da Itália. Todos acham que ele deve ser eliminado.

Don Croce tomou um gole do café e limpou o bigode com os dedos. Sentia-se um pouco impaciente com aquela hipocrisia romana. Sacudiu a cabeça devagar.

— Turi Giuliano é muito mais valioso para nós vivo e realizando ações heroicas nas montanhas. O povo da Sicília o idolatra, faz preces por sua alma e sua segurança. Não há um só homem na minha ilha que pense em traí-lo. E ele é muito mais astuto do que todos os outros bandidos. Tenho espiões em seu acampamento, mas sua personalidade é tão forte que não sei até que ponto esses homens mantêm sua lealdade a mim. É esse o tipo de homem de quem está falando. Ele inspira afeição de todos. Se mandar mil *carabinieri* e o exército e eles fracassarem... como já fracassaram antes... o que acontecerá então? Posso lhe garantir uma coisa: Se Giuliano decidir ajudar os partidos de esquerda nas próximas eleições, vocês perderão a Sicília. E com isso, como sabe muito bem, seu partido perderá a Itália.

Ele fez uma pausa prolongada e depois fixou os olhos nos do ministro para arrematar:

— Você tem de chegar a um acordo com Giuliano.

— E como isso poderá ser acertado? — indagou o Ministro Trezza, com o sorriso polido de superioridade que Don Croce tanto desprezava. Era um sorriso romano e o homem era um siciliano nato. O ministro acrescentou: — Tenho informações de boa fonte de que Giuliano não morre de amores por você.

Don Croce deu de ombros.

— Ele não sofreu nos últimos três anos sem ter-se tornado bastante esperto para esquecer um ressentimento. E tenho uma ligação com ele. O Dr. Hector Adonis é um dos meus homens e também o padrinho de Giuliano e o homem em quem ele mais confia. Será o intermediário e promoverá as pazes entre Giuliano e eu. Mas preciso ter as suas garantias indispensáveis, de uma forma concreta.

O ministro comentou, sarcasticamente:

— Gostaria de uma carta assinada dizendo que amo o bandido que estou tentando capturar?

Era a grande força do Don nunca dar atenção a um tom insultuoso, uma falta de respeito, embora guardasse a tudo cuidadosamente em seu coração. Ele respondeu suavemente, o rosto convertido numa máscara inescrutável:

— Não há necessidade. Basta que me entregue uma cópia dos planos do chefe do estado-maior para desfechar uma campanha contra Giuliano. E também uma cópia de sua ordem para enviar mil *carabinieri* em reforço da guarnição da ilha. Mostrarei essas cópias a Giuliano e prometerei que você não as porá em prática, se ele nos ajudar a educar os eleitores sicilianos. Isso não o incriminará depois... sempre poderá alegar que a cópia foi roubada. E prometerei a Giuliano que ele obterá um perdão se os democratas-cristãos vencerem as próximas eleições.

— Quanto a isso, não há a menor possibilidade — protestou o ministro. — Um perdão está além da minha competência.

— Mas uma promessa não está além da sua competência — explicou Don Croce. — E depois, se for possível, ótimo. Mas se descobrir que é impossível, transmitirei a ele a má notícia.

O ministro viu a luz. Compreendeu, como Don Croce queria, que ao final o Don teria de se livrar de Giuliano, que os dois não podiam coexistir na Sicília. E Don Croce assumiria plena responsabilidade por isso, o ministro não precisaria se preocupar com a solução do problema. Claro que sempre se podia fazer promessas. E ele só precisava entregar a Don Croce as cópias dos dois planos militares. O ministro ponderou sobre a sua decisão. Don Croce abaixou a sua cabeça maciça e disse suavemente:

— Se o perdão for possível, eu o recomendarei.

O ministro estava de pé, andando de um lado para outro da sala, refletindo sobre todas as complicações que poderiam surgir. Don Croce não virou a cabeça ou o corpo em nenhum momento para acompanhar seus movimentos. O ministro disse:

— Prometa a ele o perdão em meu nome, mas quero que saiba desde já que será muito difícil. O escândalo talvez seja demasiado. Se os jornais sequer soubessem que nos encontramos, tratariam de me esfolar vivo. E eu seria obrigado a me retirar para a minha fazenda na Sicília, a fim de pegar merda com a pá e tosquiar ovelhas. É realmente necessário que você tenha cópias dos planos?

— Nada se pode fazer sem isso — respondeu Don Croce, a voz de tenor tão poderosa e convincente como a de um grande cantor. — Giuliano precisa de alguma prova de que nós dois somos amigos e de uma recompensa prévia de nossa parte por seus serviços. Conseguimos as duas coisas quando eu lhe mostrar os planos e prometer que não serão postos em prática. Ele poderá operar tão livremente quanto antes, sem precisar combater um exército ou mil *carabinieri* extras. A posse dos planos confirmará minha ligação com você; e quando os planos não forem postos em prática, não restará qualquer dúvida sobre a minha influência em Roma.

O Ministro Trezza serviu outro café a Don Croce.

— Concordo com tudo. Confio em nossa amizade. A discrição é essencial. Mas eu me preocupo com a sua segurança. Depois que Giuliano

cumprir a sua parte e não for perdoado, certamente vai considerá-lo responsável.

O Don balançou a cabeça, mas não disse nada. Tomou um gole do café. O ministro observava-o atentamente e acrescentou:

— Vocês dois não podem coexistir numa ilha tão pequena.

O Don sorriu.

— Darei espaço para ele. Há bastante tempo.

— Ótimo, ótimo — disse o Ministro Trezza. — E lembre-se de uma coisa: se eu puder prometer a meu partido os votos da Sicília nas próximas eleições e se depois puder resolver o problema de Giuliano com glória para o governo, não há como prever quão alto poderei subir ao poder na Itália. Mas não importa quão alto seja, nunca o esquecerei, meu caro amigo. Terá sempre o meu ouvido.

Don Croce mudou de posição na poltrona e meditou se valia a pena transformar aquele imbecil siciliano no primeiro-ministro da Itália. Mas a sua própria estupidez seria um trunfo para os Amigos dos Amigos; e se ele se tornasse traiçoeiro, seria um homem fácil de destruir. E Don Croce disse, no tom sincero pelo qual era famoso:

— Agradeço a sua amizade e farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo em seu destino. Estamos de acordo. Partirei para Palermo amanhã de tarde e ficaria agradecido se os planos e os outros documentos fossem entregues em meu hotel pela manhã. Quanto a Giuliano, se não puder obter um perdão para ele depois que realizar o seu trabalho, providenciarei para que desapareça. Talvez para a América. Ou para qualquer outro lugar, onde não possa mais causar problemas.

E, assim, os dois homens se separaram. Trezza, o Siciliano, que optara por preservar a sociedade, e Don Croce; que considerava a estrutura e a lei de Roma como o demônio posto na Terra para escravizá-lo. Pois Don Croce acreditava na liberdade, uma liberdade que lhe pertencia pessoalmente, que nada devia a qualquer outra força, conquistada apenas pelo respeito que merecia dos seus conterrâneos sicilianos. Era uma pena, pensou Don Croce, que o destino o opusesse a Turi Giuliano, um homem

chegado a seu coração, e não àquele patife hipócrita que era o Ministro da Justiça.

* * *

De volta a Palermo, Don Croce imediatamente chamou Hector Adonis para uma conversa. Falou sobre o encontro com Trezza e o acordo que haviam feito. E depois mostrou as cópias dos planos do governo para a guerra contra Giuliano. O homenzinho ficou aflito, o que era exatamente o efeito que o Don desejava.

— O ministro prometeu-me que não aprovará estes planos e que nunca serão executados — explicou Don Croce. — Mas seu afilhado terá de usar todo o poder de que dispõe para influenciar as próximas eleições. Deve se mostrar firme e forte, não se preocupar tanto com os pobres. Deve pensar em sua própria pele. Deve compreender que uma aliança com Roma e o Ministro da Justiça é uma oportunidade única. Trezza comanda todos os *carabinieri*, toda a polícia, todos os juízes. E pode algum dia se tornar o primeiro-ministro da Itália. Se isso acontecer, Turi Giuliano poderá voltar ao seio da família e talvez mesmo iniciar uma grande carreira na política. O povo da Sicília o ama.

Mas, por enquanto, ele deve perdoar e esquecer. Conto com você para influenciá-lo.

— Mas como ele poderia acreditar nas promessas de Roma? — disse Hector Adonis. — Turi sempre lutou pelos pobres. Não faria coisa alguma contra os interesses deles.

Don Croce disse bruscamente:

— Ele não é um comunista, com toda certeza. Promova um encontro meu com Giuliano. Eu o convencerei. Se somos os dois homens mais poderosos da Sicília por que não podemos trabalhar juntos? Ele recusou antes, mas os tempos mudam. Agora, será a salvação dele, assim como a nossa. Os comunistas esmagarão a nós dois com igual prazer. Um Estado comunista não pode permitir um herói como Giuliano ou um vilão como eu. Irei ao seu encontro onde quer que ele deseje. E diga a ele que garanto as promessas de Roma. Se os democratas-cristãos vencerem as próximas eleições, serei responsável por seu perdão. Empenho nisso a minha vida e honra.

Hector Adonis compreendia que Don Croce se exporia à ira de Giuliano se as promessas do Ministro Trezza não fossem cumpridas.

— Posso levar os planos para mostrar a Giuliano? — perguntou ele.

Don Croce refletiu por um momento. Sabia que nunca teria os planos de volta e que, ao entregá-los, estaria proporcionando a Giuliano uma arma para o futuro. Ele acabou sorrindo para Hector Adonis.

— Claro que pode levá-lo, meu caro professor.

* * *

Esperando por Hector Adonis, Turi Giuliano ponderou sobre o seu futuro curso de ação. Compreendera que as eleições e as vitórias dos partidos de esquerda fariam com que Don Croce o procurasse, em busca de ajuda.

Há quase quatro anos que Giuliano distribuía centenas de milhões de liras e alimentos aos pobres de seu canto da Sicília. Mas só poderia realmente ajudá-los se conquistasse algum poder.

Ficara perturbado com a leitura dos livros de economia e política que Hector Adonis lhe trouxera. A história mostrava que os partidos da esquerda constituíam a única esperança para os pobres, em todos os países, com exceção da América. Mesmo assim, ele ainda não era capaz de apoiá-los. Odiava-os por suas pregações contra a Igreja e seu desdém aos vínculos familiares medievais dos sicilianos. E sabia que um governo socialista faria um esforço maior para desalojá-lo das montanhas do que os democratas-cristãos.

Era noite e Giuliano observou as fogueiras de seus homens, descendo pela montanha. Do penhasco sobre Montelepre, ele podia ocasionalmente ouvir trechos da música saindo pelos alto-falantes na praça, transmitindo uma rádio de Palermo. Podia contemplar a cidade como um padrão geométrico de luzes, formando um círculo quase perfeito. Pensou por um momento que, quando Adonis chegasse e depois que tratassem dos negócios, acompanharia o padrinho na descida da montanha e visitaria os pais e La Venera. Não tinha qualquer medo de fazê-lo. Depois de três anos, controlava totalmente a província. O

destacamento de *carabinieri* na cidade estava totalmente intimidado e, além disso, ele levaria homens do seu bando em quantidade suficiente para massacrá-lo, se por acaso se atrevesse a chegar perto da casa de sua mãe. Tinha agora partidários armados vivendo na própria Via Bella.

Assim que Adonis chegou, Turi Giuliano levou-o para a caverna grande, onde havia uma mesa e cadeira, iluminada por lampiões americanos de bateria. Hector Adonis abraçou-o e entregou um pacote de livros, que Giuliano aceitou agradecido. Adonis também entregou uma pasta com documentos.

— Tenho certeza que achará isto muito interessante. Deve ler imediatamente.

Giuliano estendeu os papéis sobre a mesa de madeira. Eram as ordens assinadas pelo Ministro Trezza, autorizando o envio de mais mil *carabinieri* do continente para a Sicília, a fim de lutar contra os bandidos de Giuliano. Lá estavam também os planos do chefe do estado-maior do exército. Giuliano estudou tudo sombriamente. Não sentia medo. Simplesmente teria de se embrenhar mais fundo pelas montanhas. Mas o aviso antecipado era oportuno.

— Quem lhe entregou estes documentos? — ele perguntou a Adonis.

— Don Croce. Que os recebeu do próprio Ministro Trezza.

Turi não pareceu tão surpreso quanto deveria ficar pela notícia. Ao contrário, até sorriu ligeiramente.

— O objetivo é me assustar? — indagou ele. — As montanhas são profundas. Todos os homens que eles puderem mandar serão tragados pelas montanhas e continuarei a dormir tranquilamente debaixo de uma árvore.

— Don Croce quer se encontrar com você. Irá a qualquer lugar que você escolher. Esses planos são um sinal de sua boa vontade. Ele tem uma proposta a apresentar.

— E você, meu padrinho, aconselha-me a aceitar o encontro com Don Croce?

Ele observava Hector atentamente. A resposta foi simples:

— Sim.

Turi Giuliano balançou a cabeça.

— Pois então nos encontraremos em sua casa, em Montelepre. Tem certeza de que Don Croce correrá o risco?

Adonis declarou solenemente:

— E por que não haverá de fazê-lo? Terá a minha palavra de que estará seguro. E eu terei a sua palavra, Turi, na qual confio mais do que em qualquer outra coisa no mundo.

Giuliano pegou as mãos de Hector.

— Assim como eu também confio na sua. Obrigado por estes planos e obrigado por estes livros que me trouxe. Vai me ajudar com um deles esta noite, antes de partir.

— Claro.

E pelo resto da noite, em sua magnífica voz de professor, Hector Adonis explicou passagens difíceis do livro que trouxera. Giuliano escutou atentamente, formulou perguntas. Era como se fossem mestre-escola e menino juntos, como acontecera tantos anos antes.

Foi nessa noite que Hector Adonis sugeriu a Giuliano que mantivesse um Testamento. Um documento que seria um registro de tudo o que acontecia a seu bando, que detalharia qualquer acordo secreto que Giuliano viesse a fazer com Don Croce e o Ministro Trezza. Poderia se tornar uma grande proteção.

Giuliano se mostrou imediatamente entusiasmado. Mesmo que não tivesse qualquer poder, mesmo que fosse perdido, ele sonhou que talvez, um século depois, outro rebelde pudesse descobrir o Testamento. Como ele e Pisciotta haviam descoberto os ossos do elefante de Aníbal.

CAPÍTULO 19

O encontro histórico ocorreu dois dias depois. E nesse curto prazo a cidadezinha de Montelepre fervilhou com rumores de que o grande Don Croce Malo estava chegando, de chapéu na mão, a fim de se encontrar com o glorioso herói local, Turi Giuliano. Nunca se soube como o segredo transpirou. Talvez fosse porque Giuliano adotou precauções extraordinárias para a reunião. Suas patrulhas postaram-se em posição para fechar a estrada de Palermo e quase cinquenta de seus homens, que tinham parentes em Montelepre, foram visitá-los ao mesmo tempo, passando a noite em suas casas.

Passatempo foi enviado com seus homens para fechar o Quartel Bellampo e imobilizar os *carabinieri*, se por acaso eles se atrevessem a sair em patrulha. Os homens de Terranova controlavam a estrada de Castellammare e Trapani. O Cabo Canio Silvestro estava num telhado com cinco dos seus melhores atiradores, armados com rifles e uma metralhadora pesada, camuflada pelas estruturas de vimes para secar tomates em pasta, usada por muitas famílias de Montelepre.

Don Croce apareceu ao crepúsculo num enorme Alfa Romeo, que parou diante da casa de Hector Adonis. Ele saltou com o irmão, Padre Benjamino, enquanto os dois guardas armados permaneciam no carro, junto com o motorista. Hector Adonis aguardava-os na porta, vestido ainda mais elegantemente do que o habitual, em seu terno cinza feito especialmente em Londres, uma gravata listrada preta e vermelha, uma camisa branca espetacular. Fazia um tremendo contraste com o Don, que parecia vestido ainda mais negligentemente do que o habitual, a cintura imensa envolvida por uma calça que o fazia dar a impressão de um ganso bamboleando, a camisa sem gola e desabotoada no pescoço, um casaco preto e grosso que não fechava na frente, deixando à mostra os suspensórios brancos, com três centímetros de largura, que sustentavam a calça. Os sapatos eram como chinelas finas.

O Padre Benjamino estava com o traje clerical e usava o seu chapéu preto empoeirado habitual, como se fosse uma panela redonda. Ele abençoou a casa antes de entrar, fazendo o sinal-da-cruz e murmurando uma bênção.

Hector Adonis possuía a melhor casa de Montelepre e tinha orgulho disso. Os móveis eram da França e os quadros haviam sido comprados criteriosamente de pintores menores vivos italianos. Sua louça era da Alemanha e a criada uma italiana de meia-idade que fora treinada na Inglaterra, antes da guerra. Ela serviu café depois que os três homens se sentaram na sala de estar, esperando por Giuliano.

Don Croce sentia-se absolutamente seguro. Sabia que Giuliano não desonraria o padrinho pela traição de sua palavra empenhada. O Don sentia uma expectativa agradável. Iria encontrar agora e julgar pessoalmente a verdadeira grandeza daquela estrela em ascensão. E, no entanto, ele ficou um pouco surpreso pela maneira discreta como Giuliano entrou na casa. Não houve qualquer barulho na rua calçada de pedras, nenhum ruído da porta se abrindo e fechando. Mas, subitamente, Giuliano estava parado na arcada que dava para a sala de jantar. Don Croce ficou impressionado por sua beleza.

A vida nas montanhas alargara o peito e afinara o rosto de Giuliano. Ainda era oval, mas as faces se tornaram enxutas, o queixo pontudo. Os olhos pareciam de estátua, de um castanho-dourado, com os curiosos círculos prateados que pareciam fixar os globos oculares nas órbitas. As roupas também contribuíam para ressaltar sua beleza, uma calça de molesquim elegante, uma camisa branca recentemente lavada e passada. Ele usava ainda um blusão de caçador de um castanho-avermelhado, largo, por baixo do qual estava pendurada a pistola automática que sempre carregava. Acima de tudo, parecia excepcionalmente jovem, não mais que um menino, embora já estivesse com 24 anos.

Como um garoto assim pudera desafiar Roma, sobrepujar em astúcia os Amigos dos Amigos, inspirar devoção no perigoso Andolini, manter sobre controle a brutalidade de Passatempo, conquistar um quarto da Sicília e o amor do povo de toda a ilha? Don Croce sabia que Giuliano era extraordinariamente corajoso, mas a Sicília estava repleta de bravos que iam prematuramente para a sepultura, presas fáceis de traições.

E depois, enquanto Don Croce ainda duvidava dele, Turi Giuliano fez uma coisa que lhe agradou o coração e convenceu-o de que estava

certo ao transformar aquele garoto em seu aliado. Ele entrou na sala e avançou diretamente para Don Croce, dizendo:

— *Bacio tua mano*.

Era a tradicional saudação do camponês siciliano a um homem de posição superior, um padre, proprietário rural ou nobre. "Beijo a sua mão." E Giuliano tinha um sorriso jovial no rosto. Mas Don Croce sabia exatamente por que ele dissera aquilo. Não era para demonstrar subserviência ou mesmo respeito por sua idade. Fora dito porque o Don se colocara sob o seu poder e Giuliano queria demonstrar respeito pela confiança. Don Croce levantou-se devagar, as bochechas se tomando um pouco mais escuras pelo esforço. Abraçou Giuliano. Aquele era um nobre jovem e queria mostrar sua afeição. Ao fazê-lo, pôde ver o rosto de Hector Adonis radiante de orgulho — o afilhado comprovara que era um cavalheiro.

Pisciotta passou pela arcada e observou a cena com um sorriso sombrio. Sua beleza também era extraordinária, mas fazia um grande contraste com a de Giuliano. A doença dos pulmões lhe emagrecera o corpo e o rosto. Os ossos do rosto pareciam se projetar contra a pele azeitonada. Os cabelos estavam cuidadosamente penteados, de um preto lustroso, enquanto os cabelos de Giuliano, de um castanho-amarelado, se achavam cortados rentes, como se fossem um capacete.

Quanto a Turi Giuliano, esperara pegar o Don de surpresa com a sua saudação, mas acabou se surpreendendo com a total compreensão de Don Croce e a aceitação afetuosa e graciosa. Ele estudou o corpo volumoso de Don Croce e se tornou ainda mais alerta. Aquele era um homem perigoso. Não apenas pela reputação, mas também pela aura de poder que o cercava. O tamanho do corpo, que deveria ser grotesco, parecia irradiar uma energia aquecida que preenchia a sala. E quando falou, a voz que saiu da cabeça maciça possuía quase a magia do coral musical. Havia nele um fascínio extraordinário quando se empenhava em convencer que era uma combinação de sinceridade, poder e cortesia refinada, algo estranho num homem que parecia tão impolido em tudo mais que fazia.

— Há anos que venho acompanhando-o e aguardei muito tempo por este dia. Agora que chegou, você confirma todas as minhas

expectativas.

— Sinto-me lisonjeado. — Giuliano mediu com todo cuidado suas palavras seguintes, sabendo o que se esperava dele. — Sempre tive a esperança de que nos tornaríamos amigos.

Don Croce acenou com a cabeça e passou a explicar o acordo a que chegara com o Ministro Trezza. Que se Giuliano ajudasse a "educar" o povo da Sicília a votar direito nas próximas eleições, então se encontraria um meio de obter-lhe o perdão. Giuliano poderia voltar ao seio da família como um cidadão comum, deixando de ser um bandido. Como prova da realidade do acordo, o Ministro Trezza entregara os planos para a luta contra Giuliano ao Don. Levantando a mão para enfatizar suas palavras seguintes, Don Croce acrescentou:

— Se você concordar, os planos serão vetados pelo ministro. Não haverá a expedição do exército ou os mil *carabinieri* extras enviados para a Sicília.

Don Croce viu que Giuliano escutava atentamente, mas não parecia surpreso. Ele continuou:

— Todos na Sicília conhecem a sua preocupação com os pobres. Pode-se pensar que você apoiaria os partidos de esquerda. Mas sei de sua crença em Deus, pois afinal é um siciliano. E quem não conhece a devoção à sua mãe? Quer realmente os comunistas governando a Itália? O que aconteceria à Igreja? O que aconteceria à família? Os jovens da Itália e Sicília que lutaram na guerra estão infeccionados por crenças estrangeiras, doutrinas políticas que não têm lugar na Sicília. Os sicilianos podem encontrar o seu próprio caminho para um destino melhor. E você quer realmente um estado todo-poderoso, que não toleraria a rebeldia de seus cidadãos? Um governo de esquerda não desfecharia certamente uma grande campanha contra nós dois, pois não somos os verdadeiros soberanos da Sicília? Se os partidos de esquerda ganharem as próximas eleições, poderá chegar o dia em que haverá russos nas aldeias da Sicília, decidindo quem pode frequentar a igreja. Nossos filhos iriam a escolas que lhes ensinariam que o Estado se encontra acima da mãe e pai tão sagrados. 0 que vale isso? Nada. E este é o momento para que cada siciliano autêntico defenda a sua família e sua honra contra o Estado.

Houve uma interrupção inesperada. Pisciotta ainda se encostava na parede da arcada e disse agora, sardonicamente:

— Talvez os russos nos deem o nosso perdão.

Um vento frio soprou pela mente do Don. Mas ele não demonstrou a raiva que sentiu daquele insolente rapaz de bigodinho. Ele estudou o homem. Por que Pisciotta chamara a atenção pára si mesmo naquele momento? Por que quisera que o Don o notasse? Don Croce especulou se aquele jovem teria algum proveito. Com seu instinto infalível, farejou uma podridão naquele que era o subordinado de mais confiança de Giuliano. Talvez fosse a doença dos pulmões, talvez o cinismo da mente. Pisciotta era um homem que nunca poderia confiar completamente em alguém; assim, por definição, era um homem que não podia merecer completamente a confiança de ninguém. Don Croce refletiu sobre tudo isso antes de responder:

— Quando uma nação estrangeira já ajudou a Sicília? Quando um estrangeiro já concedeu justiça a um siciliano? Os jovens como você — ele olhava diretamente para Pisciotta — são a nossa única esperança. Astúcia, bravura e o orgulho pela honra. Há mil anos que homens assim se juntam aos Amigos dos Amigos para lutarem contra os opressores, buscar a justiça pela qual Turi Giuliano luta agora. Este é o momento para todos nos unirmos, a fim de preservar a Sicília.

Giuliano parecia impermeável ao poder da voz do Don. E disse, com uma brusquidão deliberada:

— Mas sempre lutamos contra Roma e os homens enviados para nos governar. Eles sempre foram os nossos inimigos. E agora você nos pede para ajudá-los, confiar neles?

Don Croce disse, solenemente:

— Há ocasiões em que é conveniente fazer uma causa comum com o inimigo. Os democratas-cristãos são os menos perigosos para nós, se conquistarem a Itália. Portanto, nosso objetivo deve ser o de que eles vençam as eleições. O que poderia ser mais simples?

Ele fez uma breve pausa, antes de continuar:

— Os esquerdistas nunca lhe concederão o perdão. Pode estar certo disso. Eles são por demais hipócritas e implacáveis, não conhecem o caráter siciliano. Claro que os pobres terão a sua terra, mas poderão ficar com o que produzirem? Pode imaginar nosso povo a trabalhar numa cooperativa? Deus do céu, eles se matarão uns aos outros, discutindo se a Virgem Maria usará uma túnica branca ou uma túnica vermelha em nossas procissões religiosas.

Tudo isso foi dito com o tom irônico de um homem que queria que sua audiência soubesse que estava exagerando, mas que havia um fundo de verdade no exagero.

Giuliano escutou com um ligeiro sorriso. Sabia que algum dia podia se tornar necessário matar aquele homem; mas tamanho era o respeito que Don Croce inspirava por sua presença, e tal o poder de sua personalidade, que Giuliano se retraiu ao pensamento. Como se, por sequer pensar em tal perspectiva, ele se colocasse contra o seu próprio pai, algum profundo sentimento de família. Tinha de tomar uma decisão e seria a mais importante desde que se tornara um bandido. E Giuliano disse, suavemente:

— Concordo com você sobre os comunistas. Eles não servem para os sicilianos. — Giuliano fez uma pausa. Sentia que agora era o momento de fazer Don Croce se curvar à sua vontade. — Mas se eu fizer o trabalho sujo para Roma, tenho de prometer recompensa aos meus homens. O que Roma pode fazer por nós?

Don Croce terminara de tomar o café. Hector Adonis levantou-se para servir mais, mas Don Croce acenou que não queria. E disse a Giuliano:

— Não temos nos saído tão mal para você. Andolini lhe fornece informações sobre os movimentos dos *carabinieri* e assim pode sempre vigiá-los. E eles não adotaram medidas extraordinárias para arrancá-lo de suas montanhas. Mas sei que isso não é suficiente. Permita-me agora prestar-lhe um favor que alegrará meu coração e proporcionará alegria à sua mãe e seu pai. Na presença de seu padrinho, na presença de seu sincero amigo Aspanu Pisciotta, eu lhe declaro o seguinte: moverei céus e terras para garantir-lhe o perdão e também para os seus homens, é claro.

Giuliano já tomara a sua decisão, mas queria obter todas as garantias possíveis.

— Concordo com quase tudo o que você falou — disse ele. — Amo a Sicília e seu povo, acredito na justiça, embora viva como um bandido. Faria praticamente qualquer coisa para voltar à minha casa e a meus pais. Mas como pode fazer Roma cumprir as promessas feitas a mim? Isso é a chave de tudo. O serviço que pede é perigoso. Devo ter minha recompensa.

O Don refletiu a respeito. E depois disse, lenta e cuidadosamente:

— Você está certo ao ser cauteloso. Mas tem os planos que pedi ao Professor Adonis que lhe mostrasse. Guarde-os como prova de seu relacionamento com o Ministro Trezza. E tentarei obter outros documentos que você possa usar e que Roma venha a temer que divulgue, numa de suas famosas cartas aos jornais. E, finalmente, garanto o perdão pessoalmente, se concluir sua missão e os democratas-cristãos vencerem as eleições. O Ministro Trezza tem o maior respeito por mim e nunca romperia a sua promessa.

Hector Adonis tinha no rosto uma expressão excitada e satisfeita. Já estava imaginando a felicidade de Maria Lombardo quando o filho voltasse para casa, deixando de ser um fugitivo. Sabia que Giuliano hesitava por necessidade, mas achava que a aliança do afilhado e Don Croce contra os comunistas poderia ser o primeiro elo numa corrente que uniria os dois homens numa amizade sincera.

O fato de Don Croce garantir o perdão do governo impressionou até a Pisciotta. Mas Giuliano podia perceber a falha essencial na argumentação do Don. Como ele podia ter certeza de que tudo aquilo não passava de mera invenção do Don? Que os planos não haviam sido roubados? Que já não tinham sido vetados pelo ministro? Ele precisava de um encontro direto com Trezza.

— Isso me tranquiliza — disse Giuliano. — A garantia pessoal demonstra a generosidade de seu coração e por que o povo da Sicília o chama de “A Boa Alma”. Mas a traição de Roma é notória e os políticos... sabemos o que eles são. Eu gostaria que alguém em quem confio ouvisse a

promessa dos lábios do próprio Trezza, além de um documento dele oferecendo algumas garantias.

O Don ficou atônito. Durante toda a entrevista, experimentara sentimentos de afeição por Turi Giuliano. Acalentara pensamentos do que poderia ter sido se aquele jovem fosse seu filho. Os dois poderiam dominar a Sicília juntos. E com que graciosidade ele dissera "Beijo a sua mão"! O Don sentira-se encantado, uma das poucas vezes em sua vida em que isso acontecera. Mas agora ele compreendeu que Giuliano não estava aceitando as suas garantias e o sentimento de afeição foi ofuscado. Tinha consciência daqueles olhos estranhamente meio fechados a fixá-lo com uma expressão peculiar, aguardando provas adicionais, garantias adicionais. Pois as garantias de Don Croce Malo não eram suficientes.

Houve um silêncio prolongado, o Don considerando o que deveria dizer em seguida, os outros esperando. Hector Adonis tentou disfarçar a sua consternação pela persistência de Giuliano e seu medo da reação de Don. O rosto branco e rechonchudo do Padre Benjamino assumira a expressão de um buldogue insultado. Mas, finalmente, o Don falou e tranquilizou a todos. Compreendera o que se passava na mente de Giuliano e o que ele precisaria.

— É do meu interesse que você concorde. Talvez por isso eu tenha me deixado levar por meus próprios argumentos. Mas deixe-me ajudá-lo a tomar sua decisão. Em primeiro lugar, quero lhe dizer que o Ministro Trezza jamais entregará qualquer documento... seria perigoso demais. Mas ele falará com você e repetirá as promessas que me fez. Posso obter cartas do Príncipe Ollorto e de outros membros poderosos da nobreza que estão comprometidos com a nossa causa. Talvez melhor do que isso, tenho um amigo que poderá convencê-lo ainda mais. Saiba que a Igreja Católica apoiará seu perdão. Tenho a palavra do Cardeal de Palermo. Depois de você ouvir o Ministro Trezza, providenciarei uma audiência com o cardeal. Ele também lhe fará a promessa diretamente. Assim, você terá a palavra do Ministro da Justiça por toda a Itália, a palavra sagrada de um cardeal da Santa Igreja Católica, que algum dia pode se tornar nosso Papa, e a minha.

Era impossível descrever a maneira como o Don pronunciou as três últimas palavras. Sua voz de tenor baixou humildemente, como se

quase não se atrevesse a incluir a si mesmo entre os outros. Mas havia também uma carga extra de energia nas palavras "e a minha" que não deixava a menor dúvida quanto à importância de sua promessa. Giuliano soltou uma risada.

— Não posso ir a Roma.

— Pois mande alguém em quem confie absolutamente — sugeriu Don Croce. — Eu o levarei ao Ministro Trezza pessoalmente. E depois o levarei ao cardeal. Pode confiar na palavra de um príncipe da Santa Igreja, não é mesmo?

Giuliano estudou Don Croce atentamente. Sinais de advertência afloravam em seu cérebro. Por que Don Croce se mostrava tão ansioso em ajudá-lo? Certamente sabia que ele, Giuliano, não podia ir a Roma, que jamais correria esse risco, mesmo que mil cardeais e ministros lhe dessem sua palavra. Então quem o Don esperava que ele indicasse como seu emissário?

— Não há pessoa em que eu confie mais do que no meu subchefe — disse Giuliano ao Don. — Leve Aspanu Pisciotta com você a Roma e Palermo. Ele gosta das cidades grandes. E se o cardeal ouvir a sua confissão, talvez até mesmo os seus pecados sejam perdoados.

Don Croce recostou-se na cadeira e fez sinal para que Hector Adonis tornasse a encher sua xícara com café. Era um velho truque seu, para disfarçar a satisfação e senso de triunfo. Como se o problema em questão fosse tão desinteressante que um desejo externo poderia prevalecer. Mas Giuliano, que provara ser um guerrilheiro brilhante depois que se tornara um bandido, teve uma percepção intuitiva dos movimentos e padrões de pensamento de Don Croce. E compreendeu imediatamente o sentimento de satisfação. Don Croce conquistara um objetivo muito importante. Não podia adivinhar que Don Croce queria, mais do que qualquer outra coisa, passar algum tempo a sós com Aspanu Pisciotta.

* * *

Dois dias depois, Pisciotta acompanhou Don Croce a Palermo e Roma. Don Croce tratou-o como se ele fosse a realeza. E, na verdade, Pisciotta tinha o rosto do general dos Bórgias, Cesare. Os planos bem definidos, o bigode pequeno, a pele morena e amarelada tipicamente

asiática, os olhos cruéis e insolentes, cheios de charme e com uma suspeita impudente de tudo no mundo.

Eles se hospedaram no Hotel Umberto, em Palermo, que pertencia a Don Croce. Pisciotta mereceu todas as cortesias. Foi levado a comprar roupas novas para seu encontro em Roma com o Ministro da Justiça. Jantou com Don Croce no melhor restaurante. E depois Pisciotta e Don Croce foram recebidos pelo Cardeal de Palermo.

Era extraordinário que Pisciotta, um jovem de uma pequena cidade da Sicília, criado na fé católica, não se mostrasse intimidado por aquela audiência, pelos vastos salões do palácio do cardeal, pela subserviência digna demonstrada por todos ao poder sagrado. Enquanto Don Croce beijava o anel cardinalício, Pisciotta olhava para o cardeal com uma expressão orgulhosa.

O cardeal era um homem alto. Usava uma boina vermelha e um manto escarlate, com uma faixa. As feições eram rudes e marcadas pela varíola. Não era um homem que pudesse jamais receber um único voto para o papado, apesar da retórica de Don Croce, mas era um intrigante experiente, um autêntico siciliano.

Houve as cortesias habituais. O cardeal indagou gravemente pela saúde espiritual de Pisciotta. Lembrou-lhe que, quaisquer que fossem os pecados cometidos aqui na Terra, nenhum homem devia esquecer que o perdão eterno o aguardava se fosse um cristão apropriado.

Depois de assim assegurar a Pisciotta a anistia espiritual, o cardeal passou ao que realmente importava. Disse a Pisciotta que a Santa Igreja corria um perigo mortal na Sicília. Se os comunistas vencessem as eleições nacionais, quem poderia saber o que aconteceria? As grandes catedrais seriam incendiadas e saqueadas, convertidas em fábricas. As estátuas da Virgem Maria, as cruzes de Jesus e as efígies de todos os santos seriam jogadas no Mediterrâneo. Os padres seriam assassinados e as freiras estupradas.

Ao ouvir o último comentário, Pisciotta sorriu. Que siciliano, mesmo que fosse o cão danado de um comunista, um dia sonharia em estuprar uma freira? O cardeal percebeu o sorriso. Se Giuliano ajudasse a suprimir a propaganda comunista antes das próximas eleições, ele, o

próprio cardeal, pregaria um sermão no Domingo de Páscoa exaltando as virtudes de Giuliano e pedindo a clemência do governo de Roma. E Don Croce poderia dizer a mesma coisa ao ministro, quando se reunissem em Roma.

Com isso, o cardeal encerrou a entrevista e abençoou Aspanu Pisciotta. Antes de se retirar, Aspanu pediu ao cardeal um pequeno bilhete para entregar a Giuliano, a fim de provar que a entrevista ocorrera mesmo. O cardeal atendeu. O Don ficou aturdido com tamanha idiotice por parte de um príncipe da Santa Igreja Católica, mas não disse nada.

* * *

A reunião em Roma foi mais ao estilo de Pisciotta. O Ministro Trezza não simulou as qualidades espirituais do cardeal. Afinal, ele era um Ministro da Justiça e aquele Pisciotta não passava do emissário de um bandido. Ele explicou a Pisciotta que, se o Partido Democrata-Cristão perdesse as eleições, os comunistas adotariam medidas extraordinárias para exterminar os últimos bandidos remanescentes na Sicília. Era verdade que os *carabinieri* ainda lançavam expedições contra Giuliano, mas isso não se podia evitar. Era preciso preservar as aparências ou os jornais radicais criariam o maior escândalo. Pisciotta interrompeu-o:

— Sua Excelência está me dizendo que seu partido nunca pode conceder anistia a Giuliano?

— Será difícil, mas não impossível — respondeu o Ministro Trezza. — Se Giuliano nos ajudar a vencer as eleições. Se depois ele permanecer quieto por algum tempo, sem cometer sequestros ou assaltos. Se der um jeito para que seu nome não seja tão notório. Talvez ele possa até emigrar para a América por algum tempo e voltar perdoado por todos. Mas uma coisa posso garantir, se vencermos as eleições: não envidaremos esforços mais sérios para capturá-lo. E se ele quiser emigrar para a América, não o impediremos nem convenceremos as autoridades americanas a deportá-lo. — Ele fez uma pausa, antes de arrematar:

— Pessoalmente, farei tudo o que estiver ao meu alcance para persuadir o Presidente da Itália a perdoá-lo.

Pisciotta indagou, novamente com um ligeiro sorriso:

— Mas se nos tornarmos cidadãos exemplares, como comeremos. Giuliano, seus homens e suas famílias? Não há um meio do governo nos pagar? Afinal, vamos fazer o seu trabalho sujo.

Don Croce, que estava escutando de olhos fechados, como um réptil dormindo, apressou-se em falar, a fim de conter a resposta furiosa do Ministro da Justiça, que estava explodindo de raiva pelo fato daquele bandido se atrever a pedir dinheiro ao governo:

— Uma brincadeira, Excelência. Trata-se de um jovem que sai da Sicília pela primeira vez. Não compreende a moral rigorosa do mundo exterior. O problema do sustento não lhe diz respeito. Eu cuidarei de Giuliano pessoalmente.

Ele lançou um olhar de advertência para Pisciotta, a fim de mantê-lo calado. Mas o ministro exibiu subitamente um sorriso no rosto e disse a Pisciotta:

— Estou contente por constatar que a juventude da Sicília não mudou. Eu também já fui assim. Não temos medo de pedir o que nos é devido. Talvez lhe agrade receber alguma coisa mais concreta do que promessas.

Ele abriu uma gaveta da mesa e tirou um cartão laminado de borda vermelha. Entregando a Pisciotta, o ministro acrescentou:

— Este é um passe especial, assinado por mim. Pode ir a qualquer lugar da Itália ou Sicília sem que a polícia o incomode. Vale seu peso em ouro.

Pisciotta fez uma mesura em agradecimento e guardou o passe no bolso interno do paletó. Na viagem para Roma, ele vira Don Croce usar um passe assim; sabia que ganhara um presente de valor. Mas, depois, um pensamento lhe ocorreu: E se fosse capturado com aquilo? Haveria um escândalo que abalaria o país. O segundo homem do bando de Giuliano levando um passe especial assinado pelo próprio Ministro da Justiça? Como era possível? Sua mente se empenhou em resolver o enigma, mas não encontrou qualquer resposta. O Ministro Trezza devia estar muito certo do seu poder. Mas por que lhe dar o passe? E esse era um enigma que ele não podia resolver.

O presente de um documento tão importante representava um ato de fé e boa vontade da parte do ministro. A suntuosidade da hospitalidade de Don Croce durante a viagem era gratificante. Mas tudo isso não foi suficiente para convencer Pisciotta. Ele pediu a Trezza que escrevesse um bilhete a Giuliano confirmando que o encontro ocorrera. Trezza recusou.

* * *

Quando Pisciotta voltou às montanhas, Giuliano interrogou-o meticulosamente, fazendo-o repetir cada palavra de que podia se lembrar. Pisciotta mostrou-lhe o passe especial de borda vermelha e manifestou sua perplexidade sobre o motivo pelo qual o recebera, tendo em vista os perigos que o ministro corria por assiná-lo. Giuliano afagou-lhe o ombro e disse:

— Você é um verdadeiro irmão. É muito mais desconfiado do que eu, mas sua lealdade a mim ofuscou-o para o óbvio. Don Croce deve ter dito a ele que lhe desse o passe. Esperam que você faça uma viagem especial a Roma e se torne o informante deles.

Pisciotta compreendeu no mesmo instante que isso devia ser verdade.

— Aquele bode sem-vergonha! — exclamou ele, com uma ira terrível. — Usarei o passe para voltar e lhe cortar a garganta.

— Não, Aspanu. Fique com o passe. Será útil para nós. E tem outra coisa. Esta pode parecer a assinatura de Trezza, mas é claro que não é. É uma falsificação. Se for conveniente a seus propósitos, eles podem negar que o passe seja legítimo. Ou se lhes interessar o contrário, podem confirmar que está em ordem e apresentar os registros para mostrar que o passe foi emitido por Trezza. Se alegarem que é uma falsificação, basta destruírem os registros.

Pisciotta tornou a reconhecer a verdade das palavras de Giuliano. A cada dia que passava ele sentia uma crescente admiração por Giuliano ser tão franco e honesto que podia deslindar os planos mais tortuosos de seus inimigos. Compreendia agora que, na base do romantismo de Giuliano, estava uma acuidade extraordinária de paranoia.

— Então como podemos acreditar que eles cumprirão as promessas que nos fizeram? — indagou Pisciotta. — Por que deveríamos ajudá-los? Nosso negócio não é política.

Giuliano pensou a respeito por um momento. Aspanu sempre fora um cético e também um pouco ganancioso. Haviam discutido umas poucas vezes por causa dos despojos de alguns assaltos, Pisciotta insistindo numa parcela maior para os membros do bando.

— Não temos alternativa — disse Giuliano. — Os comunistas jamais me concederão anistia se conquistarem o controle do governo. Neste momento, os democratas-cristãos, o Ministro Trezza, o Cardeal de Palermo e também Don Croce devem ser nossos amigos e companheiros. Devemos neutralizar os comunistas, que é o mais importante agora. Vamos nos encontrar com Don Croce e acertar tudo.

Ele fez uma pausa, apertando o ombro de Pisciotta, antes de acrescentar:

— Você se saiu muito bem com o bilhete do cardeal. E o passe será útil.

Mas Pisciotta não estava convencido.

— Faremos o trabalho sujo para eles e depois ficaremos como mendigos esperando pelo perdão. Não acredito em nenhum deles... falando conosco como se fôssemos crianças tolas, prometendo-nos o mundo se concordarmos em ir para a cama. Acho que devemos lutar por nós mesmos, guardando o dinheiro que ganharmos com o nosso trabalho, ao invés de distribuir entre os pobres. Podemos enriquecer e depois viver como reis na América ou no Brasil. Essa é a nossa solução e não teremos então de contar com aqueles *pezzonovanti*.

Giuliano decidiu explicar exatamente como se sentia:

— Aspanu, devemos apostar nos democratas-cristãos e em Don Croce. Se vencermos e obtivermos o perdão, o povo da Sicília nos elegerá para liderá-lo. E ganharemos tudo. — Giuliano fez uma pausa, sorrindo para Pisciotta. — Se forem falsos conosco, nem você nem eu vamos desfalecer de surpresa. Mas o que teremos perdido? Devemos lutar contra os comunistas de qualquer maneira. Eles são piores do que os fascistas e

ainda mais nossos inimigos. E por isso a destruição deles é inevitável. E agora preste toda atenção. Você e eu pensamos da mesma forma. A batalha final ocorrerá depois que derrotarmos os comunistas e pegarmos em armas contra os Amigos dos Amigos e Don Croce.

Pisciotta deu de ombros e comentou:

— Estamos cometendo um erro.

Embora sorrisse, Giuliano estava pensativo. Sabia que Pisciotta gostava da vida de proscrito. Ajustava-se a seu caráter; ele podia ser inteligente e astuto, mas não tinha imaginação. Não era capaz de dar um salto para o futuro e ver o destino inevitável que os aguardava como bandidos.

* * *

Mais tarde, naquela mesma noite, Aspanu Pisciotta sentou-se na beira do penhasco e tentou fumar um cigarro. Mas uma dor intensa no peito levou-o a apagar o cigarro e guardar a ponta no bolso. Sabia que a tuberculose estava piorando, mas também sabia que, se descansasse nas montanhas por algumas semanas haveria de se sentir melhor. O que o preocupava era uma coisa que não contara a Giuliano.

Durante toda a viagem ao encontro do Ministro Trezza e do Cardeal de Palermo, Don Croce fora seu companheiro constante. Haviam jantado juntos todas as noites e o Don discursara sobre o futuro da Sicília, os momentos difíceis que teriam pela frente. Levara algum tempo para Pisciotta compreender que o Don estava cortejando-o, tentando conquistar sua simpatia para os Amigos dos Amigos; e tentava persuadi-lo, de uma maneira muito sutil, que talvez, como a Sicília, seu futuro poderia ser mais róseo com o Don do que com Giuliano.

Pisciotta não dera o menor sinal de que entendera essas mensagens. Mas isso deixava-o ainda mais preocupado com a boa fé do Don. Nunca antes tivera medo de qualquer homem, exceto talvez de Turi Giuliano. Mas Don Croce, que passara sua vida inteira adquirindo aquele "respeito" que é o emblema do grande chefe da Máfia, inspirava-lhe um senso de temor. O que compreendia agora era que temia que o Don fosse mais esperto e os traísse e que algum dia eles cairiam de cara na terra, seu destino uma morte sangrenta.

CAPÍTULO 20

As eleições de abril de 1947 para o legislativo siciliano foram um desastre para o Partido Democrata-Cristão de Roma. O "Bloco do Povo", a combinação dos partidos de esquerda, comunista e socialista, recebeu 600 mil votos, enquanto os democratas-cristãos tiveram 330 mil. Outros 500 mil foram divididos entre os candidatos monarquistas e dois outros partidos dissidentes minoritários. Houve pânico em Roma. Era preciso tomar providências drásticas antes das eleições nacionais ou a Sicília, a mais atrasada região do país, seria decisiva para converter toda a Itália numa nação socialista.

Durante os meses anteriores, Giuliano cumprira o seu acordo com Roma. Arrancara todos os cartazes dos partidos rivais, atacara as sedes de grupos de esquerda, dissolvera seus comícios em Corleone, Montelepre, Castellammare, Partinico, Piani dei Greci, San Giuseppe Iato e a grande cidade de Monreale. Seus bandidos puseram cartazes em todas essas cidades, proclamando em grandes letras pretas: MORTE AOS COMUNISTAS. Também queimaram algumas das casas comunitárias criadas pelos grupos de trabalhadores socialistas. Mas sua campanha começara muito tarde para afetar as eleições regionais e ele relutara em recorrer ao supremo terror do assassinato. Houve trocas de mensagens entre Don Croce, o Ministro Trezza, o Cardeal de Palermo e Turi Giuliano. Fizeram-se censuras. Giuliano foi exortado a intensificar sua campanha, a fim de que a situação pudesse ser invertida para as eleições nacionais, no ano seguinte. Giuliano guardou todas essas mensagens para o seu Testamento.

Era necessário um grande golpe e foi o cérebro fértil de Don Croce que o concebeu. Ele enviou uma mensagem a Giuliano, através de Stefan Andolini.

As duas cidades mais esquerdistas e geralmente mais rebeldes da Sicília eram Piani dei Greci e San Giuseppe Iato. Por muitos anos, mesmo sob Mussolini, os habitantes comemoravam o 1º de Maio como o dia da revolução. Como o 1º de Maio era também o dia de Santa Rosália, a celebração era disfarçada como uma festa religiosa, não proibida pelas autoridades fascistas. Mas agora as manifestações do 1º de Maio eram

ousadas, com bandeiras vermelhas e discursos inflamados. O próximo 1º de Maio, dentro de uma semana, seria o maior da história. Como era costume, as duas cidades se combinariam para comemorar, enviados de toda a Sicília levariam suas famílias para se regozijarem pela vitória recente. O senador comunista, Lo Causi, um orador inflamado e renomado, faria o discurso principal. Seria a comemoração oficial da esquerda por sua recente e espetacular vitória nas eleições.

O plano de Don Croce era que essa comemoração fosse atacada e dissolvida pelo bando-de Giuliano. Montariam metralhadoras e dispariam por cima das cabeças da multidão, a fim de dispersá-la. Seria o primeiro passo numa campanha de intimidação, uma advertência paternal, uma admoestação suave. Depois disso, não seria tão fácil, pois o senador comunista, Lo Causi, compreenderia que sua eleição para o Parlamento não lhe dava licença para fazer o que bem quisesse na Sicília nem tornava a sua pessoa sagrada. Giuliano concordou com o plano e ordenou a seus chefes, Pisciotta, Terranova, Passatempo, Silvestro e Stefan Andolini que se preparassem para executá-lo.

Nos últimos três anos a comemoração sempre fora realizada num platô montanhoso, entre Piani dei Greci e San Giuseppe Iato, abrigado pelos picos gêmeos do Monte Pizzuta e do Monte Cumeta. Os habitantes das duas cidades subiam para o platô por estradas sinuosas, que se juntavam quase no topo. Assim, as duas populações se encontravam e se tornavam uma única procissão. Entrariam no platô por uma garganta estreita e se espalhariam para comemorar o feriado. Essa garganta tinha o nome de Portella delle Ginestre.

*. *. *

As cidadezinhas de Piani dei Greci e San Giuseppe Iato eram pobres, as casas antigas, a agricultura arcaica. Os habitantes acreditavam nos antigos códigos de honra; as mulheres sentadas do lado de fora de suas casas tinham de ficar de perfil, a fim de preservar a sua reputação. Mas as duas abrigavam as pessoas mais rebeldes da ilha da Sicília.

As aldeias eram tão antigas que a maioria das casas era de pedra e algumas não tinham janelas, mas apenas pequenas aberturas, cobertas por discos de ferro. Muitas famílias alojavam animais nos mesmos cômodos em que viviam. As padarias mantinham cabras e cordeiros aconchegados

perto dos seus fornos; se algum pão recém-cozido caía no chão, geralmente batia numa pilha de esterco.

Os homens alugavam seus serviços aos ricos proprietários rurais a um dólar por dia, às vezes até menos, apenas o suficiente para alimentarem suas famílias. Assim, quando as freiras e os padres, "Corvos Negros", apareciam com seus pacotes de macarrão e roupas de caridade, os habitantes faziam os juramentos necessários para recebê-los: garantiam que votariam nos democratas-cristãos.

Mas nas eleições regionais de abril de 1947 eles votaram traiçoeiramente, em massa, nos partidos socialista e comunista. Isso enfureceu Don Croce, que pensava que o chefe local da Máfia controlava a região. Mas o Don declarou que fora o desrespeito à Igreja Católica que o entristecera. Como podiam devotos sicilianos enganar daquela forma as santas irmãs, que haviam levado o pão para as bocas de seus filhos com uma autêntica caridade cristã?

O Cardeal de Palermo também ficou irritado. Ele realizara uma viagem especial para dizer missa nas duas aldeias e advertira a todos para que não votassem nos comunistas. Abençoara seus filhos e até os batizara; mesmo assim, eles se viraram contra sua igreja. O cardeal convocou os sacerdotes das duas aldeias a Palermo e advertiu-os de que deveriam aumentar seus esforços para as eleições nacionais. Não apenas pelos interesses políticos da Igreja, mas também para salvar suas almas ignorantes do inferno.

O Ministro Trezza não ficou tão surpreso. Era siciliano e conhecia a história da ilha. Os habitantes das duas aldeias sempre haviam sido orgulhosos e combatentes implacáveis dos ricos da Sicília e da tirania de Roma. Haviam sido os primeiros a aderirem a Garibaldi; antes disso, lutaram contra os soberanos franceses e mouros da ilha. Em Piani dei Greci os aldeões descendiam dos gregos que haviam fugido para a Sicília a fim de escapar aos invasores turcos. Ainda conservavam esses costumes gregos, falavam a língua e observavam os feriados gregos. Mas fora um baluarte da Máfia que sempre fervilhava de rebelião. Mas o Ministro Trezza ficou desapontado com a atuação de Don Croce, sua incapacidade em educar o povo devidamente. Mas ele também sabia que o voto nas duas

aldeias e em todos os campos ao redor fora promovido por um único homem, um organizador do partido socialista chamado Silvio Ferra.

Silvio Ferra fora um dos soldados mais condecorados do exército italiano na Segunda Guerra Mundial. Conquistara as suas medalhas na campanha africana e depois fora capturado pelo exército americano. Ficara num campo de prisioneiros de guerra nos Estados Unidos, onde comparecera a cursos educacionais destinados a fazer os prisioneiros compreenderem o processo democrático. Não acreditara muito neles até que obtivera permissão para trabalhar fora do campo, para um padeiro na cidade próxima. Ficara espantado com a liberdade da vida americana, a facilidade com que o trabalho árduo podia ser convertido em prosperidade duradoura, a mobilidade vertical das classes inferiores. Na Sicília, o camponês mais trabalhador só podia aspirar a proporcionar alimentação e abrigo a seus filhos, sem qualquer possibilidade de provisão para o futuro.

Quando voltou à Sicília, Silvio Ferra tornou-se um ardoroso defensor da América. Mas ele logo percebeu que o Partido Democrata-Cristão não passava de um instrumento dos ricos e por isso se juntou a um grupo dos Trabalhadores Socialistas, em Palermo. Logo absorveu todas as teorias de Marx e Engels e depois ingressou no Partido Socialista. Recebeu a missão de organizar o partido em San Giuseppe lato.

Realizara em quatro anos o que os agitadores do norte da Itália não haviam conseguido. Traduzira a Revolução Vermelha e a doutrina socialista em termos sicilianos. Convenceu o povo de que o voto no Partido Socialista significava obter um pedaço de terra. Pregava que as grandes propriedades dos nobres deviam ser repartidas, já que os nobres as deixavam incultas. Terra que podia produzir trigo para os filhos dos camponeses. Persuadiu a todos de que, sob um regime socialista, a corrupção da sociedade siciliana poderia ser eliminada. Não haveria suborno a autoridades para preferência, ninguém precisaria dar um par de ovos a um padre para ler uma carta da América, o carteiro não teria de receber uma lira simbólica para garantir a entrega da correspondência, os homens não seriam obrigados a leiloar o suor de seus corpos por uma ninharia, a fim de trabalhar nos campos dos duques e barões. Haveria um fim para os salários de fome e os homens do governo seriam servidores do povo, como acontecia na América. Silvio Ferra citava exemplos para mostrar que a Igreja Católica oficial apoiava o sistema capitalista que

aviltava os pobres, embora nunca atacasse a Virgem Maria, os santos úteis ou a crença em Jesus. Nas manhãs de Páscoa, ele saudava os vizinhos com o tradicional "Cristo se levantou". Ia à missa nos domingos. Sua esposa e filhos eram rigorosamente vigiados, ao melhor estilo siciliano, pois ele era um crente em todos os valores antigos, a devoção absoluta do filho à sua mãe, o respeito ao pai, o senso de obrigação com os primos mais obscuros.

Quando o *cosche* da Máfia em San Giuseppe lato advertiu-o que estava indo longe demais, ele sorriu e insinuou que, no futuro, acolheria bem a amizade deles, embora soubesse, no fundo de seu coração, que a última e maior batalha seria contra a Máfia. Quando Don Croce enviou mensageiros especiais para tentar fazer um acordo, ele repeliu-os. Tamanha era a sua reputação de bravura na guerra, o respeito que lhe dispensavam os vizinhos e sua insinuação de que seria ponderado com os Amigos dos Amigos que Don Croce decidiu ser paciente, especialmente porque tinha certeza de que a vitória nas eleições era inevitável.

Mas, acima de tudo, Silvio Ferra possuía uma profunda compaixão por seu semelhante, uma qualidade rara no camponês siciliano. Se um vizinho caía doente, ele levava comida para sua família, fazia serviços para as viúvas idosas e entrevadas que viviam sozinhas, animava todos os homens que ganhavam a vida com dificuldade e sentiam-se apreensivos com o futuro. Proclamou um novo amanhecer de esperança, sob o Partido Socialista. Quando fazia discursos políticos, usava a retórica meridional tão profundamente amada pelos sicilianos. Não explicava as teorias econômicas de Marx, mas falava com o fogo da vingança aos que haviam oprimido os camponeses por séculos.

— Assim como o pão é doce para nós — dizia ele — o sangue dos pobres também é para os ricos que o bebem.

Foi Silvio Ferra quem organizou uma cooperativa de trabalhadores que se recusavam a aceitar o leilão de trabalho em que somente eram contratados os que se submetiam aos salários mais baixos. Instituiu uma diária fixa e a nobreza foi forçada a concordar na época da colheita ou ver suas azeitonas, uvas e cereais apodrecerem nas plantações. E, assim, Silvio Ferra tornou-se um homem marcado.

O que o salvou foi o fato de estar sob a proteção de Turi Giuliano. Essa fora uma das considerações que persuadira Don Croce a se conter.

Silvio Ferra nascera em Montelepre. Suas qualidades já eram evidentes mesmo em criança. Turi Giuliano admirara-o muito, embora não tivessem sido amigos íntimos, por causa da diferença de idade — Giuliano era quatro anos mais jovem — e porque Silvio fora para a guerra. Silvio voltara como um herói muito condecorado. Conhecera uma moça de San Giuseppe lato e se mudara para lá, a fim de casar com ela. À medida que a fama política de Ferra cresceu, Giuliano deu a conhecer que o homem era seu amigo, apesar dos pensamentos políticos serem diferentes. Assim, quando iniciou o seu programa de "educar" os eleitores da Sicília, Giuliano deu ordens para que não se empreendesse qualquer ação contra a aldeia de San Giuseppe lato ou a pessoa de Silvio Ferra.

Ferra soube disso e foi bastante sensato para enviar uma mensagem a Giuliano, agradecendo e informando que estaria a seu serviço. A mensagem foi enviada por intermédio dos pais de Ferra, que ainda viviam em Montelepre, com seus outros filhos, entre os quais havia uma moça de apenas 15 anos, chamada Justina. Foi ela quem levou o bilhete à casa de Giuliano, a fim de entregá-lo à sua mãe. Por acaso Giuliano visitava os pais na ocasião e recebeu a mensagem pessoalmente. Aos 15 anos, a maioria das moças sicilianas já é mulher. Ela apaixonou-se por Turi Giuliano. E como poderia ser de outra forma?

Turi Giuliano, seus pais e La Venera tomavam café na ocasião. Perguntaram à moça se não queria tomar uma xícara. Ela recusou. Somente La Venera notou como a moça era linda e compreendeu o seu fascínio. Giuliano não a reconheceu como a menina que encontrara um dia chorando na estrada e a quem dera um maço de liras. E disse a ela:

— Envie meus agradecimentos a seu irmão pela oferta e avise a ele para não se preocupar com sua mãe e seu pai, que estarão sempre sob a minha proteção.

Justina retirou-se rapidamente e voltou quase correndo para a casa dos pais. Daquele momento em diante, ela sonhou com Turi Giuliano como seu namorado. E tinha orgulho da afeição que ele sentia por seu irmão.

Assim, quando concordou em reprimir a comemoração em Portella delle Ginestre, Giuliano enviou um aviso amigável a Silvio Ferra, aconselhando-o a não participar da reunião do 1º de Maio. Garantiu que

nenhum dos habitantes de San Giuseppe lato seria ferido, mas que haveria algum perigo e que não poderia protegê-lo se persistisse em suas atividades no Partido Socialista. Não que ele, Giuliano, jamais fizesse alguma coisa para atingi-lo, mas os Amigos dos Amigos estavam determinados a esmagar o Partido Socialista na Sicília e Ferra certamente seria um dos seus alvos.

Ao receber o bilhete, Silvio Ferra presumiu que era outra tentativa de assustá-lo, estimulada por Don Croce. Mas não importava. O Partido Socialista estava a caminho da vitória total e ele não perderia uma das grandes comemorações da vitória já conquistada.

* * *

A 1º de Maio de 1947 os habitantes de Piani dei Greci e San Giuseppe lato levantaram-se cedo para iniciar sua longa marcha pelas trilhas montanhosas até o platô além da Portella delle Ginestre. Acompanharam bandas de música de Palermo, especialmente contratadas para a ocasião. Silvio Ferra, flanqueado pela esposa e dois filhos, estava na vanguarda da procissão de San Giuseppe lato, carregando orgulhosamente uma das enormes bandeiras vermelhas. Carroças deslumbrantemente pintadas, com seus cavalos ostentando plumas vermelhas especiais e mantas coloridas, levavam panelas, imensas caixas de madeira com espaguete, grandes tigelas de madeira para as saladas. Havia uma carroça especial para as botijas de vinho envoltas por vime. Outra carroça carregava blocos de gelo, rodas de queijo, grandes salames, a massa e o forno para fazer pão fresco.

As crianças pulavam e chutavam bolas de futebol ao longo da coluna. Homens a cavalo testavam seus animais para as corridas que seriam o ponto alto dos jogos à tarde.

Enquanto Silvio Ferra levava seu pessoal para a estreita garganta na montanha conhecida como Portella delle Ginestre, os habitantes de Piani dei Greci convergiam da outra estrada, carregando suas bandeiras e os estandartes do Partido Socialista. As duas multidões se misturaram, trocando saudações exuberantes, enquanto continuavam a avançar, comentando sobre os últimos escândalos em suas aldeias e especulando sobre o que lhes traria a vitória nas eleições, os perigos que assomavam à frente. Apesar dos rumores de que haveria encrencas naquele 1º de Maio,

eles não estavam absolutamente com medo. Desprezavam Roma, temiam a Máfia, mas não ao ponto de submissão. Afinal, haviam desafiado a ambas nas últimas eleições e nada acontecera.

Por volta de meio-dia havia mais de três mil pessoas espalhadas pelo platô. As mulheres acenderam os fogões portáteis, a fim de esquentar água para a massa, as crianças empinavam pipas, sobre as quais voavam os pequenos gaviões vermelhos da Sicília. O senador comunista, Lo Causi, repassava suas anotações para o discurso que faria. Um grupo de homens, liderado por Silvio Ferra, armava a plataforma de madeira em que ele ficaria, junto com os cidadãos proeminentes das duas aldeias. Os homens que o ajudavam também aconselhavam a que fizesse curto o discurso de apresentação do senador, pois as crianças começavam a sentir fome.

E foi nesse momento que começaram a aparecer clarões, acompanhados por estampidos, no ar da montanha. Algumas das crianças deviam ter trazido fogos de artifício, pensou Silvio Ferra. Ele virou-se para olhar.

* * *

Naquela mesma manhã, só que muito mais cedo, antes até do enevoado sol siciliano se levantar, dois pelotões de doze homens cada um deixaram o quartel-general de Giuliano, nas montanhas por cima de Montelepre, seguindo pela cordilheira que levava a Portella delle Ginestre. Um pelotão era comandado por Passatempo e o outro-por Terranova. Cada pelotão levava uma metralhadora pesada. Passatempo conduziu seus homens para o alto da encosta do Monte Cumeta e supervisionou pessoalmente a instalação da metralhadora. Quatro homens foram destacados para guarnecê-la. Os demais homens se espalharam pela encosta, com seus rifles e lupare, a fim de protegê-los de qualquer ataque.

Terranova e seus homens ocuparam a encosta do Monte Pizzuta, no outro lado da Portella delle Ginestre. Do ponto superior, o platô árido e as aldeias lá embaixo se encontravam sob a mira das metralhadoras e rifles. Evitariam assim qualquer surpresa dos *carabinieri*, se por acaso se arriscassem a sair de seus quartéis.

Das duas encostas, os homens do bando de Giuliano observaram os habitantes de Piani dei Greci e San Giuseppe lato empreenderem a longa

marcha para o platô. Uns poucos dos homens tinham parentes na procissão, mas não sentiam qualquer pontada de remorso. Pois as instruções de Giuliano haviam sido explícitas. As metralhadoras deviam ser disparadas por cima das cabeças da multidão, até que se dispersasse e todos voltassem a suas aldeias. Ninguém seria ferido.

* * *

Giuliano planejara acompanhar a expedição e comandá-la pessoalmente. Mas, sete dias antes do 1º de Maio, o peito fraco de Aspanu Pisciotta finalmente sucumbiu numa hemorragia. Ele subia pela montanha para o quartel-general do bando quando o sangue esguichou pela boca. Caiu e o corpo começou a rolar pela encosta. Giuliano, subindo atrás, pensou inicialmente que se tratasse de uma das brincadeiras do primo. Deteve o corpo com o pé e só depois reparou que a camisa de Pisciotta estava toda ensanguentada. A princípio, pensou que Aspanu fora atingido por um atirador de tocaia e que ele não ouvira o estampido. Pegou o primo nos braços e carregou-o encosta acima. Pisciotta ainda consciente não parava de murmurar:

— Ponha-me no chão. Ponha-me no chão.

Giuliano compreendeu que não podia ter sido uma bala. A voz indicava a exaustão de um colapso interno, não o trauma brutal de um corpo violado por metal. Pisciotta foi posto numa maca e Giuliano levou-o a um médico em Monreale, acompanhado por dez homens do bando. O médico era frequentemente usado pelo bando para cuidar de ferimentos a bala e podia-se confiar que guardaria segredo. Mas o médico comunicou a doença de Pisciotta a Don Croce, como fizera com todos os seus outros contatos com Giuliano. Pois ele esperava ser nomeado para diretor de um hospital de Palermo e sabia que isso não seria possível sem a bênção de Don Croce.

O médico levou Pisciotta para o hospital de Monreale, a fim de realizar exames adicionais. Pediu a Giuliano que ficasse esperando pelos resultados. Por um momento, Giuliano receou que o médico pudesse denunciá-lo aos *carabinieri*.

— Voltarei pela manhã — disse ele ao médico.

Giuliano destacou quatro de seus homens para guardarem Pisciotta no hospital e foi se esconder com os outros na casa de um companheiro. O médico informou-o no dia seguinte que Pisciotta precisava de uma droga chamada estreptomicina, que só podia ser obtida nos Estados Unidos. Giuliano pensou a respeito.' Pediria a seu pai e a Stefan Andolini que escrevessem para Don Corleone na América, solicitando o envio do medicamento. Disse isso ao médico e indagou se Pisciotta poderia deixar o hospital. O médico disse que sim, mas apenas se ele permanecesse de repouso na cama por várias semanas.

Assim, Giuliano se encontrava em Monreale, cuidando de Pisciotta, providenciando uma casa em que ele pudesse ficar durante o período de recuperação, enquanto era desfechado o ataque em Portella delle Ginestre.

* • *

Quando Silvio Ferra virou-se, ao som dos fogos de artifício, três coisas registraram-se simultaneamente em sua mente. A primeira foi a visão de um garotinho levantando o braço com uma expressão espantada. Na extremidade, ao invés da mão a segurar o cordão da pipa, havia um coto ensanguentado e horrível, enquanto a pipa se afastava solta pelo céu azul, por cima das encostas do Monte Cumeta. A segunda foi o seu choque de reconhecimento — os fogos de artifícios eram o fogo de metralhadora. A terceira foi um enorme cavalo preto avançando desenfreado pela multidão, sem cavaleiro, sangue escorrendo por seus flancos. E no instante seguinte Silvio Ferra corria pela multidão, procurando a esposa e os filhos.

* * *

Na encosta do Monte Pizzuta, Terranova observava a cena através de seu binóculo. A princípio, pensou que as pessoas caíam ao chão por terror. Depois, no entanto, viu corpos imóveis, estendidos no peculiar abandono da morte. Empurrou prontamente o homem que disparava sua metralhadora. Mas enquanto sua arma ficava silenciosa, ainda podia ouvir a metralhadora no Monte Cumeta a matraquear. Terranova pensou que Passatempo ainda não percebera que o fogo era muito baixo e as pessoas estavam sendo massacradas. Depois de uns poucos minutos, a outra metralhadora também parou de atirar. Um silêncio terrível se abateu sobre a Portella delle Ginestre. E depois, flutuando para os picos gêmeos, vieram

os gemidos dos vivos, os gritos dos feridos e agonizantes. Terranova fez sinal a seus homens para se reunirem, desmontou a metralhadora e levou-os em fuga para o outro lado das montanhas. Ao fazê-lo, ponderava se deveria voltar ao encontro de Giuliano para comunicar aquela tragédia. Tinha medo de que Giuliano pudesse executá-lo e a seus homens sumariamente. Mas tinha certeza de que Giuliano seria justo e que seus homens poderiam jurar que seu fogo fora alto. Voltaria ao quartel-general para informar o ocorrido. Mas tinha dúvidas se Passatempo faria a mesma coisa.

* * *

As metralhadoras já haviam suspendido o fogo quando Silvio Ferra encontrou a esposa e os filhos. Sua família estava ilesa e começava a se levantar do chão. Ele tornou a deitá-los e cuidou para que assim ficassem por mais quinze minutos. Viu um homem a cavalo galopando para Piani dei Greci, a fim de pedir ajuda no quartel dos *carabinieri*. Como o homem não fosse derrubado a tiros do cavalo, ele compreendeu que o ataque terminara. E levantou-se.

Do platô que coroava Portella delle Ginestre, milhares de pessoas desciam de volta a suas aldeias, na base das montanhas. E no chão estavam os mortos e feridos, suas famílias agrupadas ao redor, chorando. As bandeiras orgulhosas, que haviam carregado naquela manhã, estavam caídas pela terra, os dourados escuros, verdes brilhantes e vermelhos solitários extremamente reluzentes ao sol de meio-dia. Silvio Ferra deixou a família para ajudar os feridos. Deteve alguns dos homens em fuga para obrigá-los a servirem como padioleiros. Descobriu horrorizado que alguns dos mortos eram crianças e mulheres. Sentiu as lágrimas aflorarem a seus olhos. Todos os seus mestres estavam errados, todos os que acreditavam na ação política. Os eleitores nunca mudariam a Sicília. Era tudo tolice. Teriam de matar para conquistar seus direitos.

Foi Hector Adonis quem levou a notícia a Giuliano, na cabeceira de Pisciotta. Giuliano partiu imediatamente para seu quartel-general na montanha, deixando Pisciotta a se recuperar sem a sua proteção pessoal.

E lá, nos penhascos por cima de Montelepre, ele convocou Passatempo e Terranova.

— Deixe-me dar-lhes um aviso antes de começarem a falar — começou Giuliano. — O responsável será descoberto, não importa quanto tempo demore. E quanto mais tempo levar, mais severa será a punição. Se foi um erro honesto, confessem agora e prometo que não sofrerão a morte.

Passatempo e Terranova nunca haviam visto tamanha fúria em Giuliano antes. Permaneceram rígidos, sem se atreverem a fazer qualquer movimento, enquanto Giuliano os interrogava. Juraram que suas armas estavam apontadas por cima das cabeças da multidão e haviam suspendido o fogo ao perceberem que as pessoas eram atingidas.

Giuliano interrogou em seguida os homens nos pelotões, especialmente os que guarneciam as metralhadoras. E foi reunindo as peças do quebra-cabeça. A metralhadora de Terranova disparara por cerca de cinco minutos, a de Passatempo por dez minutos. Os metralhadores juraram que haviam disparado por cima das cabeças da multidão. Nenhum deles admitiu qualquer possibilidade de erro, de haver abaixado sua metralhadora de alguma forma.

Depois de dispensá-los, Giuliano ficou sentado sozinho por um longo tempo, pensando. Pela primeira vez desde que se tornara um bandido, experimentava um senso de vergonha intolerável. Em mais de quatro anos como um proscrito, podia se gabar de jamais ter feito mal aos pobres. Mas isso não mais era possível. Ele os massacrara. No fundo de seu coração, não podia mais pensar em si mesmo como um herói. Depois, ele refletiu sobre as possibilidades. Podia ter sido um erro. Seus homens eram muito bons com as lupare, mas não tão familiarizados com metralhadoras pesadas. Disparando para baixo, era possível que calculassem o ângulo de maneira errada. Não podia acreditar que Terranova ou Passatempo o enganassem, mas sempre havia a horrível possibilidade de que um deles tivesse sido subornado para cometer o massacre. E também lhe ocorrera, no primeiro instante em que ouvira a notícia, que poderia haver um terceiro grupo de emboscada.

Mas, certamente, se fora deliberado, mais pessoas seriam atingidas. Certamente ocorreria um massacre mais terrível. A menos que, pensou ele, o objetivo do massacre fosse desmoralizar o nome de Giuliano. E de quem fora a ideia do ataque a Portella delle Ginestre? A coincidência era demais para que ele pudesse aceitá-la.

A verdade inevitável e humilhante era a de que ele fora enganado por Don Croce.

CAPÍTULO 21

O massacre de Portella delle Ginestre chocou toda a Itália. Os jornais protestaram em manchetes garrafais contra o massacre de mulheres e crianças inocentes. Houvera quinze mortos e mais de cinquenta feridos. A princípio, houve especulações de que a Máfia cometera o massacre e o próprio Silvio Ferra fez discursos atribuindo o terrível crime a Don Croce. Mas Don Croce se preparara para isso. Membros secretos dos Amigos dos Amigos juraram perante magistrados que tinham visto Passatempo e Terranova armarem a emboscada. O povo da Sicília se perguntou por que Giuliano não negava essa acusação ultrajante em uma de suas famosas cartas aos jornais. Ele se mantinha estranhamente silencioso.

* * *

Duas semanas antes das eleições nacionais, Silvio Ferra seguiu em sua bicicleta de San Giuseppe Iato para Piani dei Greci. Pedalava ao longo do Rio lato e contornou a base da montanha. Passou por dois homens que lhe gritaram que parasse, mas continuou a pedalar rapidamente. Olhando para trás, percebeu que os dois homens o seguiam, pacientemente. Mas logo se distanciou, deixando-os muito para trás. Ao chegar a Piani dei Greci, os homens não mais estavam à vista.

Ferra passou as três horas subsequentes na casa comunitária socialista, com os outros líderes partidários da região. Já era crepúsculo quando a reunião terminou e ele estava ansioso em voltar para casa antes do escurecer. Atravessou de bicicleta a praça principal, cumprimentando jovialmente alguns dos aldeões que conhecia. E, subitamente, quatro homens o cercaram. Silvio Ferra reconheceu um deles como o chefe da Máfia em Montelepre e sentiu-se aliviado. Conhecia Quintana desde menino e sabia também que a Máfia, naquele canto da Sicília, tinha muito cuidado para não irritar Giuliano ou violar as regras sobre os “insultos aos pobres”. Por isso, cumprimentou Quintana com um sorriso, dizendo:

— Está muito longe de casa.

— Olá, meu amigo — respondeu Quintana. — Vamos acompanhá-lo por uma parte do caminho. Não crie caso e não sairá machucado.

Queremos apenas conversar com você.

— Pois então conversem comigo aqui.

Silvio Ferra sentiu a primeira pontada de medo, o mesmo medo que experimentara nos campos de batalha da guerra, um medo que sabia poder dominar. E por isso ele se absteve agora de qualquer insensatez. Dois homens se postaram nos seus flancos, agarrando-o pelos braços. E foram empurrando-o gentilmente pela praça. A bicicleta rolou livre por um momento e depois caiu de lado.

Ferra viu que os habitantes da aldeia, sentados diante de suas casas, percebiam o que estava acontecendo. Certamente viriam em sua ajuda. Mas o massacre na Portella delle Ginestre, o reino geral de terror, quebrara os espíritos. Ninguém levantou um clamor de protesto. Silvio Ferra fincou os calcanhares na terra, tentando se virar para a casa comunitária. Mesmo tão longe, ainda podia divisar alguns de seus companheiros de partido emoldurados pela porta. Será que não viam que ele estava em dificuldades? Mas ninguém deixou a moldura de luz. Ele gritou:

— Socorro!

Não houve qualquer movimento na aldeia e Silvio Ferra experimentou um profundo sentimento de vergonha por todos. Quintana empurrou-o para a frente rudemente.

— Não seja idiota. Só queremos conversar. E agora venha conosco sem nenhuma gritaria. Não vai querer que seus amigos fiquem machucados.

Estava quase escurecendo, a lua já se levantara. Ele sentiu uma arma se comprimir contra suas costas e compreendeu que o matariam na praça, se realmente tivessem essa intenção. E depois matariam quaisquer amigos que se decidissem ajudar. Começou a andar com Quintana para a extremidade da aldeia. Havia uma possibilidade de que não quisessem matá-lo. Eram muitas as testemunhas e certamente tinham reconhecido Quintana. Se ele lutasse agora, os homens podiam entrar em pânico e atirar. Era melhor esperar e escutar. Quintana estava lhe falando suavemente:

— Queremos persuadi-lo a acabar com toda essa sua bobagem comunista. Perdoamos o seu ataque aos Amigos dos Amigos, quando acusou-os pelo que aconteceu em Ginestre. Mas nossa paciência não foi recompensada e está chegando ao fim. Acha que é um comportamento sensato de sua parte? Se continuar assim, vai nos obrigar a deixar seus filhos sem um pai.

A esta altura, eles já estavam fora da aldeia, começando a subir pelo caminho rochoso que levava ao Monte Cumeta. Silvio Ferra olhou para trás, desesperado, mas não avistou ninguém a segui-los. E disse a Quintana:

— Mataria um pai de família por causa de uma coisa de menor importância como política?

Quintana riu brutalmente.

— Já matei homens por cuspirem no meu sapato.

Os homens que seguravam seus braços se afastaram abruptamente e nesse instante Silvio Ferra compreendeu seu destino. Ele virou-se e começou a descer correndo pelo caminho rochoso e enluarado.

* * *

Os aldeões ouviram os tiros e um dos líderes do Partido Socialista foi procurar os *carabinieri*. O corpo de Silvio Ferra foi encontrado na manhã seguinte, numa fenda na montanha. A polícia interrogou os aldeões, mas ninguém admitiu ter visto qualquer coisa. Ninguém mencionou os quatro homens, ninguém disse ter reconhecido Guido Quintana. Por mais rebeldes que fossem, eram também sicilianos e ninguém violaria a lei da omertà. Mas alguns contaram o que haviam testemunhado a um dos homens do bando de Giuliano.

* * *

Muitas coisas se combinaram para levar os democratas-cristãos à vitória nas eleições. Don Croce e os Amigos dos Amigos realizaram muito bem o seu trabalho. O massacre em Portella delle Ginestre chocara toda a Itália, mas fizera mais do que isso aos sicilianos — deixara-os traumatizados. A Igreja Católica, empenhando-se na campanha eleitoral sob a bandeira de Cristo, foi mais cuidadosa com a sua caridade. O

assassinato de Silvio Ferra representou o golpe final. O Partido Democrata-Cristão conquistou uma vitória esmagadora na Sicília em 1948 e isso ajudou decisivamente para um triunfo geral na Itália. Era evidente que governaria por um longo tempo no futuro previsível. Don Croce era o dono da Sicília, a Igreja Católica seria a religião nacional e havia boas possibilidades de que o Ministro Trezza, não por alguns anos, mas também não muito tarde, se tornaria um dia o primeiro-ministro da Itália.

* * *

Ao final, ficou comprovado que Pisciotta estava certo. Don Croce enviou o aviso, através de Hector Adonis, de que o Partido Democrata-Cristão não poderia conceder a anistia a Giuliano e seus homens por causa do massacre na Portella delle Ginestre. Seria um escândalo grande demais; as acusações de inspiração política voltariam a se inflamar. Os jornais se mostrariam furiosos e haveria ataques violentos por toda a Itália. Don Croce explicou que as mãos do Ministro Trezza estavam atadas, que o Cardeal de Palermo não podia mais ajudar um homem que era considerado responsável pelo massacre de mulheres e crianças inocentes. Mas ele, Don Croce, continuaria a trabalhar pela anistia. Contudo, aconselhava a Giuliano que seria melhor emigrar para o Brasil ou Estados Unidos. Nesse sentido, Don Croce ajudaria em tudo que pudesse.

Os homens de Giuliano ficaram atônitos ao verificarem que ele não demonstrou qualquer emoção por essa traição, que parecia aceitá-la como uma coisa natural. Giuliano se embrenhou com seus homens mais profundamente pelas montanhas e disse aos chefes que armassem seus acampamentos perto do seu, a fim de poder reuni-los de um momento para outro. À medida que os dias passavam, ele parecia se retirar mais e mais em seu mundo particular. Semanas transcorreram, enquanto seus chefes esperavam impacientemente por ordens.

Giuliano vagueou uma manhã sozinho pelas montanhas, sem guardas. Voltou ao escurecer, parando à luz das fogueiras. E disse:

— Aspanu, chame todos os chefes.

* * *

O Príncipe Ollorto possuía uma vasta propriedade em que cultivava tudo o que tornara a Sicília o celeiro da Itália por mil anos —

limões e laranjas, cereais, oliveiras que proporcionavam poços de azeite, uvas para o vinho, oceanos de tomate, pimentões, as berinjelas mais suculentas, do tamanho de uma cabeça. Parte da terra era arrendada aos camponeses na base de meia. Mas o Príncipe Ollorto, como a maioria dos proprietários rurais, tratava de arrancar dos camponeses tudo o que podia, cobrando o uso das máquinas, o fornecimento de sementes e o transporte, sempre com juros. O camponês era afortunado se conseguia conservar 25 por cento dos tesouros que produzia com o suor de seu rosto. E, no entanto, ele podia se considerar próspero, se comparado com os que tinham de alugar seu trabalho numa base diária e aceitar salários de fome.

A terra era fértil, mas infelizmente os nobres mantinham uma boa parte de suas propriedades incultas e se desperdiçando. Já em 1860 o grande Garibaldi prometera aos camponeses que possuiriam a sua própria terra. Contudo, mesmo agora, o Príncipe Ollorto ainda dispunha de muitos hectares abandonados. O mesmo acontecia com os outros nobres, que usavam suas terras como uma reserva de dinheiro, vendendo pedaços para satisfazer suas loucuras.

Nas últimas eleições, todos os partidos, inclusive o democrata-cristão, haviam prometido reforçar e impor o cumprimento das leis que regiam o trabalho dos meeiros. Essas leis determinavam que as vastas propriedades incultas podiam ser reclamadas pelos camponeses, com o pagamento de uma quantia nominal.

Mas essas leis sempre haviam sido frustradas pela nobreza, que contratava os chefes da Máfia para intimidar os reivindicantes em potencial. No dia marcado para a reivindicação, era necessário apenas que um chefe da Máfia desfilasse a cavalo de um lado para outro pelos limites da propriedade; com isso, nenhum camponês se atrevia a reclamar qualquer coisa. Os poucos que se atreviam a fazê-lo eram invariavelmente marcados para o assassinato, assim como todos os homens de sua família. Isso acontecia há um século e todos os sicilianos conheciam a lei. Se uma propriedade tinha um chefe da Máfia como seu protetor, não se podia reivindicar terras dela. Roma podia aprovar uma centena de leis, mas essas leis não tinham qualquer significado. E Don Croce um dia comentou para o Ministro Trezza, num momento descuidado:

— O que suas leis têm a ver conosco?

Pouco depois das eleições, chegou o dia em que as terras do Príncipe Ollorto podiam ser reivindicadas, entre as áreas que não eram cultivadas. Todos os hectares haviam sido meticulosamente designados pelo governo. Os líderes dos partidos de esquerda exortaram o povo a apresentar suas reivindicações. Quando o dia chegou, quase cinco mil camponeses se reuniram diante dos portões de palácio do Príncipe Ollorto. Autoridades do governo esperavam numa imensa barraca, devidamente provida de mesas e cadeiras, com todos os equipamentos oficiais, a fim de registrar as reivindicações. Alguns dos camponeses eram da cidade de Montelepre.

O Príncipe Ollorto, seguindo o conselho de Don Croce, contratara seis chefes da Máfia como seus gabelotti. E assim, naquela manhã clara, o sol siciliano fazendo-os suar profusamente, os seis chefes da Máfia puseram-se a andar de um lado para outro, ao longo do muro que cercava o palácio do Príncipe Ollorto. Os camponeses reunidos, sob oliveiras mais velhas do que Cristo, ficaram olhando para aqueles seis homens, famosos em toda a Sicília por sua brutalidade. Esperavam por algum milagre, assustados demais para se adiantarem.

Mas esse milagre não seria a força da lei. O Ministro Trezza enviara ordens expressas ao Maresciallo que comandava os *carabinieri* locais para que não saíssem do quartel. Naquele dia, não havia um único homem uniformizado da Polícia Nacional a circular por toda a província de Palermo.

* * *

A multidão além do muro do palácio do Príncipe Ollorto aguardava. Os seis chefes da Máfia desfilavam a cavalo de um lado para outro, os rostos impassíveis, pistolas no coldre, lupare penduradas nos ombros. Não faziam quaisquer sinais ameaçadores para a multidão. Ao contrário, ignoravam a todos, limitando-se a andar de um lado para outro. Os camponeses, como se esperassem que os cavalos cansassem ou levassem aqueles guardiões para longe, abriram seus sacos de comida e as garrafas de vinho. Eram quase todos homens, mas havia também algumas mulheres, entre as quais a moça Justina, acompanhando o pai e a mãe. Tinham vindo para demonstrar seu desafio aos assassinos de Silvio Ferra. E, no entanto, ninguém se atrevia a passar pela linha dos cavalos em

movimento. Ninguém se atrevia a reivindicar as terras que lhes pertenciam por lei.

Não era apenas o medo que os continha. Aqueles eram "homens de respeito", os legisladores de fato das cidades em que viviam. Os Amigos dos Amigos haviam instituído o seu governo paralelo, que funcionava mais eficazmente que o governo de Roma. Havia alguém roubando o gado e as ovelhas dos camponeses? Se a vítima comunicava o crime aos *carabinieri*, nunca mais conseguiria recuperar o que lhe fora tirado. Mas se procurasse esses chefes da Máfia e pagasse uma taxa de 20 por cento, o gado perdido seria encontrado e ele teria a garantia de que aquilo nunca mais aconteceria. Se um valentão estourado assassinava algum trabalhador inocente por causa de um copo de vinho, o governo raramente conseguia condená-lo, por causa dos testemunhos falsos e da lei da *omertà*. Mas se a família da vítima procurava um daqueles "homens de respeito", então poderia obter justiça.

Os pequenos ladrões crônicos nas áreas pobres seriam executados, as hostilidades acertadas com honra, uma briga por limites de terras resolvida sem a despesa de advogados. Aqueles seis homens eram juízes de cujas decisões não se podia apelar nem ignorar, cujas punições eram rigorosas e das quais não se podia escapar, a não ser pela emigração. Aqueles seis homens possuíam um poder na Sicília que nem mesmo o primeiro-ministro da Itália podia exercer. E, por tudo isso, a multidão permaneceu fora do muro do Príncipe Ollorto.

Os seis chefes da Máfia não se mantinham juntos, pois isso seria um sinal de fraqueza. Circulavam separadamente, como reis independentes, cada um ostentando a sua marca particular de terror. O mais temido, montando um cavalo tordilho, era Don Siano, da cidade de Bisacquino. Tinha agora mais de 60 anos de idade, o rosto cinza e manchado, como o pelo de seu cavalo. Tornara-se uma legenda aos 26 anos, quando assassinara o chefe da Máfia que o precedera. O homem assassinara o pai de Don Siano quando ele tinha apenas 12 anos de idade; Siano esperara quatorze anos para se vingar. E um dia ele caíra de uma árvore sobre o homem e seu cavalo, agarrando-o por trás e obrigando-o a desfilar pela rua principal da pequena cidade. Enquanto cavalgavam pela frente de muitas pessoas, Siano retalhara a vítima, cortando-lhe o nariz, lábios, orelhas e órgãos genitais. Depois, com o cadáver ensanguentado em

seus braços, ele passara a cavalo pela frente da casa da vítima. E passara a dominar sua província com sanguinária mão de ferro.

O segundo chefe da Máfia, montando um cavalo preto com plumas escarlates por cima das orelhas, era Don Arzana, de Piani dei Greci. Era um homem calmo e determinado, que acreditava haver sempre dois lados numa briga e se recusara a matar Silvio Ferra para propósitos políticos; mais do que isso, impedira que o homem tivesse esse destino por vários anos. Sentira-se consternado pelo assassinato de Ferra, mas fora incapaz de interferir, pois Don Croce e os outros chefes da Máfia insistiram que chegara o momento de dar um exemplo a toda a região. Seu domínio fora temperado por misericórdia e bondade, era o mais amado dos seis tiranos. Mas, agora, desfilando a cavalo na frente da multidão reunida, seu rosto era firme, todas as dúvidas interiores eliminadas.

O terceiro homem a cavalo era Don Piddu, de Caltanisetta. O freio de seu animal estava enfeitado com flores. Era conhecido como um homem suscetível à lisonja e vaidoso de sua aparência, zeloso do poder e mortífero com as aspirações dos jovens. Numa festa na aldeia, um jovem e galante camponês enchera as mulheres locais de admiração ao dançar com sininhos nos tornozelos, usando uma camisa e calça de seda verde, feitas em Palermo, ao cantar com um violão fabricado em Madri. Don Piddu ficara furioso com a adulação oferecida àquele Valentino rural, contrariado porque as mulheres não admiravam um homem de verdade como ele, preferindo aquele jovem afetado e efeminado. Que não dançara mais depois daquele dia fatídico, pois seu corpo foi encontrado na estrada para a sua fazenda, crivado de balas.

O quarto chefe da Máfia era Don Marcuzzi, de Villamura, conhecido por seu ascetismo, tendo a sua própria capela em casa, como a nobreza antiga. Don Marcuzzi, apesar dessa única ostentação, vivia com extrema simplicidade e era pessoalmente um homem pobre, já que se recusava a lucrar com seu poder. Mas desfrutava enormemente esse poder; era incansável em seus esforços para ajudar os conterrâneos sicilianos, mas também era um verdadeiro crente nos costumes antigos dos Amigos dos Amigos. Tornara-se legendário ao executar seu sobrinho predileto por cometer uma *infamità*, violando a lei da *omertà* ao prestar informações à polícia contra uma facção rival da Máfia.

O quinto homem a cavalo era Don Buccilla, de Partinico, que fora procurar Hector Adonis por conta de seu sobrinho, naquele dia fatídico, tanto tempo antes, em que Turi Giuliano se tornara um proscrito. Agora, cinco anos depois, ele estava vinte quilos mais gordo. Ainda usava os trajes de camponês de ópera, apesar de ter-se tornado extremamente rico durante aqueles cinco anos. Sua ferocidade era benigna, mas não suportava a desonestidade, executando os ladrões com o mesmo rigor virtuoso da justiça inglesa do século XVIII, que condenava uma criança à morte por furtar uma simples carteira.

O sexto homem era Guido Quintana, que era nominalmente de Montelepre, mas conquistara sua reputação ao assumir o comando do sangrento campo de batalha que era Corleone. Ele fora obrigado a fazer isso porque Montelepre se encontrava diretamente sob a proteção de Giuliano. Mas em Corleone Guido Quintana encontrara tudo aquilo por que seu coração assassino ansiava. Ele resolvera as brigas de família pelo expediente simples de liquidar todos aqueles que se opunham a suas decisões. Assassinara Silvio Ferra e diversos organizadores sindicais. Talvez fosse o único chefe da Máfia que era mais odiado do que respeitado.

Esses eram os seis homens que, por sua reputação e respeito, pelo medo tremendo que podiam incutir, impediam o acesso dos camponeses pobres da Sicília às terras do Príncipe Ollorto.

* * *

Dois jipes cheios de homens armados desceram em grande velocidade pela estrada de Montelepre para Palermo e viraram no caminho que levava ao muro da propriedade. Com exceção de dois, todos os homens estavam mascarados, os rostos cobertos por gorros de lã, que só tinham aberturas para os olhos. Os dois homens com os rostos à mostra eram Turi Giuliano e Aspanu Pisciotta. Os homens mascarados incluíam o Cabo Silvestro, Passatempo e Terranova. Andolini, também mascarado, ficou cobrindo a estrada de Palermo. Quando os jipes pararam, a cerca de quinze metros dos cavaleiros da Máfia, outros homens avançaram pela multidão de camponeses. Também estavam mascarados. Antes, achavam-se no bosque das oliveiras, como se fizessem um piquenique. Quando os dois jipes apareceram, eles abriram as cestas de comida, tirando suas

armas e máscaras. Espalharam-se por um semicírculo comprido, apontando seus rifles para os cavaleiros. No total, havia cerca de cinquenta homens. Turi Giuliano saltou de seu jipe e verificou se todos os homens se achavam em posição. Observou por um momento os seis cavaleiros a andarem de um lado para outro. Sabia que o tinham visto e sabia que a multidão também o reconhecera. O sufocante sol da tarde siciliana tingia de vermelho a paisagem verde. Giuliano se perguntou como era possível que milhares de camponeses duros se deixassem intimidar por aqueles seis homens, permitindo-lhes que tirassem o pão da boca de seus filhos.

Aspanu Pisciotta esperava como uma víbora impaciente ao seu lado. Somente Aspanu se recusara a usar uma máscara; todos os outros temiam uma vendetta das famílias dos seis chefes da Máfia e dos Amigos dos Amigos. Agora, somente Giuliano e Pisciotta suportariam o impacto da vendetta.

Ambos usavam as fivelas de ouro com o leão e a águia. Giuliano só estava armado com uma pistola, num coldre na cintura. Também usava o anel de esmeralda que tirara da duquesa há muitos anos. Pisciotta tinha uma metralhadora aninhada nos braços. Seu rosto se achava pálido da doença nos pulmões e do excitamento; estava impaciente com Giuliano por esperar tanto tempo. Mas Giuliano observava atentamente a cena, a fim de certificar-se de que suas ordens haviam sido cumpridas. Seus homens formavam o semicírculo para deixar uma rota de fuga aos chefes da Máfia, caso decidissem escapar. Se fugissem, eles perderiam o "respeito" e muito de sua influência; os camponeses não mais o temeriam. Mas ele viu Don Siano virar o seu cavalo tordilho e os outros seguirem-no, continuando a desfilar diante do muro. Os chefes da Máfia não fugiriam.

* * *

De uma das torres do seu castelo muito antigo, o Príncipe Ollorto observava a cena através da luneta que usava para contemplar as estrelas. Podia ver claramente e em detalhes o rosto de Giuliano — os olhos ovais, os planos fortes, a boca generosa, agora comprimida firmemente. Sabia que a força naquele rosto era a força da virtude e pensou que era uma pena que tal virtude não fosse um instrumento mais misericordioso. Pois era de fato terrível quando pura, como o príncipe sabia que era o caso daquela. Ele sentiu-se envergonhado por seu próprio papel. Conhecia tão bem os

seus conterrâneos sicilianos e agora seria responsável pelo que estava prestes a acontecer. Os seis grandes homens que recrutara por dinheiro lutariam por ele, não fugiriam. Haviam intimidado a enorme multidão diante de seu muro. Mas agora Giuliano se encontrava diante deles como um anjo vingador. Já parecia ao príncipe que o sol começava a escurecer.

* * *

Giuliano avançou para o curso percorrido pelos seis homens. Eles mantinham os animais numa andadura lenta e firme. De vez em quando deixavam os cavalos se alimentarem numa enorme pilha de aveia junto ao muro de pedra. O objetivo era fazer com que os cavalos defecassem continuamente, deixando uma insultuosa trilha de esterco.

Turi Giuliano postou-se bem perto do curso, Pisciotta um passo atrás. Os seis homens a cavalo não olharam em sua direção nem pararam. Seus rostos se mantiveram inescrutáveis. Embora todos usassem lupare penduradas nos ombros, não fizeram qualquer menção de pegá-las. Giuliano esperou. Os homens desfilaram à sua frente por mais três vezes. Giuliano recuou e disse suavemente a Pisciotta:

— Tire-os dos cavalos e apresente-os a mim.

Depois, ele atravessou o curso e encostou-se no muro branco de pedra da propriedade. Sabia perfeitamente que atravessara uma linha fatal, que a coisa que fazia naquele dia decidiria o seu destino. Mas não sentia qualquer hesitação, nenhuma apreensão, apenas uma ira fria contra o mundo. Sabia que por trás daqueles seis homens assomava a figura enorme de Don Croce e que era ele o seu inimigo final. E sentiu raiva também da própria multidão que ajudava. Por que se mostravam tão dóceis, tão amedrontados? Se pudesse armá-los e liderá-los, então criaria uma nova Sicília. Mas depois experimentou uma onda de compaixão por aqueles camponeses esfarrapados e quase morrendo de fome. Levantou a mão numa saudação para encorajá-los. A multidão permaneceu em silêncio. Por um momento, Giuliano pensou em Silvio Ferra, que poderia encorajar os camponeses.

Pisciotta assumiu agora o comando da situação. Usava a sua suéter cor de creme com os dragões mais escuros desenhados na lã. A cabeça morena, afilada como o gume de uma faca, estava iluminada pelo sol

vermelho siciliano. Ele virou essa cabeça como uma lâmina para os seis obeliscos a cavalo, observou-os por um longo momento, com sua expressão letal de víbora. O cavalo de Don Siano defecou a seus pés, enquanto os seis homens passavam.

Pisciotta deu um passo para trás. Acenou com a cabeça para Terranova, Passatempo e Silvestro, que correram para os cinquenta homens armados formando o semicírculo. Os homens se espalharam ainda mais, fechando o caminho de fuga que se mantivera aberto até então. Os chefes da Máfia continuaram a desfilar orgulhosamente, como se nada tivessem percebido, embora observassem e compreendessem tudo. Mas haviam vencido a primeira etapa da batalha. Agora, cabia a Giuliano decidir se daria o último e mais perigoso passo.

Pisciotta deslocou-se para a frente do cavalo de Don Siano e levantou a mão imperiosamente para a cara tordilha e assustada do animal. Mas Don Siano não parou. Quando o cavalo tentou se desviar, ele puxou a rédea firmemente. Cavalo e cavaleiro teriam atropelado Pisciotta se ele não desse um passo para o lado, abaixando-se com um sorriso selvagem quando o Don passou. Depois, Pisciotta postou-se diretamente por trás de cavalo e cavaleiro, encostou a arma na garupa do animal e puxou o gatilho.

O ar fragrante se encheu com as entranhas viscosas, uma chuva de sangue e mil fragmentos dourados de estrume. A saraivada de balas varreu as pernas do cavalo, que caiu. O corpo de Don Siano ficou preso sob o animal caído, até que quatro homens de Giuliano o arrancaram de lá, amarrando seus braços nas costas. O cavalo ainda estava vivo. Pisciotta adiantou-se e, misericordiosamente, disparou uma rajada em sua cabeça.

Um murmúrio baixo de terror e exultação levantou-se da multidão. Giuliano continuou encostado no muro, a pistola ainda no coldre. Mantinha os braços cruzados, como se também especulasse o que Aspanu Pisciotta faria em seguida.

Os outros cinco chefes da Máfia continuaram a desfilar de um lado para outro. Os cavalos haviam empinado com os estampidos, mas eles os controlaram rapidamente. Pisciotta tornou a se postar no caminho. Tornou a levantar a mão. O cavaleiro na frente, Don Buccilla, parou. Os outros por trás dele também puxaram as rédeas e ficaram imóveis. Pisciotta gritou-lhes:

— Suas famílias precisarão dos cavalos nos dias futuros. Prometo que os mandarei. E agora desmontem e apresentem seus respeitos a Giuliano.

Sua voz ressoou alta e clara, alcançando os ouvidos da multidão. Houve um silêncio prolongado e depois os cinco homens desmontaram. Ficaram parados, fitando orgulhosamente a multidão, os olhos firmes e insolentes. O longo arco dos homens de Giuliano se dissolveu quando vinte bandidos se adiantaram, as armas em posição de disparo. Cuidadosamente, gentilmente, amarraram nas costas os braços dos cinco chefes da Máfia. E depois levaram todos eles à presença de Giuliano.

Giuliano contemplou-os sem qualquer expressão. Quintana o humilhara um dia, tentara até assassiná-lo, mas agora a situação era a inversa. O rosto de Quintana não mudara ao longo daqueles cinco anos — ainda apresentava a mesma expressão de lobo — mas naquele momento os olhos pareciam vazios e errantes, por trás da máscara mafiosa de desafio.

Don Siano olhou para Giuliano com desprezo no rosto pálido. Buccilla parecia um pouco aturdido, como se estivesse surpreso por tanto ressentimento por algo que realmente não lhe dizia respeito. Os outros fitavam-no também friamente, como devem fazer os supremos homens de respeito. Giuliano conhecia a todos pela reputação; quando menino, tivera medo de alguns daqueles homens, especialmente de Don Siano. Agora, humilhava-os diante de toda a Sicília e eles não o perdoariam por isso. Seriam seus inimigos mortais para sempre. Ele sabia o que devia fazer, mas sabia também que aqueles homens eram maridos e pais amados, que seus filhos chorariam por eles. Seus olhares passavam além, não deixando transparecer qualquer sinal de medo. A mensagem era clara. Que Giuliano fizesse o que tinha de fazer, se reunisse coragem suficiente para isso. Don Siano cuspiu aos pés de Giuliano. Ele fitou-os nos olhos, um a um, dizendo em seguida:

— Ajoelhem-se e façam as pazes com Deus.

Nenhum dos homens se mexeu. Giuliano virou-se e afastou-se. Os seis chefes da Máfia permaneceram delineados contra o muro branco de pedra. Giuliano alcançou a fila dos seus homens e tornou a virar-se, declarando em voz alta e clara, que pôde ser ouvida pela multidão:

— Eu os executo em nome de Deus e da Sicília.

Depois, ele tocou no ombro de Pisciotta. Don Marcuzzi começou a se ajoelhar, mas Pisciotta já abrira fogo. Passatempo, Terranova e Silvestro, ainda mascarados, também dispararam. Os seis corpos manietados foram arremessados contra o muro pela saraivada de balas de metralhadora. As pedras brancas irregulares ficaram salpicadas de vermelho do sangue e com fragmentos da carne arrancada dos corpos. Pareciam dançar na ponta de cordas, enquanto eram empurrados para trás pela continuada saraivada de balas.

No alto da torre de seu palácio, o Príncipe Ollorto tirou os olhos da luneta. E por isso não viu o que aconteceu em seguida.

Giuliano adiantou-se até o muro. Sacou a pistola da cintura e devagar, cerimoniosamente, disparou uma bala na cabeça de cada um dos seis chefes da Máfia caídos.

Houve um rugido rouco da multidão de espectadores e, segundos depois, milhares de camponeses passavam pelos portões da propriedade de Príncipe Ollorto. Giuliano ficou observando-os. E notou que ninguém da multidão se aproximou dele.

CAPÍTULO 22

A manhã da Páscoa de 1949 foi gloriosa. A ilha inteira se achava atapetada de flores, as sacadas de Palermo exibiam vasos de cores exuberantes. Pelas frestas da calçada cresciam pequenas plantas, exibindo pétalas vermelhas, azuis e brancas, o mesmo acontecia nas paredes das velhas igrejas. As ruas de Palermo estavam apinhadas de cidadãos a caminho da missa das nove horas em sua grande catedral, em que o próprio cardeal serviria a comunhão. Moradores das aldeias próximas também tinham vindo, em seus trajes pretos de luto, acompanhados pelas esposas e filhos, cumprimentando a todos que passavam com a tradicional saudação da manhã de Páscoa:

— Deus se levantou!

Turi Giuliano respondia com outra fórmula igualmente tradicional:

— Abençoado seja o seu nome!

Giuliano e seus homens haviam-se infiltrado em Palermo na noite anterior. Vestiam o sóbrio traje preto dos camponeses, mas os casacos eram largos e volumosos, pois escondiam as suas armas por baixo. Giuliano estava familiarizado com as ruas de Palermo; em seis anos como um bandido, esgueirara-se para a cidade muitas vezes, a fim de orientar o sequestro de um nobre rico ou jantar num restaurante famoso e deixar o seu bilhete de desafio por baixo do prato.

Giuliano jamais corria perigo nessas visitas. Sempre andava pelas ruas com o Cabo Canio Silvestro ao seu lado. Outros dois homens se guiam vinte passos à frente, quatro mais andavam pelo outro lado da rua e outros dois se mantinham vinte passos atrás. E ainda outros dois caminhavam mais à retaguarda. Se Giuliano fosse detido pelos *carabinieri* e obrigado a mostrar seus documentos de identidade, os guardas seriam um alvo fácil para aqueles homens, que estavam preparados para atirar sem qualquer misericórdia. Quando entrava num restaurante, a sala estava sempre apinhada de seus homens, sentados a outras mesas.

Giuliano contava com cinquenta homens na cidade naquela manhã. Incluíam Aspanu Pisciotta, o Cabo Silvestro e Terranova. Passatempo e Stefan Andolini haviam ficado para trás. Giuliano e Pisciotta entraram na catedral, juntamente com quarenta de seus homens. Os outros dez homens, junto com o cabo e Terranova, guardavam os veículos de fuga, nos fundos do prédio.

O cardeal conduzia a missa, em suas vestimentas brancas e douradas, o enorme crucifixo pendendo de seu pescoço. Com sua voz melodiosa, ele criava uma aura impressiva de santidade inviolável. A catedral estava cheia de estátuas de Cristo e da Virgem Maria. Giuliano mergulhou os dedos na pia de água-benta, decorada com relevos da Paixão de Cristo. Quando se ajoelhou, contemplou o teto em domo e as velas cor-de-rosa ao longo das paredes, que serviam como luzes votivas para as imagens dos santos.

Os homens de Giuliano dispersaram-se pelas paredes, perto do altar. Os bancos se achavam ocupados pela vasta multidão de fiéis, os camponeses de preto, os habitantes da cidade em seus alegres trajes da Páscoa. Giuliano descobriu-se de pé junto à famosa estátua da Virgem e dos Apóstolos; por um momento, ficou absorvido em sua beleza.

O canto dos padres e do coro, as respostas murmuradas da multidão de fiéis, o perfume das exóticas flores subtropicais no altar, a devoção dos suplicantes... tudo teve seu efeito sobre Giuliano. A última vez em que comparecera à missa também fora numa manhã de Páscoa, cinco anos atrás, quando o barbeiro Frisella o traíra. Ele experimentou um sentimento de perda e temor nesta manhã de Páscoa. Dissera muitas vezes a seus inimigos condenados “Eu os executo em nome de Deus e da Sicília”, esperando depois que murmurassem as mesmas orações que ouvia agora. Desejou por um momento que pudesse fazer a todos se levantarem, como acontecera com Cristo, arrancá-los das trevas eternas a que os lançara. E agora, naquela manhã de Páscoa, ele podia ser obrigado a enviar um cardeal da Igreja Católica ao encontro dos outros. Aquele cardeal rompera a sua promessa, mentira e traíra, tornara-se seu inimigo. Não importava o quão belo ele soubesse dizer a missa naquela vasta catedral. Seria impertinente dizer ao cardeal para fazer as pazes com Deus? Um cardeal não se encontraria sempre em estado de graça? Seria bastante humilde para confessar sua traição a Giuliano?

A missa se aproximava do fim. Os fiéis se encaminhavam para a grade do altar, a fim de receberem a sagrada comunhão. Alguns dos homens de Giuliano, ajoelhando-se perto das paredes, preparavam-se para recebê-la também. Haviam-se confessado ao Abade Manfredi em seu mosteiro, no dia anterior; estavam puros, já que não precisariam cometer seu crime antes de acabar a cerimônia.

A multidão de fiéis, feliz com a ascensão de Cristo na Páscoa, alegre por ter-se livrado de seus pecados, saiu da catedral e se espalhou pela praça, subindo pela avenida. O cardeal foi para trás do altar e um ajudante colocou em sua cabeça a mitra cônica de um arcebispo. Com isso, o cardeal parecia um palmo mais alto. Os arabescos dourados na frente da mitra refletiam a luz sobre o seu rude rosto siciliano. A impressão era de poder, ao invés de santidade. Acompanhado por um bando de sacerdotes, ele iniciou a tradicional rodada de orações em cada uma das quatro capelas da catedral.

A primeira capela continha o túmulo do Rei Rogério I, a segunda era a do Imperador Frederico II, a terceira de Henrique IV e a última a de Constança, a esposa de Frederico II. Os túmulos eram de mármore branco, com lindos mosaicos. Havia uma outra capela separada, o santuário prateado, contendo a estátua de meia tonelada de Santa Rosália, a padroeira de Palermo, que os habitantes da cidade carregavam pelas ruas em seu dia. Naquele santuário ficavam os restos mortais de todos os arcebispos de Palermo e seria ali que o próprio cardeal ficaria sepultado, quando morresse. Era ali a sua primeira parada. Quando o cardeal ajoelhou-se para orar, Giuliano e seus homens o cercaram e à sua comitiva. Outros homens de Giuliano fecharam todas as saídas do santuário, a fim de que não se pudesse dar o alarme.

O cardeal levantou-se para confrontá-los. Viu Pisciotta. Lembrava-se daquele rosto. Mas não como estava agora. Passara a ser o rosto do demônio que viera buscar sua alma, assar sua carne no inferno. Giuliano disse:

— Eminência, é meu prisioneiro. Se fizer o que eu mandar, nada sofrerá. Passará a Páscoa nas montanhas como meu convidado e prometo que comerá tão bem quanto em seu palácio.

O cardeal declarou, irado:

— Atreve-se a trazer homens armados para esta casa de Deus? Giuliano soltou uma risada. Todo o seu sentimento de temor desaparecera na satisfação do que estava prestes a fazer.

— Eu me atrevo a muito mais. Eu me atrevo a censurá-lo por romper a sua sagrada palavra. Prometeu o perdão para mim e meus homens, mas não cumpriu essa promessa. Agora, você e a Igreja pagarão.

O cardeal sacudiu a cabeça.

— Não sairei deste lugar santo. Mate-me se tiver coragem e se tornará infame no mundo inteiro.

— Já tenho essa honra — respondeu Giuliano. — Se não fizer o que eu mandar, terei de ser mais firme. Matarei todos os seus padres aqui presentes, depòis o amarrarei e amordaçarei. Se me acompanhar docilmente, nada de mal acontecerá a ninguém e estará de volta à sua catedral dentro de uma semana.

O cardeal fez o sinal-da-cruz e encaminhou-se para a porta do santuário indicada por Giuliano. A porta levava aos fundos da catedral, onde outros homens de Giuliano já haviam requisitado a limusine e o motorista do cardeal. O enorme carro preto estava enfeitado com buquês de flores da Páscoa e ostentada os galhardetes da Igreja em cada lado do radiador. Os homens de Giuliano tinham requisitado também os carros de outros dignitários. Giuliano conduziu o cardeal para a limusine e sentou-se ao seu lado. Dois de seus homens também sentaram-se na parte de trás, enquanto Aspanu Pisciotta se instalava ao lado do motorista. Depois, a procissão de carros atravessou a cidade, passando por patrulhas de *carabinieri*, que os saudavam, respeitosamente. Por ordem de Giuliano, o cardeal acenava em resposta, concedendo uma bênção. O cardeal foi obrigado a deixar o carro num trecho deserto da estrada. Outros homens de Giuliano aguardavam ali com uma liteira para carregá-lo. Deixando os carros e os motoristas para trás, todos desapareceram num mar de flores e montanhas.

Giuliano cumpriu a sua palavra: no fundo das cavernas das Montanhas Cammarata, o cardeal comeu uma refeição tão boa quanto qualquer uma que poderia ter em seu palácio. Respeitando a sua

autoridade espiritual, os bandidos pediam a sua bênção a cada prato que serviam.

* * *

Os jornais da Itália se mostraram indignados, enquanto o povo da Sicília experimentava duas emoções: horror pelo sacrilégio cometido e um júbilo ímpio pela vergonha dos *carabinieri*. Sobrepondo-se a tudo havia um enorme orgulho por Giuliano, um siciliano que derrotara Roma. Giuliano era agora o supremo "homem de respeito".

O que Giuliano queria pela devolução do cardeal?, especulavam todos. A resposta era simples: um resgate fabuloso.

A Santa Igreja Católica, que no final das contas era incumbida de salvaguardar almas, não se rebaixou às barganhas mesquinhas dos nobres e comerciantes ricos. Pagou imediatamente o resgate de 100 milhões de liras. Mas Giuliano tinha mais um motivo. Ele disse ao cardeal:

— Sou um camponês, não muito instruído nas coisas do céu. Mas nunca quebrei minha palavra. E você, um cardeal da Igreja Católica, com todos os seus trajes sagrados e cruzes de Cristo, mentiu para mim como um mouro pagão. E seu sagrado ofício somente não será suficiente para lhe salvar a vida. — O cardeal sentiu os joelhos fraquejarem. Giuliano acrescentou: — Mas é afortunado, pois tenho outro propósito para você.

Ele mandou então que o cardeal lesse seu Testamento. Agora que sabia que sua vida seria poupada, o cardeal, condicionado a esperar a punição do próprio Deus, estava mais interessado nos documentos do Testamento do que nas censuras de Giuliano. Ao ver o bilhete que escrevera para Pisciotta, o cardeal fez o sinal-da-cruz, numa ira santa. Giuliano disse:

— Meu caro cardeal, leve o conhecimento deste Testamento para a Igreja e o Ministro Trezza. Viu a prova da minha capacidade de destruir o governo democrata-cristão. Minha morte será um grande infortúnio para muitos. O Testamento será guardado num lugar seguro, que ninguém poderá alcançar. E se alguém duvidar de mim, diga que pergunte a Don Croce como eu lido com os meus inimigos.

* * *

Foi uma semana depois do sequestro do cardeal que La Venera deixou Giuliano.

Por três anos ele se esgueirava através do túnel para a casa dela.

Em sua cama, deleitava-se nos confortos de seu corpo sólido, afeição e abrigo. Ela jamais se queixara, jamais pedira por algo mais que não o prazer de Giuliano. Mas aquela noite foi diferente. Depois de fazerem amor, La Venera informou que estava se mudando para a casa de parentes em Florença.

— Não posso mais suportar o perigo que é a sua vida. Sonho com você sendo fuzilado diante dos meus olhos. Os *carabinieri* mataram meu marido como se fosse um animal, na frente de sua casa. Continuaram a atirar até que o corpo não passava de uma massa informe e ensanguentada. E sonho com isso também lhe acontecendo. — Ela puxou a cabeça de Giuliano para seu seio e acrescentou: — Escute meu coração.

E ele escutou. E ficou comovido à compaixão e amor pelas batidas irregulares. A pele nua dos seios cheios estava salgada com o suor de seu terror íntimo. Ela começou a chorar e Giuliano afagou-lhe os cabelos pretos abundantes.

— Você nunca teve medo antes — murmurou Giuliano. — E nada mudou.

La Venera sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Turi, você se tornou temerário demais. Fez muitos inimigos... e inimigos poderosos. Seus amigos temem por você. Sua mãe empalidece a cada batida na porta. Você não pode escapar eternamente.

— Mas eu não mudei.

La Venera recomeçou a chorar.

— Mudou, sim, Turi. Mostra-se ansioso demais para matar agora. Não chego a dizer que é cruel, mas é descuidado com a morte.

Giuliano suspirou. Podia perceber como ela estava profundamente assustada e isso lhe acarretava um pesar que não podia compreender muito bem.

— Então você deve ir — disse ele. — Eu lhe darei dinheiro suficiente para viver em Florença. Tudo isso terminará algum dia. Não haverá mais mortos. Tenho planos. Não serei um bandido pelo resto da vida. Minha mãe passará a dormir sossegada à noite e poderemos todos ficar juntos.

Ele podia ver que La Venera não acreditava em suas palavras.

Pela manhã, antes de partir, eles tornaram a fazer amor, com uma paixão ardente, os corpos se comprimindo freneticamente pela última vez.

CAPÍTULO 23

Turi Giuliano conseguira finalmente realizar aquilo que nenhum outro estadista ou político nacional fora capaz de alcançar. Unira todos os partidos políticos da Itália num mesmo objetivo: a destruição de Giuliano e seu bando.

* * *

Em julho de 1949, o Ministro Trezza anunciou à imprensa a formação de um exército especial de *carabinieri*, composto por cinco mil homens, que seria chamado de Força Especial de Repressão ao Banditismo, sem qualquer referência expressa a Giuliano. Os jornais prontamente retificaram esse recato do governo, que não queria fazer com que Giuliano parecesse o alvo principal. Os jornais manifestaram a sua exultação, aprovaram e deram os parabéns ao Partido Democrata-Cristão no poder por adotar uma providência tão vigorosa.

A imprensa nacional também se mostrou admirada com o gênio do Ministro Trezza na organização do exército especial de cinco mil homens. Os homens seriam solteiros, a fim de que não houvesse viúvas e suas famílias não fossem submetidas a ameaças. Haveria comandos, paraquedistas, carros blindados, armas pesadas e até mesmo aviões. Como poderia um bandido desqualificado resistir a tal poderio? E o exército seria comandado pelo Coronel Ugo Luca, um dos grandes heróis italianos na Segunda Guerra Mundial, que lutara com um legendário alemão, o General Rommel. O "Raposa do Deserto Italiano", como os jornais o chamavam, era especialista em guerrilha, com táticas e estratégias que deixariam atordoado o simplório camponês siciliano Turi Giuliano.

* * *

Apenas um mês antes, houvera uma reunião da maior importância entre Don Croce, o Ministro Trezza e o Cardeal de Palermo. O cardeal falou do Testamento de Giuliano, com sua documentação arrasadora.

O Ministro Trezza ficou apavorado. O Testamento devia ser destruído antes que o exército cumprisse a sua missão. Ele gostaria que

fosse possível revogar as ordens para a criação da Força Especial, mas seu governo sofria uma pressão grande demais.

Para Don Croce, o Testamento somente acrescentava uma complicação, mas não alterava a sua determinação. Ele já decidira matar Giuliano — o assassinato de seus seis chefes não lhe deixava alternativa. Mas Giuliano não podia morrer nas mãos dos Amigos dos Amigos ou nas suas próprias. Tornara-se um herói grande demais e seu assassinato seria um crime terrível até mesmo para os Amigos dos Amigos aguentarem. Acarretaria contra eles todo o ódio da Sicília.

De qualquer forma, Don Croce compreendeu que precisava se adaptar às necessidades de Trezza. Afinal, aquele era o homem que ele queria promover a primeiro-ministro da Itália. E ele disse ao ministro:

— Nosso curso de ação deve ser o seguinte. Claro que você não •tem opção, deve perseguir Giuliano. Mas tente mantê-lo vivo até que eu possa destruir o Testamento. E garanto que posso fazê-lo.

O ministro assentiu, sombriamente. Ligou o interfone e disse, autoritariamente:

— Mande entrar o inspetor.

Poucos segundos depois, entrou na sala um homem alto, de olhos azuis muito frios. Era magro e impecavelmente vestido, com um rosto aristocrático.

— Este é o Inspetor Frederico Velardi — anunciou o ministro. — Acabo de nomeá-lo para chefe de toda a Polícia de Segurança na Sicília. Ele trabalhará em coordenação com o comandante do exército que enviarei à Sicília.

Ele apresentou os outros homens e explicou o problema do Testamento, a ameaça que representava ao regime democrata-cristão.

— Meu caro inspetor — acrescentou o ministro — eu lhe peço para considerar Don Croce como meu representante pessoal na Sicília. Prestará qualquer informação que ele solicitar, como se fosse a mim. Entendido?

O inspetor demorou um longo tempo para digerir essa ordem específica. E depois compreendeu. Sua missão seria informar Don Croce sobre todos os planos do exército de invasão em sua guerra contra Giuliano. Don Croce, por sua vez, transmitiria as informações a Giuliano, a fim de que ele pudesse escapar, até que o Don considerasse seguro acabar com a sua carreira.

— Devo fornecer todas as informações a Don Croce? — disse o Inspetor Velardi. — O Coronel Luca não é nenhum tolo... logo desconfiará de que há um vazamento e talvez me afaste das reuniões de planejamento.

— Se tiver qualquer problema, mande ele falar comigo — declarou o ministro. — Sua verdadeira missão é se apossar do Testamento, mantendo Giuliano vivo e em liberdade até que isso aconteça.

O inspetor virou os seus frios olhos azuis para Don Croce.

— Terei a maior satisfação em servi-lo. Mas preciso compreender uma coisa. Se Giuliano for capturado vivo, antes de o Testamento ser destruído, o que devo fazer?

O Don não mediu as palavras; não era um alto funcionário do governo e podia falar francamente.

— Isso seria um infortúnio insuportável.

* * *

O Coronel Ugo Luca, comandante da Força Especial de Repressão ao Banditismo, foi aclamado pela imprensa como uma escolha inspirada. Os jornais recordaram seus relevantes serviços militares, as condecorações por bravura, o gênio tático, a natureza suave e retraída, a aversão a qualquer tipo de fracasso. Era um pequeno buldogue, comentaram os jornais; estaria à altura da brutalidade da Sicília.

Antes de fazer qualquer outra coisa, o Coronel Luca estudou todos os dossiês de informações sobre Turi Giuliano. O Ministro Trezza encontrou-o em sua sala cercado por pastas de relatórios e jornais velhos. O ministro indagou quando ele levaria o exército para a Sicília. O coronel respondeu suavemente que estava organizando um estado-maior e que certamente Giuliano ainda estaria lá, não importando quanto tempo demorasse.

O Coronel Luca estudou os relatórios por uma semana e chegou a algumas conclusões. Que Giuliano era um gênio na guerra de guerrilha e possuía um método singular de operação. Mantinha apenas um grupo de vinte homens ao seu redor, incluindo seus chefes, Aspanu Pisciotta, o segundo no comando, Canio Silvestro, como seu guarda pessoal, e Stefan Andolini, como chefe de informações e seu mensageiro para Don Croce e as redes da Máfia. Terranova e Passatempo tinham os seus próprios bandos e podiam operar separadamente, a menos que houvesse uma ação conjunta. Terranova executava os sequestros e Passatempo os assaltos a trens e bancos que Giuliano planejava.

Ficou evidente para o coronel que não havia mais de trezentos homens em todo o bando de Giuliano. Como era possível então, especulou o coronel, que ele sobrevivesse há seis anos, derrotasse os *carabinieri* de toda uma província e controlasse quase absolutamente o noroeste da Sicília? Como ele e seus homens escapavam às buscas nas montanhas efetuadas por grandes forças do governo? Só podia ser porque Giuliano recrutava homens extras entre os camponeses da Sicília, sempre que precisava. E quando as tropas do governo vasculhavam as montanhas, esses bandidos ocasionais voltavam às aldeias e fazendas, tornando a viver como camponeses comuns. Outra conclusão era a de que muitos habitantes de Montelepre tinham de ser membros secretos do bando. Mas o mais importante era a popularidade de Giuliano. Não havia muita possibilidade de que ele fosse traído; e não restava a menor dúvida de que, se Giuliano conclamasse o povo a uma revolução, milhares de homens se apresentariam para lutar sob a sua bandeira.

E, finalmente, havia outra coisa desconcertante: o manto de invisibilidade de Giuliano. Ele aparecia num determinado lugar e depois parecia sumir em pleno ar. Quanto mais lia, mais o Coronel Luca ficava impressionado. E depois ele chegou a uma coisa contra a qual sabia que podia tomar uma ação imediata. Podia não parecer grande coisa, mas seria importante a longo prazo.

Giuliano escrevera muitas cartas aos jornais, que sempre começavam da mesma maneira: “Se, como tenho sido levado a acreditar, não somos inimigos, vocês publicarão esta carta.” Ele expunha em seguida o seu ponto de vista sobre os últimos atos de banditismo que cometera. Para a mente do Coronel Luca, a frase de abertura era uma ameaça, uma

coação. E o resto da carta era propaganda inimiga. Havia explicações de sequestros, assaltos e como o dinheiro era distribuído pelos pobres da Sicília. Quando Giuliano travava uma batalha encarniçada com os *carabinieri* e matava alguns, sempre havia uma carta para explicar que a morte de soldados na guerra era inevitável. E havia também uma súplica direta aos *carabinieri* para não lutarem. Houvera também uma carta depois da execução dos seis chefes da Máfia, explicando que somente por tal ação os camponeses poderiam reivindicar a terra que lhes era devida por lei e pela moral humana.

O Coronel Luca ficou atônito com o fato de o governo ter permitido a publicação dessas cartas. Ele fez uma anotação para pedir ao Ministro Trezza o poder de decretar a lei marcial na Sicília, a fim de que Giuliano pudesse ser isolado do público.

Também não deixou de procurar informações sobre uma mulher na vida de Giuliano. Mas nada encontrou. Embora constasse nos relatórios que os bandidos frequentavam os bordéis de Palermo e que Pisciotta era um conquistador inveterado, Giuliano parecia ter levado uma vida assexuada durante os últimos seis anos. O Coronel Luca, sendo um italiano, não podia acreditar que isso fosse possível. Devia haver uma mulher em Montelepre; e quando a encontrassem, metade do trabalho estaria realizado.

O que ele também achou muito interessante foi o registro do afeto de Giuliano à mãe e vice-versa. Giuliano era devotado a ambos os pais, mas tratava a mãe com uma veneração especial. O Coronel Luca também fez uma anotação especial sobre isso. Se Giuliano realmente não tinha mulher, a mãe poderia ser usada como uma isca.

Depois que concluiu todos esses preparativos, o Coronel Luca organizou seu estado-maior. A escolha mais importante foi a do Capitão Antonio Perenze como seu ajudante-de-ordens e guarda pessoal. O Capitão Perenze era um homem corpulento, quase gordo, com feições afáveis e um temperamento cordial. Mas o Coronel Luca sabia que ele era extraordinariamente corajoso. Poderia chegar um momento em que tal bravura salvaria a vida do coronel.

Já era o mês de setembro de 1949 quando o Coronel Luca chegou à Sicília, à frente de um contingente inicial de dois mil homens. Ele

esperava que isso fosse suficiente. Não queria glorificar Giuliano ao levar um exército de cinco mil homens para enfrentá-lo. Afinal, era apenas um bandido, a quem se deveria liquidar o mais depressa possível.

Seu primeiro ato foi ordenar aos jornais sicilianos que suspendessem a publicação das cartas de Giuliano. A segunda ação foi prender o pai e a mãe de Giuliano, sob a acusação de cumplicidade com o filho. A seguinte foi deter para interrogatório mais de duzentos homens de Montelepre, sob a acusação de que eram membros secretos do bando de Giuliano. Todos os presos foram levados para cadeias de Palermo, fortemente vigiadas por homens do Coronel Luca. Todas essas ações foram realizadas nos termos de leis do regime fascista de Mussolini que ainda se encontravam em vigor.

A casa dos Giulianos foi vasculhada e se descobriram os túneis secretos. La Venera foi presa em Florença, mas solta quase imediatamente, quando alegou que nunca tivera conhecimento da existência dos túneis. Não que suas palavras merecessem credibilidade, mas porque o Inspetor Velardi a queria em liberdade, na esperança de que Giuliano a visitasse.

A imprensa da Itália fez os maiores elogios ao Coronel Luca; ali estava finalmente um homem que era "sério". O Ministro Trezza ficou deliciado com a sua escolha, especialmente quando recebeu uma carta efusiva de parabéns do primeiro-ministro. Somente Don Croce não ficou impressionado.

* * *

Turi Giuliano estudou as ações do Coronel Luca durante o primeiro mês, a distribuição do exército de *carabinieri*. Admirou a astúcia do coronel ao proibir que os jornais publicassem suas cartas, cortando a sua comunicação vital com o povo da Sicília. Mas quando o Coronel Luca prendeu indiscriminadamente os habitantes de Montelepre, tanto culpados como inocentes, a admiração transformou-se em ódio. E com a prisão de seus pais, Giuliano entrou num acesso de raiva fria e assassina.

Giuliano passou dois dias sentado no fundo de sua caverna nas Montanhas Cammarata. Formulou seus planos e revisou o que sabia a respeito do exército de dois mil *carabinieri* do Coronel Luca. Havia pelo menos mil estacionados dentro e ao redor de Palermo, esperando que ele

tentasse resgatar os pais. Os outros mil se concentravam na área em torno das cidades de Montelepre, Piani dei Greci, San Giuseppe lato, Partinico e Corleone, nas quais havia muitos membros secretos do bando, que poderiam ser convocados para uma batalha.

O próprio Coronel Luca instalara seu quartel-general em Palermo e ali era invulnerável. Seria necessário atraí-lo para fora da cidade.

Turi Giuliano descarregou sua raiva na formulação dos planos táticos. Possuíam para ele um padrão aritmético, simples como um jogo de criança. Quase sempre davam certo; e se isso não acontecia, não haveria qualquer dificuldade em desaparecer de volta nas montanhas. Mas ele sabia que tudo dependia de uma execução impecável, perfeita nos mínimos detalhes.

Ele chamou Aspanu Pisciotta à caverna e relatou-lhe os planos. Aos outros chefes — Passatempo, Terranova, Cabo Silvestro e Stefan Andolini — ele disse apenas o que precisavam saber para a execução de sua parte específica.

O quartel-general dos *carabinieri* em Palermo era a fonte pagadora para todos os efetivos na Sicília Ocidental. Uma vez por mês um carro fortemente guardado era despachado para efetuar o pagamento às guarnições em todas as cidades menores. O pagamento era em dinheiro, um envelope para cada soldado, as notas e moedas dentro, na quantia exata. Os envelopes eram guardados em caixas de madeira com divisórias e trancados num caminhão que fora anteriormente um transporte de armamentos do exército americano.

O motorista estava armado com uma pistola, o soldado pagador ao seu lado levava um rifle. Quando esse caminhão contendo milhões de liras deixava Palermo era precedido por três jipes, com metralhadoras montadas e quatro homens em cada um, além de um caminhão de transporte com vinte homens fortemente armados, levando metralhadoras e rifles. Por trás do caminhão-pagador seguiam dois carros militares, cada um levando seis homens. Todos esses veículos estavam equipados com comunicações pelo rádio para chamar Palermo ou o quartel dos *carabinieri* mais próximo, solicitando reforços. Não havia qualquer receio de que os bandidos desfechassem um ataque contra tal força. Seria suicídio.

A caravana de pagamento deixou Palermo no início da manhã e fez a sua primeira escala na cidadezinha de Tommaso Natale. De lá, seguiu por uma estrada montanhosa para Montelepre. O pagador e seus guardas sabiam que seria um longo dia e por isso viajavam na velocidade máxima. Comeram pão com salame e tomaram vinho das garrafas enquanto andavam. Gracejavam e riam e os motoristas dos jipes na frente largaram suas armas no chão dos veículos. Mas quando o comboio passou pelo topo da última colina no caminho que descia para Montelepre, os homens ficaram aturdidos ao descobrir que a estrada pela frente se achava ocupada por um vasto rebanho de ovelhas. Os jipes na vanguarda da coluna foram avançando entre as ovelhas, os guardas gritando para os pastores vestidos de maneira rude. Os homens estavam ansiosos em alcançarem o quartel mais fresco, tirarem as roupas, deitarem nas camas dos alojamentos ou jogarem cartas, durante a pausa de uma hora ao meio-dia. Não podia haver qualquer perigo. Afinal, Montelepre ficava a poucos quilômetros de distância e contava com uma guarnição de quinhentos homens do exército do Coronel Luca. Por trás deles, puderam ver o caminhão-pagador entrar no vasto oceano de ovelhas. Mas não repararam que parou ali, que não se abriu qualquer caminho para lhe dar passagem.

Os pastores tentavam abrir um caminho para o caminhão. Estavam tão ocupados que pareciam não notar os outros veículos com guardas tocando as buzinas, os homens gritando, rindo e praguejando. Ainda não havia qualquer alarme.

Mas, subitamente, havia seis pastores junto ao caminhão do dinheiro. Tiraram armas escondidas sob os casacos e arrancaram o motorista e o pagador do caminhão. Desarmaram facilmente os dois *carabinieri*. Quatro homens começaram a tirar as caixas de madeira com os envelopes de pagamento. Passatempo era o líder desse grupo. A selvageria de seu rosto e a violência do corpo intimidaram os guardas tanto quanto as armas.

Ao mesmo tempo, as encostas em torno da estrada foram povoadas por bandidos armados com rifles e metralhadoras. Os disparos furaram os pneus dos dois carros de comando na retaguarda. Depois, Pisciotta postou-se na frente do primeiro carro e gritou:

— Desçam devagar, sem suas armas, e comerão seu espaguete esta noite em Palermo. Não banquem os heróis, porque não é o dinheiro de vocês que estamos levando.

Lá na frente, o caminhão de transporte dos guardas e os três jipes chegaram ao fundo da última colina e estavam prestes a entrar em Montelepre quando o oficial no comando descobriu que não havia mais nada por trás deles. Havia agora ainda mais ovelhas na estrada, isolando-o do resto do comboio. Fazendo sinais com as mãos, ele ordenou que os outros veículos parassem à beira da estrada e esperassem.

O jipe de reconhecimento fez a volta e recomeçou a subir a colina pela qual acabara de descer. Na metade do caminho foi recebido por um fogo de metralhadoras e rifles. Os quatro homens foram crivados de balas; sem um motorista, o jipe perdeu impulso e depois passou a descer lentamente pela encosta, na direção do comboio.

O comandante dos *carabinieri* saltou de seu jipe e ordenou aos homens no caminhão que desembarcassem e assumissem uma formação de combate. Os outros dois jipes partiram como lebres assustadas à procura de cobertura. Mas aquela força estava eficazmente neutralizada. Não podiam resgatar o caminhão-pagador, já que se achava no outro lado da colina; não podiam sequer disparar contra os homens de Giuliano, que enfiavam os envelopes de dinheiro em seus casacos. Os homens de Giuliano ocupavam uma posição mais alta e obviamente dispunham de poder de fogo para massacrar quaisquer atacantes. O melhor que o exército podia fazer era manter uma formação de combate e atirar de longe contra os bandidos.

* * *

O Maresciallo de Montelepre aguardava pelo pagador. Estava sempre sem dinheiro ao final do mês e, como seus homens, acalentava a expectativa de uma noitada em Palermo, jantando num bom restaurante com mulheres encantadoras e amigos. Ficou aturdido quando ouviu o tiroteio. Giuliano não se atreveria a atacar uma de suas patrulhas em plena luz do dia, não com a força auxiliar de quinhentos soldados do Coronel Luca na área.

Um instante depois, o Maresciallo ouviu uma tremenda explosão no portão do Quartel Bellampo. Um dos carros blindados ali estacionados explodira numa chama alaranjada. E depois o Maresciallo ouviu o matraquear de metralhadoras da direção da estrada que levava a Castelvetrano e à cidade costeira de Trapani, seguindo-se os estampidos de pequenas armas de fogo, da base das montanhas, nos arredores da cidade. Ele avistou suas patrulhas dentro da cidade de Montelepre voltando ao quartel, em jipes e a pé, correndo por suas vidas; e, lentamente, ocorreu-lhe que Turi Giuliano lançara todas as suas forças contra a guarnição de quinhentos homens do Coronel Luca.

* * *

Num penhasco alto, por cima de Montelepre, Turi Giuliano observava o assalto ao caminhão-pagador através do binóculo. Fazendo um desvio de 90 graus, ele pôde observar também a batalha nas ruas da cidade, o ataque direto ao Quartel Bellampo e as escaramuças com as patrulhas de *carabinieri* nas estradas para a costa. Todos os seus chefes estavam agindo com perfeição. Passatempo e seus homens se apoderavam do dinheiro do pagamento, Pisciotta mantinha imobilizada a retaguarda do comboio de *carabinieri*, Terranova e seu bando, auxiliados por novos recrutas, atacavam o Quartel Bellampo e suas patrulhas. Os homens diretamente sob o comando de Giuliano dominavam as bases da montanha. Stefan Andolini, realmente um Fra Diavalo, preparava uma surpresa.

* * *

Em seu quartel-general em Palermo, o Coronel Luca recebeu a notícia da perda do dinheiro de pagamento com o que pareceu a seus subordinados uma calma excepcional. Interiormente, porém, ele fervilhava de ódio pela astúcia de Giuliano e especulava sobre onde e como ele obtivera as informações sobre a disposição das tropas de *carabinieri*. Quatro *carabinieri* morreram no assalto e mais dez na batalha encarniçada com as outras forças de Giuliano.

O Coronel Luca ainda se encontrava ao telefone, recebendo notícias sobre as baixas, quando o Capitão Perenze apareceu bruscamente, as bochechas enormes tremendo de excitamento. Acabara de receber a informação de que alguns bandidos haviam sido feridos e que um fora morto e abandonado no campo de batalha. O bandido morto fora

identificado por documentos em seu corpo e pela confirmação positiva de dois cidadãos de Montelepre. O morto era nada menos que Turi Giuliano.

Contra toda a cautela, contra todas as informações de que dispunha, o Coronel Luca sentiu um ímpeto de triunfo. A história militar se achava repleta de grandes vitórias, manobras táticas brilhantes, que eram anuladas por pequenos acidentes pessoais. Uma bala esquecida, dirigida pelo destino, procurara magicamente e encontrara o fantasma esquivo do grande bandido. Mas, depois, a cautela voltou. Era sorte demais; podia ser uma armadilha. Mas se fosse, então ele entraria nela e faria a sua própria armadilha.

O Coronel Luca fez os seus preparativos, acionando uma coluna de grande mobilidade que seria invencível a qualquer ataque. Carros blindados seguiam na frente, indo depois o carro à prova de balas que conduzia o Coronel Luca e o Inspetor Frederico Velardi, que insistira em ir para ajudar a identificar o corpo, mas na verdade para certificar-se de que não continha o Testamento. Por trás do carro de Luca havia caminhões de transporte de tropas, os homens em alerta, as armas prontas para dispararem. Jipes de reconhecimento, num total de vinte, guarnecidos por paraquedistas fortemente armados, precediam a coluna. A guarnição de Montelepre recebera ordens para guardar as estradas próximas da cidade e estabelecer postos de observação nas montanhas ao redor. Patrulhas a pé, em grandes números e fortemente armadas, controlavam os lados da estrada, por toda a sua extensão.

O Coronel Luca e sua coluna móvel levaram menos de uma hora para chegar a Montelepre. Não houve ataques; a demonstração de força fora demais para os bandidos. Mas um desapontamento aguardava o coronel.

O Inspetor Velardi declarou que o cadáver, agora numa ambulância no Quartel Bellampo, não podia ser o de Giuliano. A bala que matara o homem desfigurara seu rosto, mas não o bastante para que o inspetor pudesse se enganar. Outros habitantes de Montelepre foram obrigados a olhar o cadáver e também disseram que não era o de Giuliano. Fora uma armadilha, no final das contas. Giuliano devia ter imaginado que o coronel correria para o local de uma maneira precipitada, com uma pequena escolta, expondo-se a uma emboscada. O Coronel Luca ordenou que se

tomassem todas as precauções. Mas estava com pressa de voltar a seu quartel-general em Palermo. Queria comunicar pessoalmente a Roma o que acontecera naquele dia e também cuidar para que ninguém divulgasse a notícia falsa da morte de Giuliano. Verificando primeiro se todas as suas tropas estavam nos lugares certos, a fim de evitar uma emboscada na volta, o coronel requisitou um dos jipes velozes na vanguarda da coluna. O Inspetor Velardi acompanhou-o.

A pressa do coronel salvou a vida de ambos. Quando a coluna se aproximou de Palermo, com o carro de Luca no meio, houve uma tremenda explosão. O carro subiu mais de três metros pelo ar e caiu em fragmentos de chamas, que se espalharam pelas encostas da montanha. O caminhão de transporte de tropas que seguia logo atrás teve oito homens mortos e quinze feridos, num total de trinta. Os dois oficiais no carro de Luca morreram.

Quando ligou para o Ministro Trezza, a fim de transmitir as más notícias, o Coronel Luca também pediu que os três mil homens extras de seu exército, que esperavam no continente, fossem embarcados imediatamente para a Sicília.

* * *

Don Croce sabia que esses ataques continuariam enquanto os pais de Giuliano estivessem presos; por isso, providenciou para que fossem libertados.

Mas ele não pode evitar a incursão de novas forças. Dois mil soldados ocupavam agora a cidade de Montelepre e a região ao redor. Outros três mil vasculhavam as montanhas. Setecentos habitantes de Montelepre e da província de Palermo foram presos para interrogatório pelo Coronel Luca, que usou os poderes especiais que lhe haviam sido delegados pelo governo democrata-cristão de Roma. Havia um toque de recolher que começava ao anoitecer e terminava ao amanhecer. Os cidadãos ficavam imobilizados em suas casas e os viajantes sem passes especiais eram presos. Toda a província se encontrava sob um reinado de terror oficial.

Don Croce observava com alguma apreensão, enquanto a maré se virava contra Giuliano.

CAPÍTULO 24

Antes da chegada do exército de Luca, quando podia entrar em Montelepre à vontade, Giuliano se encontrara muitas vezes com Justina; ela estivera ocasionalmente na casa de Giuliano no cumprimento de alguma missão ou para receber o dinheiro que ele dava a seus pais. Giuliano nunca notara que ela desabrochara para uma linda jovem até o dia em que a viu nas ruas de Palermo, acompanhando os pais. Eles haviam ido a Palermo para comprar ornamentos para a Páscoa, que não eram disponíveis numa cidade pequena como Montelepre. Giuliano e alguns homens do bando também estavam em Palermo para comprar suprimentos.

Giuliano não a via há seis meses, provavelmente. Ela se tornara mais alta e mais esbelta durante esse período. Era bem alta para uma mulher siciliana, as pernas compridas, vacilando em sapatos de saltos altos, recém-comprados. Tinha apenas 16 anos, mas o rosto e o corpo haviam florescido na terra subtropical da Sicília e se tornara uma mulher fisicamente madura. Os cabelos muito pretos estavam presos num coque por três travessas que pareciam cravejadas de pedras preciosas, deixando à mostra um pescoço tão comprido e dourado quanto o de uma egípcia num vaso. Os olhos eram enormes, inquisitivos. A boca era sensual, na verdade a única parte do rosto que denunciava a extrema juventude. Usava um vestido branco com uma fita vermelha se estendendo pela frente.

Era tão linda que Giuliano contemplou-a por um longo tempo. Ele estava sentado num café aberto, seus homens espalhados pelas mesas ao redor, quando Justina passou, junto com o pai e a mãe. Eles viram-no. O pai de Justina manteve o rosto impassível, sem dar qualquer sinal de reconhecimento. A mãe desviou os olhos com rapidez. Somente Justina fitou-o atentamente enquanto passava. Era bastante siciliana para não cumprimentá-lo por qualquer meio, mas fitou-o nos olhos e Giuliano pôde perceber que sua boca tremia no esforço de reprimir um sorriso. Na rua ensolarada, ela era como um raio de luz tremeluzente, exibindo toda a beleza sensual siciliana que desabrocha ainda muito cedo. Desde que se tornara um proscrito que Giuliano sempre desconfiara do amor. Para ele, constituía um ato de submissão e continha a semente de uma traição fatal.

Mas, naquele momento, ele sentiu o que nunca experimentara antes — uma confusão em seu corpo, o impulso de se ajoelhar diante de outro ser humano e voluntariamente aceitar uma estranha escravidão. Não identificou isso como amor.

Um mês depois, Giuliano descobriu que sua mente estava obcecada pela recordação de Justina Ferra parada ao sol naquela rua de Palermo. Presumiu que era apenas apetite sexual, que sentia falta de suas noites ardentes com La Venera. Depois, em seus devaneios, descobriu-se não apenas a sonhar em fazer amor com Justina, mas também a passar muito tempo em sua companhia, passeando pelas montanhas, mostrando-lhe suas cavernas, os vales estreitos repletos de flores, cozinhando refeições para ela sobre as fogueiras de acampamento. Ainda guardava o seu violão, envolvido numa lona impermeável. Sonhou em tocar para Justina. Mostraria para ela os poemas que escrevera ao longo dos anos, alguns dos quais haviam sido publicados por jornais sicilianos. Pensou até em se esgueirar para Montelepre e visitá-la em sua casa, apesar da presença dos dois mil soldados da Força Especial do Coronel Luca. Foi nessa ocasião que ele recuperou o bom senso e compreendeu que algo perigoso acontecia em seu íntimo.

Tudo aquilo era absurdo. Havia apenas duas alternativas em sua vida. Seria morto pelos *carabinieri* ou encontraria santuário na América. Mas se continuasse a sonhar com a moça, não seria a América. Tinha de tirá-la dos seus pensamentos. Se a seduzisse ou a tirasse de casa, o pai se tornaria seu inimigo mortal e ele já tinha inimigos demais. Açoitara Aspanu uma vez por seduzir uma moça inocente e ao longo dos anos executara três dos seus homens por estupro. O sentimento que acalentava por Justina era um desejo de fazê-la feliz, fazê-la amá-lo e admirá-lo, vê-lo como outrora via a si mesmo. Queria que os olhos de Justina se enchessem de amor e confiança.

Mas foi apenas a sua mente tática que explorou as opções. Já se decidira sobre o curso de ação. Casaria com a moça. Em segredo. Ninguém saberia, além da família de Justina, Aspanu Pisciotta e mais uns poucos membros de confiança de seu bando. Sempre que fosse possível encontrá-la, mandaria que a escoltassem para as montanhas e passariam um ou dois dias juntos. Seria perigoso para ela ser a esposa de Turi Giuliano, mas ele podia promover a sua ida para a América. Ela estaria lá à sua espera

quando ele fugisse para a América. Só havia um problema. O que Justina pensava dele?

* * *

Caesero Ferra fora um membro secreto do bando de Giuliano durante os últimos cinco anos, estritamente como um coletor de informações, nunca participando das operações. Ele e a esposa conheciam os pais de Giuliano e eram seus vizinhos; moravam dez casas abaixo da casa de Giuliano, na Via Bella. Era mais instruído que a maioria dos cidadãos de Montelepre e sentia-se insatisfeito com a vida de trabalhador nos campos. Quando Justina, ainda criança, perdera o dinheiro e Giuliano o substituíra, mandando-a para casa com um bilhete de que a família estava sob sua proteção, Caesero Ferra visitara Maria Lombardo e oferecera seus serviços. Colhia informações em Palermo e Montelepre sobre os movimentos das patrulhas de *carabinieri*, os movimentos de ricos comerciantes que seriam sequestrados pelo bando de Giuliano, a identidade de informantes da polícia. Recebia uma parte do resgate desses sequestros e acabou abrindo uma pequena taverna em Montelepre, que também ajudava em suas atividades secretas.

Quando o filho Silvio voltara da guerra como um agitador socialista, Caesero Ferra ordenou-lhe que saísse de casa. Não porque desaprovasse as convicções do filho, mas por causa do perigo que isso representava para o resto da família. Não tinha ilusões sobre a democracia ou os governantes de Roma. Lembrara a Turi Giuliano a sua promessa de proteger a família Ferra e Giuliano fizera o melhor possível para proteger Silvio. E depois que Silvio fora assassinado, Giuliano prometera que o crime seria vingado.

Ferra jamais culpara Giuliano. Sabia que o massacre em Ginestre deixara Turi Giuliano profundamente transtornado, provocara uma dor imensa, ainda o atormentava. Soubera disso por intermédio da esposa, que passava horas a fio escutando Maria Lombardo falar sobre o filho. Como haviam sido felizes até aquele dia terrível, anos antes, quando seu filho fora atacado pelos policiais e obrigado a matar em resposta, contra a sua melhor natureza. E é claro que cada morte desde então se justificara, imposta a Turi por homens maus. Maria Lombardo desculpava cada morte, cada crime, mas vacilava quando falava do massacre de Portella delle

Ginestre. Ah, as crianças dilaceradas pelo fogo de metralhadora, as mulheres indefesas mortas... Como as pessoas podiam pensar que seu filho faria tal coisa? Ele não era o protetor dos pobres, o Defensor da Sicília? Não dera fortunas para ajudar todos os sicilianos em necessidade de pão e casa? Seu Turi nunca poderia ter dado as ordens para tal massacre. Fora o que ele lhe jurara, sob a imagem da Madona negra, ambos chorando nos braços um do outro.

E assim, ao longo do tempo, Caesero Ferra especulara sobre o que realmente acontecera em Portella delle Ginestre. Os metralhadores de Passatempo haviam cometido um erro honesto na elevação do fogo? Passatempo, por pura crueldade, pela qual era famoso, massacrara aquelas pessoas por prazer? A coisa toda não teria sido engendrada para prejudicar Giuliano? Não haveria outro bando de homens que abrira fogo com suas metralhadoras, homens que não se encontravam sob as ordens de Giuliano, mas talvez enviados pelos Amigos dos Amigos ou até por um ramo da Polícia de Segurança? Caesero não deixou ninguém fora de sua lista de suspeitos, com exceção de Turi Giuliano. Pois se Giuliano era culpado, então o mundo inteiro em que ele vivia desmoronaria. Amava Giuliano como amara a seu próprio filho. Vira-o crescer de menino a homem, Giuliano jamais demonstrara qualquer mesquinhez de espírito, qualquer corrupção.

Assim, Caesero Ferra mantinha os olhos e ouvidos bem abertos. Pagava drinques a outros membros secretos do bando que não haviam sido presos pelo Coronel Luca. Ouvia trechos de conversas entre os Amigos dos Amigos que viviam na cidade e ocasionalmente apareciam em sua taverna, para tomar vinho e jogar cartas. Ouvira-os numa noite comentarem aos risos sobre “O Animal” e “O Demônio” visitando Don Croce, como o grande Don convertera aqueles homens temidos em anjos sussurrantes. Ferra ponderou a respeito e, com a infalível paranoia siciliana, fez a ligação. Passatempo e Stefan Andolini haviam-se encontrado em algum momento com o Don. Passatempo era frequentemente chamado de “O Bruto”, enquanto Fra Diavalo era o nome de bandido de Stefan Andolini. Por que teriam uma conferência particular com Don Croce na sua casa de Villalba, que ficava tão longe da base dos bandidos nas montanhas? Ele enviou o filho adolescente à casa de Giuliano com uma mensagem urgente. Dois dias depois, recebeu o aviso para um encontro com Giuliano

nas montanhas. Caesero Ferra relatou sua história a Giuliano. O jovem não deixou transparecer qualquer emoção e apenas fê-lo jurar que guardaria segredo. Ferra não soube de mais nada a respeito. E agora, três meses depois, ele recebia outro chamado de Giuliano e esperava tomar conhecimento do resto da história.

Giuliano e seu bando haviam-se embrenhado profundamente pelas montanhas, fora do alcance do exército de Luca. Caesero Ferra partiu à noite e foi recebido por Aspanu Pisciotta num ponto marcado, a fim de ser conduzido ao acampamento. Só chegaram lá na manhã seguinte e encontraram o café da manhã à espera. A refeição era requintada, servida sobre uma mesa dobrável, com toalha e talheres. Turi Giuliano vestia uma camisa branca de seda e uma calça bege de molesquim, metida em botas marrons, os cabelos recém-lavados e penteados. Ele nunca parecera tão bonito. Pisciotta foi dispensado e Giuliano e Ferra se sentaram juntos. Giuliano parecia contrafeito e disse, formalmente:

— Quero lhe agradecer pela informação que me forneceu. O assunto foi investigado e sei que é verdade. E é muito importante. Mas mandei chamá-lo para falar sobre outra coisa. Algo que sei que será uma surpresa e espero que não o ofenda.

Ferra ficou aturdido, mas disse polidamente:

— Você nunca poderia me ofender. Tem feito muita coisa por mim.

Giuliano sorriu, o sorriso franco e aberto de que Ferra se lembrava desde a sua infância.

— Peço que preste toda atenção — continuou Giuliano. — Falar com você é o meu primeiro passo. E, se desaprovar, não seguirei adiante. Ignore a minha posição como líder de nosso bando. Estou lhe falando como o pai de Justina. Sabe que ela é linda e deve ter havido muitos rapazes da cidade rondando a sua porta. E sei que você tem-lhe guardado a virtude cuidadosamente. Devo lhe dizer tudo isso porque é a primeira vez na vida que tenho esses sentimentos. Quero casar com sua filha. Se me disser não, nunca mais falarei uma só palavra a respeito. Você continuará a ser meu amigo e sua filha estará sempre sob a minha proteção. Se disser sim, então perguntarei à sua filha se a ideia lhe agrada. Se ela disser não, então estará tudo acabado.

Caesero Ferra ficou tão desconcertado com esse discurso que pôde apenas balbuciar:

— Deixe-me pensar, deixe-me pensar...

Ele se manteve em silêncio por um longo tempo. Quando voltou a falar, foi com extremo respeito:

— Eu preferia ter você como marido de minha filha a qualquer outro homem no mundo. E sei que meu filho Silvio, Deus guarde a sua alma, concordaria comigo. — Ferra fez uma pausa, passando a gaguejar quando acrescentou: — Eu me preocupo apenas com a segurança da minha filha. Como sua esposa. O Coronel Luca certamente encontraria qualquer pretexto para prendê-la. Os Amigos são agora seus inimigos e podem lhe causar mal. E você deve escapar para a América ou morrer aqui nas montanhas. Eu não gostaria que ela se tornasse viúva tão jovem. Por favor, perdoe-me por falar tão francamente. Mas um casamento também complicaria a vida para você e isso me preocupa ainda mais. Um marido feliz não se mantém tão atento a armadilhas, não é tão cauteloso com os seus inimigos. Um casamento pode causar a sua morte. Falo tão francamente apenas por causa da afeição e respeito que lhe tenho. É uma coisa que se pode deixar de lado para um dia melhor, quando puder conhecer seu futuro em mais detalhes e planejá-lo de maneira mais inteligente.

Quando terminou de falar, Ferra observou Giuliano cautelosamente, a fim de verificar se o desagradara. Mas apenas o deprimira. E reconheceu a reação como o desapontamento de um jovem apaixonado. O que lhe pareceu tão extraordinário que disse, impulsivamente:

— Não estou lhe dizendo não, Turi.

Giuliano suspirou.

— Tenho pensado muito em todas essas coisas. Meu plano é o seguinte. Casaria com sua filha em segredo. O Abade Manfredi efetuaria a cerimônia. Casaríamos aqui nas montanhas. Qualquer outro lugar seria perigoso demais para mim. Mas poderia providenciar para que você e sua esposa acompanhassem Justina, a fim de testemunhar o casamento. Ela ficaria comigo por três dias e depois eu a mandaria de volta para sua casa.

Se sua filha se tornar viúva, terá dinheiro suficiente para iniciar uma vida nova. Portanto, não precisa temer pelo futuro dela. Amo a sua filha, haverei de tratá-la bem e protegê-la por toda a sua vida. Proverei o seu futuro, se o pior acontecer. Mas ainda é um risco ser casada com um homem como eu; e como um pai prudente, você tem todo o direito de recusar permissão para que ela assuma esse risco.

Caesero sentiu-se profundamente comovido. O jovem falara com simplicidade e franqueza. E com uma grande esperança. Mas, acima de tudo, mostrara-se objetivo. Fizera provisões contra as calamidades da vida e o bem-estar futuro de sua filha. Ferra levantou-se para abraçar Giuliano.

— Tem minha bênção — disse ele. — Falarei com Justina.

Antes de partir, Ferra comentou que estava feliz por saber que sua informação fora útil. E ficou atônito com a mudança no rosto de Giuliano. Os olhos pareceram se arregalar, a beleza do rosto parecia endurecer em mármore branco.

— Convidei Stefan Andolini e Passatempo a assistirem a meu casamento — disse ele. — Podemos resolver o problema depois.

Foi só mais tarde que ocorreu a Ferra que tal convite era muito curioso, se havia a intenção de manter o casamento em segredo.

* * *

Não era incomum na Sicília uma moça casar com um homem com quem nunca passara um momento a sós. Quando as mulheres sentavam-se fora de suas casas, as solteiras tinham de ficar sempre de perfil, jamais olhando em cheio para a rua, a fim de não serem consideradas levianas. Os rapazes que passavam nunca tinham qualquer oportunidade de lhes falar, exceto na igreja, onde as moças se encontravam protegidas pelas imagens da Virgem Maria e os olhos frios de suas mães. Se um rapaz se apaixonava loucamente por um perfil ou pelas poucas palavras de conversa respeitosa, tinha de pôr no papel, numa carta bem escrita, declarando as suas intenções. Isto era uma coisa muito séria. Muitas vezes se contratava um escritor profissional para preparar as cartas. O tom errado poderia provocar um funeral, ao invés de um casamento. Assim, a proposta de Turi Giuliano, através do pai, nada tinha de excepcional, apesar de não ter dado diretamente a Justina qualquer sinal de seu interesse.

Caesero Ferra não tinha qualquer dúvida sobre a resposta de Justina. Quando era menina, ela sempre encerrava suas orações com a mesma frase: "E salve Turi Giuliano dos *carabinieri*." Ela sempre se mostrava ansiosa em levar mensagens para a mãe dele, Maria Lombardo. E depois, quando se espalhara a notícia sobre o túnel que terminava na casa de La Venera, Justina ficara cheia de raiva. A princípio, o pai e a mãe pensaram que a raiva era pela prisão da mulher e dos pais de Giuliano. Mas, depois, compreenderam que era ciúme.

Portanto, Caesero Ferra podia antecipar a resposta da filha. Isso não foi surpresa. Mas a maneira como ela recebeu a notícia foi um choque. Justina sorriu maliciosamente para o pai, como se tivesse planejado a sedução, como se soubesse que poderia conquistar Giuliano.

* * *

No fundo das montanhas havia um pequeno castelo normando, quase em ruínas, que não era ocupado há vinte anos. Giuliano decidiu realizar ali o casamento e a lua-de-mel. Ordenou que Aspanu Pisciotta estabelecesse um perímetro de homens armados, a fim de que o casal ficasse a salvo de qualquer ataque de surpresa. O Abade Manfredi deixou o mosteiro numa carroça puxada por burro e depois foi transferido para uma liteira, sendo carregado pelas trilhas das montanhas por homens do bando de Giuliano. Ficou deliciado ao encontrar no velho castelo uma capela particular, embora todas as estátuas valiosas e esculturas em madeira há muito tivessem sido roubadas. Mas as pedras nuas eram muito bonitas, assim como o altar de pedra. O abade não aprovava realmente o casamento. E depois que se abraçaram, ele disse jovialmente a Giuliano:

— Deveria dar atenção ao provérbio antigo: "O homem que joga sozinho nunca perde."

Giuliano soltou uma risada.

— Mas tenho de pensar em minha felicidade. — E acrescentou um dos ditos camponeses mais amados pelo abade, que sempre o usava para desculpar os seus esquemas de ganhar dinheiro: — "Lembre-se de que São José raspou a própria barba antes de raspar os Apóstolos."

Isso deixou o abade de melhor humor. Ele abriu a sua caixa de documentos e entregou a Giuliano a certidão de casamento. Era um lindo

documento, em caligrafia medieval, escrito em tinta dourada.

— O casamento será registrado no mosteiro — disse o abade. — Mas não tema, porque ninguém saberá.

A noiva e os pais haviam sido trazidos em burros na noite anterior. Ficaram em aposentos no castelo que tinham sido limpos pelos homens de Giuliano e providos com camas de bambu e palha. Giuliano experimentou algum remorso pela ausência de seus pais no casamento, mas eles estavam sendo atentamente vigiados pela Força Especial do Coronel Luca.

Aspanu Pisciotta, Stefan Andolini, Passatempo, o Cabo Silvestro e Terranova foram os únicos que assistiram ao casamento. Justina trocara as roupas de viagem pelo vestido branco que usara com tanto sucesso em Palermo. Ela sorriu para Giuliano, que ficou deslumbrado pela radiância do sorriso. O abade fez uma cerimônia curta e depois saíram para o gramado do castelo, onde fora armada uma mesa, com vinho, carne fria e pão. Todos comeram depressa e brindaram ao jovem casal. A viagem de volta do abade e dos Ferra seria longa e perigosa. Havia a preocupação de que uma patrulha de *carabinieri* pudesse vaguear pela área e o perímetro de homens armados teria de travar uma batalha. O abade queria partir rapidamente, mas Giuliano deteve-o.

— Quero lhe agradecer pelo que fez hoje — disse Giuliano. — Mas logo depois do dia do meu casamento quero realizar um ato de misericórdia. Mas preciso de sua ajuda para isso.

Eles falaram em voz baixa por um momento e o abade acenou com a cabeça. Justina abraçou os pais. A mãe chorou e olhou suplicante para Giuliano. Depois, Justina sussurrou alguma coisa em seu ouvido e a mulher mais velha riu. As duas tornaram a se abraçar e em seguida os pais de Justina montaram nos burros.

Os recém-casados passaram a noite de núpcias no quarto principal do castelo. O quarto se encontrava inteiramente despojado, mas Turi Giuliano providenciara para que um enorme colchão fosse trazido em lombo de burro, assim como lençóis de seda, uma colcha e travesseiros, tudo comprado na melhor loja de Palermo. Havia um banheiro tão grande quanto o quarto, com uma banheira de mármore. É claro que não havia água corrente e o próprio Giuliano teve de carregar baldes do córrego

faiscante que corria ao lado do castelo. Ele também providenciara artigos de toalete e perfumes que Justina nunca vira em toda a sua vida.

Nua, ela se mostrou inibida a princípio, mantendo as mãos entre as pernas. Sua pele era dourada. Era esguia, mas tinha os seios cheios de uma mulher madura. Quando beijou-a, Justina desviou a cabeça ligeiramente, a fim de que lhe tocasse apenas no canto da boca. Giuliano era paciente, não com a habilidade de um amante, mas com o senso tático que lhe servira tão bem em sua guerrilha. Justina soltara os cabelos muito pretos e compridos, de tal forma que lhe cobriam os seios. Giuliano afagou-lhe os cabelos e falou sobre a primeira vez em que a vira como uma mulher, naquele dia fatal em Palermo. Como ela estava linda na ocasião. Ele recitou de memória alguns poemas que escrevera a seu-respeito, quando se encontrava sozinho nas montanhas e sonhava com sua beleza. Ela relaxou na cama, a colcha por cima do corpo. Giuliano estendeu-se por cima da colcha, mas ela evitou seus olhos.

Justina contou como se apaixonara por ele no dia em que levara uma mensagem de seu irmão, como ficara desolada ao descobrir que Giuliano não a reconhecia como a garotinha a quem ajudara anos antes. Ela disse como terminavam suas orações todas as noites, desde que tinha 11 anos de idade, que gostava dele desde então.

Turi Giuliano experimentou um sentimento extraordinário de felicidade ao escutá-la contando tudo aquilo. Que ela o amava, que pensava e sonhava com ele, sozinho nas montanhas. Ele não parava de lhe afagar os cabelos. Justina pegou-lhe a mão e não a largou, a sua própria quente e seca. Giuliano perguntou:

— Ficou surpresa quando pedi a seu pai para falar com você sobre casamento?

Ela sorriu, um sorriso insinuante e triunfante.

— Não depois que você me olhou em Palermo. Daquele dia em diante, eu me preparei para você.

Giuliano inclinou-se para beijá-la nos lábios, de um vermelho escuro; e desta vez Justina não desviou o rosto. Ele ficou surpreso pela doçura de sua boca, a doçura de sua respiração, a reação de sua própria carne. Pela primeira vez em sua vida, Giuliano sentiu o corpo se

derretendo e escapando ao seu controle. Começou a tremer e Justina empurrou a colcha para o lado, a fim de que ele pudesse se estender a seu lado. Ela se virou de lado para abraçá-lo. A sensação de seu corpo era diferente de qualquer outro corpo que Giuliano já tocara. Justina fechou os olhos.

Turi Giuliano beijou-lhe a boca, os olhos fechados e depois os seios, a pele tão frágil que o calor da carne quase lhe queimou os lábios. Ele ficou atordoado com o cheiro de Justina, tão doce, livre da angústia da vida, tão distante da morte. Passou a mão por suas coxas e a maciez da pele enviou um frêmito dos dedos à virilha e ao topo da cabeça, onde quase lhe causou dor. Ficou atônito ao rir alto. Mas, depois, Justina enfiou a mão entre as pernas dele, bem de leve. Giuliano quase desfaleceu. Fez amor com ela numa paixão intensa e arrebatada, mas gentil. Ela retribuía às carícias, lentamente, hesitante a princípio, mas depois com igual ardor. Fizeram amor pelo resto da noite sem falarem, exceto pelas breves exclamações de amor. Quando a manhã rompeu, Justina mergulhou num sono exausto.

Quando ela acordou, por volta de meio-dia, encontrou a enorme banheira de mármore cheia de água fria e baldes também cheios ao lado da pia. Turi não estava em parte alguma. Ela sentiu-se momentaneamente assustada por estar sozinha; depois, entrou na banheira e lavou-se. Ao sair, enxugou-se com uma toalha marrom, grande e áspera, usou um dos perfumes na pia. Ao terminar finalmente a toalete, pôs o traje de viagem, um vestido marrom escuro e um suéter branca de botões. E calçou sapatos para uma longa jornada.

Lá fora, o sol de maio estava quente, como sempre acontecia na Sicília, mas uma brisa soprava pelas montanhas, esfriando o ar. Havia uma fogueira ao lado da mesa de cavaletes. Giuliano aprontara o café da manhã para ela — fatias de pão torradas, presunto frio e algumas frutas. Havia também canecas de leite, servido em um recipiente de metal envolto por folhas.

Não havia mais ninguém à vista e por isso Justina correu para os braços de Giuliano e beijou-o ardentemente. Depois, agradeceu-lhe por ter providenciado a refeição, mas censurou-o por não acordá-la para que cuidasse de tudo pessoalmente. Era algo inédito para um siciliano.

Eles comeram ao sol. Em torno deles, em torno de seu encantamento, estavam as muralhas em ruínas do castelo, por cima o que restava da torre normanda, a ponta decorada com mosaicos de pedras coloridas. A entrada para o castelo se fazia por um bonito portal normando. Através das pedras quebradas podiam divisar o altar da capela.

Eles passaram pelas muralhas em ruínas e atravessaram um bosque de oliveiras, com alguns limoeiros dispersos. Andaram por jardins daquelas flores que cresciam tão profusamente por toda a Sicília — os asfodelos dos poetas gregos, anêmonas rosas, jacintos, as adonis vermelhas, que a lenda dizia estarem manchadas pelo sangue do amante de Vênus. Turi Giuliano passou o braço por Justina. Os cabelos e o corpo dela estavam impregnados pelo perfume que as flores exalavam. No meio do bosque de oliveiras, Justina puxou-o ousadamente para o tapete de flores coloridas e fizeram amor. Por cima deles circulava uma pequena nuvem de borboletas amarelas e pretas, depois se elevando para o céu infinitamente azul.

No terceiro e último dia de idílio, ouviram o som de tiros ao longe, nas montanhas. Justina ficou alarmada, mas Giuliano tranquilizou-a. Ele teve sempre o cuidado, ao longo daqueles três dias juntos, de jamais lhe oferecer qualquer motivo para sentir medo. Nunca andava armado, não havia sequer uma arma à vista, pois escondera a todas na capela. Jamais deixava transparecer sua cautela e ordenara a seus homens que permanecessem fora de vista. Mas, pouco depois dos disparos, Aspanu Pisciotta apareceu com um par de coelhos ensanguentados. Jogou-os aos pés de Justina e disse:

— Cozinhe esses coelhos para o seu marido. É o prato predileto 4e Turi. E, se por acaso estragá-los, arrumaremos mais vinte.

Ele sorriu-lhe, enquanto ela se ocupava a esfolar e limpar os coelhos; depois fez um sinal para Giuliano. Os dois homens se afastaram para uma arcada caída na muralha e se sentaram.

— E então, Turi, valeu a pena arriscar nossas vidas? — indagou Pisciotta, sorrindo.

Giuliano respondeu suavemente:

— Sou um homem feliz. E agora me fale sobre os vinte coelhos que abateram.

— Uma das patrulhas de Luca, mas com toda força. Nós os detivemos no perímetro. Dois carros blindados. Um deles entrou em nosso campo minado e queimou tão mal quanto sua nova esposa queimará aqueles coelhos. O outro carro disparou suas armas para as rochas e depois voltou a Montelepre. Voltarão pela manhã para encontrar seus companheiros. Com toda força. Sugiro que você parta esta noite.

— O pai de Justina virá buscá-la ao amanhecer. Já acertou o encontro?

— Já.

— Depois que minha esposa partir... — Giuliano gaguejou ao pronunciar a palavra "esposa" e Pisciotta riu. Giuliano sorriu e continuou: — ... leve os homens para a capela e acertaremos o problema. — Ele fez uma pausa, pensativo, depois acrescentou: — Ficou surpreso quando lhe contei a verdade a respeito de Ginestre?

— Não.

— Você ficará para o jantar?

— Na última noite de sua lua-de-mel? — Pisciotta sacudiu a cabeça. — Conhece o provérbio: "Cuidado com a comida de uma recém-casada."

É claro que o provérbio antigo se referia à traição latente de novos amigos como parceiros no crime. O que Pisciotta estava querendo dizer, mais uma vez, era que Giuliano nunca deveria ter casado. Giuliano sorriu.

— Tudo isso não pode durar por muito mais tempo... devemos nos preparar para uma vida diferente. Cuide para que o perímetro aguente até amanhã, até terminarmos de resolver todos os nossos problemas.

Pisciotta assentiu. Ele olhou para a fogueira, onde Justina preparava os coelhos.

— Ela é mesmo uma linda moça — comentou ele. — E pensar que cresceu debaixo de nossos narizes e nunca a notamos. Mas tome cuidado, pois o pai diz que ela é estourada. Não a deixe pegar em suas armas.

Era novamente a insidiosa vulgaridade camponesa siciliana. Mas Giuliano parecia não estar prestando atenção. Pisciotta afastou-se pela muralha e desapareceu no bosque das oliveiras.

Justina colhera flores e as reunira num vaso antigo que encontrara no castelo, enfeitando a mesa. Serviu a comida que fizera, coelho com alho e tomates, uma tigela de madeira com salada, temperada com azeite e vinagre de vinho tinto. Parecia a Turi um pouco nervosa, um pouco triste. Talvez fosse pelos tiros, talvez fosse por Aspanu Pisciotta ter aparecido naquele Jardim do Éden, com seu rosto sinistro, as armas pendendo do corpo.

Sentaram-se de frente um para o outro, comendo devagar. Ela até que não era má cozinheira, pensou Giuliano; e se apressava em dar-lhe mais pão, mais carne, a encher seu copo com vinho. Ela fora bem preparada pela mãe. Ele notou com satisfação que Justina era também uma boa comedora — não era inapetente. Ela levantou os olhos e descobriu-o a observá-la. Sorriu-lhe e indagou:

— A comida está tão boa quanto a de sua mãe?

— Melhor. Mas nunca diga isso a ela.

Justina ainda o fitava como uma gata.

— E é tão boa quanto a de La Venera?

Turi Giuliano jamais tivera uma relação amorosa com uma moça. Foi tomado de surpresa, mas sua mente tática processou a questão rapidamente. Haveria em seguida indagações sobre o seu amor com La Venera. Não queria ouvir tais perguntas nem respondê-las. Não sentira pela mulher mais velha o mesmo amor que tinha agora por aquela moça. Mesmo assim, ainda sentia uma ternura e respeito por La Venera. Era uma mulher que sofrerá tragédias e dor das quais aquela moça não tinha o menor conhecimento, com todos os seus encantos.

Ele sorriu para Justina gravemente. Ela se levantara para tirar a mesa, mas estava esperando por sua resposta. E Giuliano disse:

— La Venera era uma grande cozinheira... não é justo julgá-la em comparação com você.

Um prato passou voando por sua cabeça e ele desatou a rir incontrolavelmente. Ria de alegria e prazer por ser parte daquela cena doméstica e porque, pela primeira vez, a máscara de doçura e docilidade caíra do rosto de Justina. Mas abraçou-a quando ela começou a chorar. Ficaram parados por um longo momento, no crepúsculo prateado que cai tão depressa na Sicília. Giuliano murmurou no ouvido de Justina, que se projetava tão rosado dos cabelos pretos:

— Eu estava brincando. Você é a melhor cozinheira do mundo.

Mas ele escondeu o rosto no pescoço de Justina, a fim de que ela não visse o seu sorriso. Eles falaram mais do que fizeram amor na última noite juntos. Justina interrogou-o a respeito de La Venera, Giuliano respondeu que isso pertencia ao passado e devia ser esquecido. Ela indagou como se encontrariam no futuro. Ele explicou que estava providenciando para que ela viajasse para a América e depois iria ao seu encontro lá. Mas o pai já lhe contara isso. Justina estava interessada apenas em saber como dariam um jeito para se encontrarem até sua partida para a América. Giuliano compreendeu que jamais ocorrera a Justina que ele poderia não escapar, que ela era muito jovem para imaginar finais trágicos.

O pai apareceu na manhã seguinte, bem cedo. Justina abraçou Turi Giuliano com toda força, por um último momento; depois se separaram.

* * *

Giuliano foi para a capela do castelo em ruínas e esperou por Aspanu Pisciotta e os outros chefes. Enquanto o fazia, armou-se com as armas que ali escondera.

Na conversa com o Abade Manfredi, pouco antes do casamento, Giuliano revelara ao velho as suas suspeitas de que Stefan Andolini e Passatempo haviam-se encontrado com Don Croce dois dias antes do massacre de Portella delle Ginestre. Garantiu ao abade que não faria nada contra seu filho, mas era essencial que conhecesse a verdade. O abade contou-lhe toda a história. Como Turi adivinhara, o filho lhe confessara o que acontecera.

Don Croce pedira a Stefan Andolini que levasse Passatempo a Villalba para uma reunião secreta. Andolini recebera a ordem de esperar

fora da sala em que os dois homens conferenciaram. Isso acontecera dois dias antes da matança. Depois da tragédia do 1º de Maio, Stefan Andolini confrontara Passatempo, que admitira que Don Croce lhe pagara uma grande quantia para desobedecer às ordens de Giuliano e disparar as suas metralhadoras em cima da multidão. Passatempo ameaçara jurar que Andolini se encontrava também na sala com Don Croce quando o negócio fora fechado, se Andolini revelasse alguma coisa a Giuliano. Andolini ficara com medo de contar a quem quer que fosse, com exceção de seu pai, o Abade Manfredi. Este o aconselhara a se manter de boca fechada. Na semana posterior ao massacre, Giuliano se mostrara tão furioso que certamente executaria os dois homens.

Giuliano tornou a garantir ao abade que não faria qualquer mal a seu filho. Giuliano instruíra Pisciotta sobre o que deveria fazer, mas disse que só acertariam o problema depois que Justina voltasse a Montelepre, após a lua-de-mel. Não queria assumir o papel de carniceiro antes de representar o de marido.

Ele esperava agora na capela do castelo normando em ruínas, seu teto o céu azul mediterrâneo. Encostou-se no que restava do altar e assim estava quando Aspanu Pisciotta trouxe os chefes. O Cabo Silvestro fora instruído por Pisciotta e se postou numa posição em que sua arma podia controlar Passatempo e Stefan Andolini. Esses dois homens foram levados diretamente a Giuliano, na frente do altar. Terranova, que de nada sabia, sentou-se num banco de pedra da capela. Ele comandara a defesa do perímetro durante as longas horas da noite e agora se achava exausto. Giuliano não contara a ninguém o que faria com Passatempo.

Giuliano sabia que Passatempo era como um animal selvagem — podia sentir as mudanças na atmosfera e o cheiro de perigo que se desprendia das outras pessoas. Por isso, teve o cuidado de se comportar exatamente como sempre fazia com Passatempo. Sempre mantivera maior distância entre os dois do que com os outros. Até designara Passatempo e seu bando para controlar a área distante nas proximidades de Trapani, pois a brutalidade daquele chefe o repugnava. Usava Passatempo para efetuar as execuções de delatores e também para ameaçar os "hóspedes convidados", até que pagassem seus resgates. A simples presença de Passatempo geralmente assustava os prisioneiros e abreviava as negociações. Mas se isso não fosse suficiente, Passatempo dizia o que

faria com eles e suas famílias, se o resgate não fosse pago. E descrevia a brutalidade com tanta satisfação que os "hóspedes" paravam de barganhar, querendo ser soltos o mais depressa possível. Giuliano apontou a sua pistola para Passatempo e disse:

— Antes de partirmos, precisamos acertas todas as nossas dívidas. Você desobedeceu às minhas ordens e aceitou dinheiro de Don Croce para massacrar o povo em Portella delle Ginestre.

Terranova olhava para Giuliano com os olhos semicerrados, especulando sobre a sua própria segurança, se Giuliano tentava descobrir quem era o culpado. Se ele não seria acusado também. Talvez tivesse de agir para se defender. Mas Pisciotta também apontava sua pistola para Passatempo. E Giuliano disse a Terranova:

— Sei que você e seu bando obedeceram às minhas ordens. Mas o mesmo não aconteceu com Passatempo. Ele pôs em risco a sua vida ao fazer isso, pois se eu não descobrisse a verdade teria de executar os dois. Mas agora temos de lidar só com ele.

Stefan Andolini não mexera um músculo sequer. Confiava novamente no destino. Fora fiel a Giuliano. Como os crentes em Deus que não podem acreditar que seu Deus seja maligno e cometem todos os crimes em sua honra, ele tinha fé absoluta de que nada lhe aconteceria.

Passatempo também sentiu tudo. Com seu profundo instinto animal, compreendeu que sua morte era iminente. Nada poderia ajudá-lo, a não ser sua própria ferocidade. Contudo, duas armas lhe estavam apontadas. Só podia ganhar tempo e fazer uma última e desesperada tentativa. E, por isso, ele disse:

— Stefan Andolini deu-me o dinheiro e a mensagem... faça-o prestar contas.

Esperava assim que Andolini fizesse um movimento para protestar, proporcionando-lhe então a cobertura necessária para desfechar um ataque desesperado. Mas Giuliano disse-lhes:

— Andolini confessou os seus pecados e suas mãos nunca estiveram nas metralhadoras. Don Croce enganou-o, assim como também me enganou.

Passatempo protestou, atordoado:

— Mas eu matei uma centena de homens e você nunca se queixou. E isso aconteceu há quase dois anos. Estamos juntos há sete anos e foi a única ocasião em que desobedeci às suas ordens. Don Croce deu-me motivos para acreditar que você não lamentaria muito pelo que fiz. Que você era mole demais para fazer a coisa pessoalmente. E que diferença faria algumas pessoas mortas a mais ou a menos, depois de todas as outras que matamos? Nunca fui infiel a você pessoalmente.

Giuliano compreendeu naquele momento que não havia a menor esperança de fazer aquele homem compreender a enormidade do seu crime. E, no entanto, por que aquilo deveria ofendê-lo tanto? Ao longo dos anos, ele próprio não ordenara outros atos quase tão terríveis? A execução do barbeiro, a crucificação do falso padre, os sequestros, as matanças de *carabinieri*, os assassinatos implacáveis de espiões? Se Passatempo era um homem brutal, então o que era ele, o Defensor da Sicília? Sentindo a sua própria relutância em realizar a execução, Giuliano disse:

— Eu lhe darei tempo para fazer as pazes com Deus. Ajoelhe-se e diga suas orações.

Os outros homens afastaram-se de Passatempo, deixando-o em seu próprio círculo fatídico da terra. Ele fez menção de ajoelhar-se, depois seu corpo explodiu em movimento para cima de Giuliano. Dando um passo à frente, ao seu encontro, Giuliano puxou o gatilho. As balas acertaram Passatempo em pleno ar, mas mesmo assim seu corpo continuou a se projetar para a frente e roçou em Giuliano ao cair. Giuliano deu um passo para trás, afastando-se bruscamente.

O corpo de Passatempo foi encontrado naquela tarde numa estrada da montanha patrulhada pelos *carabinieri*. Tinha um bilhete pregado: ASSIM MORREM TODOS OS QUE TRAEM GIULIANO.

LIVRO V TURI GIULIANO E MICHAEL CORLEONE - 1950

CAPÍTULO 25

Michael estava em sono profundo e despertou abruptamente. Era como se tivesse arrancado seu corpo de um poço. O quarto se achava completamente às escuras; ele fechara as janelas para bloquear a lua pálida, cor de limão. Não havia qualquer ruído, apenas um silêncio estranho, rompido agora por seu coração em disparada. Podia sentir a presença de outra pessoa no quarto.

Virou-se na cama e pareceu-lhe que havia uma poça mais clara de escuridão no chão ali perto. Estendeu a mão e acendeu o abajur na mesinha-de-cabeceira. A poça transformou-se na cabeça cortada da Madona preta. Michael pensou que caíra da mesa e fora esse o ruído que o acordara. Relaxou e sorriu, aliviado. Foi nesse instante que ouviu um pequeno farfalhar junto à porta. Virou-se nessa direção e, nas sombras que a luz alaranjada do abajur não podia alcançar, divisou o rosto moreno e ossudo de Aspanu Pisciotta.

Ele estava sentado no chão, encostado na porta. A boca com o bigodinho se abria num sorriso triunfante, como a dizer que seus guardas de nada adiantam, nada representa a segurança de seu santuário. Michael olhou para o seu relógio de pulso na mesinha-de-cabeceira. Eram três horas da madrugada.

— Você aparece nas horas mais estranhas... o que estava esperando?

Ele saiu da cama e vestiu-se apressadamente, depois abriu as janelas. O luar entrou pelo quarto como um fantasma, aparecendo e desaparecendo.

— Por que não me acordou?

Pisciotta levantou-se como uma cobra erguendo a cabeça para dar o bote.

— Gosto de observar as pessoas dormindo. Às vezes, em seus sonhos, revelam segredos.

— Eu nunca revelo segredos — respondeu Michael. — Nem mesmo em sonhos.

Ele saiu para o terraço, ofereceu um cigarro a Pisciotta. Fumaram juntos. Michael podia ouvir o peito de Pisciotta roncar com as tosses reprimidas; seu rosto parecia fantasmagórico ao luar, os ossos saltados. Permaneceram em silêncio por um longo tempo, finalmente rompido por Pisciotta:

— Recebeu o Testamento?

— Recebi.

Pisciotta suspirou.

— Turi confia em mim mais do que em qualquer outra pessoa no mundo... ele me confia a própria vida. Sou a única pessoa que pode encontrá-lo neste momento. Mas ele não confiou em mim com o Testamento. Está com você? — Michael hesitou por um momento. Pisciotta soltou uma risada. — Você é como Turi.

— O Testamento foi para a América. Está seguro com meu pai.

Ele não queria que Pisciotta soubesse que se encontrava a caminho de Túnis, simplesmente porque não desejava que ninguém soubesse.

Michael quase que receou a pergunta seguinte que tinha de formular. Só podia haver um motivo para Pisciotta visitá-lo tão secretamente. Somente uma razão para ele se esquivar aos guardas que cercavam a villa. Giuliano finalmente estava pronto para aparecer.

— Quando Giuliano virá?

— Amanhã à noite — respondeu Pisciotta. — Mas não aqui.

— Por que não? Esta casa é segura.

Pisciotta riu.

— Mas eu entrei aqui, não é mesmo?

Michael sentiu-se irritado com a verdade. Especulou novamente se Pisciotta passara pelos guardas sob as ordens de Don Domenic ou se o próprio não o levara até ali.

— Compete a Giuliano decidir.

— Não — declarou Pisciotta. — Eu devo decidir por ele. Você prometeu à família de Turi que ele estará seguro. Mas Don Croce sabe que você está aqui. O Inspetor Velardi também sabe. Os espiões deles estão por toda parte. O que você planeja para Giuliano? Um casamento, uma festa de aniversário? Ou um funeral? Que espécie de absurdo quer nos impingir? Pensa que somos todos burros aqui na Sicília?

Ele falava num tom frio e perigoso. Michael respondeu:

— Não contarei a você meu plano de fuga. Pode confiar em mim ou não, conforme preferir. Basta me dizer onde entregará Giuliano e estarei lá. Não me diga e amanhã eu estarei são e salvo na América, enquanto você e Giuliano ainda estarão correndo por suas vidas.

Pisciotta tornou a rir.

— Fala como um autêntico siciliano... não desperdiçou os anos que passou aqui. — Ele suspirou. — Não posso acreditar que tudo finalmente acabará. Quase sete anos a lutar e fugir, de traições e mortes. Mas éramos os Reis de Montelepre, Turi e eu... havia glória bastante para nós dois. Ele era pelos pobres e eu por mim mesmo. Nunca acreditei no início, mas no segundo ano como bandidos ele provou para mim e todo o nosso bando. Lembre-se de que sou o segundo no comando, seu primo... O homem em quem ele mais confia. Uso o cinto com a mesma fivela de ouro. Foi ele quem me deu. Mas seduzi a filha de um fazendeiro de Partinico e engravidei-a. O pai procurou Giuliano e contou a história. Sabe o que Turi fez? Amarrou-me a uma árvore e castigou-me com um chicote. Não na frente do fazendeiro ou de qualquer dos nossos homens. Nunca me exporia a tamanho desrespeito. Era o nosso segredo. Mas eu sabia que ele me mataria se desobedecesse novamente às suas ordens. Assim é o nosso Turi.

A mão de Pisciotta tremia quando ele levou-a à boca. Ao luar desvanescente, o pequeno bigode faiscava como uma lasca de osso preto. Michael pensou: — Que estranha história! E por que ele está me contando?

Os dois voltaram ao quarto e Michael fechou as janelas. Pisciotta pegou no chão a cabeça cortada da Madona preta e entregou-a a Michael,

dizendo:

— Joguei-a no chão para acordá-lo. O Testamento estava lá dentro, não é mesmo?

— Estava.

O rosto de Pisciotta assumiu uma expressão desolada.

— Maria Lombardo mentiu para mim. Perguntei a ela se estava com o Testamento. Ela disse que não. E depois entregou-o a você na minha presença. — Ele riu amargamente. — Tenho sido como um filho para ela. — Ele fez uma pausa, antes de arrematar: — E ela tem sido como uma mãe para mim.

Pisciotta pediu outro cigarro. Ainda restava algum vinho na jarra na mesinha-de-cabeceira. Michael serviu para ambos e Pisciotta bebeu, agradecido.

— Obrigado — disse ele. — Agora, devemos tratar de negócios. Eu lhe entregarei Giuliano nos arredores da cidade de Castelvetrano. Apareça num carro aberto, a fim de que eu possa reconhecê-lo. Siga pela estrada de Trapani. Eu o interceptarei num ponto qualquer, da minha escolha. Se houver perigo, use um gorro e não apareceremos. O momento será o amanhecer. Acha que pode conseguir?

— Claro. Está tudo acertado. Mas há uma coisa que devo lhe dizer: Stefan Andolini não compareceu ao encontro com o Professor Adonis que marcou ontem. O professor ficou muito preocupado.

Pisciotta ficou surpreso pela primeira vez. Depois, deu de ombros e comentou:

— O homenzinho sempre teve azar. E agora devemos nos despedir, até amanhã, ao amanhecer.

Ele pegou a mão de Michael, que disse impulsivamente:

— Venha conosco para a América.

Pisciotta sacudiu a cabeça.

— Vivi na Sicília por toda a minha vida e tenho adorado a minha vida. E, por isso, devo morrer na Sicília, se assim tiver de ser. Mas, de

qualquer forma, obrigado.

Michael sentiu-se estranhamente comovido por essas palavras. Mesmo com seu escasso conhecimento de Pisciotta, sentia que ali estava um homem que nunca poderia ser transplantado da terra e montanhas da Sicília. Ele era muito arrebatado e sanguinário, sua vida era a própria Sicília. Nunca poderia confiar numa terra estranha.

— Eu o levarei pelos portões — disse Michael.

— Não precisa. Nosso encontro deve permanecer em segredo.

* * *

Depois que Pisciotta se retirou, Michael ficou deitado na cama, pensando, incapaz de dormir. Finalmente se encontraria frente a frente com Turi Giuliano; viajariam juntos para a América. Ele se perguntou que tipo de homem seria Giuliano. Corresponderia ao mito? Tão maior que a vida que dominava aquela ilha e afetava o curso de uma nação? Michael levantou-se e abriu as janelas. O amanhecer finalmente rompia e ele observou o sol subir pelo céu, projetando uma estrada dourada sobre o mar... e foi por esse facho de luz que ele avistou a lancha voltando para o ancoradouro. Michael saiu correndo da casa e desceu para a praia, a fim de receber Peter Clemenza.

Tomaram o café da manhã juntos. Michael falou da visita de Pisciotta. Clemenza não pareceu surpreso por Pisciotta ter-se infiltrado pela guarda da villa.

— Foi seu irmão quem o trouxe? — indagou Michael.

— Pergunte a ele.

Os dois passaram o resto da manhã fazendo planos para o encontro com Giuliano. Podia haver espiões observando a villa, à espera de qualquer movimento extraordinário. Uma coluna de automóveis certamente atrairia atenção. Além disso, Michael talvez estivesse também sob uma vigilância rigorosa. Era verdade que a Polícia de Segurança Siciliana, sob o comando do Inspetor Velardi, não interferiria. Mas quem podia saber as traições que estariam se armando?

Eles almoçaram ao terminar o planejamento. Depois, Michael foi para seu quarto, a fim de dormir um pouco. Desejava estar completamente desperto para a longa noite. Peter Clemenza também tinha muitos detalhes para cuidar — dar ordens a seus homens, providenciar transporte e esperar por seu irmão, Don Domenic, voltar para casa, a fim de pô-lo a par de toda a situação.

Michael fechou as janelas do quarto e estendeu-se na cama. O corpo estava rígido, não conseguia dormir. Muitas coisas terríveis poderiam acontecer em 24 horas. Ele tinha um senso de presságio. Mas, depois, pôs-se a sonhar em voltar para sua casa em Long Island, o encontro com o pai e a mãe à espera, o término do longo exílio.

CAPÍTULO 26

No seu sétimo ano de banditismo, Turi Giuliano sabia que deveria deixar seu reino nas montanhas e fugir para a América em que fora concebido, a América que os pais lhe descreveram em suas histórias, quando ele era pequeno. A terra fabulosa em que havia justiça para os pobres, em que o governo não era o lacaio dos ricos, em que sicilianos sem dinheiro se elevavam para riquezas incalculáveis simplesmente pelo trabalho honesto e devotado.

Persistindo em suas declarações de amizade, o Don entrara em contato com Don Corleone na América, pedindo ajuda para salvar Giuliano e providenciar-lhe um refúgio lá. Turi Giuliano compreendia perfeitamente que Don Croce estava também servindo a seus próprios propósitos. Mas também sabia que não lhe restavam muitas opções. O poder de seu bando se desvanecera.

Agora, naquela noite, ele iniciara a jornada para se encontrar com Aspanu Pisciotta. Iria se entregar nas mãos do americano, Michael Corleone. Deixaria as montanhas agora. Aquelas montanhas que lhe haviam proporcionado refúgio por sete anos. Deixaria seu reino, poder, família e todos os companheiros. Seus exércitos desapareceriam, suas montanhas seriam ocupadas, seus protetores, o povo da Sicília, oprimido pela Força Especial do Coronel Luca. Se permanecesse, ainda conquistaria algumas vitórias, mas sua derrota final seria inevitável. Pois agora não tinha mais alternativa.

Turi Giuliano prendeu a lupara no ombro, pegou a metralhadora e iniciou a longa jornada para Palermo. Usava uma camisa branca sem mangas, mas por cima tinha um blusão de couro, com bolsos grandes que continham as munições para as armas. Ele pôs-se a andar. O relógio marcava nove horas, mas ainda havia resquícios da claridade do dia no céu, apesar de uma lua tímida já ter aparecido. Havia o perigo de um encontro com patrulhas da Força Especial de Repressão ao Banditismo, mas Giuliano caminhava sem medo. Alcançara uma certa invisibilidade ao longo dos anos. Todo o seu pessoal pelos campos erguia um manto ao redor dele. Se havia patrulhas por perto, eles o informavam; se ele estava em perigo, protegiam-no e escondiam-no em suas casas. Se ele fosse

atacado, os pastores e camponeses se reuniriam sob a sua bandeira solitária. Ele fora o defensor de todos; não o trairiam agora.

* * *

Nos meses subsequentes ao casamento houve batalhas encarniçadas entre a Força Especial do Coronel Luca e segmentos do bando de Giuliano. O Coronel Luca já recebera o crédito pela morte de Passatempo, os jornais anunciando em manchetes enormes que um dos mais temidos chefes de Giuliano fora morto num combate feroz com os heroicos soldados da Força Especial de Repressão ao Banditismo. O Coronel Luca, é claro, sumira com o bilhete deixado no corpo, mas Don Croce tomou conhecimento por intermédio do Inspetor Velardi. Compreendeu então que Giuliano descobrira a traição que fora cometida em Portella delle Ginestre.

O exército de cinco mil homens do Coronel Luca exercia uma pressão intensa sobre Giuliano. Ele não se atrevia mais a entrar em Palermo para comprar suprimentos ou se esgueirar para Montelepre a fim de visitar a mãe e Justina. Muitos dos seus homens estavam sendo traídos e mortos. Alguns emigravam por sua própria iniciativa para a Argélia ou Tunísia. Outros desapareciam em esconderijos que os isolavam das atividades do bando. A Máfia se achava agora em oposição ativa a ele, usando sua rede para entregar seus homens nas mãos dos *carabinieri*.

Até que, finalmente, um dos chefes foi abatido.

Terranova foi o desafortunado, a sua virtude acarretando o infortúnio. Ele não tinha a brutalidade de Passatempo, a astúcia maligna de Pisciotta ou a implacabilidade de Fra Diavolo. Nem a qualidade ascética de Giuliano. Era inteligente, mas também possuía um temperamento afetuoso. Giuliano muitas vezes o usara para fazer amizade com as vítimas de sequestro, para distribuir dinheiro e mercadorias aos pobres. Eram Terranova e seus homens que enchiam Palermo de cartazes na calada da noite, apresentando a propaganda de Giuliano. E frequentemente ele não participava das operações mais sangrentas.

Era um homem que precisava de amor e afeição. Poucos anos antes adquirira uma amante em Palermo, uma viúva com três filhos pequenos. Ela jamais soubera que Terranova era um bandido. Pensava que

ele fosse um funcionário do governo em Roma que passava os feriados na Sicília. Sentia-se grata pelo dinheiro que Terranova lhe dava e os presentes que levava para seus filhos. Mas Terranova lhe deixara bem claro que nunca poderiam casar. E, assim, ela proporcionava os cuidados e afeição de que ele precisava. Quando ele aparecia, a viúva lhe preparava as refeições mais elaboradas. Lavava as roupas de Terranova e fazia amor com um ardor agradecido. O relacionamento não podia permanecer em segredo para sempre dos Amigos dos Amigos. Don Croce guardou a informação para ser aproveitada na ocasião mais oportuna.

Justina visitara Giuliano umas poucas vezes nas montanhas e Terranova fora seu guarda nas viagens. A beleza da moça despertara seu amor. Mesmo sabendo que não era prudente, resolveu visitar a viúva uma última vez. Queria dar a ela uma quantia considerável, que a sustentasse e aos filhos pelos próximos anos.

E uma noite ele entrou em Palermo sozinho. Entregou o dinheiro à viúva e explicou que talvez não pudesse tornar a vê-la por um longo tempo. Ela chorou e protestou. Terranova por fim revelou quem era realmente. A viúva ficou atônita. O comportamento daquele homem era afável e manso, sua natureza gentil; apesar disso, ele era um dos famosos chefes de Giuliano. Ela fez amor com uma paixão intensa que o deliciou e passaram uma noite feliz com as três crianças. Terranova ensinara-lhes a jogar cartas. Quando as crianças ganharam, desta vez ele lhes pagou com dinheiro de verdade, o que acarretou muitos risos de alegria.

Depois que as crianças estavam na cama, Terranova e a viúva continuaram a fazer amor até o amanhecer. Terranova preparou-se então para ir embora. Abraçaram-se na porta pela última vez e Terranova desceu rapidamente pela rua pequena, entrando na praça principal da cidade, diante da catedral. Sentia uma saciedade feliz do corpo, a mente estava em paz. Mantinha-se relaxado e despreocupado.

O ar da manhã foi abalado pelo barulho de motores. Três carros pretos avançaram em grande velocidade na sua direção. Homens armados apareceram em todos os lados da praça. Outros homens armados saltaram dos carros. Um dos homens gritou-lhe que se rendesse, levantasse as mãos.

Terranova lançou um último olhar para a catedral, as imagens de santos em nichos nos lados. Contemplou as sacadas azuis e amarelas, o sol

nascendo para clarear o céu. Sabia que era a última vez em que veria tais maravilhas, que seus sete anos de sorte haviam terminado. Só lhe restava agora uma coisa a fazer.

Ele deu um grande pulo, como se quisesse saltar por cima da própria morte e lançar-se num universo seguro. Enquanto seu corpo voava para o lado e caía ao chão, ele sacava a pistola e disparava. Um soldado cambaleou para trás e caiu, apoiando-se num joelho. Terranova tentou puxar o gatilho outra vez, mas a esta altura uma centena de balas convergiram para seu corpo, explodindo-o em pedaços, arrancando a carne dos ossos. De certa forma, ele ainda teve sorte — tudo aconteceu tão depressa que nem teve tempo de imaginar se sua amante o traíra.

* * *

A morte de Terranova produziu um senso de perdição em Giuliano. Ele já sabia que o reinado do bando estava acabado. Que não podiam mais contra-atacar, que não podiam mais se esconder nas montanhas. Mas sempre pensara que ele e seus chefes conseguiriam escapar, que não se encontrariam com a morte. Agora, ele compreendeu que restava muito pouco tempo. Havia uma coisa que sempre quisera fazer e por isso chamou o Cabo Canio Silvestro para uma conversa.

— Nosso tempo acabou — ele disse a Silvestro. — Você me falou um dia que tinha amigos na Inglaterra que o protegeriam. Pois este é o momento para você partir. Tem minha permissão.

O Cabo Silvestro sacudiu a cabeça.

— Sempre posso ir embora depois que você estiver são e salvo na América. Ainda precisa de mim. E sabe que eu nunca o trairei.

— Sei disso — murmurou Giuliano. — E você também sabe da afeição que sempre lhe tive. Mas nunca foi um bandido de verdade. Sempre foi um soldado e um policial. Seu coração sempre se postou do lado da lei. E por isso poderá refazer sua vida depois que tudo terminar. Para o resto de nós será difícil. Seremos bandidos para sempre.

— Nunca pensei em você como um bandido, Turi.

— Nem eu. Mas o que tenho feito nestes sete anos? Pensava estar lutando pela justiça. Tentei ajudar os pobres. Tinha a esperança de libertar

a Sicília. Queria ser um homem de bem. Mas foi o momento errado e a maneira errada. E agora devemos fazer o que for possível para salvarmos nossas vidas. E por isso você deve partir para a Inglaterra. Eu me sentirei feliz por sabê-lo são e salvo.

Depois, Giuliano abraçou Silvestro e arrematou:

— Você tem sido um verdadeiro amigo. E estas são as minhas ordens.

* *.*

Ao crepúsculo, Turi Giuliano deixou sua caverna e seguiu para o mosteiro dos capuchinhos, nos arredores de Palermo, onde aguardaria notícias de Aspanu Pisciotta. Um dos monges dali era um membro secreto de seu bando e cuidava das catacumbas do mosteiro. Havia centenas de corpos mumificados nas catacumbas.

Por centenas de anos, antes da Primeira Guerra Mundial, fora costume das famílias ricas e nobres pendurar nas paredes do mosteiro os trajes em que desejavam ser sepultados. Quando morriam, os corpos eram entregues no mosteiro depois das cerimônias fúnebres. Os monges eram mestres na arte da preservação de corpos. Expunham os cadáveres a um calor brando durante seis meses, depois secavam as partes moles do corpo. No processo de secagem a pele murchava, as feições se contorciam em carrancas de morte, um pouco de horror, um pouco de comicidade, tudo formando um conjunto terrível para o observador. Depois, os corpos eram vestidos com os trajes que lhes haviam sidos deixados e metidos em ataúdes de vidro. Esses ataúdes eram colocados em nichos nas paredes ou pendurados do teto por fios. Alguns corpos ficavam sentados em cadeiras, outros de pé, encostados nas paredes. Alguns ficavam em caixas de vidro como bonecos vestidos.

Giuliano deitou-se numa pedra úmida nas catacumbas e usou um ataúde como travesseiro. Estudou aqueles sicilianos mortos há centenas de anos. Havia um cavaleiro da Corte Real num uniforme franzido de seda azul, um capacete na cabeça, uma bengala de estoque na mão. Um cortesão, afetado ao estilo francês, ostentava uma peruca branca e botas de saltos altos. Havia um cardeal de vermelho e um arcebispo com sua mitra. Havia beldades da corte cujos vestidos dourados pareciam agora como

teias de aranha a estrangular os corpos mumificados e encolhidos, como se fossem moscas. Havia uma jovem donzela de luvas brancas e uma camisola branca de babados, encerrada numa caixa de vidro.

Giuliano dormiu muito mal nas duas noites que passou ali. E quem não dormiria mal num lugar assim?, refletiu ele. Aqueles haviam sidos os grandes homens e mulheres da Sicília pelos últimos três ou quatro séculos e pensaram que poderiam escapar aos vermes daquela maneira. O orgulho e a vaidade dos ricos, os diletos do destino. Muito melhor morrer na estrada como o marido de La Venera.

Mas o que realmente mantinha Giuliano acordado era uma preocupação inquietante. Como Don Croce escapara ao ataque final? Giuliano sabia que a operação fora planejada com perfeição. Meditara a respeito por muitas semanas. O Don era tão bem guardado que se precisava encontrar alguma falha em suas defesas. Giuliano chegara à conclusão de que sua melhor oportunidade era quando o Don se sentisse seguro no Hotel Umberto, em Palermo, fortemente vigiado. O bando tinha um espião no hotel, um dos garçons. Ele forneceu o programa do Don, a disposição dos guardas. Com essas informações, Giuliano tinha certeza de que o ataque seria bem-sucedido.

Convocara trinta homens para se encontrarem com ele em Palermo. Soubera da visita de Michael Corleone e de seu almoço com o Don, por isso esperara até o final da tarde, quando recebera o aviso de que Michael já partira. Vinte dos seus homens haviam então desfechado um ataque frontal contra o hotel, a fim de afastar os guardas do jardim. E, poucos momentos depois, ele e os outros dez homens plantaram uma carga explosiva no muro do jardim e abriram um rombo. Giuliano liderara a investida pela abertura. Restavam apenas cinco guardas no jardim. Giuliano abatera um deles e os outros quatro fugiram. Giuliano correra para a suíte do Don, mas descobrira que se achava vazia. E lhe ocorrera que era muito estranho que estivesse desguarnecida. Enquanto isso, o outro destacamento do seu bando forçara a passagem pela barreira de defesa e juntara-se a ele. Vasculharam os quartos e corredores pelo caminho, mas nada encontraram. O corpo volumoso do Don tornava impossível um deslocamento rápido e por isso só se podia tirar uma conclusão. O Don deixara o hotel pouco depois de Michael partir. E agora

ocorreu a Giuliano, pela primeira vez, que Don Croce fora avisado do ataque.

Era uma pena, pensou Giuliano. Teria sido um último golpe glorioso, além de remover o seu inimigo mais perigoso. Quantas baladas não seriam feitas se ele tivesse encontrado Don Croce naquele jardim ensolarado! Mas haveria outro dia. Ele não permaneceria na América para sempre.

Na terceira manhã, o monge capuchinho, o corpo e o rosto quase tão murchos quanto as múmias aos seus cuidados, trouxe uma mensagem de Pisciotta. Dizia o seguinte: "Na casa de Carlos Magno." Giuliano compreendeu imediatamente. Zu Peppino, o mestre carroceiro de Castelvetrano, que o ajudara a assaltar os caminhões de Don Croce e fora um aliado secreto do bando desde então, tinha três carroças e seis burros. Todas as três carroças estavam pintadas com legendas do grande imperador; quando meninos, Turi e Aspanu chamavam a sua residência de casa de Carlos Magno. O momento do encontro já fora marcado.

Naquela noite, a sua última na Sicília, Giuliano seguiu para Castelvetrano. Encontrou nos arredores de Palermo com alguns pastores que eram membros secretos do bando e usou-os como uma escolta armada. Foram para Castelvetrano com tanta facilidade que uma suspeita aflorou na mente de Giuliano. A cidade parecia aberta demais. Ele dispensou os guardas, que desapareceram na noite. E depois foi para uma casinha de pedra nos limites de Castelvetrano em cujo pátio se encontravam três carroças pintadas, agora com legendas de sua própria vida. Aquela era a casa de Zu Peppino.

Zu Peppino não pareceu surpreso ao vê-lo. Largou o pincel com que pintava a ripa de uma carroça. Depois trancou a porta e disse a Giuliano:

— Temos problemas. Você atrai os *carabinieri* como uma mula morta atrai moscas.

Giuliano experimentou um pequeno choque de adrenalina.

— É a Força Especial de Luca?

— Isso mesmo. Estão escondidos, nenhum deles patrulha as ruas. Avistei alguns dos seus veículos quando voltei do trabalho. E alguns carroceiros me contaram que viram outros veículos. Pensamos que estavam armando uma armadilha para membros do seu bando, mas nunca imaginei que pudesse ser você. Nunca veio tão para o sul, tão longe das suas montanhas.

Giuliano se perguntou como fora possível que os *carabinieri* tomassem conhecimento do encontro. Teriam seguido Aspanu? Michael Corleone e seus homens haviam sido indiscretos? Ou haveria um informante? De qualquer forma, ele não podia se encontrar com Pisciotta em Castelvetrano. Mas tinham um ponto de encontro alternativo, se um deles não comparecesse à reunião ali.

— Obrigado pelo aviso — disse Giuliano. — Fique atento à presença de Pisciotta na cidade e informe-o. E quando levar sua carroça para Montelepre, faça uma visita à minha mãe e conte a ela que estou são e salvo na América.

— Permita que um velho o abrace. — Zu Peppino deu um beijo no rosto de Giuliano. — Nunca acreditei que você pudesse ajudar a Sicília. Ninguém pode, ninguém jamais pôde, nem mesmo Garibaldi, nem mesmo aquele falastrão do Duce. E agora, se você quiser, posso atrelar minhas mulas a uma carroça e levá-lo a qualquer lugar.

O encontro de Giuliano com Pisciotta estava marcado para meia-noite. Eram apenas dez horas. Ele chegara cedo deliberadamente para efetuar um reconhecimento do terreno. E sabia que o encontro com Michael Corleone seria apenas pouco antes do amanhecer. O ponto de encontro alternativo ficava a pelo menos duas horas a pé de Castelvetrano. Mas era melhor andar do que usar Zu Peppino. Ele agradeceu ao velho e afastou-se pela noite.

O ponto de encontro alternativo era nas famosas ruínas gregas antigas conhecidas como Acrópole de Selino. Ao sul de Castelvetrano, perto de Mazara dei Vallo. as ruínas se erguiam numa planície desolada, próximo do mar, terminando onde os penhascos marinhos começavam a se levantar. Selino fora enterrada pôr um terremoto antes de Cristo nascer, mas ainda se encontravam de pé uma fileira de colunas de mármore e arquitraves. Ou melhor, haviam sido deixadas de pé pelos escavadores.

Havia uma rua principal, agora dominada pelos escombros dos prédios antigos que a margeavam. Havia um templo com o telhado coberto por trepadeiras e exibindo buracos como um crânio, colunas de pedra desgastadas e acinzentadas pelos séculos. A acrópole propriamente dita, o centro fortificado das antigas cidades gregas, era construído no terreno mais elevado, como sempre. Assim, aquelas ruínas olhavam do alto para a paisagem desolada.

O sirocco, um terrível vento do deserto, soprara durante o dia inteiro. Agora, à noite, tão perto do mar, tangia um nevoeiro que rolava pelas ruínas. Giuliano, cansado da longa marcha forçada, deu a volta para os penhascos marinhos, a fim de poder observar toda a área.

Era uma vista tão espetacular que ele esqueceu por um momento o perigo em que se encontrava. O templo de Apolo ruíra numa massa de colunas distorcidas. Outros templos em ruínas rebrilhavam ao luar — sem paredes, apenas colunas, fragmentos de telhados e uma muralha de fortaleza, com o que fora outrora uma janela gradeada lá no alto, agora apenas um buraco vazio, através do qual a lua refulgia. Mais abaixo, no que fora a cidade propriamente dita, uma coluna se erguia sozinha, cercada por ruínas, resistindo impávida por milhares de anos. Era a famosa "II Fuso di la Vecchia", a Roca da Velha. Os sicilianos estavam tão acostumados aos monumentos dos gregos espalhados pela ilha que os tratavam com um desdém afetuoso. Eram somente os estrangeiros que faziam tanto estardalhaço por causa deles.

E os estrangeiros haviam levantado as doze grandes colunas que estavam agora à sua frente. A grandiosidade era hercúlea, mas por trás havia apenas o panorama de ruínas. Na base daquelas doze colunas, em formação como soldados de frente para seu comandante, havia uma plataforma de degraus de pedra que parecia crescer do solo. Giuliano sentou-se no último degrau, encostado em uma coluna. Meteu a mão por baixo do casaco, tirou a pistola e a lupara, colocando-as um degrau abaixo. O nevoeiro turbilhonava pelas ruínas, mas ele sabia que ouviria qualquer pessoa que se aproximasse pelos escombros e que poderia facilmente divisar qualquer inimigo, antes que o percebessem.

Ajeitou-se de encontro à coluna, satisfeito pela oportunidade de deixar o corpo fatigado descansar um pouco. A lua de julho pareceu

desfilar pelas colunas brancas e repousar contra os penhascos que levavam ao mar. E no outro lado do mar estava a América. E na América estava Justina e seu filho por nascer. Em breve se encontraria são e salvo, os últimos sete anos de banditismo não passariam de um sonho. Por um momento, ele especulou que espécie de vida seria, se poderia algum dia ser feliz não vivendo na Sicília. Ele sorriu. Voltaria um dia e surpreenderia a todos. Ele suspirou de cansaço, desfez os cordões das botas, descalçou-as. Tirou as meias e os pés agradeceram o contato com a pedra fria. Meteu a mão no bolso e pegou as duas opúncias que trouxera. O suco doce revigorou-o. Com uma das mãos sobre a pistola a seu lado, esperou por Aspanu Pisciotta.

CAPÍTULO 27

Michael, Peter Clemenza e Don Domenic jantaram juntos, bem cedo. Se queriam chegar a tempo para o encontro ao amanhecer, na operação de recolhimento de Giuliano, teriam de partir ao crepúsculo. Repassaram o plano e Domenic aprovou-o. Ele acrescentou um detalhe: Michael não deveria estar armado. Se alguma coisa saísse errada e os *carabinieri* ou a Polícia de Segurança os prendessem, não haveria assim acusações contra Michael e ele poderia deixar a Sicília, não importando o que acontecesse.

Eles tomaram uma jarra de vinho com limão no jardim e depois chegou o momento de partirem. Don Domenic deu um beijo de despedida no irmão. Virou-se e deu um abraço rápido em Michael.

— Apresente minhas lembranças a seu pai. Rezo por seu futuro e lhe desejo o melhor. E pelos próximos anos, se alguma vez precisar dos meus serviços basta avisar.

Os três desceram para o atracadouro. Michael e Peter Clemenza embarcaram na lancha, que já estava cheia de homens armados. Os dois foram para a cabine e Clemenza se acomodou para dormir num dos beliches. Tivera um dia movimentado e ficariam no mar até quase o amanhecer do dia seguinte.

Haviam mudado os planos. O avião em Mazara dei Vallo, de onde pensavam em voar para a África, seria usado como uma isca falsa; em vez disso, a fuga para a África seria de barco. Clemenza argumentara em defesa desse plano, alegando que poderia controlar a estrada e guardar a lancha com seus homens, mas nunca poderia controlar a pequena pista de decolagem. Havia uma área grande de acesso e o avião era muito frágil; poderia se tornar uma armadilha fatal enquanto ainda se encontrasse em terra. A velocidade não era tão importante quanto a manobra diversionista e seria mais fácil se esconder no mar do que no céu. Além disso, podia-se providenciar a transferência para outra embarcação; não seria possível trocar de avião no ar.

Clemenza passara o dia ocupado a despachar alguns homens e carros para um ponto de concentração na estrada de Castelvetrano,

enquanto outros iam garantir a cidadezinha de Mazara dei Vallo. Enviara-os a intervalos de uma hora, pois não queria espiões observando o movimento excepcional de um comboio passando pelos portões. Os carros seguiram em direções diferentes, para confundir ainda mais os observadores. Enquanto isso, a lancha estaria contornando a ponta sudoeste da Sicília, ficando além do horizonte até que o dia começasse a raiar, quando então seguiria para o porto de Mazara dei Vallo. Carros e homens estariam aguardando-os. De lá, não seria mais que meia hora de viagem até Castelvetrano, apesar da volta para o norte que teriam de efetuar, até a estrada de Trapani e ao ponto em que Pisciotta os interceptaria.

Michael se deitou num beliche. Podia ouvir Clemenza roncando e sentiu uma profunda admiração por constatar que ele era capaz de dormir num momento assim. Michael pensou que dentro de 24 horas estaria em Túnis e 12 horas depois se reuniria com a família. Após dois anos de exílio, teria todas as opções de um homem livre, não mais fugindo da polícia, não mais sujeito às regras de seus protetores. Poderia fazer tudo o que bem quisesse. Mas apenas se sobrevivesse pelas próximas 36 horas. Enquanto fantasiava o que faria em seus primeiros dias de volta à América, o balanço da lancha embalou-o e acabou mergulhando num sono sem sonhos.

* * *

Fra Diavolo dormia um sono muito mais profundo.

Stefan Andolini, na manhã do dia em que deveria pegar o Professor Hector Adonis em Trapani, seguiu primeiro para Palermo. Tinha um encontro com o chefe da Polícia de Segurança siciliana, Inspetor Velardi. Era mais uma das suas frequentes reuniões, em que o inspetor informava Andolini sobre os planos operacionais do Coronel Luca para o dia. Andolini transmitia então as informações a Pisciotta, que as levava para Giuliano.

Era uma linda manhã, os campos à beira da estrada se achavam atapetados por flores. Ainda era cedo para o encontro e por isso ele parou junto de um dos santuários à beira da estrada, para fumar um cigarro. Depois ajoelhou-se diante da caixa trancada que continha a imagem de Santa Rosália. Sua oração foi simples e pragmática, uma súplica à santa

para que o protegesse de seus inimigos. No próximo domingo confessaria seus pecados ao Padre Benjamino e aceitaria a comunhão. Agora, o sol radiante lhe esquentava a cabeça descoberta. O ar perfumado pelas flores era tão intenso que limpava as narinas da nicotina. Ele sentia uma fome enorme. Prometeu a si mesmo um bom café da manhã no melhor restaurante de Palermo, depois do encontro com Inspetor Velardi.

* * *

O Inspetor Frederico Velardi, chefe da Polícia de Segurança da Sicília, experimentava o sentimento de triunfo virtuoso de um homem que esperara pacientemente, acreditando sempre num Deus que por fim imporia ordem ao universo. E, agora, ele recebia a sua recompensa. Por quase um ano, sob as ordens diretas e secretas do Ministro Trezza, ele ajudara Giuliano a escapar dos *carabinieri* e de seus próprios homens. Reunira-se muitas vezes com o famigerado Stefan Andolini, Fra Diavalo. Durante esse ano, o Inspetor Velardi, para todos os efeitos práticos, estivera subordinado a Don Croce Malo.

Velardi era do norte da Itália, onde as pessoas subiam na vida através da educação, o respeito pelo contrato social e a crença na lei e no governo. Os anos de serviço de Velardi na Sicília haviam-lhe incutido desprezo e ódio profundo ao povo siciliano, de alto a baixo. Os ricos não tinham consciência social e reprimiam os pobres por sua cumplicidade criminosa com a Máfia. A Máfia, que fingia proteger os pobres, alugava seus serviços aos ricos para reprimir esses mesmos pobres. Os camponeses eram orgulhosos demais, com egos tão imensos que se sentiam glorificados no assassinato, mesmo que passassem o resto de suas vidas na prisão.

Mas agora as coisas seriam diferentes. As mãos do Inspetor Velardi haviam sido finalmente desamarradas e poderia lançar seus pelotões em ação. E as pessoas tornariam a ver a diferença entre os homens da sua Polícia de Segurança e aqueles palhaços dos *carabinieri*.

Para espanto de Velardi, o próprio Ministro Trezza lhe transmitira a ordem de que Giuliano não deveria mais ser protegido. Ele seria morto ou capturado, mas era entendido que um cadáver seria preferível a um homem vivo com a língua solta. Além disso, todas as pessoas que haviam recebido os passes de borda vermelha, assinados pelo ministro, os passes

todo-poderosos que permitiam aos portadores passarem por bloqueios nas estradas, carregar armas, ser imunes às prisões de rotina, deveriam ser detidas em confinamento solitário. Os passes seriam recolhidos. Especialmente os que haviam sido entregues a Aspanu Pisciotta e Stefan Andolini.

Velardi preparou-se para entrar em ação. Andolini esperava na antessala para receber as informações. Pois teria uma surpresa hoje. Velardi pegou o telefone e convocou um capitão e quatro sargentos da polícia. Disse-lhes que se preparassem para enfrentar algum problema. Ele próprio tinha uma pistola num coldre no cinto, algo que geralmente não acontecia quando se encontrava em seu gabinete. Depois, ele mandou que Stefan Andolini fosse introduzido em sua sala.

Os cabelos vermelhos de Stefan Andolini estavam impecavelmente penteados. Afinal, uma visita ao chefe da Polícia de Segurança era uma ocasião formal que se devia demonstrar algum respeito. Ele não estava armado. Sabia por experiência que sempre se era revistado ao entrar naquele prédio. Ficou de pé diante da mesa de Velardi, esperando pela permissão habitual para sentar. Não lhe foi concedida e por isso ele permaneceu de pé, o primeiro sinal de advertência espocando em sua cabeça.

— Deixe-me ver o seu passe especial — disse-lhe o Inspetor Velardi.

Andolini não se mexeu. Tentava sondar aquele estranho pedido. E, por princípio, mentiu:

— Não o trouxe. Afinal, estou visitando um Amigo.

Ele deu uma ênfase especial à palavra “Amigo”. Isso enfureceu Velardi. Ele contornou a mesa e parou diante de Andolini.

— Você nunca foi meu amigo. Eu obedecia a ordens ao partilhar pão com um porco como você. E agora preste muita atenção. Você está preso. Ficará confinado em minhas celas, até outra decisão posterior. E devo lhe dizer que tenho uma cassetta nas minhas celas. Mas teremos uma conversa aqui, em minha sala, amanhã de manhã. Poderá se poupar de alguma dor, se for esperto.

Na manhã seguinte, Velardi recebeu outro telefonema do Ministro Trezza e um mais explícito de Don Croce. Poucos momentos depois, Andolini foi escoltado de sua cela ao gabinete de Velardi.

A solidão da noite na cela, pensando naquela estranha prisão, convencera Andolini que se encontrava em perigo mortal. Quando ele entrou, Velardi andava de um lado para outro da sala, os olhos faiscando, obviamente num acesso de raiva. Stefan Andolini manteve-se frio como gelo. Observou tudo... o capitão e quatro sargentos da polícia em alerta, a pistola na cintura do inspetor. Sabia que Velardi sempre o odiara e, por sua vez, também o odiava. Se pudesse persuadir Velardi a se livrar dos guardas, poderia pelo menos matá-lo, antes de ser morto. E, por isso, ele disse:

— Eu falarei, mas não com estes outros *sbirri* aqui.

Sbirri era o termo vulgar e insultuoso para a Polícia de Segurança. Velardi ordenou aos quatro policiais que se retirassem, mas fez sinal ao oficial para ficar. E também lhe indicou que se mantivesse preparado para sacar a arma a qualquer instante. Depois, ele concentrou toda a sua atenção em Stefan Andolini.

— Quero qualquer informação que possa me ajudar a capturar Giuliano. Quero que me conte tudo o que falaram na última vez em que se encontrou com ele e Pisciotta.

Stefan Andolini soltou uma risada, o rosto assassino se contraindo numa expressão maligna. A pele com a barba vermelha aflorando parecia arder em violência.

Não era de admirar que o chamassem de Fra Diavalo, pensou Velardi. Ele era realmente um homem perigoso. Não devia ter a menor ideia do que estava acontecendo. Velardi disse calmamente:

— Responda à minha pergunta ou mandarei estendê-lo na cassetta.

Andolini respondeu desdenhosamente:

— Seu miserável traidor, estou sob a proteção do Ministro Trezza e de Don Croce. Quando eles me soltarem, arrancarei o seu coração de sbirri.

Velardi inclinou-se e deu dois tapas na cara de Andolini, primeiro com a palma e depois com as costas da mão. Viu o sangue surgir na boca de Andolini e a raiva em seus olhos. Deliberadamente, virou as costas para voltar a sentar-se por trás da mesa

Nesse momento, a raiva sufocando o instinto de sobrevivência, Stefan Andolini arrancou a pistola do coldre na cintura do inspetor e tentou atirar. E no mesmo instante o oficial de polícia sacou a sua arma e acertou quatro tiros no corpo de Andolini, que foi lançado contra a parede e depois caiu no chão. A camisa branca se achava completamente manchada de vermelho e, pensou Velardi, combinava perfeitamente com os cabelos. Ele abaixou-se e tirou a pistola da mão de Andolini, enquanto outros policiais entravam correndo na sala. Ele elogiou o capitão por estar tão alerta e depois, à vista de todos, carregou sua pistola com as balas que retirara antes do encontro. Não queria que seu capitão acalentasse ilusões de grandeza, que pensasse que realmente salvara a vida de um negligente chefe da Polícia de Segurança.

Depois, ele ordenou a seus homens que revistassem o morto. Como desconfiava, o passe de borda vermelha estava no maço de documentos de identidade que todos os sicilianos eram obrigados a carregar. Velardi pegou o passe e guardou-o em seu cofre. Iria entregá-lo pessoalmente ao Ministro Trezza e, com um pouco de sorte, levaria junto o passe de Pisciotta.

* * *

Um dos homens levou xícaras de café quente a Michael e Clemenza, que tomaram encostados na amurada da lancha. Aproximavam-se lentamente da terra, o motor suave, já podiam divisar as luzes no ancoradouro, débeis pontos de luz azul.

Clemenza circulou pelo convés, dando ordens aos homens armados e ao piloto. Michael estudou as luzes azuis, que pareciam correr em sua direção. A lancha estava adquirindo velocidade e a impressão era de que a agitação da água dissipava a escuridão da noite. Uma lasca de amanhecer abriu-se no céu e Michael pôde divisar o cais e as praias de Mazara dei Vallo; os guarda-sóis coloridos das mesas dos cafés eram como um rosa enevoado mais além.

Ao atracarem, havia três carros e seis homens esperando. Clemenza conduziu Michael para o carro da frente, antigo, conversível, contendo apenas o motorista. Clemenza embarcou no banco da frente e Michael sentou-se atrás. Clemenza disse a Michael:

— Se alguma patrulha de *carabinieri* tentar nos deter, trate de se abaixar para o chão. Não podemos perder tempo na estrada. Vamos acelerar e passar por eles de qualquer maneira.

Os três carros partiram, ao sol claro do início da manhã, logo deixando a cidade e avançando por uma paisagem quase inalterada desde o nascimento de Cristo. Aquedutos antigos e canos espalhavam água pelos campos. Já estava quente e úmido, o ar impregnado do cheiro das flores começando a apodrecer no calor do verão siciliano. Passaram por Selinunte, as ruínas da antiga cidade grega. Michael podia avistar periodicamente as colunas de mármore de templos gregos desmoronados, espalhados por toda a Sicília Ocidental pelos colonos gregos, mais de dois mil anos antes. Aquelas colunas assomavam de maneira fantástica na claridade amarelada, os fragmentos de telhado pingando escuros como chuva, contra o céu azul. A fértil terra preta se comprimia contra as muralhas dos penhascos de granito. Não se via uma única casa, um animal, uma pessoa. Era uma paisagem criada pelo corte de uma espada gigantesca.

E depois eles viraram para o norte, a fim de pegar a estrada Trapani-Castelvetrano. Michael e Clemenza se tornaram mais alertas; era naquela estrada que Pisciotta os interceptaria, para levá-los a Giuliano. Michael experimentava um intenso excitamento. Os três carros seguiam mais devagar. Clemenza tinha uma submetralhadora no assento, no seu lado esquerdo, a fim de poder levantá-la rapidamente sobre a porta do carro. As mãos se encontravam em posição para pegá-la num instante. Os carros continuaram lentamente; estavam quase chegando a Castelvetrano.

Clemenza ordenou ao motorista que fosse ainda mais devagar. Ele e Michael se achavam atentos a qualquer sinal de Pisciotta. Estavam agora nos arredores de Castelvetrano, subindo por uma colina. Pararam lá no alto, a fim de poderem contemplar a rua principal da cidadezinha lá embaixo. Michael pôde observar a estrada de Palermo apinhada de veículos... veículos militares. As ruas enxameavam de *carabinieri* em seus

uniformes pretos com frisos brancos. Havia o gemido de muitas sirenes, que não pareciam capazes de dispersar a multidão na rua principal. Lá no alto, dois pequenos aviões circulavam.

O motorista praguejou e saiu para a beira da estrada. Virou-se para Clemenza e perguntou:

— Quer que eu continue?

Michael sentiu o estômago se revirar. E indagou a Clemenza:

— Quantos homens tem à nossa espera na cidade?

— Não o suficiente — respondeu Clemenza, asperamente, o rosto com uma expressão quase assustada. — Temos de sair daqui, Mike. Devemos voltar à lancha.

— Espere um pouco.

Michael observou uma carroça puxada por um burro subindo lentamente pela colina, na direção deles. O cocheiro era um velho com um chapéu de palha puxado para o rosto. A carroça estava pintada com ilustrações nas rodas, cabos e lados. Parou ao lado deles. O rosto do cocheiro era encarquilhado e não exibia qualquer expressão. Os braços, incongruentemente musculosos, estavam à mostra, pois ele usava apenas um colete preto, por cima da calça de lona larga. Emparelhou com o carro e perguntou:

— É você, Don Clemenza?

Havia alívio na voz de Clemenza quando disse:

— O que está acontecendo lá embaixo, Zu Peppino? Por que meus homens não vieram me avisar?

A expressão do rosto enrugado de Zu Peppino não se alterou.

— Podem voltar para a América. Eles massacraram Turi Giuliano.

* * *

Michael descobriu-se estranhamente tonto. E nesse instante a luz pareceu sumir do céu. Ele pensou na velha mãe e no pai, em Justina esperando na América, em Aspanu Pisciotta e Stefan Andolini. Em Hector

Adonis. Pois Turi Giuliano sempre fora a luz na vida de todos. Não era possível que essa luz não mais existisse.

— Tem certeza de que é mesmo ele? — perguntou Clemenza bruscamente.

O velho deu de ombros.

— Era um dos velhos truques de Giuliano deixar outro cadáver ou um boneco para atrair os *carabinieri*, a fim de poder matá-los. Mas ele já está morto há duas horas e nada aconteceu. Ainda se acha caído no pátio em que o mataram. Já há jornalistas de Palermo aqui, com suas câmaras, tirando fotografias de todo mundo, até mesmo do meu burro. Portanto, acredite no que quiser.

Michael sentia-se muito mal, mas conseguiu dizer:

— Teremos de ir até lá para dar uma olhada. Preciso ter certeza.

— Vivo ou morto, não podemos mais ajudá-lo — protestou Clemenza. — Vou levá-lo para casa, Mike.

— Não — insistiu Michael, suavemente. — Temos de ir até lá. Talvez Pisciotta esteja à nossa espera. Ou Stefan Andolini. Para dizer-nos o que fazer. Talvez não seja ele. Não posso acreditar que seja ele. Ele não podia morrer... não quando estava tão perto de escapar. Não quando o seu Testamento se encontra seguro na América.

Clemenza suspirou. Podia ver a expressão angustiada no rosto de Michael. E talvez não fosse mesmo Giuliano; talvez Pisciotta os esperasse para o encontro marcado. Talvez aquilo fosse uma parte da trama, a fim de desviar a atenção da fuga, se as autoridades estivessem em seu encalço.

Agora o sol se levantara inteiramente. Clemenza ordenou a seus homens que estacionassem os carros e o seguissem. Ele e Michael desceram para a rua principal, que estava apinhada. As pessoas se agrupavam em torno da entrada de uma rua transversal, que estava cheia de carros militares e bloqueada por um cordão de *carabinieri*. Havia uma fileira de casas separadas naquela rua, divididas por pátios. Clemenza e Michael ficaram por trás da multidão, observando. O oficial dos *carabinieri* deixava passar jornalistas e autoridades, depois de examinar suas credenciais. Michael perguntou a Clemenza:

— Pode dar um jeito de passarmos por aquele oficial?

Clemenza pegou Michael pelo braço e afastou-o rapidamente da multidão.

Em menos de uma hora estavam numa pequena casa, em outra rua transversal. Aquela casa também tinha um pequeno pátio e se situava a apenas vinte casas do lugar em que a multidão se concentrava. Clemenza deixou Michael ali com quatro homens, depois saiu com outros dois. Ficaram ausentes por uma hora. Quando voltaram, Clemenza se achava visivelmente abalado.

— A coisa parece terrível, Mike. Estão trazendo a mãe de Giuliano de Montelepre para identificar o corpo. Está presente o Coronel Luca, comandante do exército especial. E jornalistas do mundo inteiro estão voando para cá, até dos Estados Unidos. Esta cidade virará um verdadeiro hospício. Temos de sair daqui.

— Amanhã — murmurou Michael. — Iremos embora amanhã.

E agora vamos ver se conseguimos passar por aqueles guardas. Tomou alguma providência para isso?

— Ainda não.

— Pois então vamos sair e descobrir se é possível.

Contra o protesto de Clemenza, eles saíram para a rua. A cidade inteira parecia coberta por *carabinieri*. Devia haver pelo menos mil, pensou Michael. E havia literalmente centenas de fotógrafos. A rua se encontrava atravancada de carros e furgões, não havia como se aproximar do pátio. Avistaram um grupo de oficiais entrando num restaurante. Comentaram em torno deles que eram o Coronel Luca e seu estado-maior, realizando um almoço de comemoração. Michael pôde observar o coronel. Era um homem pequeno e vigoroso, com um rosto triste. Por causa do calor, ele tirara o quepe e enxugava o suor da cabeça parcialmente calva com um lenço branco. Uma multidão de fotógrafos batia fotos suas e uma multidão de repórteres lhe fazia perguntas. Ele acenou para que se afastassem, sem responder, desaparecendo no restaurante.

As ruas da cidade estavam tão apinhadas que Michael e Clemenza mal conseguiam se mover. Clemenza decidiu que deveriam voltar para a

casa e aguardar informações. Ao final daquela tarde um dos seus homens trouxe a notícia de que Maria Lombardo identificara positivamente o corpo como sendo de seu filho.

Jantaram num café com mesas na calçada. Um rádio estava ligado a todo volume, dando notícias sobre a morte de Giuliano. A história era de que a polícia cercara uma casa em que se acreditava estar Giuliano escondido. Quando ele saiu, ordenaram-lhe que se rendesse. Giuliano prontamente abrira fogo. O Capitão Perenze, chefe do estado-maior do Coronel Luca, estava concedendo uma entrevista pelo rádio a um grupo de jornalistas. Contou que Giuliano começara a correr e o Capitão Perenze, seguira-o e acuara-o num pátio. Giuliano virara-se como um leão acossado, o Capitão Perenze respondera ao fogo e o matara. Todos no restaurante escutavam atentamente o rádio. Ninguém comia. Os garçons apenas simulavam servir os fregueses, pois também prestavam atenção. Clemenza virou-se para Michael e murmurou:

— A coisa toda está cheirando mal. Partimos esta noite.

Mas, nesse momento, a rua em torno do café encheu-se de homens da Polícia de Segurança. Um carro oficial parou junto ao meio-fio e o Inspetor Velardi desembarcou. Aproximou-se da mesa deles e pôs a mão no ombro de Michael, dizendo:

— Você está preso. — Ele fixou os frios olhos azuis em Clemenza, acrescentando: — E para dar sorte, levaremos você também. Uma palavra de advertência. Tenho cem homens em torno deste café. Não resistam ou irão se juntar a Giuliano no inferno.

Um furgão da polícia encostou no meio-fio. Michael e Clemenza foram cercados pelos agentes da Polícia de Segurança, revistados e depois empurrados rudemente para o furgão. Alguns fotógrafos jantando no café se levantaram imediatamente com suas câmaras, mas foram repelidos a golpes de cassetete pela Polícia de Segurança. O Inspetor Velardi observou a tudo isso com um sombrio sorriso de satisfação.

* * *

O pai de Turi Giuliano falou no dia seguinte da sacada de sua casa em Montelepre para as pessoas na rua lá embaixo. Na tradição antiga da Sicília, ele declarou uma vendetta contra os traidores do filho.

Especificamente, declarou uma vendetta contra o homem que matara seu filho. Esse homem, disse ele, não era o Capitão Perenze, não era nenhum carabinieri. O homem que ele indicou foi Aspanu Pisciotta.

CAPÍTULO 28

Aspanu Pisciotta sentira o verme tenebroso da traição crescer em seu coração durante o último ano.

Pisciotta sempre fora leal. Desde a infância que aceitara a liderança de Giuliano sem qualquer ciúme. E Giuliano sempre proclamara que Pisciotta, era também líder do bando, não um dos subchefes, como Passatempo, Terranova, Andolini e o Cabo Silvestro. Mas a personalidade de Giuliano era tão opressiva que a coliderança se tornara um mito; Giuliano comandava. E Pisciotta aceitava isso sem restrições.

Giuliano era mais bravo do que todos os outros. Suas táticas de guerrilha eram incomparáveis, sua capacidade de inspirar amor no povo da Sicília inigualável, desde Garibaldi. Ele era idealista e romântico, possuía a astúcia primitiva tão admirada pelos sicilianos. Mas tinha defeitos que Pisciotta percebia e tentava reparar.

Quando Giuliano insistiu em entregar pelo menos cinquenta por cento dos despojos do bando aos pobres, Pisciotta lhe disse:

— Você pode ser rico ou pode ser amado. Pensa que o povo da Sicília se levantará e seguirá sua bandeira numa guerra contra Roma. Isso jamais acontecerá. Eles o amarão quando você levar dinheiro, esconderão quando precisar de um refúgio, nunca o trairão. Mas eles não têm o germe de uma revolução.

Pisciotta se opusera a escutar às lisonjas e exortações de Don Croce e do Partido Democrata-Cristão. Opusera-se a esmagar as organizações socialistas e comunistas na Sicília. Quando Giuliano esperava por um perdão dos democratas-cristãos, Pisciotta declarou:

— Eles nunca o perdoarão e Don Croce nunca pode permitir que você tenha qualquer poder. Nosso destino é comprar nossa saída do banditismo com dinheiro ou algum dia morrermos como bandidos. Não é uma das piores maneiras de morrer... pelo menos não para mim.

Mas Giuliano não lhe dera ouvidos e isso finalmente despertara o ressentimento de Pisciotta, iniciando-se assim o processo de crescimento do insidioso verme da traição.

Giuliano sempre fora um crédulo, um inocente: Pisciotta sempre percebera as coisas claramente. Com a chegada do Coronel Luca e sua Força Especial, Pisciotta compreendera que o fim estava próximo. Poderiam conquistar cem vitórias, mas uma derrota solitária significaria a morte. Como Rolando e Oliver haviam divergido na legenda de Carlos Magno, assim também Giuliano e Pisciotta divergiram. Giuliano se mantivera obstinado em seu heroísmo. Pisciotta sentira-se como Oliver, insistentemente suplicando a Rolando que soprasse a sua trompa.

E depois, quando Giuliano apaixonou-se por Justina e casou, Pisciotta concluiu que o seu destino e o de Giuliano eram realmente separados. Giuliano escaparia para a América, teria uma esposa e filho. Ele, Pisciotta, seria um fugitivo para sempre. Nunca teria uma vida longa; uma bala ou a tuberculose o liquidariam. Era esse o seu destino. Nunca poderia viver na América.

O que mais preocupava Pisciotta era o fato de que Giuliano, que encontrara amor e ternura numa moça, tornara-se mais brutal como um bandido. Ele matava *carabinieri* quando antes os capturava. Executara Passatempo ainda em sua lua-de-mel. Não tinha misericórdia com qualquer pessoa que desconfiasse ser informante da polícia. Pisciotta vivia no terror de que o homem que amara e defendera durante todos aqueles anos pudesse se virar contra ele. Angustiava-se com a possibilidade de que Giuliano, se descobrisse algumas das coisas que ele fizera recentemente, pudesse executá-lo também.

* * *

Don Croce estudara atentamente o relacionamento entre Giuliano e Pisciotta durante os últimos três anos. Eles representavam o único perigo para seu plano de império. Eram os únicos obstáculos ao seu domínio sobre a Sicília. A princípio, ele pensara que poderia converter Giuliano e seu bando nas forças armadas dos Amigos dos Amigos. Mandara Hector Adonis sondar Giuliano a respeito. A proposta era objetiva. Turi Giuliano seria o grande guerreiro, Don Croce o grande estadista. Mas Giuliano teria de dobrar os joelhos, teria que se submeter, o que se recusava a fazer. Precisava seguir a sua própria estrela, ajudar os pobres, tornar a Sicília uma terra livre, remover o jugo de Roma. Era uma coisa que Don Croce não podia compreender.

Mas, de 1943 a 1947, a estrela de Giuliano se encontrava em ascendência. O Don ainda tinha de forjar os Amigos dos Amigos numa força unificada. Os Amigos ainda não se haviam recuperado da terrível dizimação pelo governo fascista de Mussolini. Assim, o Don atenuou o poder de Giuliano ao atraí-lo para uma aliança com o Partido Democrata-Cristão. Enquanto isso, ele reconstruía o império da Máfia e ganhava tempo. Seu primeiro golpe, a organização do massacre na Portella delle Ginestre, com a culpa recaindo em Giuliano, fora uma obra-prima. Mas ele não podia reivindicar o crédito. Aquele golpe destruira qualquer possibilidade de que o governo de Roma pudesse conceder o perdão a Giuliano e apoiar seu esforço para conquistar o poder na Sicília. Também maculara para sempre o manto de herói que Giuliano usava como o defensor dos pobres da Sicília. E quando Giuliano executou os seis chefes da Máfia, o Don não tivera mais alternativa. Os Amigos dos Amigos e o bando de Giuliano teriam de lutar implacavelmente até a morte.

Assim, Don Croce concentrou-se mais atentamente em Pisciotta. Era um jovem esperto, mas como os jovens são espertos — ou seja, sem darem a devida importância ao terror e ao mal ocultos nos corações dos melhores homens. E Pisciotta também tinha um gosto pelos frutos e tentações do mundo. Enquanto Giuliano desdenhava o dinheiro, Pisciotta amava as recompensas que o dinheiro proporcionava. Giuliano não tinha nada como sua fortuna pessoal, embora ganhasse mais de um bilhão de liras com seus crimes. Distribuía a sua parte nos despojos aos pobres e ajudava a sustentar sua família.

Mas Don Croce observara que Pisciotta usava as melhores roupas, feitas sob medida em Palermo, e visitava as prostitutas mais caras. Além disso, a família de Pisciotta vivia melhor que a de Giuliano. E Don Croce descobriu que Pisciotta tinha dinheiro guardado em bancos de Palermo, sob nomes falsos, além de tomar outras precauções que só seriam adotadas por um homem interessado em permanecer vivo. Como falsos documentos de identidade com três nomes diferentes e uma casa segura preparada em Trapani. E Don Croce compreendeu que tudo isso era um segredo de que Giuliano não tinha conhecimento. Por isso, ele aguardou a visita de Pisciotta, uma visita solicitada pelo próprio Pisciotta, que sabia que a casa do Don sempre lhe estaria aberta, com prazer e interesse. E também com prudência e percepção. Ele estava cercado por guardas armados e alertara

o Coronel Luca e o Inspetor Velardi para permanecerem de prontidão para uma conferência, se tudo corresse bem. Se isso não acontecesse, então ele julgara erroneamente a Pisciotta. Ou se fosse uma tripla traição, engendrada por Giuliano para matar o Don, haveria uma sepultura à espera de Aspanu Pisciotta.

* * *

Pisciotta deixou que o desarmassem, antes de ser conduzido à presença de Don Croce. Não tinha medo, pois apenas poucos dias antes prestara um grande serviço ao Don, avisando-o sobre o plano de Giuliano para atacar o hotel.

Os dois homens se reuniram a sós. Os criados de Don Croce haviam preparado uma mesa com comida e vinho. Don Croce, um anfitrião rústico antiquado, encheu o prato e o copo de Pisciotta.

— Os bons tempos acabaram — comentou Don Croce. — Agora devemos ser sérios, você e eu. Este é o momento para tomar a decisão de que dependerá o resto de nossas vidas. Espero que você esteja preparado para escutar o que tenho a dizer.

— Não sei qual é o seu problema — respondeu Pisciotta a Don Croce. — Mas sei que terei de ser muito esperto e hábil para salvar minha pele.

— Não deseja emigrar? Pode ir para a América com Giuliano. O vinho não é tão bom, o azeite parece água e eles têm a cadeira elétrica. Afinal, não são tão civilizados como o nosso governo aqui. Não se pode fazer nada precipitado. Mas não é uma vida tão ruim a que se leva por lá.

Pisciotta soltou uma risada.

— O que eu faria na América? Correrei meus riscos aqui. Depois que Giuliano partir, não procurarão tanto por mim e as montanhas são profundas.

O Don indagou, muito solícito:

— Ainda tem problemas com os pulmões? Ainda recebe o seu medicamento?

— Claro. Não é esse o problema. Tudo indica que os pulmões nunca terão a chance de me matar.

Pisciotta sorriu para Don Croce.

— Vamos conversar em termos sicilianos — disse o Don, solenemente. — Quando somos crianças, quando somos jovens, é natural amar os amigos, ser generoso com eles, perdoar seus defeitos. Cada ano é uma novidade, olhamos ansiosos para o futuro, com prazer e sem medo. Mas, à medida em que envelhecemos e temos de ganhar o nosso pão, a amizade não perdura tão facilmente. Devemos estar sempre de guarda. Os mais velhos não mais cuidam de nós, não nos sentimos mais contentes com os prazeres simples das crianças. O orgulho cresce em nós... desejamos nos tornar grandes, poderosos ou ricos. Ou talvez simplesmente nos precavermos contra qualquer infortúnio. Sei o quanto você ama Turi Giuliano. Mas, agora, deve perguntar a si mesmo: qual é o preço desse amor? E depois de tantos anos, ainda existe ou é apenas a recordação que persiste?

Ele esperou que Pisciotta desse uma resposta. Mas Pisciotta fitava-o com um rosto mais impassível do que as pedras nas Montanhas Cammarata e igualmente branco. Pois o rosto de Pisciotta empalidecera demais. Don Croce continuou:

— Não posso permitir que Giuliano viva ou escape. Se você lhe permanecer fiel, então também é meu inimigo. Saiba disso. Com Giuliano desaparecido, você não pode permanecer vivo na Sicília sem a minha proteção.

— O Testamento de Turi está seguro com seus amigos na América — disse Pisciotta. — Se você matá-lo, o Testamento será divulgado ao público e o governo cairá. Um novo governo pode forçá-lo a se retirar para sua fazenda em Villalba ou talvez até aconteça algo pior.

O Don soltou uma risadinha e depois explodiu numa gargalhada. E indagou, desdenhoso:

— Já leu esse famoso Testamento?

— Já, sim — respondeu Pisciotta, aturdido com a reação do Don.

— Pois eu não li, mas decidi agir como se não existisse.

— Pede-me para trair Giuliano. O que o faz pensar que isso é possível?

Don Croce sorriu.

— Avisou-me sobre o ataque a meu hotel. Isso não foi um ato de amizade?

— Foi uma coisa que fiz por Giuliano, não por você. Turi não é mais racional. Planeja matá-lo. E depois que você estiver morto, sei que não haverá mais esperança para qualquer de nós. Os Amigos dos Amigos nunca descansarão até nos matarem, com ou sem Testamento. Ele já poderia ter saído do país há vários dias, mas continua esperando se vingar e acabar com a sua vida. Vim a este encontro para fazer um acordo com você. Giuliano partirá da Sicília nos próximos dias, encerrará a sua vendetta contra você. Deixe-o ir embora.

Don Croce recostou-se na cadeira, afastando-se do prato de comida sobre a mesa. Tomou um gole de vinho.

— Você está sendo infantil. Chegamos ao final da história. Giuliano é perigoso demais para permanecer vivo. Mas eu não posso matá-lo. Devo viver na Sicília... e por isso não posso matar o seu maior herói, fazer as coisas que são necessárias. Pessoas demais amam Giuliano, muitos de seus seguidores hão de querer vingar sua morte. Os *carabinieri* é que devem cuidar disso. Só se pode fazer assim. E você é o único que pode conduzir Giuliano à armadilha.

Ele fez uma pausa e depois acrescentou, incisivamente:

— O fim do seu mundo chegou. Você pode aderir a ele até sua destruição total ou pode sair desse mundo e viver em outro.

— Eu poderia estar sob a proteção de Cristo, mas não viveria muito tempo se soubessem que traí Giuliano — murmurou Pisciotta.

— Você só precisa me dizer onde se encontrará novamente com ele. Ninguém mais saberá. Cuidarei de tudo com o Coronel Luca e o Inspetor Velardi. Eles tomarão todas as providências necessárias. — Don Croce fez uma pausa. — Giuliano mudou. Ele não é mais o seu companheiro de infância, não é mais o seu melhor amigo. É um homem que está cuidando apenas de si mesmo. Como você deve fazer agora.

Assim, ao cair da noite de 5 de julho, enquanto seguia para Castelvetrano, Pisciotta estava comprometido com Don Croce. Contara onde se encontraria com Giuliano e sabia que o Don informaria ao Coronel Luca e ao Inspetor Velardi. Não dissera que seria na casa de Zu Peppino, revelando apenas que seria em Castelvetrano. E advertia que deveriam tomar todo cuidado, pois Giuliano possuía um sexto sentido para armadilhas.

Mas quando Pisciotta chegou à casa de Zu Peppino, o velho carroceiro recebeu-o com uma frieza anormal. Pisciotta especulou se o velho desconfiava dele. Zu Peppino devia ter notado a atividade insólita dos *carabinieri* na cidade e, com a irremediável paranoia siciliana, somara dois e dois.

Por um momento, Pisciotta sentiu uma pontada de angústia. Depois, surgiu-lhe outro pensamento angustiante: e se a mãe de Giuliano soubesse que fora o seu amado Aspanu quem traíra o filho? E se um dia ela se postasse à sua frente, cuspisse em sua cara, chamasse-o de traidor e assassino? Haviam chorado nos braços um do outro, jurado proteger Giuliano... e ele dera em Maria Lombardo um beijo de Judas. Por um momento, ele pensou em matar o velho e pensou também em se matar. Zu Peppino disse:

— Se está procurando por Turi, ele já foi. — O velho sentiu pena de Pisciotta, que estava muito pálido, parecia não conseguir respirar direito. — Quer um licor de anis?

Pisciotta sacudiu a cabeça, virou-se para ir embora. O velho acrescentou:

— Tome cuidado, pois a cidade está cheia de *carabinieri*.

Pisciotta sentiu uma onda de terror invadi-lo. Fora um idiota por não pensar que Giuliano farejaria a armadilha. E se Giuliano farejasse agora quem fora o traidor?

Pisciotta saiu correndo da casa, contornou a cidade e se encaminhou pelos campos para o ponto de encontro alternativo, a Acrópole de Selino, na antiga cidade-fantasma de Selinunte.

* * *

As ruínas da antiga cidade grega brilhavam ao luar de verão. No meio delas, sentado num degrau de pedra do templo, Giuliano sonhava com a América.

Sentia uma profunda melancolia. Os velhos sonhos haviam-se desvanecido. Acalentara muitas esperanças para o seu futuro e o futuro da Sicília; acreditara em sua imortalidade. Muitas pessoas haviam-no amado. Houvera um tempo em que fora a bênção do povo, parecia-lhe agora que era a sua maldição. Contra toda a razão, Giuliano sentia-se abandonado. Mas ainda contava com Aspanu Pisciotta. E viria o dia em que os dois juntos fariam renascer todos os antigos amores e sonhos. Afinal, havia apenas os dois no começo.

A lua desapareceu e a cidade antiga sumiu na escuridão. Agora, as ruínas pareciam como esqueletos desenhados na tela preta da noite. E do meio dessa escuridão veio o barulho de seixos e terra se deslocando. Giuliano rolou o corpo para trás, entre as colunas de mármore, a arma pronta para entrar em ação. A lua deslizou serenamente para fora das nuvens e ele divisou Aspanu Pisciotta parado na avenida larga em ruínas que levava à acrópole.

Pisciotta avançou lentamente pelo caminho cheio de escombros, os olhos esquadrinhando, a voz sussurrando o nome de Turi. Oculto por trás das colunas do templo, Giuliano esperou que Pisciotta passasse, depois saiu do esconderijo para se postar atrás dele.

— Aspanu, eu venci outra vez — disse ele, reconstituindo de novo a brincadeira dos tempos de criança.

Ele ficou surpreso quando Pisciotta virou-se bruscamente, dominado pelo terror. Giuliano sentou-se nos degraus e pôs a arma a seu lado.

— Venha sentar um pouco. Você deve estar cansado e esta pode ser a última oportunidade de conversarmos a sós.

— Podemos conversar em Mazara dei Vallo. Estaremos mais seguros lá.

— Temos bastante tempo e você começará a cuspir sangue daqui a pouco se não descansar — respondeu Giuliano. — Venha sentar-se ao meu

lado.

Ele viu Pisciotta pegar sua arma e pensou que fosse para deixá-la de lado. Levantou-se e estendeu a mão para ajudar Aspanu a subir os degraus. E depois compreendeu que o amigo estava lhe apontando a arma. Ficou paralisado, apanhado totalmente de surpresa, pela primeira vez em sete anos.

A mente de Pisciotta se desintegrava com todos os terrores do que Giuliano perguntaria se conversassem: "Aspanu, quem é o Judas em nosso bando? Aspanu, quem avisou Don Croce? Aspanu, quem levou os *carabinieri* a Castelvetrano? Aspanu, por que você se encontrou com Don Croce? E, mais do que tudo, ele tinha medo que Giuliano dissesse uma coisa: "Aspanu, você é meu irmão." Foi esse terror final que levou Pisciotta a puxar o gatilho.

A chuva de balas esfacelou a mão de Giuliano e despedaçou o corpo. Pisciotta, horrorizado por sua ação, esperou que ele caísse. Em vez disso, Giuliano desceu lentamente os degraus, o sangue despejando-se pelos ferimentos. Invadido por um temor supersticioso, Pisciotta virou-se e fugiu. Pôde ver Giuliano correndo atrás dele... e depois Giuliano caiu.

Mas Giuliano, morrendo, pensou que ainda estava correndo. Os neurônios destruídos do cérebro se emaranhavam e ele pensava estar correndo pelas montanhas com Aspanu, sete anos antes, a água fresca fluindo das antigas cisternas romanas, a fragrância inebriante de flores estranhas, passando pelos santos nas caixas trancadas com cadeados. E ele gritava para a noite, "Aspanu, eu acredito" — acreditava em seu destino feliz, no amor sincero do amigo. E, depois, a generosidade da morte livrou-o do conhecimento da traição de Aspanu e de sua derrota final. Turi Giuliano morreu em seu sonho.

* * *

Aspanu Pisciotta fugiu. Correu pelos campos e pegou a estrada para Castelvetrano. Lá chegando, usou o seu passe especial para entrar em contato com o Coronel Luca e o Inspetor Velardi. Foram eles que divulgaram a história de que Giuliano caíra numa armadilha e fora morto pelo Capitão Perenze.

* *•*

Maria Lombardo Giuliano levantou cedo naquela manhã de 5 de julho de 1950. Fora despertada por uma batida na porta; o marido se levantara para atender. Ele voltara ao quarto e informara que precisava sair, talvez passasse o dia inteiro fora. Ela espiara pela janela e vira-o subir na carroça de Zu Peppino, com suas legendas pintadas nos painéis e rodas. Será que havia notícias de Turi? Ele conseguira escapar para a América ou alguma coisa saíra errada? Maria Lombardo sentiu a ansiedade familiar se desenvolvendo em terror, como vinha acontecendo há sete anos. Deixou-a irrequieta. Depois de limpar a casa e preparar legumes para as refeições do dia, ela abriu a porta e correu os olhos pela rua.

A Via Bella estava vazia de todos os seus vizinhos. Não havia crianças brincando. Muitos homens se encontravam na prisão, como suspeitos de cumplicidade com o bando de Giuliano. As mulheres andavam assustadas demais para deixar os filhos saírem à rua. Pelotões de *carabinieri* se postavam em cada extremidade da Via Bella. Soldados com rifles pendurados nos ombros patrulhavam a pé, de um lado para outro. Ela avistou outros soldados em telhados. Jipes militares estavam estacionados junto a vários prédios. Um carro blindado bloqueava a entrada da Via Bella, perto do Quartel Bellampo. Dois mil homens do exército do Coronel Luca ocupavam a cidade de Montelepre. Haviam transformado os habitantes da cidade em seus inimigos, molestando as mulheres, assustando as crianças e maltratando fisicamente os homens que não estavam na prisão. E todos aqueles soldados estavam ali para matar seu filho. Mas ele voara para a América, estaria livre; e quando chegasse o momento oportuno, ela e o marido iriam encontrá-lo lá. Viveriam em liberdade, sem medo.

Maria Lombardo tornou a entrar na casa e descobriu trabalho para fazer. Foi para a sacada dos fundos e olhou para as montanhas. Era daquelas montanhas que Giuliano observava sua casa através do binóculo. Ela sempre sentira a sua presença; não podia senti-lo agora. Turi estava certamente na América.

Uma batida alta na porta paralisou-a de terror. Bem devagar, ela foi abrir. A primeira coisa que viu foi Hector Adonis... e estava como ela nunca o vira antes: a barba por fazer, os cabelos despenteados, sem gravata. A camisa por baixo do paletó se achava amarrotada, o colarinho

sujo de poeira. Mas o que ela notou, acima de tudo, foi que a dignidade desaparecera de seu rosto. Estava murcho com uma dor desesperada. Os olhos ficaram marejados de lágrimas quando a fitaram. Maria Lombardo deixou escapar um grito abafado. Adonis entrou na casa e disse:

— Não, Maria, eu lhe suplico...

Um tenente dos *carabinieri* muito jovem entrou na casa atrás dele. Maria Lombardo olhou além deles para a rua. Havia três carros pretos estacionados diante de sua casa e os motoristas eram *carabinieri*. Homens armados se postavam nos dois lados da porta. O tenente tinha as faces rosadas. Tirou o quepe e ajeitou-o debaixo do braço, perguntando formalmente:

— Você é Maria Lombardo Giuliano?

Seu sotaque era do norte, da Toscana. Maria Lombardo disse que sim. Sua voz era um gemido de desespero. Não havia qualquer saliva em sua boca.

— Devo lhe pedir que me acompanhe a Castelvetrano — disse o oficial. — Tenho um carro à espera. Seu amigo nos acompanhará. Se você aprovar, é claro.

Os olhos de Maria Lombardo estavam arregalados e ela disse, em voz mais firme:

— Por que motivo? Nada sei de Castelvetrano e não conheço ninguém ali.

A voz do tenente se tornou mais suave, hesitante:

— Há um homem que desejamos que você identifique. Acreditamos que é seu filho.

— Não pode ser meu filho, pois ele nunca vai a Castelvetrano. Ele está morto?

— Está, sim.

Maria Lombardo deixou escapar um longo gemido e caiu de joelhos, murmurando:

— Meu filho nunca vai a Castelvetrano.

Hector Adonis adiantou-se e pôs a mão em seu ombro.

— Você deve ir — disse ele. — Talvez seja um dos truques de Turi. Ele já fez isso antes.

— Não... não irei, não irei...

O tenente perguntou:

— Seu marido está em casa? Podemos levá-lo no seu lugar.

Maria Lombardo lembrou-se de Zu Peppino procurando seu marido no início daquela manhã. Recordou-se do senso de presságio ao ver a carroça pintada. E balbuciou:

— Espere um pouco.

Ela foi para o quarto, pôs um vestido preto e um xale também preto sobre a cabeça. O tenente abriu a porta para ela. Maria Lombardo saiu para a rua. Havia soldados armados por toda parte. Ela olhou pela Via Bella, para o ponto em que desembocava na praça. Ao sol tremeluzente de julho, ela teve uma visão nítida de Turi e Aspanu conduzindo o burro para o acasalamento, sete anos antes, no dia em que ele haveria de se tornar um assassino e um foragido. Maria Lombardo começou a chorar. O tenente segurou-a pelo braço e ajudou-a a entrar num dos carros pretos à espera. Hector Adonis embarcou também e sentou-se a seu lado. O carro afastou-se pelos grupos silenciosos de *carabinieri*. Ela comprimiu o rosto contra o ombro de Hector Adonis, sem chorar agora, mas em terror mortal do que veria ao final daquela viagem.

* * *

O corpo de Turi Giuliano permaneceu no pátio por três horas. Parecia estar dormindo, o rosto virado para baixo e para a esquerda, uma perna dobrada no joelho, o corpo esparramado. Mas a camisa branca estava quase vermelha. Perto do braço mutilado havia uma submetralhadora. Fotógrafos e repórteres de jornais de Palermo e Roma já se encontravam no local. Um fotógrafo da revista Life tirava fotos do Capitão Perenze. O seu retrato apareceria com a legenda de que se tratava do matador do grande Giuliano. O rosto do Capitão Perenze na foto era afável e triste, além de um pouco aturdido. Tinha um quepe na cabeça que o fazia parecer um merceeiro jovial, ao invés de um oficial de polícia.

Mas foram as fotos de Turi Giuliano que se destacaram nos jornais do mundo inteiro. Na mão estendida estava o anel de esmeralda que ele tirara da duquesa. Em torno do corpo estava o cinto com a fivela de ouro da águia e do leão. Uma poça de sangue se encontrava por baixo do corpo.

Antes da chegada de Maria Lombardo, o corpo foi levado para o necrotério da cidade e estendido numa enorme mesa oval de mármore. O necrotério era parte do cemitério, que se achava cercado por altos ciprestes escuros. Foi para lá que levaram Maria Lombardo. Fizeram-na sentar-se num banco de pedra. Ficaram esperando que o coronel e o capitão terminassem o almoço da vitória no Hotel Selinus. Maria Lombardo desatou a chorar à visão dos incontáveis jornalistas e curiosos habitantes da cidade, dos muitos *carabinieri* trabalhando para manter a todos sob controle. Hector Adonis tentou confortá-la.

Finalmente levaram-na para o necrotério. Autoridades em torno da mesa oval se puseram a fazer perguntas. Ela levantou os olhos e contemplou o rosto do filho.

Ele nunca parecera tão jovem. Era como se ainda fosse um menino, depois de um dia exaustivo de brincadeiras com seu Aspanu. Não havia qualquer marca em seu rosto, apenas uma mancha de poeira onde a testa encostara no chão do pátio. A realidade acalmou-a e passou a responder às perguntas:

— É realmente meu filho Turi, nascido do meu corpo há 27 anos. Eu o identifico.

As autoridades ainda estavam lhe falando, entregando papéis para que assinasse. Mas ela não as via nem ouvia. E também não via nem ouvia a multidão que se comprimia ao seu redor, os jornalistas gritando, os fotógrafos brigando com os *carabinieri* para tirar as melhores fotos.

Beijou a testa do filho, tão branca quanto o mármore, beijou os lábios roxos, a mão, transformada numa massa disforme pelas balas. Sua mente se dissolveu em dor e balbuciou:

— Oh, meu sangue, meu sangue, que morte terrível a que você teve...

Maria Lombardo perdeu a consciência nesse momento. Depois que o médico lhe aplicou uma injeção e ela recuperou os sentidos, insistiu em ir ao pátio em que o corpo do filho fora encontrado. Ali, ajoelhou-se e beijou as manchas de sangue no chão.

Ao voltar para a casa em Montelepre encontrou o marido à sua espera. Foi então que soube que o matador do filho era o seu amado Aspanu.

CAPÍTULO 29

Michael Corleone e Peter Clemenza foram levados para a cadeia em Palermo logo depois de serem presos. E de lá foram conduzidos à sala do Inspetor Velardi para interrogatório. Velardi estava com seis oficiais dos *carabinieri* fortemente armados. Cumprimentou Michael e Clemenza com uma cortesia fria. Falou primeiro a Clemenza:

— Você é um cidadão americano. Tem um passaporte que diz ter vindo aqui para fazer uma visita a seu irmão. Don Domenic Clemenza, de Trapani. Um homem muito respeitável, pelo que me disseram. Um homem de respeito. — Ele pronunciou o termo tradicional com um sarcasmo evidente. — Nós o encontramos com esse Michael Corleone, com armas letais, na cidade em que Turi Giuliano morreu poucas horas antes. Gostaria de fazer uma declaração?

— Eu saí para caçar — respondeu Clemenza. — Procurávamos por coelhos e raposas. E vimos toda aquela confusão em Castelvetrano quando lá chegamos para o café da manhã. E resolvemos ir ver o que acontecera.

— Na América se costuma atirar em coelhos com submetralhadoras? — perguntou o Inspetor Velardi. Ele virou-se para Michael Corleone e acrescentou: — Já nos encontramos antes. E sabemos por que você está aqui. E seu gordo amigo também sabe. Mas as coisas mudaram desde que tivemos aquele agradável almoço com Don Croce há poucos dias. Giuliano está morto. Você é cúmplice de uma conspiração criminosa para possibilitar a fuga desse bandido. Não estou mais obrigado a tratar uma escória como você igual a um ser humano. Estamos preparando confissões e recomendo que sejam devidamente assinadas.

Um oficial dos *carabinieri* entrou na sala neste momento e sussurrou algumas palavras no ouvido do Inspetor Velardi, que lhe disse bruscamente:

— Deixe-o entrar.

Era Don Croce, não melhor vestido do que Michael se lembrava daquele famoso almoço. O rosto de mogno se mantinha igualmente impassível. Ele aproximou-se de Michael e abraçou-o. Apertou a mão de

Peter Clemenza. Depois virou-se e fitou o Inspetor Velardi nos olhos, sem dizer uma só palavra. Uma força bruta emanava daquele homem enorme. O poder se irradiava de seu rosto e olhos.

— Esses dois homens são meus amigos — disse ele, depois de um silêncio prolongado. — Que motivo você tem para tratá-los com tanto desrespeito?

Não havia raiva em sua voz, nenhuma emoção. Parecia apenas uma questão a exigir uma resposta com fatos. Era também uma voz ciente de que não havia fato algum a poder justificar aquela prisão. O Inspetor Velardi deu de ombros.

— Eles serão levados à presença do juiz, que resolverá o problema.

Don Croce sentou-se numa das cadeiras de braços ao lado da mesa do Inspetor Velardi. Enxugou a testa. E disse em voz suave, que não parecia conter qualquer ameaça:

— Por respeito à nossa amizade, ligue para o Ministro Trezza e peça a opinião dele a respeito deste assunto. Estará me prestando um serviço.

O Inspetor Velardi sacudiu a cabeça. Os olhos azuis não eram mais frios; em vez disso, ardiam de ódio.

— Nunca fomos amigos. Eu agia sob ordens que não são mais compulsórias agora que Giuliano está morto. Estes dois homens serão levados ao juiz. Se estivesse ao meu alcance, você também os acompanharia.

Foi nesse instante que o telefone na mesa do Inspetor Velardi tocou. Ele ignorou-o, esperando pela resposta de Don Croce. Mas Don Croce lhe disse, suavemente:

— Atenda ao telefone. Deve ser o Ministro Trezza.

Lentamente, o inspetor estendeu a mão para o telefone, sem desviar os olhos de Don Croce. Escutou por alguns minutos e depois disse:

— Pois não, Excelência.

Ele desligou, arriou em sua cadeira e depois murmurou para Michael e Peter Clemenza:

— Vocês estão livres. Podem ir embora.

Don Croce levantou-se e acompanhou Michael e Clemenza para fora da sala, com um gesto de afugentar, como se fossem galinhas acuadas num terreiro. Na porta, virou-se para o Inspetor Velardi e disse:

— Tratei-o com toda cortesia durante o último ano, embora seja um estrangeiro na minha Sicília. E, no entanto, aqui, na presença de meus amigos e na presença de seus oficiais, demonstrou seu desrespeito à minha pessoa. Mas não sou homem de guardar ressentimento. Espero que, em futuro próximo, possamos jantar juntos e renovar nossa amizade com uma compreensão mais ampla.

Cinco dias depois, em plena luz do dia, o Inspetor Frederico Velardi foi mortalmente baleado na principal avenida de Palermo.

* * *

Dois dias depois, Michael estava em casa. Houve uma festa de família — seu irmão Fredo voou de Las Vegas, lá estavam Connie e o marido Carlo, Clemenza e a esposa, Tom Hagen e a esposa. Abraçaram e brindaram Michael, comentaram que ele estava com uma ótima aparência. Ninguém falou de seus anos de exílio, ninguém pareceu notar que o lado de seu rosto se achava afundado, ninguém mencionou a morte de Sonny. Era uma festa de volta ao lar, como se ele retornasse da universidade ou de uma longa temporada de férias. Michael sentou-se à direita do pai. Finalmente estava seguro.

Ele dormiu até tarde na manhã seguinte, sua primeira noite de sono realmente repousante desde que fugira do país. A mãe tinha o café da manhã à espera quando ele acordou e beijou-o no instante em que se sentou à mesa, uma demonstração excepcional de afeição da sua parte. Ela só fizera aquilo uma vez antes, quando Michael voltara da guerra. Ele jamais esquecera o beijo que a mãe lhe dera ao servir o café da manhã naquela ocasião.

Depois de comer, ele foi para a biblioteca e encontrou o pai à sua espera. Ficou surpreso ao descobrir que Tom Hagen não se achava

presente, mas logo compreendeu que o Don desejava lhe falar sem testemunhas. Cerimoniosamente, Don Corleone encheu dois copos com licor de anis e entregou um a Michael.

— A nossa sociedade.

Michael levantou seu copo.

— Obrigado. Tenho muito que aprender.

— É verdade. Mas temos bastante tempo e estou aqui para lhe ensinar tudo.

— Não acha que devemos esclarecer primeiro toda a questão de Giuliano?

O Don sentou-se pesadamente, enxugando o licor dos lábios.

— Tem razão. Um negócio lamentável. Eu esperava que ele escapasse. Seu pai e sua mãe foram meus bons amigos.

— Jamais consegui realmente compreender o que estava acontecendo — comentou Michael. — Não fui capaz de definir os lados com clareza. Você me disse para confiar em Don Croce, mas Giuliano o odiava. Pensei que o Testamento em seu poder impediria que matassem Giuliano. Mas eles o mataram assim mesmo. E agora, quando entregarmos o Testamento aos jornais, eles terão de cortar as próprias gargantas.

Ele percebeu que o pai o fitava friamente, enquanto dizia:

— Assim é a Sicília. Há sempre traição dentro da traição.

— Don Croce e o governo devem ter entrado num acordo com Pisciotta — observou Michael.

— Não resta a menor dúvida quanto a isso.

Michael ainda estava perplexo.

— Por que eles fizeram isso? Temos o Testamento que prova que o governo era unha e carne com Giuliano. O governo italiano cairá quando os jornais criarem o maior escândalo pelo material que entregaremos. Não faz o menor sentido.

O Don sorriu ligeiramente.

— O Testamento permanecerá secreto. Não o entregaremos aos jornais.

Michael levou um minuto inteiro para entender o que o pai dissera e o que isso significava. E então, pela primeira vez em sua vida, ele ficou realmente furioso com o pai. O rosto empalideceu e ele disse:

— Isso significa que estávamos trabalhando com Don Croce durante todo o tempo? Isso significa que eu estava traindo Giuliano, ao invés de ajudá-lo? Que eu mentia para os seus pais? Que você traiu seus amigos e deixou que o filho deles fosse ao encontro da morte? Que me usou como um idiota, um Judas? Por Deus, pai, Giuliano era um bom homem, um verdadeiro herói para os pobres da Sicília. Devemos divulgar o Testamento.

O pai deixou-o falar tudo, depois levantou-se e foi pôr as mãos nos ombros de Michael.

— Preste atenção, filho. Estava tudo preparado para a fuga de Giuliano. Não fiz qualquer acordo com Don Croce para trair Giuliano. O avião estava à espera, Clemenza e seus homens tinham ordens para ajudá-lo por todos os meios possíveis. Don Croce queria que Giuliano escapasse, era o caminho mais fácil. Mas Giuliano jurou uma vendetta contra ele e permaneceu na Sicília por mais tempo do que devia com a esperança de consumá-la. Poderia ter procurado você alguns dias antes, mas preferiu protelar para efetuar uma tentativa final. E essa foi a sua desgraça.

Michael afastou-se do pai e sentou-se numa das poltronas de couro.

— Há um motivo pelo qual você não vai divulgar o Testamento. Fez um acordo.

— Isso mesmo — confirmou Don Corleone. — Deve estar lembrado que, depois que você ficou ferido na explosão daquela bomba, compreendi que eu e meus amigos não mais poderíamos protegê-lo completamente na Sicília. E eu precisava ter certeza absoluta de que você voltaria para casa são e salvo. Por isso, fiz um acordo com Don Croce. Ele protegia você e, em troca, prometi que convenceria Giuliano a não divulgar o Testamento, quando escapasse para a América.

Com um choque nauseante, Michael recordou a noite em que revelara a Pisciotta que o Testamento já estava seguro na América. Fora naquele momento que selara o destino de Giuliano. Michael suspirou e murmurou:

— Devemos isso ao pai e à mãe de Giuliano. E a Justina. Ela está bem?

— Está, sim. Cuidamos dela muito bem. Mas levará alguns meses para aceitar o que aconteceu. — O Don fez uma pausa. — É uma moça muito inteligente e se dará bem aqui.

— Trairemos o pai e a mãe de Giuliano se não divulgarmos o Testamento — insistiu Michael.

— Não — respondeu Don Corleone. — Aprendi alguma coisa em todos esses anos na América. É preciso ser ponderado, negociar. De que adiantaria divulgar o Testamento? Provavelmente o governo italiano cairia. Mas talvez não. O Ministro Trezza ficaria desempregado, mas acha que eles o puniriam?

Michael disse, furioso:

— Ele é o representante de um governo que conspirou para assassinar seu próprio povo.

O Don deu de ombros.

— E daí? Mas deixe-me continuar. Divulgar o Testamento ajudaria o pai e a mãe de Giuliano ou seus amigos? O governo os perseguiria, meteria na cadeia. E, pior ainda, Don Croce os incluiria em sua lista negra. O melhor é que eles tenham paz em sua velhice. Farei um acordo com o governo e Don Croce para protegê-los. E, assim, o fato do Testamento ficar em meu poder será útil.

Michael comentou, sardonicamente:

— É útil para nós, se precisarmos dele algum dia na Sicília.

— Eis uma coisa que não posso evitar — respondeu o pai, com a insinuação de um sorriso.

Depois de um silêncio prolongado, Michael murmurou:

— Não sei... Parece-me desonroso. Giuliano foi um verdadeiro herói e já virou uma legenda. Devemos ajudar a sua memória e não permitir que se desvaneça na derrota.

O Don demonstrou alguma irritação pela primeira vez. Serviu-se de mais licor de anis e bebeu-o. Apontou um dedo para o filho e disse:

— Você queria aprender, pois então preste toda atenção. O primeiro dever de um homem é manter-se vivo. E depois vem o que todos chamam de honra. Essa desonra, como você a chama, eu assumo sem a menor hesitação. Fiz isso para salvar a sua vida, assim como você uma vez assumiu a desonra para salvar a minha. Nunca teria deixado a Sicília vivo sem a proteção de Don Croce. Que assim seja. Você quer ser um herói como Giuliano, uma legenda? E morto? Eu amo Giuliano como o filho de meus amigos queridos, mas não invejo sua fama. Você está vivo e ele está morto. Lembre-se sempre disso e viva a sua vida não para ser um herói, mas sim para permanecer vivo. Com o passar do tempo, os heróis parecem um pouco tolos e ridículos.

Michael suspirou.

— Giuliano não tinha alternativa.

— Mas nós somos mais afortunados — concluiu o Don.

* * *

Foi a primeira lição que Michael recebeu do pai e a que melhor aprendeu. Haveria de orientar a sua vida futura, persuadi-lo a tomar decisões terríveis que nunca antes sonhara que pudesse adotar. Mudou a sua vida de honra e o seu respeito pelo heroísmo. Ajudou-o a sobreviver, mas deixou-o infeliz. Pois o pai podia não invejar Giuliano, mas Michael invejava.

CAPÍTULO 30

A morte de Giuliano esmagou o espírito do povo da Sicília. Ele fora seu defensor, seu escudo contra os ricos e a nobreza, contra os Amigos dos Amigos e o governo democrata-cristão de Roma. Com Giuliano morto, Don Croce Malo passou a ilha da Sicília por sua prensa de azeite e espremeu uma fabulosa fortuna, tanto dos ricos como dos pobres. Quando o governo tentou construir represas para proporcionar água barata, Don Croce explodiu os equipamentos pesados levados para as obras. Afinal, ele controlava todos os poços de água da Sicília; represas fornecendo água barata não eram do seu interesse. Com o surto de construção no pós-guerra, as informações confidenciais de Don Croce e seu estilo persuasivo de negociação permitiram-lhe comprar os melhores locais a preços mínimos e vender a preços máximos. Ele tomou sob a sua proteção pessoal todos os negócios na Sicília. Não se podia vender uma alcachofra numa barraca no mercado livre de Palermo sem pagar a Don Croce uns poucos *centesimi*; os ricos não podiam comprar joias para suas esposas ou cavalos de corrida para os filhos sem fazerem um seguro com Don Croce. E com mão firme ele desencorajara todas as esperanças vãs dos camponeses que queriam reivindicar terras incultas das propriedades do Príncipe Ollorto, nos termos das leis absurdas aprovadas pelo parlamento italiano. Espremido entre Don Croce, os nobres e o governo de Roma, o povo siciliano perdeu toda e qualquer esperança.

Nos dois anos subsequentes à morte de Giuliano, quinhentos mil sicilianos, a maioria homens e jovens, emigraram. Foram para a Inglaterra e se tornaram jardineiros, sorveteiros, garçons em restaurantes. Foram para a Alemanha e se empregaram para os trabalhos braçais mais pesados. Foram para a Suíça a fim de manter esse país limpo e fabricar relógios de cuco. Foram para a França e serviram como ajudantes de cozinha e garis. Foram para o Brasil e abriram clareiras na floresta. Alguns foram para os frios invernos da Escandinávia. E é claro que houve os poucos afortunados que foram recrutados por Clemenza para servir à Família Corleone nos Estados Unidos. Esses eram considerados os de maior sorte. E, assim, a Sicília tornou-se uma terra de velhos, crianças e mulheres, viúvas pela *vendetta* econômica. As aldeias de casas de pedra não mais forneciam

trabalhadores para as grandes propriedades e com isso os ricos também sofreram. Somente Don Croce prosperou.

Gaspare "Aspanu" Pisciotta fora julgado por seus crimes como um bandido e condenado à prisão perpétua na Penitenciária Ucciardone. Mas todos sabiam que ele seria contemplado com um perdão. Sua única preocupação era ser assassinado enquanto estava na prisão. Como o assassino de Giuliano, ele era um homem marcado. E sua anistia não saía. Ele mandou avisar a Don Croce que revelaria todos os contatos que o bando tivera com Trezza, como o novo primeiro-ministro conspirara com Don Croce para assassinar seu próprio povo em Portella delle Ginestre.

Na manhã seguinte à ascensão de Trezza ao cargo de primeiro-ministro da Itália, Aspanu Pisciotta acordou às oito horas da manhã. Ele ocupava uma cela grande, com plantas e enormes tapeçarias que fizera na prisão. A seda brilhante dos padrões parecia aquietar sua mente e agora ele pensava com frequência em sua infância ao lado de Turi Giuliano, no amor que tinham um pelo outro.

Pisciotta fez seu café e tomou-o. Tinha medo de ser envenenado. Por isso, tudo naquela xícara fora levado por sua família. Antes de comer a comida da prisão ele dava um pouco ao papagaio de estimação que mantinha numa gaiola. E, para emergências, ele guardava numa das prateleiras, junto com o seu material para fazer as tapeçarias, uma enorme jarra de azeite. Esperava que, despejando o azeite pela garganta, pudesse anular o efeito do veneno ou provocar o vômito imediato. Não temia qualquer outra violência, pois estava muito bem guardado. Somente os visitantes que ele aprovava tinham permissão de passar pela porta da cela; e não podia sair de lá em nenhuma circunstância. Naquela manhã, ele esperou pacientemente que o papagaio comesse e digerisse as coisas do seu café da manhã, antes de comer também, com grande apetite.

* * *

Hector Adonis deixou seu apartamento em Palermo e pegou o bonde para chegar à Penitenciária Ucciardone. O sol de fevereiro já estava quente, embora ainda fosse bem cedo, e ele lamentou estar de terno e gravata preta. Mas achara que deveria se vestir formalmente para a ocasião. Ele tocou no importante pedaço de papel no bolsinho do paletó, seguramente comprimido no fundo.

Sentiu que o fantasma de Giuliano o acompanhava enquanto atravessava a cidade. Lembrou-se da manhã em que observara um bonde cheio de *carabinieri* explodir, uma das retaliações de Giuliano pela prisão dos pais. E se perguntou mais uma vez como aquele garoto tão gentil, à quem ensinara os clássicos, fora capaz de cometer um ato assim terrível. Agora, embora as paredes dos prédios por que passava estivessem vazias, ele ainda podia ver na imaginação as letras grandes, em tinta vermelha, que outrora apregoavam VIDA LONGA PARA GIULIANO. Só que seu afilhado não vivera por muito tempo. Mas o que sempre perturbava Hector Adonis era o fato de Giuliano ter sido assassinado por seu amigo de infância e de toda vida. E fora por isso que ele experimentara a maior satisfação ao receber instruções para entregar o bilhete que tinha no bolso. Recebera-o de Don Croce, junto com ordens expressas.

O bonde parou diante do prédio comprido de alvenaria que era a Penitenciária Ucciardone. Estava separado da rua por um muro de pedra encimado por arame farpado. Havia guardas no portão e toda a extensão do muro era patrulhada por carros blindados da polícia. Hector Adonis, com todos os documentos necessários na mão, foi entregue aos cuidados de uma guarda especial e escoltado até a farmácia do hospital. Ali, foi recebido pelo farmacêutico, um homem chamado Cuto, com um avental branco imaculado por cima do terno e gravata. Ele também decidira, por algum sutil processo psicológico, vestir-se de acordo para a ocasião. Ele cumprimentou Hector Adonis cordialmente e os dois sentaram-se para esperar.

— Aspanu tem tomado o seu remédio regularmente? — perguntou Hector Adonis.

Pisciotta tinha de tomar estreptomicina para tuberculose.

— Tem, sim — respondeu Cuto. — Ele toma muito cuidado com a sua saúde. Até parou de fumar. É uma coisa curiosa que já notei em nossos prisioneiros. Quando estão livres, abusam da saúde... fumam em excesso, bebem até a embriaguez, fornicam até a exaustão. Não dormem bastante e quase não fazem exercício. E depois, quando são obrigados a passarem o resto da vida na prisão, eles fazem flexões, abandonam o fumo, observam uma dieta e são moderados em todas as coisas.

— Talvez seja porque tenham menos oportunidade — comentou Hector Adonis.

— Não, não é isso. Pode-se ter tudo o que se quiser na Ucciardone. Os guardas são pobres e os prisioneiros ricos. Assim, é natural que dinheiro troque de mãos. Pode-se satisfazer todos os vícios aqui.

Adonis correu os olhos pela farmácia. Havia prateleiras com remédios e enormes armários de carvalho que continham ataduras e instrumentos médicos, pois a farmácia servia como uma sala de emergência médica para os prisioneiros. Havia até duas camas impecavelmente arrumadas numa alcova.

— Tem alguma dificuldade para obter o medicamento de Aspanu? — indagou Adonis.

— Não. Temos uma requisição especial. Entreguei seu novo vidro esta manhã. Com todos aqueles lacres especiais que os americanos põem nos produtos de exportação. É um remédio muito caro. Fico admirado que as autoridades se deem a tanto trabalho para mantê-lo vivo.

Os dois homens sorriram um para o outro.

* * *

Em sua cela, Aspanu Pisciotta pegou o vidro de estreptomicina e rompeu os lacres meticulosos. Mediu a dose e engoliu-a. Sentiu surpresa pelo gosto amargo pelo segundo em que ainda pôde pensar, depois seu corpo inclinou-se para trás num grande arco e tombou ao chão. Ele deixou escapar um grito que atraiu o guarda correndo à porta da cela.

Pisciotta fez um esforço tremendo para se levantar, lutando contra a dor agonizante que abalava o corpo. Sentia a garganta em carne viva e cambaleou para a jarra de azeite. O corpo tornou a se arquear e ele gritou para o guarda:

— Fui envenenado... ajude-me... ajude-me...

E depois, antes de tornar a cair, houve uma grande fúria por compreender que finalmente Don Croce se mostrara mais esperto.

* * *

Os guardas carregando Pisciotta correram para a farmácia, gritando que o prisioneiro fora envenenado. Cuto mandou os guardas deixarem Pisciotta numa das camas e examinou-o. Depois, preparou apressadamente um emético e despejou pela garganta de Pisciotta. Para os guardas, ele parecia estar fazendo todo o possível para salvar a vida do prisioneiro. Somente Hector Adonis sabia que o emético era uma solução fraca que não adiantaria para o homem agonizante. Adonis aproximou-se da cama, tirando o papel do bolsinho do paletó e mantendo-o escondido na palma da mão. Sob o pretexto de ajudar o farmacêutico, ele meteu o papel dentro da camisa de Pisciotta. Ao mesmo tempo, baixou os olhos para o rosto bonito de Pisciotta. Parecia contorcido pelo pesar, mas Adonis sabia que era a contração de uma dor terrível. Parte do bigode fino fora mordido em sua agonia. E naquele momento Hector fez mentalmente uma oração por sua alma, sentindo uma profunda tristeza. Lembrou-se do tempo em que aquele homem e seu afilhado andavam de braços dados pelas colinas da Sicília, recitando a poesia de Rolando e Carlos Magno.

* * *

Só quase seis horas depois é que se encontrou o bilhete no corpo, mas ainda deu para ser incluído nas matérias dos jornais sobre a morte de Pisciotta, sendo citado por toda a Itália. O pedaço de papel que Hector Adonis metera por dentro da camisa de Pisciotta dizia:

ASSIM MORREM TODOS OS QUE TRAEM GIULIANO.

CAPÍTULO 31

Na Sicília, quando se tem algum dinheiro, não se mete na terra os entes amados. É uma derrota por demais definitiva e a terra da Sicília já foi responsável por muitas indignidades. Assim, os cemitérios estão repletos de pequenos mausoléus de pedra e mármore, pequenos prédios quadrados que são chamados de *congregazioni*. Portas de grades de ferro obstruem as entradas. Lá dentro há prateleiras em que são colocados os caixões, cada uma sendo depois tampada com cimento. As outras ainda vagas são reservadas ao uso posterior da família.

Hector Adonis escolheu um belo domingo, pouco depois da morte de Pisciotta, para visitar o Cemitério de Montelepre. Don Croce deveria encontrá-lo ali, a fim de rezarem junto ao túmulo de Turi Giuliano. E como tinham negócios a discutir, que melhor local para a reunião de mentes sem vaidade para o perdão de injúrias passadas e para a discrição?

E que melhor lugar para se dar os parabéns a um colega por um trabalho bem-feito? Era dever de Don Croce eliminar Pisciotta, um homem por demais eloquente e com uma excelente memória. E ele escolhera Hector Adonis para arquitetar o trabalho. O bilhete deixado no corpo era um dos gestos mais sutis do Don. Agradava a Adonis e disfarçava um assassinato político como um ato de justiça romântica. Diante dos portões do cemitério, Hector Adonis observou o motorista e os guarda-costas tirarem Don Croce do carro. A cintura do Don aumentara consideravelmente durante o último ano, o corpo parecia crescer com o enorme poder que adquirira.

Os dois homens passaram juntos pelos portões. Adonis levantou os olhos para a arcada curva. O metal estava contorcido na estrutura de ferro batido para formar uma mensagem aos visitantes complacentes: NÓS FOMOS COMO VOCÊ — E VOCÊ SERÁ COMO NÓS.

Adonis sorriu pelo desafio sardônico. Giuliano nunca seria capaz de tal crueldade, mas era exatamente o que Aspanu Pisciotta gritaria de sua sepultura.

Hector Adonis não mais sentia o ódio amargo contra Pisciotta que acalentara logo depois da morte de Giuliano. Já consumara a sua vingança. Agora, pensava nos dois brincando quando crianças, tornando-se bandidos juntos.

Don Croce e Hector Adonis se embrenharam pela cidade sepulcral de prédios de pedra e mármore. Don Croce e seus guarda-costas deslocavam-se num grupo, amparando-se uns aos outros no caminho pedregoso. O motorista carregava um enorme buquê de flores, que depositou no portão do *congregazioni* em que estava o corpo de Giuliano. Don Croce arrumou as flores com uma preocupação exagerada, depois contemplou a pequena fotografia de Giuliano presa na porta de

pedra. Os guarda-costas amparavam seu tronco, a fim de impedi-lo de cair. Don Croce empertigou-se e murmurou:

— Ele foi um bravo rapaz. Todos amávamos Turi Giuliano. Mas como podíamos conviver com ele? Giuliano queria mudar o mundo, virá-lo pelo avesso. Amava os seus semelhantes, mas quem matou mais homens do que ele? Acreditava em Deus e sequestrou um cardeal.

Hector Adonis estudou a fotografia. Fora tirada quando Giuliano tinha apenas 17 anos, no auge da beleza, junto ao Mar Mediterrâneo. Havia uma ternura em seu rosto que atraía o amor. Nunca se poderia sonhar que um rapaz assim ordenaria mil mortes, mandaria mil almas para o inferno.

Ah, Sicília, Sicília, pensou Adonis, você destrói os seus melhores filhos e os converte em pó. Crianças mais lindas do que anjos brotam de sua terra e se transformam em demônios. O mal floresce neste solo como o bambu e a opúncia. E, no entanto, por que Don Croce estava ali, para depositar flores no túmulo de Giuliano?

— Ah, se eu tivesse um filho como Turi Giuliano... — murmurou o Don. — Que império eu poderia deixar para ele dominar! Quem sabe que glória ele conquistaria?

Hector Adonis sorriu. Não podia haver qualquer dúvida de que Don Croce era um grande homem, só que não tinha a menor percepção da história. Don Croce contava com mil filhos que continuariam o seu domínio, herdariam sua astúcia, saqueariam a Sicília, corromperiam Roma. E ele, Hector Adonis, eminente professor de História e Literatura da Universidade de Palermo, era um deles.

Hector Adonis e Don Croce viraram-se para ir embora. Uma longa fileira de carroças esperava na frente do cemitério. Cada centímetro delas estava pintado em cores brilhantes com as legendas de Turi Giuliano e Aspanu Pisciotta: o roubo das joias da duquesa, o grande massacre dos chefes da Máfia, o assassinato de Turi por Aspanu. E Hector Adonis sentiu que sabia de todas as coisas. Que Don Croce seria esquecido, apesar de sua grandeza, e que seria Turi Giuliano quem continuaria a viver. Que a legenda de Giuliano cresceria, que alguns acreditariam que ele nunca morrera, que continuava a vagar pelas Montanhas Cammarata e um dia ressurgiria para arrancar a Sicília de suas correntes e miséria. Em milhares de aldeias de casas de pedra, crianças ainda por nascer rezariam pela alma e ressurreição de Giuliano.

E Aspanu Pisciotta, com sua mente sutil, quem poderia dizer que ele não escutava quando Hector Adonis recitava as legendas de Cario Magno, Rolando e Oliver, decidindo então seguir pelo outro caminho? Permanecendo fiel, Pisciotta teria sido esquecido e Giuliano ocuparia toda a legenda sozinho. Mas, ao cometer o grande crime, ele se postara ao lado de seu amado Turi para sempre.

Pisciotta seria sepultado naquele mesmo cemitério. Os dois contemplariam para sempre as suas queridas montanhas, as mesmas montanhas que encerravam o esqueleto de elefante de Aníbal, que outrora ressoara com som da trompa de Rolando, quando ele morrera a combater os sarracenos. Turi Giuliano e Aspanu Pisciotta haviam morrido jovens, mas viveriam, se não eternamente, pelo menos mais do que Don Croce ou do que ele próprio. Professor Hector Adonis.

Os dois homens, um tão imenso, outro tão pequeno, deixaram juntos o cemitério. Plantações em terraços rodeavam as encostas das montanhas ao redor com fitas verdes, enormes rochas brancas rebrilhavam, um pequeno gavião vermelho da Sicília voou na direção deles, numa haste de luz.

..*